

Autora bestseller do *USA Today*

ELLIE MIDWOOD

A
Rapariga
Que
Fugiu
de
Auschwitz



«Baseado numa história verídica.
Leitura vivamente recomendada.»

Historical Novel Society



TOP
SEL
LER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Autora bestseller do *USA Today*

ELLIE MIDWOOD

A
Rapariga
Que
Fugiu
de
Auschwitz

«Baseado numa história verdadeira.
Leitura vivamente recomendada.»

Historical Novel Society

TOP
SEL
LER



ELLIE MIDWOOD

A
Rapariga
Que
Fugiu
de
Auschwitz



os livros em primeiro lugar

Índice

A Rapariga Que Fugiu de Auschwitz

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Capítulo 1 – *Auschwitz, outono de 1943*

Capítulo 2 – *Birkenau, campo feminino*

Capítulo 3 – *Auschwitz*

Capítulo 4 – *Birkenau*

Capítulo 5 – *Auschwitz*

Capítulo 6 – *Birkenau*

Capítulo 7 – *Auschwitz-Birkenau*

Capítulo 8 – *Auschwitz*

Capítulo 9 – *Birkenau*

Capítulo 10 – *Auschwitz*

Capítulo 11 – *Birkenau*

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24 – *Março de 1944*

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28 – *9 de abril de 1944*

Capítulo 29

Capítulo 30 – *Maio de 1944*

Capítulo 31 – *Junho de 1944*

Capítulo 32 – *24 de junho de 1944*

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35 – *Auschwitz, julho de 1944*

Capítulo 36 – *Birkenau. Duas semanas mais tarde*

Capítulo 37 – *7 de outubro de 1944*

Epílogo – *Museu Nacional de Auschwitz-Birkenau. 29 de janeiro de 1968*

Carta de Ellie

Nota histórica

Agradecimentos

Sobre o livro

Sobre Ellie Midwood



Edição em digital: dezembro de 2022

A RAPARIGA QUE FUGIU DE AUSCHWITZ

Título original: *The Girl Who Escaped from Auschwitz*

Texto © 2021 Ellie Midwood

por Bookouture,

uma chancela de Storyfire Ltd., Londres

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial.

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*.

Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Maria Marques

Revisão: Marta Poiares

Capa: whittakerbookdesign.com

Fotografias da capa: © Arcangel (mulher); © Shutterstock

ISBN: 978-989-623-804-9

Composição digital: www.acatia.es

Composição digital PRHGEP: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)

Facebook: [topseller.editora](#)

Instagram: [topseller.editora](#)

*Dedicado a todos os que combateram pela liberdade, no passado
e no presente; a todos os que se opõem à opressão,
às perseguições e às desigualdades.
Nunca deixem de dizer a verdade e de travar as vossas batalhas.
A vossa coragem não será esquecida.*

PRÓLOGO

Montanhas de Żywiec, Polónia, 6 de julho de 1944

Emoldurada por altas montanhas e vales cor de esmeralda, a estrada estendia-se à sua frente, comprida e deserta, debaixo do primeiro sol da manhã. Sob a abóboda de um céu azul-claro, o ar era fresco e guardava a promessa de liberdade. Com o macacão azul amarrotado e empoeirado, fruto de mais uma noite dormida na floresta, Mala mastigava alegremente uma ponta de erva-doce, sem se preocupar, de modo algum, com o ronco emitido pelo seu estômago. A seu lado, com o braço sobre os seus ombros, de túnica das SS desabotoada e a cheirar levemente a musgo e a fumo, Edek assobiava uma toada alegre.

— Tens fome, Mally? — O assobio parou abruptamente ante o sonoro ruído vindo da barriga dela.

Corajosa e apaixonada, Mala olhou para o lado, fixando aquela face bronzeada e por barbear com ternura infinita.

— Podíamos sair da estrada, a ver se encontramos mais alguns cogumelos — sugeriu ele, observando-lhe atentamente o rosto.

Muito antes de terem fugido de Auschwitz, ele tinha prometido cuidar dela, dar a vida por ela, fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para que ela esquecesse os horrores do campo de morte; em vez disso, porém, tinha-a obrigado a marchar por intermináveis estradas semidestruídas, sobrevivendo à base de cogumelos e amoras, dormindo ao relento e tendo nos seus braços a única proteção contra os elementos.

Mal sabia ele que era exatamente disso que Mala precisava: de se sentir nos braços dele e de um ar que não transportasse o fedor dos crematórios. A fome era a menor das suas preocupações; Auschwitz tinha-lhe servido de treino na arte de sobreviver com uma còdea de

pão.

— Não, por enquanto não quero parar — respondeu Mala. — Vamos continuar. Quanto mais depressa chegarmos à aldeia, melhor. Compramos qualquer coisa para comer e umas roupas para ti — propôs, olhando o namorado de alto a baixo com uma expressão maliciosa. — Se apareces aos *partisans*^[1] nessa figura, eles matam-te antes de fazerem perguntas.

Tocando na bolinha de ouro dental fundido que levava no bolso — tenebroso presente de um dos membros do *Sonderkommando*, os prisioneiros que operavam as caldeiras, para ajudar à sua fuga e de Mala —, Edek acenou com a cabeça e estugou o passo, como que instigado pelas poderosas vozes dos antigos companheiros, agora inaudíveis: *Ponham-se em segurança, contem a vossa história aos partisans, tragam-nos, a eles e ao vitorioso Exército Vermelho, a este inferno e vinguem as almas inocentes que as bestas das SS nos obrigaram a queimar.*

As bestas das SS, cujo uniforme ele envergava naquele momento.

Passando a mão pela espessa lã verde-cinzentos, Edek pensou no momento em que tiraria finalmente aquela coisa odiosa de cima de si e, pegando-lhe fogo, a reduziria a cinzas.

Mala parou para atar as botas. Edek deteve-se uns passos mais à frente, fixando as montanhas com uma expressão melancólica.

Perdido nos seus pensamentos, não se apercebeu da entoação funesta da voz de Mala quando esta o chamou.

— Edek.

A voz dela, atrás de si, chegava-lhe num sussurro carregado de pavor.

Ele virou-se a sorrir — *O que foi, meu amor?* —, sentindo o sorriso esmorecer-lhe nos lábios, fugindo-lhe diante da palidez do rosto de Mala, dos seus olhos, fixos na distância. Pareceu-lhe que naquelas íris douradas, subitamente desprovidas do seu brilho do costume, se refletia todo o sofrimento do mundo.

Completamente imóvel, Edek seguiu lentamente a direção do olhar dela e, ao ver as duas figuras de uniforme que se dirigiam, decidida e deliberadamente, a eles, sentiu-se mergulhar num abismo de

escuridão.

Deviam ter aparecido detrás da curva, sabe-se lá porquê. Os alemães quase nunca patrulhavam aquela zona; tinham-lhes isto garantido os prisioneiros de guerra soviéticos, responsáveis por diversas fugas, bem como os civis polacos que trabalhavam no campo e que eram solidários com a causa dos prisioneiros, não hesitando em atrair os nazis para ajudarem a mais uma fuga.

Sentindo um terrível e angustiante arrepio levantar-lhe os pelos da nuca, Edek olhou melancolicamente a floresta que se erguia à sua direita, e depois a patrulha da fronteira alemã que se aproximava. Os canos das metralhadoras brilhavam intensamente sob os raios dourados do sol de julho.

Edek fixou as armas com um amargo sentimento de desilusão, sentindo lágrimas de fúria a subirem-lhe aos olhos. Tinha visto tantos camaradas serem derrubados por aquelas armas que não podia albergar a esperança de conseguir alcançar o bosque, de que os dois homens não acertassem a tão curta distância, de que pelo menos Mala escapasse ao fogo das balas dos alemães...

Como se lhe tivesse lido o pensamento, ela pegou-lhe na mão e apertou-lha com força, abanando a cabeça com um ligeiro sorriso.

Ele sempre fora um sonhador.

A voz da realidade, sempre ela.

Agora, essa realidade olhava para a sua alma desde a boca daqueles canos pretos e, de repente, não havia maneira de lhe escapar.

— Perdoa-me, Mala, por favor... Amo-te.

Foram as últimas palavras que proferiu antes de os alemães pararem diante deles, fazerem a continência e solicitarem em tom cortês:

— Os seus papéis, por favor, *Herr Unterscharführer*[\[2\]](#).

Capítulo 1

Auschwitz, outono de 1943

Edek estava farto. Essa triste percepção tornou-se-lhe óbvia assim que os primeiros raios oblíquos do pôr do sol sangraram de vermelho os telhados dos barracões, enquanto observava Brück, oficial das SS, a pisar repetidamente a cabeça dum prisioneiro com a sola de aço da sua bota. O guarda estava naquilo há algum tempo; há muito que a vítima tinha deixado não apenas de resistir, mas também de se mexer. Ainda assim, o SS continuava a esmagar-lhe o crânio com a maldade enojada, tal fosse um agricultor a esmagar um rato com uma pá.

Vendo bem, era precisamente isso que eles, os prisioneiros, eram para os SS — pragas. Os nazis davam a conhecer a sua visão do mundo aos recém-chegados logo no primeiro dia, e Edek fora dos primeiros presos políticos a receber esse «discurso de boas-vindas», quando o transporte os largou, tontos e cegos pelo brilho do sol, na infame rampa de Auschwitz, em junho de 1940. Nesse dia, tinham chegado ao antigo barracão polaco 728 pessoas. Nesse dia, Edward Galiński, cadete da Escola Naval, deixara de existir. Daí em diante, passara a ser o *Häftling* — o prisioneiro — 531, condenado a trabalhos forçados por...

De que é que a secção polaca da Gestapo o tinha acusado exatamente? Passara tanto tempo desde que o haviam obrigado a assinar a confissão que os pormenores começavam a escapar-se da sua memória. Um oficial alemão de óculos, cuja cortesia levantava as maiores suspeitas, tinha-lhe explicado delicadamente que, caso quisesse sair com vida da cave da Gestapo, *Herr* Galiński faria bem em colocar a sua assinatura por baixo do ilegível texto em alemão, reconhecendo assim que tinha conspirado contra o Reich — ele e outros membros da *intelligentsia* polaca. Edek tentara explicar que era

um mero filho de um canalizador, e que nunca lhe passara pela cabeça pôr-se ao mesmo nível da elite intelectual polaca, quanto mais participar em conspirações como membro desse mesmo círculo. O oficial alemão tinha anuído com ar compreensivo, batido várias vezes com o punho contra a sua têmpora, limpado bem a mão com um lenço e, no final, aconselhado Edek a repensar a questão.

No final dessa semana, Edek tinha assinado o papel.

Toda a gente acabava por assinar, tinha-lhe explicado o oficial da Gestapo em tom afável, enquanto punha o processo de Edek entre as inúmeras filas de pastas cinzento-claras, todas elas ornamentadas com uma suástica, que cobriam as paredes do seu recém-adquirido gabinete na prisão de Tarnów. Para lá das grades das janelas, em vez das bandeiras nacionais polacas, retiradas após a invasão alemã, em 1939, viam-se os estandartes vermelhos com a cruz gamada, esvoaçando contra a fachada. No pátio, poças de sangue vermelho diante do muro, marcado com pequenos furos: eram ali fuzilados os inimigos do Terceiro Reich — essencialmente jornalistas e liberais que agitavam as pessoas comuns e lhes confundiam o espírito com teses opostas às da propaganda oficial. Eram esses os primeiros a serem eliminados pela Gestapo. Os nazis não gostavam de pessoas que dissessem a verdade muito alto.

Os nazis não mentiam, tinha aprendido Edek com os homens com quem partilhara o transporte para Auschwitz. Todos eles tinham sido acusados do mesmo. «Somos culpados de ser jovens e saudáveis, capazes de pegar em armas e organizar uma revolta contra os miseráveis dos nazis», dissera um deles à medida que puxava de um cigarro, de olhos fixos no vazio. Tinha a seus pés uma pequena trouxa com os objetos pessoais que os prisioneiros eram autorizados a levar para o seu destino; um destino cujo nome a escolta guardava como se fosse um segredo sinistro. O homem falara em surdina, porque os *miseráveis dos nazis* haviam substituído os polícias polacos na estação e seguiam naquele momento na mesma carruagem do que eles, sentados num banco e encarando os polacos com uma expressão furiosa, insultando-os e gritando-lhes sempre que um deles se voltava para a janela. «Basta-lhes mandarem-nos para longe da população, acusando-

nos de conspiração», prosseguira o sujeito. «As mulheres com filhos e os velhos não são uma ameaça para eles. Por isso é que foram os únicos que os alemães deixaram em paz, pelo menos para já.»

O jovem chamava-se Wiesław.

Agora, três anos e meio depois, estava ao lado de Edek a ver o SS espezinhar outro prisioneiro até à morte. Bastou-lhe olhar de relance para a cara do amigo para perceber que ele também estava farto.

— Temos de sair daqui — murmurou Edek em polaco.

Foi um grande azar aquela frase ter chegado aos ouvidos de Brück, o oficial das SS, que imediatamente se voltou, esquecendo por completo a sua vítima, já enterrada na lama.

— Outra vez a falarem nessa vossa língua de porcos?! — Brück ofegava. Via-se-lhe uma veia do pescoço saliente por baixo do colarinho justo, gravado com as insígnias das SS. — Queres ir passar uns dias ao *Strafblock* para te voltares a lembrar das regras?

Edek baixou os olhos e pediu imediatamente desculpa. Já tinha passado demasiados dias na cela dos castigos, um monte de cimento do tamanho de uma casota de cão, sem janelas ou altura suficiente para um homem se manter de pé, onde só havia um balde nojento a um canto para fazer as necessidades e uma taça de comida diária. O verdadeiro castigo não era, contudo, o desconforto físico; o verdadeiro castigo era o completo e total isolamento que existia naquela escuridão profunda que, lenta, mas inexoravelmente, levava uma pessoa à loucura. Passadas poucas horas, um homem começava a ter a sensação avassaladora de que tinha sido enterrado vivo, e que berrar a plenos pulmões não iria servir de nada. Quem tinha concebido aquela coisa horrenda tinha feito o possível para que a sua invenção fosse quase completamente à prova de som: por muito que o prisioneiro gritasse, a única resposta ao seu desespero eram as quatro paredes e o eco da própria rouquidão.

Não, Edek não estava interessado em voltar a experimentar esse castigo.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, o SS encaminhou-se lentamente para os dois amigos. Era um sujeito jovem como eles. Teria pouco mais de 25 anos, a mesma cara macia e os mesmos olhos brilhantes, só

que todo carne e músculos e sem o cabelo rapado, mas com o corte da moda — curto dos lados e atrás, com uma franja comprida e sedosa a cair-lhe sobre um dos olhos. Era ariano, senhor do mundo, confirmado apenas pelo princípio do sangue. E trazia um sorriso irónico nos lábios.

— O que foi que ele te disse? — Brück postou-se diante de Wiesław, nariz com nariz, fixando os olhos azuis-pálidos no prisioneiro, sem pestanejar.

Mas o amigo de Edek não se deixou enganar por aquele tom subitamente cordial.

— Estava a admirar o relógio de pulso de *Herr Scharführer* — explicou em tom grave no seu alemão hesitante. — Disse-me que nunca tinha visto um trabalho tão bonito.

Edek recomeçou a respirar. Wiesław era de confiança nestas matérias, e há muito que havia conquistado o respeito de todos no campo com a sua capacidade de improviso.

O SS ergueu a mão num gesto lânguido. O vermelho do pôr do sol refulgiu suavemente no mostrador dourado do relógio. *Roubado a um judeu qualquer*, pensou Edek para consigo, mas nada disse, evidentemente, limitando-se a pedir uma vez mais desculpa por ter falado na sua língua nativa.

O *Scharführer* Brück reparou que o número que Edek tinha ao peito era baixo, significando que se tratava de um veterano do campo, e desculpou-o generosamente com um gesto de mão.

Não era a primeira vez que o seu número de prisioneiro ou o triângulo encarnado de preso político o salvavam de um espancamento ou de uma bala. Desde que as SS tinham começado a levar judeus para Auschwitz, tornara-se claro que o seu ódio ideológico lhes seria totalmente dirigido. De repente, os polacos tinham sido elevados à categoria de *Kapos* — prisioneiros-funcionários —, lado a lado com os criminosos comuns alemães, que usavam com orgulho os seus trajos civis com triângulos verdes cosidos. Edek não ficou incomodado com esta mudança — que, pelo contrário, era bem-vinda —, mas não conseguia deixar de ter pena dos pobres diabos que eram massacrados por pertencerem, simplesmente, à *raça errada*.

— Onde vão? — perguntou o oficial das SS.

— A Birkenau, *Herr Scharführer* — replicou Edek prontamente. — Por ordem do *Rottenführer* Lubusch.

— Lubusch? O *Kommandoführer* da serralharia?

— *Jawohl, Herr Scharführer*. De vez em quando, manda-nos ir ajudar os carpinteiros.

Edek preparava-se para continuar a explicar, mas Brück já tinha perdido o interesse.

— Levem-me esta carcaça nojenta para a carreta — ordenou, apontando com um gesto preguiçoso da mão para aquilo a que os prisioneiros chamavam de «carroça da morte», parada ao lado do muro do barracão, já com uma pilha de corpos em cima — e ponham-se a andar. Estão aqui para trabalhar, não para olhar para os relógios das pessoas.

Mas, apesar dos resmungos e sorriso cínico do guarda, Edek percebeu que o elogio lhe tinha agradado. O relógio devia ter sido bastante caro. Edek pensou no homem que tinha dito adeus a esse objeto antes de dizer adeus à vida, e sentiu-se enjoado.

Temos de sair daqui, dissera a Wiesław, de forma séria. Estava farto de ver os SS a matarem vítimas inocentes a pontapé e a apropriarem-se dos bens dos homens que tinham assassinado. Mas estava ainda mais farto de se mostrar deferente com estes pulhas de uniforme, de pedir desculpa por falar polaco, de tirar o barrete e mostrar a cabeça rapada sempre que algum deles se aproximava, de ser considerado sub-humano e de ter de se comportar em conformidade.

Capítulo 2

Birkenau, campo feminino

Reinava a confusão no bloco de processamento, como acontecia sempre que uma leva de recém-chegadas era obrigada a passar pelas diversas zonas, empurrada ao som do chicote e de insultos soezes. Na rampa, as expectativas da maioria destas mulheres, que não tinham a menor suspeita do que as aguardava, eram ainda muito positivas. Era no interior deste bloco que se despediam para sempre das suas ilusões, com a ajuda das agressões dos *Kapos* e dos berros trocistas dos SS.

Recordando com amargura a sua própria experiência no bloco de processamento, aterradora que tinha sido, Mala estava de pé ao lado da secretária da administradora principal das SS, aguardando pacientemente que ela acabasse de tratar dos papéis enquanto observava a multidão assustada que passava diante dos seus olhos carregados de tormento interior.

Sendo estafeta no campo — encarregada de levar documentos oficiais e ordens dos membros das SS de um bloco para outro (a não ser que estivesse a secretariar a chefe do campo feminino, Maria Mandl) —, Mala já nada tinha a temer por parte dos guardas ou dos *Kapos*. A braçadeira oficial com a insígnia de *Läuferin*^[3] em volta do bíceps esquerdo, o fato civil e o cabelo louro escuro apanhado num rolo distinguiam-na imediatamente da maior parte dos ocupantes do campo. Mas, ainda assim, detestava o bloco de processamento, local onde os derradeiros fragmentos de esperança eram destruídos à paulada, onde as vidas anteriores eram eliminadas e varridas para bem longe juntamente com pilhas de cabelo cortado, onde os nomes eram abolidos e substituídos por números, gravados para sempre nos braços das mulheres com um grosseiro ferro de tatuagem.

— Dispam a roupa toda, suas porcas nojentas! *Schnell, schnell,*

schnell! A andar, a andar, depressa! Sai tudo. Sim, essa roupa interior suja também, leitõezinhos. — Ao rude estalar do chicote, seguiu-se um grito espantado de alguém. — Deixem de preguiçar e ponham-se na fila antes que algo aconteça!

Algumas mulheres ainda tentavam protestar; por norma, matronas das famílias de judeus ortodoxos. As súplicas chorosas destas mulheres não eram por si; o que as preocupava mais era o pudor das filhas: *Faça-nos o que quiser, mas poupe as meninas, Frau Aufseherin!* As meninas resguardadas, petrificadas e de olhos arregalados, tremiam nos braços protetores das mães por pouco tempo, sendo rapidamente arrancadas desse abraço de amor. As meninas que eram empurradas na direção do prisioneiro mais próximo que estivesse de serviço nesse dia, que lhes perguntava se queriam ser elas a despir-se ou se precisavam de ajuda, porque ele teria o maior gosto em colaborar.

A intervenção do prisioneiro-funcionário era recebida com sonoras gargalhadas dos camaradas que trabalhavam na secção seguinte: uma sala enorme, com filas de cadeiras ordenadas à alemã, onde o cabelo das meninas — despidas, humilhadas e chorosas — era rapado com máquinas industriais.

O rapar do cabelo era a pior memória que Mala, enquanto vivesse, guardaria do seu primeiro dia em Auschwitz. Tinha passado ano e meio desde que um prisioneiro com triângulo encarnado lhe passara os dedos ásperos pelos caracóis louros-escuros — *Parecem ouro! É mesmo uma pena* —, emitindo um som de desaprovação fingida quando o belo cabelo de Mala começara a cair-lhe em madeixas sobre os ombros nus, sobre o colo e sobre as palmas das mãos abertas.

Como que num gesto de desafio, ou no desejo de preservar alguma coisa da sua identidade anterior, Mala tinha apertado uma das madeixas na palma da mão, recusando-se a soltá-la, mesmo quando a obrigaram a entrar no bloco de desinfecção. Manteve-a fechada na mão quando todas as recém-chegadas foram mergulhadas numa banheira com uma solução química verde, de cheiro atroz; não a largou quando lhe deitaram um pó na cabeça, nas axilas e na zona púbica, sobre a pele já escamada e a arder; e continuou a guardá-la no punho cerrado quando foram empurradas para o interior de um sombrio

compartimento com chuveiros que as olhavam lá do alto com uma expressão ameaçadora. Mais tarde, ficaria a saber que as câmaras de gás tinham exatamente o mesmo aspeto. Felizmente para ela, o médico das SS que as tinha recebido na rampa andava à procura de pessoas que soubessem outras línguas e ela falava fluentemente seis. Nesse dia, Mala não foi para a câmara de gás; teve só um duche normal. Havia poucos prisioneiros essenciais — algo que logo percebeu.

As meninas ortodoxas despediam-se do cabelo com uma espécie de apatia resignada. De qualquer maneira, teriam tido de o fazer em breve, dado que era costume as mulheres judias raparem o cabelo na noite do casamento e manterem-no assim até ao fim dos seus dias, usando perucas ou turbantes em público, mas não deixando de ser, até ao dia da morte, carecas como tinham vindo ao mundo. Acontece que a família de Mala, embora sendo judia, não era praticante; e o pai rejeitava em absoluto a ideia de que o papel da mulher consistia apenas em ser dona de casa e mãe, obrigada a consultar os líderes religiosos antes de tomar qualquer decisão importante. Por essa razão, tinha levado a família da cidade polaca de Brzesko para Antuérpia, na Bélgica, cidade muito mais cosmopolita, e ensinado a filha a ser independente e autossuficiente.

Contrariando as regras da ortodoxia, Pinkus Zimetbaum aconselhara a filha a obter a melhor formação académica que ele pudesse proporcionar-lhe e, quando o negócio da família começou a decair devido à sua cegueira aceleradamente progressiva, nunca parou de agradecer a Mala por esta ter assumido o papel de ganha-pão da casa. Os velhos rabinos da comunidade polaca, muito conservadores, não teriam gostado de ver uma jovem trabalhar na conhecida casa de moda Maison Lilian, mas Pinkus não só gostava como incentivava a filha a ganhar a vida, para não ter de estar dependente da boa vontade de terceiros.

— Assim, se me acontecer alguma coisa, tu poderás sustentar-te, Mally. Trouxe-te para Antuérpia para poderes ter vida própria, a que quiseses ter, e não a que a comunidade idealizou para ti, e para descobrires o amor, em vez de te casares com a pessoa que a

casamenteira da comunidade achar que é adequada para ti. Não suportaria que fosses infeliz. Quero que sejas livre como um pássaro e que usufruas de tudo aquilo que o mundo tem para oferecer. És uma jovem brilhante, Mally. Uma jovem brilhante e um espírito livre, de quem eu me sinto muito orgulhoso. Não permitas que ninguém te roube a liberdade.

Mas os nazis tinham invadido a Bélgica, depois de terem engolido outros países europeus com igual facilidade, e, ao contrário do pai de Mala, pouco lhes importava que ela fosse ortodoxa ou assimilada: um judeu era um judeu, e um judeu só era bom depois de morto, ou pelo menos quando começasse a trabalhar em prol da prosperidade do Reich. Era esta a psicologia dos alemães. Seguiu-se o conhecido processo — o campo de detenção em Malines, o comboio de transporte de gado, Auschwitz, o número 19880 tatuado na pele.

Primeiro, tinham-lhe tirado a liberdade. Depois, tinham-lhe rapado o cabelo. O cabelo já Mala tinha conseguido recuperar. E jurara a si própria que, um dia, também conseguiria recuperar a liberdade.

Por esta altura, já veterana do campo, observando as meninas recém-chegadas a serem tosquiadas como ovelhas de olhos tristes e piedosos, Mala não conseguia deixar de passar a mão pelo cabelo, como que para ter a certeza de que ainda o tinha, de que tinha sobrevivido, de que tinha conseguido guindar-se até ao topo do totem, e estava protegida dos insultos e da obliteração. Apesar de tudo isso, guardava ainda a madeixa do cabelo num saquinho de pano que levava no bolso da saia, como recordação da liberdade que havia perdido e da promessa de um dia a recuperar.

— Isto é uma inacreditável violação dos direitos humanos! — gritou uma mulher. — Nós não somos criminosos! Com que direito nos trazem para aqui e nos tratam como se o fôssemos?

Imediatamente alarmada, Mala ergueu os olhos com vivacidade para a mulher que se atrevera a falar; ainda estava vestida, com bastante elegância, aliás: fato de *tweed* e sapatos de pele, de marca. Mala viu uma das prisioneiras-funcionárias olhar para eles com um interesse doentio.

Desencostando-se da parede, Mala aproximou-se discretamente da

expressiva mulher que, ao que parecia, não se tinha apercebido de que ali, na fábrica de morte, a noção de direitos humanos não fazia qualquer sentido.

Recusando-se a deixar-se silenciar pela multidão aterrorizada à sua volta, a voz da mulher ia adquirindo volume e, com ele, maior convicção.

— Eu estudei Direito Internacional. Não há nenhum caso, na história das nações civilizadas, de se levarem pessoas livres, contra a sua vontade, para campos, como quem leva gado para o matadouro. Exijo falar com os representantes da comunidade internac...

O cassete de um *Kapo* pôs fim à tirada. A pancada foi administrada no alto da cabeça com a crueldade impessoal de um carnicheiro experiente, que a aplicou de forma mecânica e exemplar. Qual marioneta a quem tivessem cortado o fio, a mulher tombou aos pés do *Kapo*.

— A cadela histérica já morreu? — perguntou a administradora das SS de trás da secretária, sem erguer a cabeça elegantemente penteada da lista na qual anotava nomes e números.

O *Kapo* deu um forte pontapé no abdómen da mulher e todo o bloco ouviu o ar sair-lhe dos pulmões, apesar de a mais recente vítima do seu cassete não se ter mexido.

— *Jawohl, Frau Aufseherin* — confirmou o *Kapo*, imperturbável. — Tratem dela — ordenou depois, apontando para dois subordinados, sem precisar de ordens específicas da mulher de uniforme. O *Kapo* era uma máquina de morte bem oleada. Usava um bastão de madeira à cintura, sinal de que recebera autorização das SS para reduzir o número dos indesejáveis, e tinha os olhos vazios, desprovidos de qualquer emoção.

O corpo foi despido sem cerimónias. A um canto, ao lado das sacas já cheias de roupa despida pelas prisioneiras, duas mulheres da *Kanada* — o *Kommando* onde os pertences dos prisioneiros eram armazenados e redistribuídos — disputavam o casaco da morta. Mala ficou a ver outro prisioneiro-funcionário rapar o cabelo ondulado da advogada, enquanto o colega do *Kommando* lhe metia o dedo em todos os orifícios, em busca de objetos valiosos ocultos.

— Só tem dois enchimentos de ouro nos dentes — anunciou o homem no final da busca.

Um dos prisioneiros-dentistas já se encontrava ali ao pé, de alicate em punho.

— Vaca! — exclamou subitamente a administradora das SS. — Alguém sabe o nome dela?

— Helga Schwarz — informou o *Kapo* que a tinha eliminado, depois de consultar os documentos que as mulheres da *Kanada* tinham abandonado no chão. A identidade da judia morta era-lhes indiferente, o que lhes interessava era a roupa.

— *Doutora* Helga Schwarz — corrigiu Mala, baixinho. — A mulher era jurista.

Não deixou de ser estranhamente agradável ver a administradora acrescentar o «Dra.» antes do nome na lista que estendeu a Mala, concedendo à mulher assassinada essa derradeira dignidade, pelo menos na morte.

Enquanto levava as listas do bloco de processamento para a secretaria do campo, onde seriam arquivadas, Mala ia sussurrando entredentes o nome da Dra. Schwarz, fixando-o na memória. Os nazis e os seus subordinados já tinham esquecido esta vítima, uma entre muitas, mas Mala não a esqueceria. Levá-la-ia na lembrança quando saísse do campo e contaria ao mundo que a Dra. Schwarz havia morrido como uma heroína, lutando até ao fim pelos direitos dos seus companheiros de infortúnio.

Capítulo 3

Auschwitz

Como sempre acontecia a meio da tarde, havia grande atividade na serralharia do campo. As máquinas rugiam e sussurravam; de vez em quando, uma chuva de fagulhas caía no chão de cimento, qual cascata cintilante. Os desperdícios de metal rangiam sob as botas dos *Kapos*, que passeavam dum lado para o outro com ares de importância, acariciando as pegadas dos bastões com os seus dedos ásperos e procurando a mais pequena desculpa para os aplicarem nas costas de quem passava. No ar, pairava um cheiro intenso a ferro e a óleo.

Após uma inspeção bastante superficial, Edek atirou a peça de metal que acabara de produzir para dentro de uma caixa de madeira. Só naquele dia fizera 277 iguais, pensou com uma espécie de desprezo amargo por si próprio. Não se importara de dar o seu contributo para as trancas até ao dia em que Karl, um dos *Kapos* — um alemão baixinho e perverso, com a boca permanentemente retorcida num sorrisinho malicioso —, os tinha informado do destino final daquela produção. De repente, o estômago de todos eles tinha-se contraído de repulsa por estarem a contribuir para o bom funcionamento da máquina de terror nazi.

— Vão para as prisões da Gestapo, meus cordeirinhos — informara ele numa cantilena de escárnio. E tornara-se óbvio, pelo sorriso odioso que lhes lançara, que retirava um prazer diabólico da expressão geral de muda e espantada incredulidade. — Estão a contribuir para prender os vossos. De certeza que, quando cá chegarem, vos vão agradecer. *Se* cá chegarem.

Karl era um criminoso profissional, enviado para Auschwitz com o objetivo de ser reeducado. Edek nunca deixava de se surpreender com o sistema judicial alemão, que colocava assassinos, violadores e

ladrões acima deles — cidadãos comuns que nunca tinham violado a lei — apenas com base no critério da *raça*. De acordo com a lógica retorcida dos nazis, os criminosos *reichsdeutsche*[4] podiam ser reeducados; já os polacos, os prisioneiros de guerra soviéticos e os judeus pertenciam aos campos de concentração.

À noite, no silêncio do barracão, Edek permanecera muitas vezes acordado, tentando em vão identificar o dia exato em que o mundo se tinha virado do avesso, em que os criminosos tinham começado a ser aplaudidos como heróis, a imprensa livre se tinha transformado numa máquina de propaganda e um ditador narcisista e cruel começara a ser olhado com reverência, como se fosse o salvador do mundo. Mas não tardou a abandonar esses pensamentos, que lhe revolviam as entranhas e o faziam tremer de indignação. Em Auschwitz, dedicar os nervos a ilusões vazias era um bilhete para as câmaras de gás.

— Porque estás tão irritado? — tinha-lhe perguntado Wiesław uma dessas noites, com a voz pesada de sono. Os dois amigos dormiam no mesmo beliche, e as voltas na cama de Edek deviam tê-lo acordado. — Estás a gastar energia preciosa para nada. Essa tua lógica imaculada a respeito da ordem mundial vai levar as SS a libertarem-te? Nem pensar. Deixa-te de reviravoltas e suspiros e põe-te a dormir. Num sítio destes, ou a pessoa se esquece dessas coisas ou não consegue sobreviver. Aquilo em que tens de pensar neste momento é qual dos funcionários da cozinha está disposto a trocar pão por cigarros e qual é o *Kapo* que não te parte a cabeça se passares mais de um minuto na latrina. Esses é que são os assuntos que interessam. Tudo o resto é irrelevante.

Duzentas e setenta e oito. Edek assinalou o número na folha e pensou na razão extraordinária de sopa de nabo que receberia se conseguisse produzir 500 peças daquelas: era a recompensa por completar a quota diária, segundo as ordens do novo *Kommandant*. O antigo tinha um método diferente: os prisioneiros que não conseguiam manter o ritmo iam para os crematórios.

Assim, 278 peças, destinadas a 278 trancas, que permitiriam prender 278 pessoas nas sombrias caves da Gestapo, que fediam a sangue e a morte. Era incompreensível, logo à partida, que tais

números existissem, que houvesse tanta gente para os nazis prenderem. Contudo, olhando em volta, Edek concluiu que não, que na verdade as contas estavam certas. Os crematórios de Auschwitz tinham engolido centenas de milhares de pessoas — milhões, talvez — até àquele momento, e ele tinha a profunda convicção de que este estava longe de ser o único local onde se matava gente pelo simples facto de ter a nacionalidade errada.

Os seus pensamentos negros foram interrompidos pelo berro de um estafeta.

— Correio para o *Rottenführer* Lubusch!

Edek limpou o óleo das mãos a um trapo e pegou na carta que o rapaz lhe estendeu, quase agradecido pela distração.

— Eu entrego-lhe, podes ir-te embora — prometeu ao miúdo. — O *Rottenführer* está no gabinete e eu tenho de lá ir.

À porta do gabinete do *Kommandoführer* estavam dois *Kapos* a fumar. Ao verem alguém dobrar a esquina, ficaram imóveis de medo, mas quando perceberam que se tratava apenas de um prisioneiro, descontraíram e continuaram a mexericar sobre os últimos acontecimentos de Auschwitz.

Edek parou diante da porta, tirou o barrete listado da cabeça, endireitou o uniforme e bateu.

— Entre.

O *Rottenführer* Lubusch, supervisor da serralharia, estava a escrever à secretária. Era jovem, mas parecia mais velho devido à expressão pensativa e algo nostálgica dos seus olhos claros; um sujeito que estaria mais à vontade na poeirenta biblioteca de uma universidade do mundo antigo do que numa serralharia coberta de óleo de Auschwitz. Tudo nele — as mãos sensíveis, de dedos compridos e esguios, o ar de sofisticação discreta, que não era adquirido, nem cultivado, mas herdado, até o risco à direita no cabelo, tão preciso que parecia ter sido traçado com uma régua — destoava do uniforme das SS que trazia vestido. O uniforme era elegante e feito à medida, mas ficava-lhe tão mal como um uniforme às riscas a um membro da *intelligentsia* polaca. Talvez por isso Lubusch estivesse constantemente a coçar o interior do colarinho, queixando-se da má qualidade do sabão usado

pelo *Kommando* da lavandaria. Até a pele do homem rejeitava o sabão — pelo menos, era essa a percepção de Edek.

Edek fez uma continência vigorosa — não se importava de fazer a continência a este SS específico —, e aproximou-se da secretária de Lubusch.

— Chegou uma carta para *Herr Rottenführer*. E estão aqui os números de produção da primeira parte do dia. Hoje, sou eu o encarregado da distribuição do almoço...

Mas Lubusch já não estava a ouvi-lo. Tendo reconhecido a letra pequena e bem desenhada do sobrescrito, logo o arrancou das mãos de Edek, abrindo-o com um sorriso caloroso a nascer-lhe no rosto, um sorriso que lhe transformou imediatamente a expressão.

— Arruma-os no sítio habitual — ordenou, sem erguer os olhos, apontando para o armário do arquivo, aparentemente esquecido de que tinha de assinar e selar a lista antes de esta ser arquivada.

Disfarçando um sorriso cúmplice, Edek avançou para o armário do arquivo e abriu a gaveta onde se encontravam os dados do mês, remexendo neles com uma lentidão propositada, a fim de conceder privacidade ao superior. Lubusch sempre tinha sido um sujeito decente; mas quando fora de licença, há cerca de um ano, regressando com uma fina aliança dourada no dedo, a sua atitude em relação aos prisioneiros tornara-se ainda mais magnânima, tendo começado até a ajudá-los, às escondidas dos seus próprios *Kapos*.

Edek demorou-se o tempo que lhe pareceu necessário, pigarreou depois o mais baixo que conseguiu e, voltando-se novamente para Lubusch, abriu a boca. *Hoje estou mesmo distraído*, *Herr Rottenführer!*, tencionava dizer-lhe. *Falta assinar e pôr o selo...*

Mas as palavras não chegaram a sair-lhe da boca, paralisada pelo que via diante de si.

Apertando a carta na mão, Lubusch tinha baixado a cabeça sobre a secretária e afundado a face nos braços cruzados; parecia que tinha acabado de levar um tiro. Estava perfeitamente imóvel, à exceção dos dedos da outra mão, que abriam e fechavam num movimento de desespero e impotência.

Assustado e hesitante, Edek começou a aproximar-se da porta; abriu

e fechou a boca, incapaz de produzir qualquer som, e começou a olhar freneticamente em volta, à procura de qualquer coisa, fosse o que fosse...

Uma garrafa de água! Atravessou o gabinete a toda a pressa, pegou na garrafa pelo gargalo, quase entornando a água sobre o paninho da bandeja — que tinha sido, com certeza, um presente da mulher de Lubusch —, encheu o copo, voltou para junto da secretária em bicos de pés e pousou-o ao lado do oficial das SS o mais silenciosamente que conseguiu.

— Um pouco de água, *Herr Rottenführer*? — perguntou docemente.

Fosse da genuína preocupação que transparecia na voz de Edek, ou do gesto, o certo é que Lubusch quebrou finalmente: os seus ombros tremiam, à medida que os soluços de choro, sofridos e abafados, tomavam conta de si. Por qualquer razão, vê-lo tocou o coração de Edek como se fosse ele mesmo quem estivesse a sofrer.

Lembrando-se dos *Kapos* que estavam no corredor, Edek correu para a porta e deu rapidamente uma volta à chave. Depois, levou-a para junto de Lubusch e, tal como fizera com o copo de água, encostou-a delicadamente à pálida mão do *Kommandoführer*, sob os seus dedos. Feito isto, postou-se ao lado da secretária, imóvel como uma estátua, guardando o seu senhor com grave e silenciosa dignidade.

Devia ter passado um minuto completo antes de Lubusch levantar a cabeça e limpar, devagar, a face com as costas da mão. Para surpresa de Edek, não se mostrou minimamente incomodado com aquelas lágrimas, nem se deu ao trabalho de ocultar a sua vulnerabilidade. Deixou-se ficar sentado, olhando em frente com uma expressão vazia naqueles olhos ainda húmidos e agora brilhantes — espantosamente humanos, quase nobres na sua súbita fragilidade.

Tentando perceber o que se passava, Edek olhou de relance para a carta, mas lamentou tê-lo feito, quase de imediato.

... não imaginas a dor que é ser constantemente olhada como cidadã de segunda classe. Ainda ontem, um merceeiro — um merceeiro! — teve a insolência de me questionar a propósito da minha pronúncia. Enquanto eu estava a discutir com ele, alguém assobiou a um polícia, que chamou um oficial da Gestapo. Se não tivesse comigo a tua fotografia e os meus documentos de identificação, incluindo a certidão

de casamento, sabe Deus para onde me teriam levado. O merceeiro acabou por me pedir desculpa, explicando-me que estava apenas a cumprir o seu dever de cidadão. Pensou que eu era uma trabalhadora estrangeira em fuga. E isto foi apenas uma das minhas aventuras mais recentes. Ainda dizes que é mais seguro estar na Alemanha. Nunca devia ter saído da Polónia! Neste país, sou odiada, odiada simplesmente por...

Edek desviou os olhos. Não precisava de ler mais nada; tudo aquilo era claro como água.

— Qual é o teu nome próprio, Galiński?

Edek ergueu os olhos, espantado. Não pela maneira como fora tratado — Lubusch tratava todos os homens que trabalhavam na sua oficina pelo seu apelido, nunca os chamava pelo número —, mas pela inesperada familiaridade da pergunta.

— Edek... Edward — corrigiu rapidamente.

O rosto de Lubusch iluminou-se com um pequeno sorriso.

— A sério?

Edek confirmou com um aceno de cabeça, algo surpreendido.

— O meu também. Como é que se escreve? Com um W?

— Sim, com um W. — Edek percebeu que também estava a sorrir.

— A minha mulher é polaca — confessou o homónimo de Edek, revelando-lhe o que já tinha deduzido.

Edek acenou a cabeça, sem saber bem como reagir: nem «Que maravilha!» nem «Lamento imenso» lhe pareceram respostas adequadas, de maneira que balbuciou a única coisa que lhe ocorreu.

— Não sabia que os SS podiam casar-se com polacas.

— Oficialmente não podemos.

— Mas *Herr Rottenführer* conseguiu.

Lubusch encolheu os ombros num gesto evasivo. Era óbvio que se tratava de um tema doloroso, sobre o qual não tinha grande vontade de conversar.

— Francamente, sempre achei que todas as leis raciais eram ridículas.

Edek pestanejou, atónito. Aquilo era uma perfeita novidade na boca de um SS, por muito tolerante que fosse.

— És casado, Edek? Importas-te que te trate por Edek? Ou reservas esse direito aos teus amigos?

— De maneira nenhuma, *Herr Rottenführer*. Prefiro Edek a *Häftling* 531, de longe.

— Calculo que sim.

— Não, não sou casado.

— E tens uma namorada à tua espera em casa?

Edek teve vontade de perguntar: *quem era a mulher que esperava tanto tempo?*

— Não, *Herr Rottenführer* — optou por responder.

Lubusch continuou a olhar em frente com uma expressão pensativa.

— No teu país, quem são as pessoas consideradas inferiores? — perguntou por fim.

— Os judeus, diria eu. Há muitas pessoas que não gostam deles.

— E tu? — insistiu Lubusch.

— Eu não gosto ou deixo de gostar das pessoas com base na *raça* ou na religião, mas pelo que são.

— Quer dizer que se te tivesses apaixonado por uma judia, terias casado com ela?

— Teria.

— Muito bem. Então suponhamos que te casavas com ela. Mas depois os teus compatriotas começavam a tratá-la de forma horrível, porque, como acabas de dizer, no teu país, há muitas pessoas que não gostam de judeus, e ela sentia-se tremendamente infeliz... — Fez uma pausa, como que saboreando as palavras antes de as dizer. — O que farias?

— Levava-a para um sítio onde ela se sentisse feliz — replicou Edek, sem hesitar.

— Mas digamos que eras militar.

— Fugia. — Nem sequer pestanejou.

Lubusch olhou para ele com muita atenção.

— Quer dizer que desertavas?

— Pela mulher que amava, sim.

— Se te apanhassem, serias fuzilado.

Edek encolheu os ombros.

— Teria valido a pena. Pelo menos, a minha amada recordar-me-ia como o herói que tinha arriscado tudo por ela, e não como um

cobarde que... — Mordeu a língua, deixando a frase a meio, mas era tarde.

Tão assustado que nem conseguia pensar, Edek arriscou-se a lançar um olhar de relance a Lubusch e verificou, para seu alívio, que o SS estava a rir-se baixinho. Era a última coisa de que ele estava à espera.

— Não te preocupes, que não vou encostar-te à parede e matar-te por me teres dito a verdade. Acho que estava a precisar de a ouvir.

— Eu não estava a referir-me a *Herr Rottenführer* — declarou Edek, num esforço desesperado para salvar a situação. — Era só uma hipótese...

— Claro, era só uma hipótese. — Por esta altura, Lubusch estava com ar de quem achava Edek um grande pândego. — Já te disse para não te preocupares. Não estou irritado. Alguma vez me viste irritado?

— Não, *Herr Rottenführer*.

— Quer dizer que fugias mesmo? — Lubusch semicerrou os olhos, novamente com um ar sério.

— Fugia, *Herr Rottenführer*.

— E para onde?

Edek pensou uns momentos.

— Talvez para a Holanda — acabou por alvitrar. — Ouvi dizer que os holandeses são quem melhor trata os imigrantes.

— E se a Holanda estivesse ocupada?

— Nesse caso, talvez fosse para Inglaterra.

— E como é que lá chegavas?

— Deve haver pessoas que ajudam outras a passar a fronteira por uma certa quantia. Não é por isso que os sujeitos da Resistência Francesa cá estão?

Lubusch assentiu com a cabeça. Tinha os olhos mais brilhantes e a expressão atormentada desaparecera. As faces, geralmente pálidas, estavam cobertas de uma cor ligeira. Edek percebeu que ele estava a travar uma batalha extremamente importante dentro de si, uma batalha ideológica em que o uniforme e o dever estavam a perder terreno para uma rapariga polaca que lhe fazia paninhos de crochê e assinava as cartas que lhe enviava com *Amor infinito, sempre tua, A.*

— Vai-te embora e pede o almoço para o teu *Kommando* — ordenou

Lubusch, por fim, como se tivesse acabado de cair em si. — E pede rações a dobrar para toda a gente. Os números de hoje foram excepcionais.

Pegando na chave, Edek escondeu um sorriso, recordando-se de que Lubusch não tinha sequer passado os olhos pela lista de produção. Já ia a sair quando ouviu atrás de si um «obrigado» dito em voz baixa.

— Eu é que lhe agradeço, *Herr Rottenführer* — replicou Edek.

Agradeço-lhe por não ter perdido a sua humanidade num mundo que se orgulha de ser implacável.

Capítulo 4

Birkenau

A mão de Mala, que ocultava uma ponta de lápis, hesitou diante do formulário oficial. A despeito do pequeno fogão a carvão que existia no cubículo das enfermeiras, em dias de muito frio, Mala conseguia ver a respiração sair-lhe em nuvens translúcidas. O *revier* — complexo de barracões destinados às prisioneiras doentes — estava longe de ter o conforto do gabinete onde Mala trabalhava habitualmente, mas ela não se queixava. A ideia de poder ajudar as outras prisioneiras aquecia-a mais do que qualquer sistema de calefação.

Maria Mandl, diretora do campo feminino e superiora imediata de Mala, tinha olhado para ela com espanto quando ela lhe pedira para ficar com esse encargo, além dos outros que já tinha.

— Queres ficar encarregada de atribuir tarefas às prisioneiras que têm alta? Mas porquê? Vais ter de passar horas seguidas num barracão frio, cheio de piolhos e doenças.

— Não há problema, *Lagerführerin*. Eu conheço o campo melhor do que ninguém, e conheço as prisioneiras. Estou convencida de que tenho mais capacidade de combinar as tarefas com as qualificações e capacidades das prisioneiras do que uma *Kapo* qualquer que se limite a pôr nomes diante das tarefas, sem se preocupar em saber se elas são capazes de as realizar.

— Elas têm de ser capazes de realizar qualquer tarefa — contrapôs Mandl, sem se deixar impressionar com a argumentação. — A única razão pela qual continuam vivas é poderem contribuir para a vitória final. Se não quiserem trabalhar, ou se disserem que não conseguem, temos um sítio próprio para essas preguiçosas.

A câmara de gás. O rosto de Mala permanecera sem expressão.

— *Lagerführerin* tem razão, como sempre — replicou Mala. — O que

eu queria dizer é que é mais sensato mandar as costureiras para a costura do que mandá-las limpar o cascalho. Os operários de construção civil saem-se com certeza melhor do que as vendedoras francesas a produzir borracha nas fábricas da Buna, no subcampo de Monowitz. E, naturalmente, os médicos e as enfermeiras aplicarão os seus talentos com maior proveito a cuidar das doentes do que a limpar as latrinas com o *Scheisskommando*[5]. Não concorda comigo?

A pergunta era retórica, evidentemente, mas há muito que Mala se tinha habituado a que a lógica, mesmo a mais irrefutável, não tivesse lugar à sombra negra de Auschwitz. O campo não estava organizado com o objetivo de pôr os inimigos do Estado a trabalhar; tinha sido concebido como uma fábrica de morte, onde estes «inimigos» eram exterminados por via do trabalho, da fome ou da doença. Era por isso que os *Kapos* encarregados destas nomeações se divertiam a competir uns com os outros para ver quem atribuíam tarefas menos adequadas às competências intelectuais ou físicas das prisioneiras. Assim, as jovens cosmopolitas que trabalhavam em revistas de moda iam descascar batatas para a cozinha; as aprendizas de joalheiro, de mãos bem cuidadas, iam trabalhar para a lavandaria; as mulheres que haviam produzido música viam-se transformadas em condutoras de camiões; e as que haviam sido condutoras de camiões davam por si a auxiliar os médicos das SS, sem fazerem qualquer ideia do que tinham de fazer.

Tinha sido um disparate esperar que Mandl se rendesse à lógica, mas, para surpresa de Mala, a diretora do campo acabara por aprovar a ideia.

No seu primeiro dia no cargo, Mala dirigira-se à enfermaria com um sorriso radiante e esperançoso; agora, porém, analisava a lista que tinha à sua frente com os olhos carregados de angústia, amaldiçoando o dia em que decidira assumir a responsabilidade de escolher as prisioneiras que sobreviveriam — e as que acabariam por morrer. Havia dois lugares disponíveis na *Kanada*, um sítio onde a roupa abundava, onde se encontrava comida em múltiplas malas e onde era possível esconder ouro e pedras preciosas na boca, para depois serem trocados por mantimentos. As restantes tarefas eram todas nos grupos de trabalho do exterior. Ora, nomear uma prisioneira para um

Aussenarbeit era, na prática, assinar uma sentença de morte — sobretudo no duro inverno da Polónia.

Mala tinha um arrepio sempre que ia entregar mensagens às guardas e via mulheres esqueléticas, protegidas por roupas gastas, a erguer pedras que deviam pesar tanto como elas e a transportá-las para a extremidade oposta do campo, onde uma segunda equipa de exterior as partia, para serem usadas na construção de estradas. Se não andassem a um ritmo que agradasse ao *Kapo*, eram chicoteadas e insultadas. Se largassem a carga ou se se deixassem esmagar por ela, eram mortas com uma bala ou atacadas pelos cães dos guardas das SS. Nem os prisioneiros mais resistentes sobreviviam mais do que umas quantas semanas de trabalhos forçados; os mais fracos caíam como moscas ao fim de poucos dias, ou, às vezes, horas, e eram levados para o campo, ao fim do dia, pelos colegas do respetivo *Kommando* — uma parada grotesca de mortos e moribundos, que atravessavam os portões ao som das notas alegres da orquestra do campo.

Mala lançou um olhar agonizante à janelinha por trás da qual o vento soprava intensamente, e quase lhe passou pela cabeça pôr o seu próprio nome na lista, para tomar o lugar de uma das condenadas. Mas seria inútil, porque Mandl se tornara dependente dos seus serviços. Até o diretor do campo, Hössler, superior de Mandl, a tinha em alta estima, metendo-lhe cigarros franceses nos bolsos sempre que Mala ia levar-lhe documentos ao gabinete — «Troca-os por queijo e manteiga. No inverno, são dois produtos da maior importância para nos mantermos aquecidos.» Nenhum deles a largaria da mão. Mala estava presa, e bem presa.

Stasia, uma prisioneira polaca que era médica, meteu a cabeça pela porta, arrancando-a àquelas cogitações sombrias.

— Ainda estás a trabalhar, Mally?

A expressão de Mala era eloquente: a última coisa que ela queria estar a fazer era compilar aquelas listas de morte.

Entrando de mansinho no gabinete, Stasia fechou a porta atrás de si sem fazer barulho. A médica usava ao peito, com orgulho visível, o triângulo encarnado dos presos políticos, e era conhecida no campo por ter discussões com os médicos das SS. Estranhamente, a sua

atitude franca e a sua inteligência analítica tinham-lhe conquistado o respeito dos «colegas» alemães, que autorizavam frequentemente os seus pedidos de material médico adequado, responsável por salvar muitas vidas. Stasia tinha uma expressão severa, que parecia fixada numa careta, e lábios pálidos, muito finos, que raramente sorriam; mas a sua verdadeira natureza lia-se-lhe nos olhos brilhantes, de um castanho caloroso, que irradiavam compaixão e um desejo de ajudar que ultrapassava as obrigações oficiais. O seu trabalho nunca ficava concluído quando despia a bata branca: Stasia estava sempre de serviço, disposta a trocar a sua última ração por um frasco de comprimidos que podiam salvar uma vida, nunca se queixando por ter de fazer dois turnos seguidos quando um influxo de doentes duplicava o trabalho dos médicos.

— Ouve, Mally — começou ela num sussurro —, a Rita, a miúda soviética para quem te pedi que arranjasses Cardiazol, tem de ir para a *Kanada*. Soube agora que o namorado dela está no *Sonderkommando*.

— Ah, os que transportam os cadáveres.

Os membros do *Sonderkommando* eram considerados a elite do campo devido à posição de privilégio que ocupavam, algo simultaneamente trágico e estranho; a verdade é que nunca havia voluntários para essa macabra tarefa, o que não era de espantar. Um simples olhar ao rosto assombrado dos possantes prisioneiros, que circulavam em torno dos crematórios com as suas botas altas de borracha, bastava para assustar os mais desesperados. Era uma tarefa horrível: acompanhar famílias inteiras às câmaras de gás todos os dias, ouvir-lhes os gritos e as pancadas frenéticas na porta hermética, que se iam tornando gradualmente mais ténues até que acabavam por morrer por completo, e, finalmente, puxar os corpos para fora com uns paus de ganchos compridos na ponta — havia casais abraçados com tal ferocidade que era impossível separá-los doutra maneira. A seguir, empilhavam-nos no elevador industrial, depositavam-nos no chão para os dentistas lhes tirarem as coroas de ouro e perscrutarem os orifícios em busca de tesouros ocultos; amontoavam-nos na carreta funerária com uma certa ordem, e atiravam-nos para um fogo infernal; finalmente, limpavam o chão da câmara de gás à mangueirada,

tirando a espuma, o sangue, os excrementos e a urina que se tivessem acumulado, e deixavam-no secar antes de irem buscar a fornada seguinte. A humidade dificultava a dissolução do Zyklon-B, o gás venenoso à base de cianido que as SS usavam para estas mortes em série.

Os membros do *Sonderkommando* iam fumando enquanto esperavam, num silêncio quase completo. Não era um trabalho que desse azo a conversas fúteis; inspirava antes o desejo de a pessoa se atirar contra o arame farpado elétrico. Em troca daquele serviço medonho, as SS permitiam-lhes dormir, quentes e confortáveis, nos beliches de duas pessoas instalados no interior do crematório; mantinham-nos bem alimentados e, sobretudo, bem fornecidos de álcool; e recompensavam-nos com visitas ao bordel de Auschwitz — embora este último privilégio estivesse reservado aos que não eram judeus. Não é que fosse muito importante. Segundo as próprias prostitutas, aquilo que os membros do *Sonderkommando* normalmente queriam era deitar a cabeça no regaço quente de uma mulher e chorar baixinho, enquanto ela lhes aflagava a cabeça rapada. *Os que transportam os cadáveres*. Era o grupo com a maior taxa de suicídios de todo o campo.

— Esses mesmos.

Stasia empoleirou-se num canto da frágil secretária, que nem sequer rangeu em protesto. Estavam todas magríssimas, pensou Mala, fixando os olhos atentos da médica, reveladores de uma mente em constante atividade. Stasia fora a primeira pessoa do campo a tornar-se amiga de Mala; só mais tarde é que Mala veio a perceber porquê: Stasia pertencia àquilo a que, no campo, se chamava de «organização», uma bolsa de resistência que se recusava a obedecer à ordem imposta pelas SS.

— Mas pronto — prosseguiu ela —, a Rita está quase recuperada e tens de a colocar na *Kanada*. Isso vai permitir-lhe ficar com algumas coisas, que poderemos trocar pelo que precisarmos. E não te preocupes, ela é completamente fiável. Conversámos inúmeras vezes enquanto eu a tratava. Pertence ao Exército Vermelho, é muito ideológica. Podes calcular o quanto odeia os nazis, tendo em conta

que foi capturada por eles. Ela e os camaradas. É material de primeira no que à Resistência diz respeito.

Olhando de lado para a médica, Mala não conseguiu deixar de sorrir. Envolvida em atividades clandestinas, Stasia tinha-se habituado a falar em sussurros e por enigmas.

— Vais receber a tua parte por isto, está tudo tratado — prosseguiu a médica prisioneira, que mexia os lábios com grande premência, mantendo o rosto perfeitamente imóvel. Não tinha pestanejado uma só vez e os seus olhos transmitiam a mensagem que não desejava expressar em palavras: *Precisamos deste favor, Mala. É uma questão de vida e de morte, não só para esta prisioneira, mas para todos nós.*

Mala percebeu tudo. Embora não pertencesse à «organização», ajudava-os sempre que podia.

O rosto de Stasia transformou-se por completo quando viu Mala escrever o nome de Rita no formulário. Tirou imediatamente do bolso várias sulfamidas, cinco bocados de pão, alguns cigarros e um anel de ouro.

— Para te compensar. Eu sei que não vai ser fácil explicar porque atribuíste a tarefa mais *kosher*^[6] do campo a uma judia soviética, em detrimento de uma *volksdeutsche*^[7].

— A *Lagerführerin* não me faz demasiadas perguntas. Acho que não se quer incomodar com isto. — Mala meteu os presentes no bolso, começando logo a distribuí-los mentalmente pelos prisioneiros com quem estaria mais tarde.

Os membros da organização de Stasia faziam parte da lista de prisioneiros que Mala tencionava visitar; eram pessoas que, contrariando o bom senso, continuavam a conspirar, pela simples razão de não conseguirem olhar-se ao espelho se não o fizessem. E Mala também não. Todos diziam que ela tinha perfil para pertencer ao grupo, e não havia elogio maior.

Ao passar diante de um dos barracões do campo masculino, Mala abrandou o passo e, gradualmente, acabou por se deter. Encostando-se ao muro lascado, acendeu um cigarro, de olhos fixos no amplo espaço aberto que tinha à sua frente. Em Auschwitz-Birkenau, era preciso

estar sempre vigilante, porque o perigo era omnipresente; o ar fedia a perigo, como fedia a carne queimada e a cabelo chamuscado.

Era nestes momentos que ela se sentia grata pelo treino militar que havia recebido na Hanoar Hatzioni, uma das organizações juvenis de judeus de Antuérpia. Os sionistas da cidade perceberam o que estava a preparar-se, numa altura em que Hitler ainda prometia a paz ao mundo. Enquanto os restantes engoliam essas promessas, os membros da Hanoar Hatzioni aprendiam a marchar em formação e a rastejar em trincheiras; rapazes e raparigas lado a lado, indistinguíveis nos seus camuflados e botas pesadas — crianças preparando-se para uma guerra que os adultos, cegos, negavam que fosse acontecer. Durante o dia, Mala estudava intensamente para se tornar culta; à noite e aos fins de semana, treinava ainda mais intensamente para se tornar forte, para que, quando os nazis chegassem, fosse capaz de os encarar como se fosse uma soldada e não uma ovelha trémula, conduzida ao matadouro. Mala estava convencida de que fora graças a este treino que conseguira sobreviver no campo; tinha aprendido a retirar força do ódio, a identificar objetivos e a levar a cabo os planos mais audaciosos. E a passar a perna às SS no seu próprio covil, como estava a fazer agora.

A escada de mão que ia dar ao telhado começou a tremer sob o peso de um corpo. Pouco depois, Mala tinha diante dos olhos umas botas de carpinteiro, seguidas do macacão azul, e finalmente do próprio carpinteiro — um eslovaco alto, de expressão manhosa, com um triângulo encarnado de preso político cosido sobre o coração. Pavol tinha ido parar a Auschwitz por comerciar passaportes falsos, embora se mostrasse muito ofendido quando alguém punha em causa a legitimidade da sua mercadoria. Dizia ele que os seus passaportes eram totalmente reais, comprados com dinheiro que lhe custara muito a ganhar aos membros da família da pessoa falecida que, tal como a própria, já não precisavam deles.

— Era uma atividade inocente. Quem é que eu estava a prejudicar? — perguntava ele, com uma expressão de profunda autocompaixão. — O Sr. Judeu precisa de um passaporte para sair do país; a família que acaba de perder o pai precisa de dinheiro; é uma simples questão de

oferta e procura, sendo eu o mediador entre as duas partes. O agente da Gestapo acusou-me de falsificar os documentos. Eu? Nunca falsifiquei o que fosse na minha vida. A única coisa que fiz foi mudar a fotografia do passaporte. Nem sequer alterei o nome. Pronto, falsifiquei a parte do carimbo que fica em cima da fotografia, uma coisinha de nada. Mas o passaporte era real, e o nome também!

Aparentemente, o programa reeducativo de Auschwitz não fora um êxito neste caso específico, uma vez que Pavol não só se recusara a abandonar o seu antigo papel de «mediador», como fizera do comércio local um negócio bastante lucrativo. Prova disso era a barriguinha que tinha conseguido criar, num sítio onde as pessoas morriam de fome.

Pavol abriu logo os braços num gesto de boas-vindas.

— Mala! Bons olhos te vejam!

Sem nunca desviar os olhos do campo, Mala encostou-se ao peito do homem e pôs-lhe um braço em volta do pescoço. O par apresentaria uma imagem inocente a qualquer olhar curioso — dois amantes, ambos trabalhando em atividades privilegiadas, dando um abraço e um beijo entre tarefas. O castigo seria, no pior dos casos, uma chicotada nas nádegas, mas Mala era conhecida como *protégée* de Mandl, pelo que nenhum *Kapo* cometeria a estupidez de a denunciar. Era uma posição muito útil, de facto.

— No bolso direito do meu casaco — sussurrou ela ao ouvido de Pavol como forma de saudação. — As sulfamidas que me pediste.

Mala suspeitava de que, além de falsificador, o eslovaco tinha sido carteirista, porque quase não lhe sentia a mão quando ele lhe retirava os objetos. Mas era um carteirista com regras morais — só tirava o que ela lhe tinha indicado.

— Muito obrigado, Mally — respondeu Pavol no mesmo tom de voz, com a barba por fazer a raspar a pele da rapariga, mais vulnerável por causa do frio. — O tipo da sarna manda-te cumprimentos.

Mala sentiu um peso significativo no bolso quando ele lhe entregou a sua parte da mercadoria.

— E estes são uma oferta pessoal minha — acrescentou, mostrando-lhe uns pregos compridos antes de lhos meter rapidamente no bolso. — Saquei-os esta manhã. — E voltou a cabeça, com um sorriso

cúmplice, na direção do telhado que tinha estado a arranjar.

Mala sorriu também, com um olhar de gratidão genuína. Os pregos eram muito apreciados pelo *Sonderkommando*, embora ela não soubesse que destino tencionavam dar-lhes. Aos pregos e às latas de sardinhas vazias, a que o eslovaco tinha, felizmente, acesso.

— Obrigada. E isto é para ti. Para te compensar. — Repetindo as palavras de Stasia, Mala meteu a mão no bolso e tirou dois nacos de pão e alguns cigarros, que logo desapareceram dentro do bolso do macacão de Pavol.

Após um novo abraço rápido — puramente fictício, porque o eslovaco também tinha regras morais nesta matéria, e nunca se aproveitava da situação —, os dois conspiradores separaram-se: o carpinteiro subiu a escada de mão e Mala dirigiu-se ao crematório, num passo carregado de temor.

Eram as rondas que ela mais detestava fazer. Nem o sofrimento que havia na enfermaria se comparava com a atmosfera mórbida destas fábricas de morte. Ainda assim, foi avançando, a sua mão a apertar com força os pregos que tinha no bolso. Tinha visto tanta gente desaparecer nas suas entranhas, que não era capaz de assumir o papel de espectadora silenciosa, aguardando a sua vez de subir aqueles degraus e entrar no purgatório num silêncio decente, como os SS queriam que todos eles fizessem.

O *Oberscharführer* Voss estava a fumar diante do imponente edifício retangular, alto e elegante no seu sobretudo cinzento feito à medida.

— Mala. — O homem tossiu para o punho enluvado. — O que te traz a este maldito sítio?

Ela era uma estafeta de Birkenau, uma prisioneira encarregada de atribuir trabalho às mulheres; no *Sonderkommando* só trabalhavam homens. Com a noção perfeita de que não tinha nada de estar ali, Mala atirou um sorriso amigável ao *Kommandoführer* do crematório.

— Foi a *Kapo* da lavandaria que me mandou cá, para perguntar ao *Kapo* do *Sonderkommando* quando quer os lençóis desinfetados.

— Não foram desinfetados há pouquíssimo tempo? — Dando uma grande passa no cigarro, Voss estreitou os olhos numa expressão de suspeita. O homem era bastante tolerante, em especial quando estava

embriagado, coisa que acontecia com frequência, mas não era estúpido.

— São ordens do novo *Kommandant*, *Herr Oberscharführer*. Os lençóis têm de ser desinfetados todas as semanas por causa do surto de tifo. Há mais um guarda doente. *Herr Kommandant* disse que não quer perder mais homens por causa da maldita praga. — Mala fez uma careta de pena adequada à situação.

Ao ouvir aquilo, Voss cedeu imediatamente. Embora tivesse um quarto independente no crematório, dormia sob o mesmo teto que os seus homens do *Sonderkommando*. E, a avaliar pela sua expressão, não tinha vontade nenhuma de se transformar em mais uma estatística. Por isso, indicou a Mala que entrasse.

— Tapa a cara com esse lenço que trazes na cabeça — recomendou-lhe quando estava prestes a entrar. — Ainda estão a tirar os cadáveres e cheira que tresanda aí dentro.

A relutância de Voss em supervisionar diretamente as macabras atividades dos seus homens era a explicação mais esclarecedora que se podia dar da posição de privilégio ocupada pelo *Sonderkommando*. Os SS preferiam tratar estes homens o melhor que podiam a terem de ser eles a fazer o trabalho sujo. Queriam eliminar os judeus e outros indesejáveis, mas sem estar diretamente envolvidos nessa tarefa.

Assim que virou costas a Voss, Mala resfolegou baixinho com desdém e deu um primeiro passo resolutivo para o interior do inferno de Auschwitz.

Os prisioneiros do *Kommando Kanada* estavam no interior da vasta antecâmara, a tirar as roupas dos cabides e a lançá-las para dentro de enormes sacos industriais. Os olhos de Mala percorreram as paredes, adornadas com avisos em quase todas as línguas europeias — «Banho e desinfecção», «Siga em frente», «Deixe todos os seus objetos aqui para desinfecção». Acabou por desviar os olhos, enojada.

Enquanto avançava pelo corredor em direção à porta hermética, que estava aberta, os restos de químicos que pairavam no ar arranharam-lhe a garganta. Ouviu o som de botas de borracha a embater no chão, quando surgiu um dos membros do *Sonderkommando*, de máscara respiratória na cara, a arrastar dois cadáveres, puxando-os pelos

tornozelos. Tinha dois camaradas à sua espera junto ao elevador, com uma pequena carreta onde já havia uma pilha de corpos.

O lenço com que tapara o nariz não permitia diluir o fedor a morte, que encheu de lágrimas os olhos de Mala. Os corpos ainda estavam moles, flexíveis, e os braços mexeram-se quando o homem das botas de borracha pousou os dois últimos cadáveres sobre o monte, já considerável. Os olhos deles ainda não tinham vidrado; as lágrimas ainda eram visíveis nas faces artificialmente ruborizadas, com uma rede de vasos rebentados em volta da boca e do nariz. Dos lábios saíam ainda uma espuma rosada, que se misturava com o sangue que lhes corraera do nariz.

O prisioneiro que estava de máscara arrancou-a da cara, limpou a testa húmida com a palma da mão e a seguir, para espanto de Mala, tirou um lenço e começou a limpar a cara aos cadáveres. Os outros dois homens aguardaram pacientemente que ele terminasse e só depois de ele se afastar, satisfeito com o resultado, é que empurraram a pesada carga para dentro do elevador industrial. As portas fecharam-se com uma sonora pancada metálica, que pareceu reverberar por todo o edifício. Ao ouvir aquele som, carregado de desoladora finalização, Mala sentiu um arrepio em todo o corpo.

— Vens à procura de alguém? — perguntou-lhe o homem do *Sonderkommando*, fixando os olhos cheios de tormento no lenço ensanguentado que tinha nas mãos.

— Do Konstantinos. Os teus amigos polacos tratam-no por Kostek.

— O grego?

— Sim.

— Está lá em cima, a tratar dos fornos.

— Podes ir chamá-lo, por favor? É importante.

— Só pode ser. — O sorriso do homem parecia mais um esgar de dor. — Ninguém viria a este sítio só por vir.

Chamou o elevador e permaneceu na mesma posição — olhos baixos, ombros caídos — até que as portas se abriram e o engoliram, como engoliam tudo o que havia naquele inferno. O *Krema*, nome que a população local dava ao crematório, era o Moloch das SS, o deus da morte que eles tinham criado e ao qual prestavam culto com a devida

diligência.

Ao ficar sozinha naquele silêncio esmagador, Mala avançou timidamente, passo a passo, em direção à câmara onde um milhar de vozes tinha soltado gritos há menos de uma hora. Lá dentro, ouvia-se o suave zumbido dos ventiladores. Os postigos do telhado deixavam entrar raios pálidos de sol, que iluminavam a medonha masmorra. Várias colunas ocas, forradas com uma rede metálica, elevavam-se do solo e desapareciam nos quadrados de céu azul que se viam pelos postigos. Mala aproximou-se de uma delas e, não vendo fios elétricos, tocou ao de leve na rede. Aqui, o cheiro a químico era ainda mais intenso.

— Estás doida, a aproximar-te dessas coisas? — Sentiu uma mão pousar-lhe no ombro e afastá-la na direção da pesada porta de metal.

Mala reconheceu Kostek, que envergava o «uniforme» do *Sonderkommando*: roupa de civil e botas de borracha. Tinha na mão uma mangueira de onde pingava água. Era incrivelmente alto, mais do que qualquer dos seus companheiros do *Kommando* e até do que a maioria dos SS. A sua pele morena ostentava invariavelmente uma sombra de barba, mesmo que tivesse acabado de a fazer. Tinha uma longa cicatriz sobre um dos olhos verdes, que lhe cortava em duas a parte direita da testa — segundo o próprio Kostek, fora um presente da Gestapo grega, em recompensa pelas suas atividades na Resistência. Sempre que falava daqueles «tempos gloriosos», o rosto carregava-se-lhe numa expressão de desdém: apanhado, torturado e encarregado de um trabalho que tinha dado cabo de homens mais fortes do que ele, não só não cedera, como jurara vingar-se, mesmo que isso lhe custasse a vida. Era o combatente ideal do exército clandestino de Auschwitz.

— É por aquelas colunas que as SS fazem descer os recipientes com gás — explicou, começando a limpar o chão. — Por esta altura, já está praticamente todo disperso, mas ainda pode fazer mal aos pulmões.

— Desculpa. Não sabia. Pensei que o gás era só isso... Gás.

— Não. Vem nuns recipientes. É azul claro e muito letal.

Seguiu-se uma longa pausa. Mala olhava para baixo, para o cimento cinzento que se ia tornando visível por baixo da camada de sangue e

dejetos, para a luz do sol incidindo nas gotas de água e fazendo-as brilhar, para a cara de Kostek, que não revelava qualquer emoção além do peso sombrio dos olhos, para os quais era difícil olhar de frente. Mala perguntou a si própria se ele teria pesadelos.

— Costumas sonhar? — perguntou-lhe cuidadosamente.

Pelo postigo mais próximo entrou um solitário raio de sol e, subitamente, a névoa da mangueira de Kostek gerou uma miríade de luzes: insultuoso e grotesco, o arco-íris pairou sobre a câmara da morte, qual decoração demente. Com a face retorcida numa expressão de total repugnância, Kostek atirou a mangueira ao chão, fixando um olhar acusador no postigo e, além dele, no fragmento de céu azul.

— Não — respondeu por fim. — Não sonho. Estou cansado demais para conseguir sonhar.

— Eu às vezes sonho — confessou Mala, observando a água formar uma poça, de um leve tom rosado, em volta das suas botas. — Mas, de manhã, nunca me lembro do que sonhei.

— Se calhar, é melhor assim.

Mala não o contestou. Se calhar, era mesmo.

Depois, como se se tivesse lembrado de repente do que a trouxera ali, meteu a mão no bolso. — As tuas latas, conforme prometido. E hoje ainda trago uns pregos.

— Pregos! — Kostek animou-se imediatamente e estendeu a mão para aqueles objetos como a maioria dos prisioneiros estendia a mão para um naco de pão. Os homens do *Sonderkommando* eram bem alimentados pelas SS, pelo que tinham outras prioridades. — Obrigado. Não fazes ideia como são úteis.

— Não, de facto, não faço. — Mala calou-se, lançando-lhe um olhar curioso. — Para que é que precisas disto? Ainda percebo que os pregos possam ser usados como uma espécie de arma, mas para que são as latas de sardinhas? Estás a pensar degolar os teus supervisores ou algo do género?

— Algo do género. — Kostek soltou uma gargalhada. Era um riso estranho naquele ambiente. Estranho, mas, ao mesmo tempo, carregado de esperança. Kostek aproximou-se muito dela. — Estamos a fazer bombas.

— Bombas? — Mala olhou para ele com enorme ceticismo.

Ele encolheu os ombros, como quem diz: *Só acreditas se quiseres.*

— Foi um prisioneiro de guerra soviético que nos ensinou. Duas semanas antes de Hössler, o chefe do campo, o matar com um tiro.

Mala contou mentalmente o número de latas que já tinha passado a Kostek e aos camaradas e, desta vez, olhou para ele com alguma preocupação.

— E quantas é que já têm?

— Temos que cheguem para arranjar complicações aos SS — replicou ele vagamente, acompanhando a resposta com um piscar de olhos conspirativo. — Só temos de esperar que os Aliados se aproximem. Neste momento, os nazis perderam África; Itália mudou de lado e está contra eles; o Exército Vermelho está a empurrá-los para Ocidente desde que a Alemanha perdeu Estalinegrado e, tanto quanto sabemos, já está a combater na Ucrânia. Acredita no que te digo, dentro de pouco tempo, teremos aí os reforços. E, nessa altura, vamos organizar uma revolta tal, que eles vão lembrar-se de nós durante muito tempo.

Era uma fantasia comum por ali, como quando os prisioneiros sonhavam com o que fariam quando fossem libertados, com o que comeriam, com as torturas que infligiriam aos seus atuais carrascos. Toda a gente tinha esses sonhos uma vez por outra, mas ninguém os levava mesmo a sério. Contudo, naquele dia, Mala olhou Kostek nos olhos e, sem saber bem porquê, acreditou nele.

Capítulo 5

Auschwitz

Edek e Wiesław estavam a reparar o isolamento de uma guarita, perto dos portões que ostentavam as infames palavras de ordem: *Arbeit macht frei* (O trabalho liberta). Era uma casinhota pintada de preto e branco, destinada ao SS que a ocupava, qual cão de guarda acorrentado, vigiando o mórbido reino. Ninguém passava por aquele SS sem a devida autorização. Os portões do Hades de Auschwitz estavam selados e eram protegidos pelo seu olhar vigilante. Ainda que, naquele momento, o tal cão de guarda estivesse a fumar lá fora, circulando em volta do portão para aquecer. Aparentemente, não lhe agradava estar metido dentro da guarita com dois prisioneiros.

— Alguma vez tinhas visto um pôr do sol como o de hoje? — Edek falava baixinho, com o olhar posto no céu. A nuvens douradas, que mais pareciam manteiga batida, derretiam-se lentamente em volta do disco cintilante, avermelhando o topo das árvores cobertas de neve. — Parece que alguém verteu mel sobre a maçã mais vermelha do mundo.

— Isso quer dizer que estás com fome? — perguntou Wiesław com uma pequena gargalhada, lançando um olhar de esguelha ao guarda, que continuava as suas voltas.

Edek também percebeu que o alemão estava a ficar impaciente.

— És mesmo romântico, porra! — exclamou, num súbito ataque de ira estúpida.

Wiesław encolheu os ombros, não se deixando ofender minimamente pela explosão do amigo. Toda a gente tinha reações daquelas de vez em quando. Há muito que ele se habituara a ignorá-las.

— Foi para isso que pediste ao Lubusch que nos deixasse vir fazer isto? Para poderes olhar para as nuvens e tal?

Desta vez, Edek ignorou a provocação.

— Não, seu miserável cabeça de couve — explicou num tom amigável, baixando a voz para um sussurro. — Pedi ao Lubusch para nos deixar vir fazer isto para tentar perceber como é que uma pessoa sai daqui sem levantar suspeitas.

Por momentos, Wiesław imobilizou-se, de martelo na mão, voltando-se para o amigo e pestanejando com espanto profundo. A seguir, o rosto iluminou-se-lhe um sorriso hesitante, à espera do final da piada; e quando percebeu que não era uma piada, ficou muito sério, de repente, e deu um empurrão de advertência a Edek com o martelo.

— Que ideia absurda é essa? Já te esqueceste do que eles fazem a quem passa debaixo do fio? Execuções em massa para advertir os aventureiros de que não devem imitar a graça. É isso que tu queres? Ficar com vidas inocentes na consciência?

Edek abanou a cabeça, impaciente.

— Isso era antes.

— Antes de quê?

— Antes da chegada do novo *Kommandant*. Lembras-te do que aconteceu àquele homem que fugiu porque estava com saudades da mãe? *Herr Kommandant* não só não o mandou executar, como o devolveu ao bloco sem lhe tocar, e proibiu os *Kapos* de o castigarem, fosse de que maneira fosse.

Wiesław lembrava-se. A história era tão inconcebível, que fora motivo de conversa em todo o campo durante duas semanas. O *Kommandant* anterior, Höss, ter-se-ia encarregado pessoalmente de dar um tiro ao desgraçado. O novo, *Obersturmbannführer* Liebehenschel, perdoara-o, por pura compaixão. Aos olhos de Liebehenschel, fugir para abraçar a própria mãe não era um crime pelo qual alguém merecesse ser castigado, mas um ato de puro amor.

— O *Kommandant* Liebehenschel é um sentimental — concedeu Wiesław. — Nem percebo como veio parar a Auschwitz.

— Diz o Lubusch que foi um castigo.

— Por que crime?

— O Lubusch não sabe. Ouviu dizer que o novo *Kommandant* tinha

estado em prisão domiciliária antes de vir para aqui. Supostamente, por ter atirado uma garrafa de champanhe ao retrato de Hitler num serão das SS.

— A sério? — Wiesław mostrava-se cético.

— Como é que queres que saiba? Nesse dia, perdi o convite e não consegui ir à festa — replicou Edek com enorme sarcasmo.

O vento tinha mudado de direção e começou a chegar-lhes um fedor a águas mortas vindo do lado dos pântanos. No céu, formavam-se grandes nuvens escuras, prenhes de neve molhada. Com o sol prestes a desaparecer, a floresta que tinham diante deles estava carregada de sombras e de algo vago e ameaçador.

Partisans e liberdade, pensou Edek. Uma liberdade cujo gosto quase conseguia saborear, lambendo os lábios mordidos pelo vento, uma liberdade que era quase capaz de ver, se olhasse com atenção...

— Porque é que isso está a demorar tanto?

Deram ambos um salto ao ouvir o rude berro em alemão.

— Queira desculpar, *Herr Rottenführer* — murmurou Edek, injetando o máximo de humildade na sua voz. — Não queremos fazer isto a despachar. Aqui, os invernos são muito violentos; queremos que fique bem isolado, para o deixar quente e aconchegado até à primavera. — E recomeçou a forrar as paredes com vigor renovado, com Wiesław a martelar atrás dele.

O guarda soltou um suspiro irritado e, virando costas, voltou a bater com os pés no chão, agora ainda com mais força.

— É melhor despacharmo-nos — sussurrou Wiesław em polaco. — O idiota apanha uma constipação, mas nós é que vamos parar ao *Strafblock*, quando ele fizer queixa.

— Ele que congele e apanhe uma pneumonia — replicou Edek com um sorriso desdenhoso. — O Lubusch intercede por nós. E agora, com o novo *Kommandant*...

Não chegou a acabar a frase, porque o guarda acabava de gritar *Halt* a uma pessoa que se aproximava, erguendo o braço e apoiando a mão esquerda na pistola metralhadora que trazia ao ombro.

— *Heil* Hitler — respondeu uma voz abafada, sem grande entusiasmo.

Pelo canto do olho, Edek viu um SS com a cara quase completamente oculta pelas camadas de cachecol que tinha ao pescoço, cumprimentando o camarada com o braço fletido pelo cotovelo. Tinha a seu lado um prisioneiro que tremia de frio. Ao contrário do SS, que vinha dentro de um sobretudo bem quente, o prisioneiro envergava apenas uma velha túnica soviética coberta de furos de bala, e umas calças rasgadas tão curtas que lhe deixavam os tornozelos totalmente expostos à inclemência dos elementos. Edek reparou que a pele do homem, tanto na cara como na zona que ficava acima das curtas botas, já muito remendadas, tinha adquirido um perigoso tom de beterraba, o primeiro sinal de queimadura de frio.

— Este sujeito é afinador de pianos — resmungou o guarda recém-chegado do interior das múltiplas camadas do cachecol, apontando para o homem que tremia. — Vou levá-lo à casa do Höss. Há várias semanas que *Frau* Höss se queixa do piano, porque não consegue receber os convidados em condições — concluiu, acompanhando as palavras com um expressivo revirar de olhos.

Edek achava estranho que a mulher do antigo *Kommandant* tivesse decidido permanecer em Auschwitz, em vez de seguir com o marido para o local para onde este fora transferido. Corria que ela tinha uma vida tão confortável que não se incomodava minimamente com o repugnante cheiro doce e nauseabundo que saía das chaminés do crematório, porque tinha uma série de escravos pessoais que lhe cuidavam do jardim, e tinha roupas da última moda e pedras preciosas fornecidas pela *Kanada*, ou seja, descaradamente confiscadas às vítimas mortas nas câmaras de gás.

— Preciso de um *Ausweis*^[8] para ele — anunciou o guarda, apontando com a cabeça para o prisioneiro que tremia. — Tu conheces as regras: sem passe, não há passeios no exterior para os dessa laia.

O outro SS soltou um suspiro de irritação.

— Não me digas que me vais obrigar a ir à *Kommandantur* e passar pelo suplício de conseguir um passe para este judeu miserável! Que tal um bocadinho de camaradagem?

— Para lá com os queixumes — replicou o outro, sem se deixar

impressionar. — Aposto que é a primeira vez que saís do quentinho do teu trabalho este inverno e eu tenho de aqui estar dia sim, dia não. Achas que isso é camaradagem?

Uma rajada de vento mais forte fez levantar uma mão-cheia de neve, atirando-a com violência à cara dos homens. Até Edek, que estava mais ou menos protegido pelas paredes da guarita, engoliu uma lufada de ar gelado, sentindo que a garganta se lhe secava. O SS deu meia-volta, puxando o cachecol ainda mais para cima, enquanto aguardava o fim daquele ataque da natureza. Ao lado dele, o afinador de pianos, temeroso, ia saltitando dum pé para o outro, fechando os olhos marejados de lágrimas para os proteger da ferocidade dos elementos.

— Estão com frio, meus pequeninos? — riu-se o SS que guardava o campo em tom de mofa. — Então deem graças por não estarem na frente oriental, com o rabinho a congelar num esconderijo qualquer, enquanto os russos vos despejam os novos *Katyusha* em cima da cabeça.

— E o que sabes tu sobre isso? — replicou o camarada, voltando-se para ele.

— Sei o suficiente para me lembrar para o resto da vida — informou o guarda, dando umas palmadinhas na coxa. — Ainda tenho uns estilhaços dessas cadelas russas na perna.

— Foste considerado inapto para lutar na frente? — O outro fez a pergunta com uma entoação de respeito na voz.

— Que queres que te diga? Pelo menos, saí daquele inferno com as duas pernas e os dois braços. O resto da companhia não teve a mesma sorte.

O SS que tinha a cara tapada com o cachecol aproximou-se do outro e dirigiu-se-lhe em tom confidencial, gesticulando na direção do prisioneiro e do edifício da administração. Registou-se a troca de um maço de cigarros e os dois homens pareceram ter chegado a um entendimento.

Suspendendo a respiração, Edek viu o guarda fazer sinal ao camarada e ao prisioneiro para saírem, sendo os dois homens rapidamente engolidos pelo branco da paisagem.

Edek deu logo uma cotovelada nas costas de Wiesław.

— Viste aquilo? — sussurrou-lhe, excitado, em polaco. — Saíram calmamente. *Heil* Hitler e seguiram em frente, sem lhes controlarem papéis nenhuns. Nada!

— O uniforme das SS e um alemão sem pronúncia tratam disso. — Wiesław soltou uma gargalhada quase inaudível.

— E então? — perguntou Edek, recusando-se a ceder.

— E então, nós não temos uniformes nem conseguimos falar alemão sem esta escandalosa pronúncia polaca.

— Há para aí uns SS que são *Volksdeutsche* polacos, romenos e húngaros — argumentou Edek. — Vieram dos colunatos alemães, mas também não falam um alemão perfeito. Achas que não passávamos por um desses?

— Com a nossa tromba eslava?

— Eles também não são assim tão arianos, já os viste bem?

— Pensaste em tudo, não foi? — perguntou Wiesław com um tom trocista. — E onde tencionas arranjar o uniforme?

Edek não respondeu logo, ficando a olhar com nostalgia infinita para a extensão de um branco imaculado que começava do outro lado dos portões, na qual o prisioneiro e o guarda das SS tinham desaparecido.

— Lubusch — sussurrou por fim.

Wiesław ia deixando cair o martelo com o espanto.

— O nosso Lubusch? O *Kommandoführer* Lubusch? O *Rottenführer* das SS?

Edek abanou a cabeça e começou a nascer-lhe um sorriso hesitante nos lábios.

— Não. *Edward* Lubusch. Um homem que se casou com uma simpática rapariga polaca.

Wiesław ficou a olhar para ele, confuso, mas Edek já estava numa atividade mental febril, fazendo planos, cheio de uma esperança ridícula, e voltando, contra toda a sensatez, a acreditar em milagres.

Felizmente, a chamada da noite foi rápida. No interior do barracão, o fogão de ferro cantava alegremente. Não chegava, claro, para aquecer

todo o bloco, mas os homens que se juntavam à sua volta sentiam-se, de certa maneira, humanos de novo — e isso já era qualquer coisa.

— Que lareira tínhamos na nossa casa de Lublin! — exclamou um antigo mercador de têxteis com uma expressão saudosa, voltando as mãos calejadas para o fogo. — Toda em mármore verde contornado a ouro, ampla e tão alta que cabia um homem lá dentro, quando não estava acesa, evidentemente... Um sonho!

Edek lembrava-se dele, pois tinham chegado juntos a Auschwitz: era um sujeito imponente, de fato completo, com um alfinete muito bem polido na gravata de seda e um belo relógio de mostrador dourado. O relógio foi a primeira coisa de que se desfez: trocou-o por uma caneca de água tépida numa das paragens do caminho, que lhe foi passada pela estreita janela do comboio por um homem que trabalhava na estação. Não lhe devia ter ocorrido que aquela paragem seria a primeira de muitas; quando o comboio parou ao lado da infame rampa de Auschwitz, já não era o mesmo homem que tinha embarcado nele.

Mas o que realmente dera cabo deste sujeito fora uma carta da mulher a informá-lo, em tom formal e distante, de que, devido à condição *racial* do marido, ela tinha conseguido o divórcio — para o qual não precisara do seu consentimento, uma vez que era judeu —, e a garantir-lhe que o negócio estava a ser muito bem gerido pelo noivo, um empresário ariano de Posen. O mercador recebera esta carta seis semanas depois de ter chegado a Auschwitz e qualquer coisa se quebrara dentro dele. Recusando-se a aceitar a realidade, optara por se refugiar nas memórias do passado, onde a jovem esposa, adornada de peles fragrantas e afogada em diamantes, o inundava de um afeto ilimitado, e onde ele continuava a ser o proprietário da sua casa, com uma lareira tão alta que cabia um homem lá dentro.

— Que interesse tem essa lareira mítica? — A pergunta fora feita por um historiador e professor universitário, cujo nome Edek nunca conseguia captar.

— Deixe lá o homem falar dos bons tempos. Que mal faz? — interveio Edek.

— Enche as pessoas de ilusões vãs. Nós não vamos sair daqui com vida. — O historiador fungou com uma expressão de desdém e

empurrou os óculos de aros de aço pelo nariz acima.

Um dos homens voltou-se para ele; era um jovem de boas famílias, que brincara demasiado com ideias comunistas para o gosto dos alemães.

— Acha que não? — perguntou, observando atentamente a expressão do historiador. — Então e os soviéticos? Segundo dizem, já estão a combater na Ucrânia. A seguir é a Polónia. Assim que cá chegarem, com certeza que nos libertam e nos devolvem os nossos direitos...

O historiador soltou uma gargalhada de desprezo.

— E julgas que os SS nos vão entregar aos soviéticos de mão beijada? — perguntou, abanando a cabeça perante tamanha ingenuidade.

— Não. Julgo que se vão embora e nos deixam cá a todos.

— *Deixar-nos cá a todos?* Deixar ficar as testemunhas dos crimes que eles cometeram? — O historiador olhou para ele com intensidade. — Era a coisa mais estúpida que eles podiam fazer. Não te parece?

O jovem comunista franziu o sobrolho.

— Mas então... O que podem eles...

De repente, fez-se-lhe luz. Edek percebeu pelo tom acinzentado que cobriu a face do rapaz.

— Não nos vão matar a todos, certamente. Achas que eles... vão eliminar todos os prisioneiros?

O historiador ficou algum tempo a olhar as chamas em silêncio. Desprovido da sua habitual fachada desdenhosa, voltara a ser um intelectual de referência.

— Estudei muitas guerras e múltiplos conflitos, e não tenho quaisquer ilusões a respeito dos nazis — disse por fim. — Os exércitos em retirada têm tendência para aniquilar tudo pelo caminho. Exemplo disto é a política de terra queimada de Estaline, que fiquei a conhecer pessoalmente pelos prisioneiros de guerra do Exército Vermelho. Em 1941, quando o Exército Vermelho recuou, Estaline ordenou aos seus comissários que arrasassem todas as aldeias à sua passagem, contaminassem todas as fontes de água e matassem todo o gado que não conseguissem levar consigo. E não o fez para ocultar crimes, mas

para que o inimigo não tivesse onde se abrigar nem que comer. Imagina o que não farão os SS quando os soviéticos se aproximarem deste maldito território. Achas mesmo que Hitler não vai dar a mesma ordem aos seus homens? Eles vão matar-nos a todos, nota bem o que te digo. Eles não querem que a gente saia daqui e vá contar o que se passou.

O jovem ficou a olhar para ele num mutismo horrorizado. O silêncio que caiu sobre o barracão confirmava a terrível conjectura: ninguém a contradisse. Todos tinham a certeza de que era esse o destino que os esperava.

Nesse dia à noite, Edek voltou a não conseguir dormir; impediam-no as proféticas palavras do historiador.

— Ele tem razão — declarou, ciente de que Wiesław também não conseguia dormir. — Vão dar cabo de nós e arrasar o campo.

— Obrigado pelos pesadelos — disse a voz de Wiesław, vinda das sombras.

— Só estou a dizer que não temos nada a perder — insistiu Edek, soerguendo-se apoiado num cotovelo, com os olhos a brilharem no escuro. — Se temos o destino traçado, aconteça o que acontecer, devemos pelo menos tentar qualquer coisa. Assim, não morremos como ovelhas mansas, mas como homens que lutaram por alguma coisa.

— E que coisa é essa pela qual vamos lutar?

— A coisa mais importante de todas. A liberdade.

— Sempre pensei que a coisa mais importante de todas era o amor.

Edek riu-se, mas depois percebeu que o amigo não estava a brincar.

— Tu és *mesmo* um grande romântico — comentou, abanando a cabeça.

Ficaram algum tempo deitados lado a lado, ouvindo o suave ressonar dos outros e os uivos do vento no exterior das paredes do barracão.

Quando Wiesław tornou a falar, foi para dizer a última coisa de que Edek estava à espera.

— Sabes de alguém que nos conseguisse tirar um *Ausweis* em branco da secretaria?

Edek virou a cabeça e ficou a olhar para ele. Wiesław olhava fixamente para a parte inferior do beliche de cima, mastigando uma palha que tinha tirado do interior do colchão, com uma expressão tão séria quanto pensativa.

— Quer dizer que apoias a minha ideia? — sussurrou Edek, ainda sem acreditar por completo.

— Não te vou deixar sozinho nessa aventura louca, não achas? Que raio de amigo seria eu?

Do beliche de cima, espreitou uma cabeça. Era o historiador.

— Têm de ir a Birkenau e perguntar pela Mala. Mala Zimetbaum, *Läuferin*. Ela entra e sai da secretaria sem dificuldade nenhuma, e consta que é a pessoa indicada quando se quer uma coisa *organizada*. Se lhe pedirem com jeitinho, ela arranja-vos o *Ausweis*.

E desapareceu antes de eles terem oportunidade de lhe agradecer devidamente. Wiesław não tardou a adormecer, mas Edek continuou bem acordado, repetindo interiormente aquele nome, como se fosse uma oração.

Mala.

Mala Zimetbaum.

O seu bilhete para a liberdade.

Capítulo 6

Birkenau

Mala estava sentada à sua mesa de trabalho na *Schreibstube* — a secretaria do campo —, a datilografar as ordens manuscritas de Mandl. De vez em quando, a testa franzia-se-lhe num esgar de dor: o número de calinadas era inconcebível. No primeiro dia em que ali trabalhara, Mala cometera o erro de perguntar à chefe do campo feminino se queria que ela datilografasse as ordens tal como lhas entregara ou se preferia que corrigisse os erros ortográficos, e recebera uma enorme bofetada pela sua insolência.

— De nós duas, quem tem o alemão como língua nativa, sua porca insolente? — berrara Mandl, completamente furiosa. — De nós duas, quem usa uniforme e dá as ordens neste campo? Devias levar logo um tiro, para aprenderes a fechar essa boca.

Mala acabara por sobreviver ao episódio, mas só graças à oportuna intervenção do *Obersturmführer* Hössler, o superior imediato de Mandl, que entrara na secretaria para investigar a que se devia aquele alarido, se rira com gosto quando Mandl se lhe queixara da ofensa, e retirara importância ao assunto com um negligente aceno de mão.

— Toda a gente sabe que tu não serias capaz de escrever sem erros, nem que a tua vida dependesse disso, *Liebling*[9]. — O termo carinhoso pareceu acalmar Mandl. Para espanto de Mala, a chefe das guardas chegou mesmo a corar. — A miúda é intérprete e secretária, ela que faça o que lhe compete. É para isso que aqui está. — E, sem dar oportunidade a Mandl de voltar atrás, tomou Mala pelo cotovelo, conduzindo-a, suavemente, mas com firmeza, para fora da sala e para longe da ira da mulher das SS.

Mais tarde, Zippy, uma prisioneira eslovaca que fora levada para Auschwitz numa das primeiras levas e conhecia o funcionamento do

campo muito melhor do que Mala, explicou-lhe as regras.

— Nunca, mas *nunca* mesmo, digas a uma mulher das SS, e muito menos à Mandl, que fez alguma coisa mal feita. É verdade que elas são quase todas incultas e mal sabem ler, mas, se queres um conselho, cala a boca e trata-as como se fossem verdadeiros génios.

— Mas estas ordens...

Mala tentara protestar, olhando para a folha de papel escrita à mão com uma expressão mortificada. Depois de ter trocado o emprego que tinha na casa de moda Maison Lilian por um cargo de secretária-intérprete numa empresa de diamantes, mais bem pago e prestigiante, Mala orgulhava-se especialmente das loas que os superiores faziam ao seu trabalho, por ser meticoloso. Quanto mais a administração lhe elogiava o esforço, mais ela prolongava o seu horário, verificando duas e três vezes todos os documentos, como se a satisfação dos clientes internacionais dependesse exclusivamente das suas traduções; mais jornais e revistas de negócios estrangeiros consumia, sublinhando e memorizando expressões que não conhecia e que seriam úteis na correspondência da empresa; mais almoços de trabalho acompanhava, como intérprete do seu chefe imediato, sacrificando dias de folga e de férias para que a companhia fosse o mais bem-sucedida possível. Nunca lhe teria passado pela cabeça receber uma bofetada como recompensa pelo seu empenho, mas era essa a dura realidade de Auschwitz.

— Se algum oficial põe os olhos neste caos, vai pensar que a culpa é da prisioneira que as datilografou — argumentou, olhando para Zippy. — E ainda me mandam para a câmara de gás por não fazer bem o meu trabalho. Claro que a Mandl nunca reconhecerá que os erros são dela...

— Naturalmente que não. Por isso, corriges o que for preciso corrigir e limpas o escrito o melhor que puderes; acrescentas umas palavras finas aqui e ali, para dar a impressão de que ela é inteligente, e aproveitas o pacote da Cruz Vermelha que ela te der, em sinal de gratidão, quando receber um elogio dos superiores. Mas nunca mais abras essa boca tola para lhe atirar os erros à cara — concluiu Zippy, com uma cúmplice piscadela de olho.

Os meses tinham-se sucedido, sombrios e desoladores. Com a ajuda de Zippy, Mala fora-se tornando experiente no funcionamento do campo, e Mandl começara a apreciá-la e até a elogiá-la abertamente aos superiores. *Mally* não tardou em tornar-se uma das favoritas de Mandl, que lhe atribuiu um quarto privado nas instalações da secretaria, roupa de qualidade, comida decente e uma série de privilégios com que os restantes prisioneiros apenas podiam sonhar. A necessidade de se mostrar deferente com uma pessoa que desprezava profundamente era repugnante para Mala, mas Zippy tinha-lhe explicado que a sua posição podia ser benéfica, não só para ela própria, mas para *pessoas que precisavam de ajuda* — uma frase que foi dita com um olhar expressivo e que Mala compreendeu de imediato. Não tardou a unir forças com as mulheres e os homens de coragem que se recusavam a permitir que fizessem deles escravos e que tinham jurado morrer nessa luta, se fosse preciso.

Perdida nas suas recordações, Mala fitava a parede que tinha diante de si, onde Zippy costumava sentar-se, quando sentiu repentinamente uma nostalgia tão intensa de casa e de liberdade, que teve a tentação de uivar de dor.

Foi arrancada a estes pensamentos melancólicos por um tumulto vindo do exterior. Esticando o pescoço, reconheceu a *Rapportführerin* Drexler — *uma verdadeira cabra, dos pés à cabeça*, nas palavras de Zippy —, a berrar insultos a um grupo de mulheres que tinha obrigado a sair dos barracões e a ajoelhar-se na neve. Com a capa de lã quente a esvoaçar à sua volta, a SS encarregada das chamadas de campo circulava em passo marcial por entre as filas de mulheres, dispostas em colunas de cinco — a formação habitual nos campos —, fazendo estalar o chicote e atingindo com ele a cara das suas vítimas de forma aparentemente aleatória. Drexler era uma das mais implacáveis SS de todo o Birkenau e matava prisioneiras a tiro por terem simplesmente «tido a insolência» de a olhar nos olhos.

As janelas do edifício da secretaria estavam fechadas e totalmente isoladas, com os radiadores a sibilar com toda a força, emitindo calor para as instalações das SS; ainda assim, Mala conseguia apanhar fragmentos das habituais frases de Drexler, que não se tinham alterado

muito ao longo dos anos.

— Israelitas vadias, nojentas! Suas porcas asquerosas! Eu já vos digo... Quantas vezes é que já vos avisei? Deviam ter limpado aquela pocilga como deve ser!

Mala calculou que a *Rapportführerin* teria encontrado uma divisão que não estava ordenada em conformidade com os seus elevados padrões; por isso, as habitantes do barracão correspondente passariam pelo menos duas horas ajoelhadas na neve, com pedras nas mãos e estas acima da cabeça. Quem baixasse os braços, recebia uma bala da arma de Drexler — que, bem vistas as coisas, tinha uma reputação a defender. Para Mandl, a *Rapportführerin* era a melhor disciplinadora do campo. *Um barracão cheio de judias que não estivesse a brilhar daria cabo dessa reputação*, pareciam dizer as costas direitas da guarda, que ia dando chicotadas com a generosidade de uma verdadeira SS. Se as vítimas não tinham acesso a água corrente e tivessem de usar a ração matinal do chamado café para lavar (mal) a cara, bem como a roupa e as instalações, isso era irrelevante para Drexler.

Profundamente indignada, Mala voltou a concentrar-se na sua máquina de escrever.

A porta abriu-se e o *Obersturmführer* Hössler entrou na sala. Vinha com o sobretudo aberto, e trazia o bastão e o quépi na mão. Mala correu a pegar-lhe nas coisas e ele cumprimentou-a com um sorriso caloroso.

— Como vão as coisas, Mally?

Passara a ser a *Mally* para todos eles; não era bem uma prisioneira, era mais uma subordinada civil de quem gostavam genuinamente.

— Vão andando, *Herr Obersturmführer*.

— A Mandl não está cá?

— Está nas seleções com o Dr. Mengele.

— Ah, é verdade. Eu também devia lá estar. — Fletiu ligeiramente os joelhos, para poder tirar o sobretudo. — Mas decidi não ir. Passado algum tempo, tudo aquilo é extremamente deprimente: esqueletos nus a correr dum lado para o outro como grotescos números de circo. — Fez uma careta.

Mala estava bem treinada e não exprimiu qualquer emoção.

Tomando o pesado sobretudo, foi pendurá-lo no cabide ao pé da porta.

— Que confusão é aquela ali fora? — Empoleirando-se na ponta da secretária de Mala, Hössler voltou a cabeça na direção da janela.

— A *Rapportführerin* Drexler está a administrar o castigo.

— Qual foi o crime?

Mala encolheu os ombros. As guardas de Birkenau não tinham de ter uma razão para dar pauladas na cabeça de uma prisioneira.

— Quer um café, *Herr Obersturmführer*?

Por esta altura, Mala já estava habituada ao estilo de Hössler: quando ele chegava e, percebendo que Mandl estava ausente, se instalava naquela posição na secretária dela, era porque queria ter «uma conversa».

— Se não der muita maçada. — Hössler voltou a sorrir-lhe calorosamente.

— De maneira nenhuma. A *Lagerführerin* Mandl saiu agora mesmo. A cafeteira ainda está quente.

Quando Mala voltou com um tabuleiro, Hössler desceu de cima da secretária, sentou-se na cadeira e ajudou-a a dispor as coisas na sua frente.

— A tua amiga? — perguntou, olhando para a secretária vazia de Zippy por cima do ombro.

— Está a ensaiar com a orquestra do campo. Segundo me disse, estão a preparar algo especial para o Natal.

— É verdade. Esqueço-me sempre de que, além de ser secretária, ela toca bandolim — comentou com um sorriso carinhoso. — *Frau* Alma fez destas raparigas uma orquestra e tanto, não fez?

Mala olhou para ele de relance. Zippy tinha-lhe contado que os SS do campo tinham um verdadeiro fascínio por Alma Rosé, famosa violinista e maestrina de Viena, mas o deferente *Frau*, em especial na boca de Hössler, não deixou de a espantar. Nenhuma das prisioneiras era tratada por *Frau*; as mais privilegiadas eram tratadas pelo nome próprio, e as castas inferiores consideravam-se felizardas quando eram chamadas pelo respetivo número. Com efeito, a maior parte das vezes, o que saía às SS era: *anda cá, judia de merda ou pega nisso antes que eu*

me irrite e para de tremer, sua porca.

— Infelizmente, ainda não tive oportunidade de visitar o novo bloco de música, *Herr Obersturmführer*.

— Já não é novo — protestou Hössler. — Foi instalado em agosto, acho eu.

Mala voltou a sorrir-lhe como quem pede desculpa, ao mesmo tempo que lhe deitava as natas na chávena de porcelana.

— Quer dizer que a Mandl te obriga a trabalhar tanto que não tens tempo para ouvir um pouco de música? — brincou ele, mexendo o café com uma colher de prata tão pequena que parecia ridícula na sua mão enorme.

— Não me queixo, *Herr Obersturmführer*. Gosto de estar ocupada. Hei de arranjar tempo para ir visitar o bloco de música. A Helen — Mala recorreu de propósito ao nome oficial de Zippy, que não era o mesmo pelo qual a rapariga era conhecida na organização clandestina — não se cansa de elogiar *Frau Alma*. Diz ela que é uma verdadeira virtuosa do violino.

— E é — confirmou Hössler num tom inesperadamente afetuoso.

Mala suspeitava de que o interesse dele pela violinista não era apenas musical.

— Ela é judia?

Hössler sobressaltou-se com a pergunta, aparentemente inocente, e ficou imóvel.

— É vienense — resmoneou, quase na defensiva, como se fosse um crime gostar de um judeu.

Mala teve a sensatez de não fazer mais perguntas. Fosse então vienense, se isso lhe dava gosto.

Ele pegou na chávena, mas voltou a pousá-la. — Vai buscar uma para ti. Sabes que eu detesto beber café sozinho.

— Não posso, *Herr Obersturmführer* — replicou Mala, lançando um olhar expressivo à porta, que estava fechada, mas não estava trancada: qualquer pessoa podia entrar por ali dentro.

— A Mandl não volta tão cedo.

— Prefiro não correr esse risco, *Herr Obersturmführer*. A si não lhe dizem nada, evidentemente, mas a mim incluem-me no próximo

carregamento para a câmara de gás.

Os olhos castanhos do homem carregaram-se de imediato e o sorriso desapareceu-lhe da face. — Eu sou o encarregado do extermínio neste campo! — O tom suave com que atraía os recém-chegados às câmaras de gás, que lhe valera a alcunha de Moshe Mentiroso por parte dos judeus que pertenciam ao *Sonderkommando*, mudou como que por magia. — Ninguém inclui ninguém num carregamento sem a minha autorização direta!

Mala mordeu a língua, lamentando ter feito o comentário.

— Desculpe-me, por favor, *Herr Obersturmführer*. O senhor tem razão, como sempre. — Baixar a cabeça quando gritavam com ela tinha-se tornado, desde há muito, um instinto natural, quase canino.

Hössler passou as duas mãos pela espessa juba escura, inspirando fundo para se acalmar. De entre os membros das SS, era o mais imprevisível: ninguém conseguia perceber o que o irritava e, quando tal acontecia — até os subordinados diretos sabiam que o melhor era passarem totalmente despercebidos.

OuvIU-se um tiro. Mala voltou-se para a janela, assustada, mesmo a tempo de ver uma prisioneira cair na neve enlameada, com uma auréola vermelho-rubi a formar-se-lhe lentamente em volta da cabeça rapada. As mãos esqueléticas continuavam agarradas à pedra, mesmo depois de morta. Drexler devia tê-la matado por não ter gostado, simplesmente, da cara dela.

— Não, Mala, eu é que te peço desculpa. — Quando a rapariga se voltou para Hössler, surpreendida, ele abanou a cabeça com um suspiro de desalento. Também ele tinha os olhos postos na janela. — Tens razão. Isto é um campo de extermínio. E nem o novo *Kommandant*, com as suas políticas humanitárias, conseguirá mudar essa realidade.

Dava a impressão de se sentir genuinamente incomodado. Levou a chávina aos lábios, mas não bebeu, e os seus olhos escuros fixaram-se num ponto situado nas costas de Mala.

— Sabes, quando era novo, estudei para ser fotógrafo — comentou, num tom estranho, surpreendido até, como se ele próprio não acreditasse nisso.

— Que aconteceu?

Ele não respondeu logo, perdido num passado onde não era elogiado pelos superiores de Berlim *pelo seu excepcional talento na criação de uma operação exemplar nos crematórios, por recorrer a técnicas inovadoras e ter uma ética de trabalho que é um exemplo para todas as instalações do mesmo género*. Mala tinha lido o elogio enviado pelo WVHA, o Gabinete Central de Economia e Administração das SS, que tinha a seu cargo os campos de concentração. Na sua opinião, «ética de trabalho» e «câmaras de gás» eram expressões que não podiam ser usadas na mesma frase, mas o *Gruppenführer* Glücks, inspetor máximo dos campos de concentração que tinha assinado o referido documento, parecia ter uma opinião diferente.

Hössler começou a falar, baixinho e com uma nostalgia infinita, sobre o estúdio onde tinha trabalhado como aprendiz, sobre a magia da câmara escura e os segredos das imagens sobrepostas e subpostas. Ao fazê-lo, transformou-se por completo: nos seus olhos, geralmente apagados e negros, acendeu-se uma luz; sorria genuinamente, imerso num mundo que deixara de existir; o seu rosto pálido e cavado adquiriu um tom rosado, e falava sem parar, esquecido do café, que estava a ficar frio, de Mala e do campo que o rodeava.

— Porcas nojentas! — O berro estridente de Drexler penetrou nas paredes da secretaria do campo.

Mala viu os ombros de Hössler estremecerem ao de leve com o guincho. O homem parou subitamente de falar; e, quando se apercebeu de que a realidade era o campo, e não a sua carreira de fotógrafo, terminada de forma abrupta em consequência da gigantesca inflação, como ele próprio tinha explicado, o seu rosto voltou a empedernir-se. Levantou-se com dificuldade, o sobrolho franzido, duas rugas fortes e amargas a contornarem-lhe de novo a boca. Dirigindo-se à janela, deu a volta à maçaneta e abriu-a com uma força tal que a vidraça quase se partiu.

— Cala-me a porra dessa bocarra, sua cabra estúpida! — berrou à guarda com um ódio tão violento que lhe tremia o corpo todo. — Não se consegue ouvir nada aqui dentro por causa dos teus guinchos!

Mala viu a cabeça de Drexler voltar-se para a janela num gesto

brusco. A guarda pestanejou várias vezes e começou a corar intensamente pela inesperada e violenta repreensão.

— Perdeste a língua? — berrou Hössler, que ainda não estava contente.

Mala nunca o tinha visto falar com as colegas naquele tom, porque Hössler era considerado um dos mais refinados cavalheiros do grupo de burguesos das SS, mas naquele momento percebeu-o. Para ele, o gabinete de Mala era um refúgio, um lugar aonde podia ir quando não estava lá mais ninguém, para conversar sobre a vida que lhe tinha escapado, recordando o homem que não tinha chegado a ser, perdendo-se num sonho onde não tinha a função de queimar gente aos milhares. Ora, Drexler tinha-o obrigado a regressar à dura realidade com os seus insultos soezes, lembrando-lhe aquilo que ele queria desesperadamente esquecer e mostrando-lhe, como num espelho distorcido, aquilo em que ele próprio se tinha tornado.

Drexler tentou explicar qualquer coisa, mas Hössler já tinha fechado a janela com um estrondo. Tinham-lhe estragado o dia, e só lhe restava ir buscar o sobretudo.

— Lamento imenso, *Herr Obersturmführer* — disse Mala.

Ele acenou a cabeça, já da porta.

— Eu também.

Olhando pela janela, Mala viu-o passar por Drexler momentos depois, lançando-lhe qualquer frase carregada de despeito e ainda mais insultuosa no rosto. Assim que Hössler desapareceu, a guarda pegou no chicote e atirou-se à cara das suas vítimas com energia redobrada. Mala desviou os olhos daquela cena horrorosa e fechou-os com muita força, ao mesmo tempo que tapava os ouvidos com as palmas das mãos, mas sem conseguir deixar de ouvir o tenebroso som da pele a abrir sob as chicotadas de Drexler.

Não era o dia que tinham combinado, mas naquele preciso instante, Mala decidiu ir ter com o carpinteiro Pavol, ignorando o calendário. Tinha comida guardada no quarto — coisas boas, o queijo do pacote da Cruz Vermelha e metade de um salame; ele que ficasse com elas. Passar fome era o pequeno preço a pagar para o *Sonderkommando* adquirir aquilo de que precisava para encenar uma revolta — e quanto

mais cedo, melhor —, fazendo explodir os quatro crematórios e exercendo vingança sobre todos os SS que tentassem detê-los.

Capítulo 7

Auschwitz-Birkenau

Depois de um longo processo deliberativo, os pormenores do plano começaram a ganhar forma.

— O guarda de Auschwitz que está ao portão pode conhecer outros guardas de Auschwitz — especulava Edek sempre que ele e Wiesław tinham uns minutos para conversar a sós. — Seria muito menos arriscado eu apresentar-me como guarda de Birkenau. O meu alemão chega para passar por *Volksdeutsche* polaco, voluntário das SS; há muitos deles no campo. Não é coisa que levante suspeitas.

— Mas eu nunca passarei por alemão polaco — declarou Wiesław. — Mal consigo encadear duas palavras em alemão. Eles não se deixam enganar.

— Por isso mesmo, vais ser o que és: um prisioneiro normal, que vou levar para o exterior do campo. Como aquele SS que vimos a levar o afinador de pianos. É o disfarce ideal. Ninguém vai suspeitar de nada.

— Está bem, mas o problema é que nós não fazemos parte da malta de Birkenau. Como vamos arranjar maneira de ser transferidos?

— Eu trato disso — prometeu Edek.

E, para sua grande surpresa, passada uma semana, Wiesław recebeu ordem de transferência para a carpintaria do campo feminino de Birkenau.

— Como conseguiste? — perguntou Wiesław a Edek, olhando espantado para o cartão com a transferência.

Edek encolheu os ombros com ar descontraído e um sorriso cúmplice.

— Como é que achas? Com uns quantos presentes estrategicamente colocados.

— Então e tu?

— Só havia um lugar. Mas não te preocupes — recomendou Edek, dando uma palmada nas costas do amigo. — Eu falo com o Lubusch sobre a minha transferência, e tenho a certeza de que ele me trata disso. Para já, vou continuar a candidatar-me ao *Kommando* dos carpinteiros temporários que ele manda de vez em quando para Birkenau, para ajudar os de lá. Mas a nossa prioridade é entrar em contacto com a tal Mala. Assim que tivermos um *Ausweis*, começamos a planear o resto.

— E como tencionas encontrar uma rapariga entre centenas de milhares de mulheres? — perguntou Wiesław, olhando para ele com uma grande dose de ceticismo.

— Pavol, o carpinteiro que ajudou à tua transferência, encontra-se com ela num dia marcado e num sítio específico. A troco de dois limões esqueléticos e da promessa de entregar certas mercadorias à miúda, aceitou ceder-me o seu lugar.

Alguns dias mais tarde, envergando o macacão azul do *Kommando*, Edek e Wiesław reparavam os canos da sauna de Birkenau, um local imenso, pelo qual passavam todos os recém-chegados e onde os prisioneiros com privilégios tomavam o seu duche diário. Edek percebeu imediatamente que se tratava de uma espécie de mercado negro da zona: só na última meia hora, durante a qual a sauna não funcionara, uma vez que já havia processado a sua quota diária, os prisioneiros com produtos para trocar tinham feito um número impressionante de negócios. Até os *Kapos* locais e os veteranos dos blocos ali faziam comércio.

Notando a presença de caras novas, uma alemã peituda, com um laço azul a decorar-lhe a comprida trança, aproximou-se de Edek e do seu camarada e ofereceu-lhes, em tom sedutor, «uma bela menina, ou um rapaz, se preferirem, a um preço muito razoável». O estatuto *racial* era irrelevante, desde que dispusessem de pão ou de queijo.

— É a nossa Puff-Mutti, ou só Mutti, como prefere ser tratada. Era *madame* num bordel da Baviera, a terra dela — explicou-lhes um colega da manutenção, afastando-os do superior do bloco, que era

alemão, e aconselhando a mulher a pôr-se a andar. — Não é fácil perder hábitos antigos.

Perto da fila de pias manchadas de ferrugem e cobertas de sujeira, um prisioneiro de cara redonda, metido num casaco acolchoado, acariciava a face de um bonito rapazinho, que não teria mais de 16 anos, achou Edek. Os belos olhos cor de âmbar do rapaz olhavam fixamente a outra mão do prisioneiro, que segurava um maço de cigarros por abrir — coisa que, dentro do campo, valia uma fortuna. Ao passar por eles, Mutti recordou ao prisioneiro que metade do maço era para ela. O homem mal a ouviu, ocupado em segredar qualquer coisa ao ouvido do rapaz e empurrá-lo suavemente para dentro de uma das divisórias.

Uma rapariga bem nutrida, de cabelo aos caracóis preso no alto da cabeça, num penteado que fora moda antes da guerra, atravessou a ampla sala em passo decidido, o som dos saltos baixos ecoando nas paredes de azulejo, e dirigiu-se a uma mulher de cerca de 40 anos, ruiva, pele clara coberta de sardas, que também trabalhava na sauna. A rapariga tirou uma garrafa de uma bebida alcoólica de dentro do casaco e estendeu-a à mulher, que analisou o rótulo, acenou a cabeça com ar satisfeito e lhe entregou um embrulho de papel de cera, atado com uma guita. Quando a jovem voltou a passar por Edek, este sentiu um torturante cheiro a carne fumada — da fresca, que não se comparava com a porcaria que lhes davam em Auschwitz. Edek começou imediatamente a salivar em abundância, fixando as costas da rapariga com um olhar febril.

— Mas onde é que elas arranjam estas coisas? — perguntou, genuinamente espantado, ao colega da manutenção.

— Na *Kanada*, onde fazem a escolha de tudo o que entra. — O homem encolheu os ombros. — Quem chega de novo traz malas cheias de todo o tipo de produtos, comida e outras coisas de valor. Os prisioneiros que trabalham na *Kanada* fazem grandes festas. Depois de comerem, beberem e usarem tudo o que podem, trocam o resto, ou usam-no para subornar os *Kapos* e os guardas. Os proprietários destas coisas não vão precisar delas nos próximos tempos. Aliás, a maioria é mandada para as câmaras de gás logo à chegada.

O homem falava da morte com grande descontração; parecia que estava à conversa sobre a mais recente previsão meteorológica.

— A Mala vem cá muitas vezes? — Edek tentou fazer a pergunta em tom inocente, e nem ergueu os olhos do cano em que estava a trabalhar. — Mala Zimet...

— Não precisas de especificar — replicou o outro com um sorriso cúmplice. — Só há uma Mala.

— Não te importas de me dizer quem ela é, quando chegar?

— Não é preciso. Vais reconhecê-la imediatamente.

A princípio, Edek não percebeu bem o que o outro queria dizer. A sauna estava apinhada de jovens bonitas, que pareciam recém-chegadas das cosmopolitas ruas de Varsóvia, sem nada comum à deplorável população do campo. Ao contrário das criaturas informes e esqueléticas pelas quais tinha passado quando ali se dirigia, que escavavam o chão gelado à procura de qualquer coisa para comer — uma casca de batata podre, se tivessem sorte —, estas raparigas estavam bem vestidas e bem alimentadas, e todas elas pareciam trabalhar na secretaria do campo. Como faria ele para identificar Mala?

— Ela traz a braçadeira de *Läuferin*, de estafeta, no braço. — Wiesław lançou-lhe um olhar carregado de sentido. — E deixa-te de nervosismos. Nós viemos fazer negócio. Isto não é um encontro às cegas.

Edek tentou soltar uma gargalhada descontraída, mas, sem saber bem porquê, não foi capaz. Era uma idiotice, evidentemente, mas percebeu que se sentia nervoso: tinha contrações na barriga, e não eram as contrações de medo que tem quem vê aproximar-se um SS furioso com o bastão ao alto; eram contrações há muito esquecidas, daquelas que faziam sustar a respiração, como quando se deseja beijar uma rapariga pela primeira vez — uma sensação embriagante, emocionante e levemente assustadora.

O outro sujeito tinha razão: Edek reconheceu-a. Mas não foi pela braçadeira, nem pela descrição que o historiador lhe tinha feito. O que a denunciou foram os passos, determinados e apressados, de uma pessoa que não tinha tempo a perder com mexericos vazios nem com

trocas de cumprimentos. Ao ouvi-los, Edek imobilizou-se com uma chave-inglesa na mão, subitamente incapaz de se voltar. Devia ser das fantasias com que tinha enchido a cabeça: por extensão, começara a associar esta mulher à liberdade, à pátria e a tudo quanto amava profundamente. Por isso, receava olhar para ela, com receio de ficar desiludido.

Sentiu uma mão esguia no ombro e deixou de conseguir respirar. Ela já estava a voltá-lo para si, com uma insistência surpreendente; Edek viu-lhe as botas altas, iguais às que os guardas usavam, a bainha do sobretudo castanho, por baixo do qual espreitava uma saia quente de lã. E depois, uma súbita e inesperada exclamação de ira.

— Tu não és o Pavol!

O alemão dela era duro e implacável, tal como o seu olhar.

Edek ergueu os olhos e fez uma careta, como se estivesse à espera de levar uma bofetada.

E, realmente, Mala estava com ar de quem se preparava para lha dar, por ele a ter feito perder tempo, marcando-lhe um encontro em nome de outra pessoa.

— Pois não. Sou o Edek.

Foi o máximo que conseguiu dizer, fixando, encantado, a cara dela.

Estava feito; a rapariga estava mesmo furiosa. Estreitando os olhos castanho-claros num gesto felino, ela dissecou-o de alto a baixo, mas ele só pensava que nunca tinha visto ninguém tão bonito. À luz mortíça das lâmpadas do teto, o cabelo dela brilhava como ouro líquido e nas suas pestanas pretas cintilavam gotículas cristalinas de neve derretida... Edek parou subitamente de a observar. Mala já estava a dar meia-volta, murmurando uma maldição. Mala, a sua passagem para a liberdade, para a pátria, para tudo aquilo que ele tanto amava.

— Mala, espera! — pediu ele, erguendo-se de um salto e agarrando-lhe uma manga.

Ela soltou o braço e lançou-lhe um olhar gelado.

Quase sem querer, Edek deu um passo em frente.

— Trouxe-te os produtos do Pavol.

Ela ficou a olhar para ele, desconfiada.

— Por favor. — Ele apontou para uma das cabinas de duche, onde poderiam conversar em privado.

Fosse pela súplica premente que lhe leu nos olhos ou pelo tom miserável da sua voz, o certo é que as feições de Mala abrandaram. Com um gesto, indicou-lhe que a seguisse.

As cabinas eram o domínio da *madame* alemã. Mala pagou a taxa à mulher — um cigarro — e avançou até ao extremo do lúgubre corredor. Edek seguia atrás dela, de olhos fixos no chão: não lhe interessava testemunhar as cenas que tinham lugar em algumas das cabinas.

— Então? — perguntou Mala em polaco, assim que chegaram à última cabina. — Despacha-te. Estou com pressa. — Passava de uma língua para outra com tal naturalidade que Edek a observava com renovada admiração.

Recordando o que estava ali a fazer, extraiu três latas de sardinhas dos bolsos do macacão.

— Não fui eu que comi as sardinhas. As latas já estavam vazias quando ele mas deu — apressou-se a garantir-lhe.

Para sua surpresa, Mala sorriu. Não havia luz na cabina, mas Edek estava capaz de jurar que os olhos dela tinham perdido a sua frieza inicial.

— Não sabes para que é isto, pois não? — perguntou ela, inspecionando as latas que tinha na mão.

Edek abanou a cabeça e viu-a meter as latas no bolso, espantado.

— Melhor assim — comentou Mala. — Os russos têm um ditado: quanto menos sabes, melhor dormes.

— Também falas russo?

— Porquê? Precisas de alguma coisa dos soviéticos?

— Não. — Ele humedeceu os lábios. — Preciso de um *Ausweis*. Um verdadeiro, da secretaria do campo.

— E que mais? Um Mercedes novo com motorista, para te levar daqui para fora? — perguntou ela com um sorriso trocista.

— Porquê, também consegues arranjar-me isso?

Os dentes dela, de um branco estonteante, brilharam no escuro, e Edek descobriu que também estava a sorrir.

— Depende. O que tens para a troca?

— Que tal a minha vida em servidão eterna? — perguntou Edek.

Mala fez uma careta. — A tua vida, em servidão eterna, pertence às SS.

— Daí a necessidade do *Ausweis*. Essa vida não me agrada muito.

O sorriso dela morreu e Mala observou-o com atenção durante algum tempo.

— Como é que sei que tu não és um agitador do Departamento Político?

— Tenho cara disso?

Após um longo momento, durante o qual Edek susteve a respiração, Mala voltou a sorrir.

— Acho que não. Tens um ar demasiado honesto. Mas, afinal, porque estás cá dentro?

— Por nada.

— Não és judeu. Não podes estar cá dentro sem razão.

— Sou polaco e sei empunhar uma arma. Aos olhos dos nazis, isso também é crime.

Mala acenou a cabeça num gesto grave. Era verdade.

— Eu sei que não chega... — Edek meteu a mão no bolso e extraiu uma mão-cheia de aparas de metal aguçadas e peças partidas que tinha trazido da oficina — Mas o Pavol disse-me...

— Oh, que ótimo! — interrompeu-o Mala, estendendo a mão com grande entusiasmo para aquilo que, para Edek, não passava de lixo. — Achas que consegues mais? — Desta vez, foi ela que lhe lançou um olhar de súplica.

— Ando a ver se consigo ser transferido para este lado. Mas, enquanto pertencer ao *Kommando* da serralharia, claro que te trago tudo o que conseguir.

Por esta altura, Mala tinha uma expressão feliz.

— Que género de *Ausweis* queres?

— Daqueles que um SS mostra ao guarda no portão, quando um prisioneiro vai fazer um trabalho fora do campo acompanhado por um guarda. Existem *Ausweis* desses?

Mala pensou uns momentos na pergunta.

— Acho que sim. Mas com que vais tentar subornar um acompanhante das SS? Não conheço nenhum que esteja disposto a cometer semelhante loucura. Seriam imediatamente metidos na prisão da Gestapo, acusados de terem colaborado numa fuga.

— Deixa-me ser eu a tratar do SS. Quanto menos sabes, melhor dormes — recordou-lhe ele, repetindo o ditado que acabara de aprender.

Mala riu-se baixinho.

— E tens, pelo menos, algum plano para quando te vires lá fora?

— Tenho. — Não era totalmente verdade, mas também não era uma mentira completa.

Durante os poucos dias que tinha passado a trabalhar com os carpinteiros de Birkenau, Wiesław tivera conhecimento da existência de Antoni Szymlak, um ladrilhador civil que era ocasionalmente contratado para fazer trabalhos no interior do campo, e que trazia correio e encomendas aos prisioneiros originários daquela zona. Em geral, os trabalhadores civis polacos contratados pela administração do campo para realizar trabalhos para os quais os prisioneiros não eram qualificados preferiam não se aproximar destes, pois corriam o risco de ir parar a Auschwitz se fossem denunciados aos membros da Gestapo. Mas havia alguns civis que arriscavam a liberdade e a vida para os ajudar. Felizmente para Wiesław e Edek, Szymlak pertencia a esta categoria.

Assim que ouvira falar nele, Edek aferrara-se à ideia de que, se Szymlak era efetivamente tão solidário como os carpinteiros diziam, talvez se deixasse convencer a albergá-los quando fugissem. A seguir, atravessariam as montanhas de Beskidy até Zakopane, a aldeia onde vivia a irmã de Wiesław e onde os alemães não apareciam muito. Era uma zona pejada de *partisans* — os combatentes pela liberdade, um grupo constituído por antigos soldados que tinham escapado por um triz às garras dos nazis, e polacos patriotas banais, que se ocultavam nas florestas e atacavam os alemães sempre que podiam, desaparecendo nas sombras após os ataques. Há algum tempo que Edek albergava a esperança de se juntar a eles.

— Muito bem. — A voz de Mala fê-lo voltar à realidade. — Eu

arranjo-te um passe. Mas pode demorar algum tempo. É preferível tratar disso no final do mês, antes de eles fecharem os livros, porque é a única altura em que os SS são descuidados e poderão não reparar no desaparecimento de um *Ausweis*.

Edek acenou a cabeça, confiando na sua análise. Mala dava a impressão de saber muito bem o que andava a fazer.

— Podemos encontrar-nos depois de amanhã? — perguntou, fixando nela um olhar expectante. — Para eu te trazer mais aparas e peças — esclareceu.

De repente, Mala estendeu a mão e apertou a dele, novamente com um sorriso nos lábios cheios e macios.

— Seria ótimo. Fico à espera.

Dito isto, foi-se embora, e Edek ficou mais uns minutos dentro da lúgubre divisória, perplexo e inusitadamente tonto.

Capítulo 8

Auschwitz

Estava novamente um dia cinzento de inverno, com nuvens tão baixas e carregadas que uma pessoa até se esquecia da existência do sol. Lubusch fumava diante da oficina de serralharia. Pela sua frente iam passando filas e filas de prisioneiros, que se encaminhavam a trote para os portões; eram os prisioneiros do *Aussenkommando*, que trabalhavam todo o dia no exterior, em temperaturas abaixo de zero. Sempre que passavam diante do SS, um dos *Kapos* berrava «barretes fora», e fazia cair o bastão com violência sobre os que não tirassem o barrete a tempo e horas.

Edek tinha recebido ordens para ir chamar Lubusch. Um ilustrador — que trabalhara num jornal liberal de Varsóvia e tinha cometido o grave erro de produzir uns desenhos antinazis para essa publicação — tinha conseguido, uma vez mais, encravar uma das máquinas, piscando o olho a Edek num gesto conspirativo quando percebeu que ele não o denunciara. Depois de ter olhado para a máquina de vários ângulos durante uns minutos, carregando aqui e ali, o *Kapo* Vasek mandara Edek chamar *Herr Kommandoführer*, a ver se este conseguia resolver o problema. Mas, ao ver a cara do SS, Edek decidiu não o perturbar, e encostou-se ao muro do bloco a fazer o mesmo que Lubusch: seguir com o olhar as colunas de esqueletos cinzentos que marchavam em direção à morte, acompanhados pelo som jubiloso da orquestra do campo.

De repente, um dos esqueletos tropeçou, cambaleou para fora da coluna para não perturbar a ordem de marcha dos restantes homens e deixou-se cair lentamente de joelhos, inclinando-se para diante. Um dos *Kapos* aproximou-se logo dele e começou a bater-lhe nas costas e nas pernas com o bastão de madeira, gritando-lhe: «Levanta-me esse

rabo gordo do chão, seu malcheiroso, seu grande mandrião, já te vou mostrar o que é estar deitado, seu porco judeu preguiçoso...»

— Dá-lhe com mais força na cara! — recomendou outro *Kapo*, também triângulo verde, ao passar por ele, soltando uma gargalhada.

— Talvez consigas fazer o milagre de o ressuscitar dos mortos.

— Mas ele não está morto! — protestou o primeiro *Kapo*.

— Claro que está. Olha para ele! — E o segundo homem avançou majestosamente na direção do cadáver, dando-lhe um pontapé demonstrativo nos órgãos genitais. — Estás a ver? Mortinho da silva.

O primeiro *Kapo* soltou um resmungo e puxou dois prisioneiros que seguiam na coluna.

— Tirem-me essa carcaça nojenta da frente e despachem-se, antes que eu me irrite.

Quando passaram diante de Lubusch e Edek, este viu um jovem prisioneiro limpar a cara ao ombro, a respiração a sair-lhe em soluços calados e sofridos. Lubusch deu um passo em frente e perguntou-lhe se conhecia o velho.

— O meu pai — conseguiu dizer o jovem prisioneiro por entre lágrimas, o rosto a contorcer-se-lhe novamente num esgar de dor.

— Tenho de anotar o número dele — disse Lubusch.

Com uma lentidão propositada, tirou um bloco de notas preto e anotou o nome e o número do prisioneiro que tinha morrido. Depois de ter a certeza de que o *Kapo* do jovem já tinha desaparecido, o SS meteu um maço de cigarros no bolso da camisa do rapaz e sussurrou-lhe umas palavras de simpatia. A reação do jovem prisioneiro foi redobrar o choro. Os gestos de amabilidade tinham um estranho efeito nas pessoas dali: tinham-se desabituaado deles.

— E agora, vamos a andar — ordenou Lubusch em voz intencionalmente alta. — Está ali uma carreta: marchem até lá em passo acelerado, seus preguiçosos.

Voltando-se para o barracão da serralharia, apercebeu-se finalmente da presença de Edek.

— Passa-se alguma coisa?

— Parece que uma das máquinas voltou a encavar, *Herr Rottenführer*.

— *Unterscharführer* — corrigiu Lubusch, olhando com uma expressão vazia para os dois prisioneiros que acabara de mandar trabalhar, e que colocavam o cadáver do pai do jovem prisioneiro sobre uma pequena montanha de cadáveres com o máximo respeito possível. — Deixei de ser um simples soldado e passei a suboficial. É uma promoção de Natal, por bom comportamento. — Falava num tom amargo e oco.

— Parabéns, *Herr Unterscharführer* — cumprimentou Edek mecanicamente, mordendo a língua ao ver o olhar que Lubusch lhe lançava.

— O que se passa com a máquina? Andaram outra vez a encravá-la de propósito, para atrasar a produção?

Edek teve um sobressalto, e ficou sem saber o que havia de responder àquela acusação, que era verdadeira. Quer dizer que Lubusch sabia das maquinações deles. Sabia e nunca tinha dito nada, nem permitira que qualquer um deles fosse castigado por lhe terem dado cabo dos resultados da oficina.

— Interessa saber qual foi a razão da avaria, *Herr Unterscharführer*?

— Interessa, se eu descobrir uma peça fora de sítio diante do *Kapo*. Se ele estiver a ver, não tenho maneira de esconder a coisa e os responsáveis vão todos parar ao *Strafblock* — declarou Lubusch, observando Edek com atenção. — Então? Vou descobrir alguma coisa ou não?

— É bem possível que sim, *Herr Unterscharführer*. — Edek baixou os olhos.

Lubusch soltou um suspiro e passou uma mão pela testa, como se já tivesse tido um dia bastante preenchido.

— Posso distrair o *Kapo* para ele não meter o nariz onde não é chamado — sugeriu Edek, lançando um olhar interrogativo a Lubusch.

— Estás com vontade de provar o bastão do Vasek? — perguntou-lhe Lubusch, com uma pequena gargalhada desprovida de alegria.

— Eu tenho cuidado, *Herr Unterscharführer*.

— Foste tu que a encravaste?

— Não, eu não encravo as máquinas.

— Então porquê?

Edek calou-se, a tentar pôr o seu pensamento em palavras.

— Porque, embora adorasse sabotar a produção, não quero arranjar-lhe problemas. *Herr Unterscharführer* tem os seus superiores e é responsável perante eles. Não gostava que ficasse em maus lençóis por minha causa.

— Nesse caso, porque assumes a responsabilidade por uma coisa que não fizeste?

Edek encolheu os olhos, evitando cuidadosamente o olhar inquisitivo de Lubusch. Esta pergunta era ainda mais difícil de responder, mas quando o chefe o surpreendeu com uma palmadinha discreta no ombro, Edek ficou a saber que o SS compreendera tudo na perfeição.

— Anda daí, Galiński. O dever chama-nos, e essas coisas todas.

Edek avançou à frente de Lubusch, quase sem se atrever a respirar. Era a sua oportunidade, a altura ideal, e ele não podia perdê-la por nada deste mundo.

— *Herr Unterscharführer*, posso pedir-lhe um pequeno favor?

— Que tipo de favor?

— Gostava de ser transferido para o *Kommando* de manutenção de Birkenau. Em definitivo.

O oficial das SS franziu ao de leve o sobrolho.

— Porque queres ir para Birkenau? As condições de vida e de trabalho aqui em Auschwitz são muito melhores.

— Não tem nada que ver com as condições de vida e de trabalho, *Herr Unterscharführer*.

— Então o que é? Tratam-te mal aqui? — Lubusch parecia ligeiramente ofendido.

Edek abanou vigorosamente a cabeça.

— Não, claro que não. Tratam-me muito bem, *Herr Unterscharführer*... — Não tinha refletido suficientemente no assunto antes de abrir a boca e procurava uma desculpa adequada, mas não lhe saía nada; e para ali estava, diante do *Kommandoführer*, a abrir e a fechar a boca como um peixe fora de água.

De repente, um sorriso cúmplice iluminou a face de Lubusch.

— É uma miúda?

Edek ergueu a cabeça, espantado. A cara de Mala apareceu-lhe diante dos olhos e, subitamente, ficou aterrorizado com a hipótese de ter sido descoberto.

— Olha para ele, todo corado — insistiu Lubusch num tom jocoso, mas simpático. — Uma miúda! Quem diria? Sempre me saíste um Romeu de primeira! — E ria-se, com gargalhadas genuínas e descontraídas que Edek nunca lhe tinha ouvido antes.

Edek fez menção de começar a protestar, mas depois calou-se. E porque não havia de ser uma miúda? Era uma explicação perfeitamente razoável, com a qual, além disso, Lubusch poderia identificar-se. Baixou, pois, a cabeça, reconhecendo silenciosamente a derrota.

— Como é que ela se chama?

— Mala — sussurrou Edek.

— É polaca?

— É judia. Judia-política — corrigiu rapidamente. — Usa um triângulo vermelho por cima do amarelo.

— Não posso acreditar! — Por esta altura, Lubusch estava exuberante. — E nós a falarmos sobre isso. Sobre a possibilidade de te apaixonares por uma judia hipotética. Que me dizes a isto? Eu devia era ir viver para um acampamento de ciganos e trabalhar como vidente a tempo parcial. Muito bem, Galiński. Vais ser transferido. É o meu presente de Natal.

Lubusch deu meia-volta para entrar na oficina e Edek foi atrás dele, submerso num sentimento de profunda gratidão. *Salvo*, pensou com enorme excitação, disfarçando o enorme sorriso que lhe cobria o rosto.

Lá dentro, os berros enfurecidos do *Kapo* Vasek ouviam-se duma ponta à outra da oficina. O homem tinha ordenado aos prisioneiros que se alinhassem diante da parede e, a avaliar pelos lábios gretados e narizes a sangrar, já começara o interrogatório a respeito da máquina encravada. Estava tão concentrado a espancar as suas vítimas que nem se apercebeu de que o superior tinha entrado na oficina.

— Julgam que não sei o que andam a tramar, seus macacos espertalhões? Acham que vão continuar a safar-se com essas brincadeiras? É a terceira vez que a mesma máquina encrava este mês.

Aham que não sei que é um de vocês que a encrava? Juro-vos: assim que descobrir quem foi o porco, parto-lhe os ossos todos das mãos! — E, qual fiel servidor do regime nazi, Vasek acompanhava cada frase com uma cacetada no torso ou na cabeça de um dos prisioneiros.

— Em sentido!

Edek sentiu um estremeção nos ombros ao ver Lubusch a berrar ao lado dele. O SS parecia completamente furioso.

O *Kapo* deu meia-volta e tirou imediatamente o chapéu.

Lubusch cobriu a distância entre ele e Vasek a passos largos.

— Com ordem de quem?! — berrou diante da cara do *Kapo*. — Estou a perguntar-te quem foi que te autorizou a mutilar os meus operários!

Vendo que Vasek não se conseguia explicar, Lubusch prosseguiu o raspanete ainda com maior entusiasmo.

— Se deixas metade deles inutilizados, quem vai cumprir a quota deste mês? Tencionas ser tu a oferecer-te como voluntário? — E deu-lhe um empurrão com tal força que Vasek cambaleou para trás, apesar da sua boa forma física.

Edek viu uns quantos prisioneiros ocultarem rapidamente sorrisinhos satisfeitos.

— Tencionas?! — Por esta altura, Lubusch mostrava-se bastante homicida.

Vasek resmoneou qualquer coisa sobre uma sabotagem e prometeu apresentar provas, se *Herr Unterscharführer* o ajudasse a desmontar aquela porcaria.

— Tu não fazes a menor ideia de como é que a máquina funciona e estás disposto a afirmar, com certeza absoluta, que se trata de sabotagem? — perguntou Lubusch em tom trocista.

Ocorreu a Edek que a ideia de Lubusch era manter o *Kapo* longe da máquina, atemorizando-o, mas, estranhamente, o ataque estava a ter o efeito inverso: Vasek começou a puxar as peças como se estivesse possuído e, tal como Lubusch receara, descobriu mesmo uma pecinha metida no mecanismo — pecinha essa que mostrou ao superior com o ar de uma criança em busca desesperada pela aprovação de um adulto.

Agora, nem o *Kommandoführer* podia salvá-los. Tendo-se juntado à fila dos seus companheiros, Edek viu o ilustrador olhar para as mãos com uma expressão trágica. Todos conheciam bem os métodos punitivos de Vasek. Todos sabiam que ele cumpriria a sua ameaça.

— Muito bem. — O *Kapo* voltou-se para eles com uma expressão de vitória e deu uma pancadinha com o bastão de madeira na palma da mão; Edek sentiu-se nauseado, antecipando já os ossos partidos. — O culpado quer ter a decência de se apresentar voluntariamente para eu lhe recordar os nossos princípios, ou vamos ter de fazer isto da pior maneira? Vinte e cinco chicotadas a metade dos presentes. A mim, tanto me faz. É-me indiferente quantos têm de sofrer por causa de uma ideia, seus conspiradores fedorentos.

Ninguém se mexeu. Todos tinham os olhos postos no chão de cimento. Lubusch foi-se embora, repugnado — com o *Kapo*, evidentemente, não com os prisioneiros — e os seus passos ecoaram com força no profundo silêncio. Edek compreendeu a atitude do SS: se estivesse no lugar dele, também não gostaria de assistir ao que se ia passar.

Lubusch poderia ter impedido Vasek de levar a sua avante, claro. Podia ter-lhe ordenado que não castigasse os homens. Vasek ficaria a olhar para ele, perguntando a si próprio se *Herr Kommandoführer* teria perdido o juízo. Obedeceria, como era seu dever, mas depois apresentaria discretamente uma queixa ao Departamento Político, e seria o fim do *Unterscharführer* Lubusch. Os guardas benévolos tinham começado a ser enviados para a frente oriental, para aprenderem a amar os inimigos. Daí em diante, qualquer alemão que usasse uniforme e tivesse uma pontinha de consciência passara a ter um enorme cuidado para não exibir os seus sentimentos.

— Vamos então proceder às 25 chicotadas a homem sim, homem não — concluiu Vasek cordialmente, ao ver que ninguém avançava, e apontando para o primeiro.

Edek viu que se tratava do historiador. O homem avançou para a mesa de trabalho com uma expressão resignada e apoiou os dois braços no tampo, mostrando as coxas ao chicote do *Kapo* Vasek — a posição regulamentar de um prisioneiro condenado a esse suplício.

OuvIU-se um murmúrio na fila, com os prisioneiros a exigirem que o culpado se identificasse.

Pelo canto do olho, Edek viu o ilustrador abrir e cerrar os punhos, totalmente desesperado. Era muito solicitado entre a população local de SS, que lhe encomendava retratos seus e dos entes queridos com invejável regularidade. O homem partilhava, não raras vezes, o sonho de abrir uma galeria de arte quando fosse libertado de Auschwitz. E toda a gente afirmava que teria sucesso, porque tinha grande talento.

O ilustrador fez um ligeiríssimo movimento para diante, mas, nesse preciso momento, Edek avançou para o *Kapo* e postou-se firmemente diante do corpulento homem.

— Fui eu. Fui eu que encravei a máquina.

O *Kapo* fez um sorriso malévol, que lhe encheu por completo a face, e aconselhou o historiador a desaparecer antes que lhe acontecesse alguma coisa, voltando as suas atenções para Edek.

— Muito bem, corajoso marinheiro. Então, vamos começar pelas 25 chicotadas, para te domar um pouco, e depois passamos ao castigo a sério.

Edek apoiou os braços onde o historiador tinha apoiado os dele, preparando-se para o que aí vinha. O *Kapo* começara logo a brandir o chicote, com 25 tiras.

— Sabes como isto funciona. Tu vais contando as chicotadas. Se te enganares, tenho de voltar ao princípio.

Ciente de que tinha os olhos angustiados dos companheiros do *Kommando* fixos em si, Edek inspirou fundo e logo sentiu o ar a sair-lhe à força com a primeira chicotada violenta.

— Uma — berrou, esforçando-se por controlar a voz. A sua vontade, ao sentir as tiras do chicote nas pernas, fora a de uivar.

Começou a sentir uma dor quente e cortante irradiar-lhe da parte de trás das coxas.

Segunda chicotada. Edek encolheu-se e os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas, que não conseguiu conter.

— Duas.

O sibilar do chicote, que começava por cortar o ar e a seguir lhe cortava a pele.

— Três.

Os joelhos começaram a tremer-lhe, ameaçando ceder. Um suor frio cobriu-lhe a face, e ele não sabia se era transpiração ou lágrimas que lhe corriam pela cara abaixo.

Nova chicotada.

— Quatro! — gritou, incapaz de manter a dignidade.

Novo sibilar. Nova chicotada a rasgar-lhe a pele. Sangue a correr-lhe pelas pernas abaixo; por entre a neblina das lágrimas, Edek viu as gotas carmesim caírem sobre o tampo da mesa quando o *Kapo* ergueu novamente o chicote.

— Cinco... — Teve de fazer um esforço enorme para se manter de pé, com a vontade que tinha de se render ao negro abismo.

— Chega!

Lubusch. A imagem do SS dançou diante dos olhos de Edek e, no meio daquela dor intensa, sorriu ao homem que fora socorrê-lo. Lubusch podia ter ficado sentado no conforto do seu gabinete, fechando os olhos a tudo aquilo; podia ter fingido que a decisão de o *Kapo* esfolar um dos seus trabalhadores não lhe dizia respeito. Os superiores de Lubusch já o tinham despachado uma vez para a unidade de punição do campo de concentração de Stutthof-Matzkau, precisamente por ter uma atitude compreensiva com os prisioneiros. À segunda, podiam muito bem mandá-lo para Auschwitz — e, desta feita, como prisioneiro, porque o Departamento Político não tinha o costume de dar uma segunda oportunidade de reeducação. E, no entanto, ali estava ele, nobre e de ar severo, o salvador de Edek em carne e osso.

A mão do *Kapo*, de chicote em punho, imobilizou-se no ar. O homem olhou para o seu superior com uma expressão interrogativa.

— Essas chicotadas são um castigo demasiado suave. Vou levá-lo para o *Strafblock*, para ver se ele aprende — declarou Lubusch, fazendo sinal a Edek para ir com ele.

Reunindo a energia que ainda lhe restava, Edek mal podia arrastar-se, mas fê-lo, qual cão moribundo que segue o dono.

— Eles tratam dele. São especialistas nisso.

Aparentemente satisfeito com a decisão, o *Kapo* Vasek fez um

grande sorriso e meteu o chicote novamente no cinto. Edek teve a convicção de que o instrumento não permaneceria ocioso durante muito tempo.

— Não te preocupes — recomendou Lubusch a Edek, assim que se viram no exterior. — Descansas um par de dias e a seguir deixam-te sair. Eu digo-lhes que és um dos meus melhores operários. Não vão fazer-te mal, prometo-te.

— Obrigado, *Herr Unterscharführer* — sussurrou Edek, inspirando avidamente o ar gelado.

Enquanto se deslocavam pelo caminho coberto por uma camada de gelo, foi lançando olhares de esguelha ao seu homónimo, sem saber bem o que mais tinha contribuído para lhe dar nova vida — se o frio cortante do vento, se as palavras de Lubusch, que lhe haviam restaurado a fé na humanidade.

Capítulo 9

Birkenau

Mala deteve-se ao ver que não era Edek, mas o amigo dele, que estava à sua espera na sauna. Era um jovem elegante, de pele um pouco mais escura que Edek, testa alta e uns pensativos olhos castanho-escuros. O rosto do jovem iluminou-se ao vê-la, e até acenou; mas Mala — que já tinha visto muitos membros da Resistência local suspensos numa forca por terem confiado em quem não deviam — não conseguiu deixar de se mostrar desconfiada.

— O que foi que aconteceu ao teu amigo? — perguntou à queimadura, à laia de cumprimento.

— Segundo a nota que o *Kapo* do bloco de punições me fez chegar, conseguiu ir parar ao *Strafblock* — respondeu ele com ar quase bem-disposto, estendendo-lhe a mão. — Eu sou o Wiesław.

Ao ouvir a referência ao *Strafblock*, Mala sentiu gotas de suor a nascerem-lhe nas têmporas. O sangue fugiu-lhe das extremidades, deixando-a gelada de medo, mas as suas feições não revelaram qualquer emoção.

— Mala — anunciou, apertando a mão que Wiesław lhe estendera. Ciente de cada um dos seus movimentos respiratórios, conseguiu, ainda assim, manter um tom de voz controlado. — O que foi que ele fez para ir parar ao *Strafblock*?

— Nada que tenha que ver com o nosso assunto — apressou-se Wiesław a descansá-la, baixando a voz, embora não houvesse ninguém a prestar-lhes atenção. — Acusou-se para proteger um colega que tinha sabotado uma das máquinas.

— Mas porquê? — perguntou Mala, genuinamente surpreendida. Os atos nobres e altruístas eram uma raridade em Auschwitz. Aqui, reinava o salve-se quem puder; era cada um por si.

Wiesław encolheu os ombros.

— O Edek é assim. Não consegue ver pessoas a sofrer. Somos da mesma cidade, mas só ficámos amigos no percurso para cá: vínhamos na mesma carruagem. Ele era o único que tinha treino militar, por isso, assim que nos fecharam, começou a organizar-nos, para termos alguma ordem. Quando chegámos a Auschwitz, anunciou que os mais velhos ficariam com os melhores beliches e teriam ração dupla. Vinham connosco alguns homens de certa idade, essencialmente médicos, clérigos e professores, enfim, a verdadeira *intelligentsia* polaca, ao contrário de nós, que tínhamos sido presos por sermos jovens e capazes. Naturalmente, houve quem não gostasse; há gente assim em toda a parte. Para dizer a verdade, havia um sujeito que estava a pedir uma tarefa desde que saímos do comboio; quando ele se recusou a ceder o beliche a um professor de certa idade, o Edek enfiou-lhe um par de bojudas no focinho. E a discussão acabou ali. — Soltou uma pequena gargalhada, enternecido com a recordação. — Desde essa altura, temos sido grandes amigos. O nosso Edek é um homem de primeira classe.

Mala percebeu que também estava a sorrir.

— Quer dizer que ele fez parte do exército?

— Não propriamente. Era cadete da Escola Naval quando a guerra começou. Está sempre a dizer, na brincadeira, que a Gestapo o prendeu por causa do seu belo uniforme de marinheiro.

Mala sorriu ainda mais. Só mesmo uma pessoa com sentido de humor conseguiria dizer piadas sobre ter sido presa, em especial tendo passado pela polícia secreta alemã.

— Foi espancado?

— Naturalmente — respondeu Wiesław, como se fosse óbvio. — Todos nós levámos umas belas estaladas durante várias semanas antes de nos mandarem para aqui.

— Eu fui presa pelas SS — informou Mala com o olhar perdido no infinito.

O passado voltou a erguer-se das sombras, esse passado cuja recordação era tão dolorosa, mas impossível de esquecer. Mala achava sempre estranho que as suas memórias fossem acompanhadas de

odores — do fumo ao óleo das máquinas dos comboios, do seu próprio perfume francês aos *Chesterfield* que o caixeiro-viajante sentado a seu lado fumava consecutivamente, ao suor azedo e rançoso do uniforme de lã do SS que se aproximara dela com a mão no coldre. O homem tinha reparado em Mala assim que ela saíra do comboio na Estação Central de Antuérpia, o que não era de espantar: a estrela amarela que, sendo judia belga, tinha sido obrigada a usar por ordem das forças de ocupação, chamava a atenção. Os pais tinham-lhe implorado que não corresse esse risco, mas Mala decidira deslocar-se à capital, onde, segundo se dizia, era possível encontrar esconderijos para judeus. Não para si, pois Mala não era do género de se esconder, mas para o pai, que estava cego, e para a mãe, uma mulher tão frágil que não aguentaria um só dia no cativeiro da Gestapo. Para si, tinha planeado passar à clandestinidade através dos seus contactos na organização de juventude Hanoar Hatzioni, e combater os nazis até à vitória final, ou até à morte — logo se veria qual dos dois acontecimentos teria lugar primeiro. Mas o guarda das SS, com a sua túnica encharcada em suor, tinha logo posto fim àqueles planos: «Documentos, por favor». E assim, em vez de aderir à Resistência, Mala fora trabalhar para o registo de entradas dos Barracões de Dossin, em Mechelen, local onde eram detidos e de onde eram deportados os judeus. Concluído o processamento destes, fora despachada, juntamente com os outros trabalhadores do registo, para Auschwitz. *Muito obrigado pela sua ajuda; infelizmente, já não precisamos de si; as câmaras de gás ficam aí à direita.*

Era uma história tão pessoal e tão dolorosa que não podia contá-la a uma pessoa que acabara de conhecer. Por isso, soltou um suspiro e respondeu apenas:

— A nós, não nos bateram nem nos acusaram de coisa nenhuma. Meteram-nos num comboio por sermos a escumalha judaica que lhes contaminou a atmosfera ariana com o nosso hálito putrefacto. E estou a citar.

Wiesław desviou os olhos, visivelmente incomodado.

— Lamento muito — murmurou, escondendo as mãos nos bolsos.

Mala encolheu os ombros num gesto de indiferença. *É a vida.*

— Não podemos ir para um sítio onde estamos sozinhos? — perguntou ele, olhando-a de relance. — Tenho uma coisa para te dar. Do Edek.

Mala recuou para o canto menos iluminado da sauna, onde o brilho amarelo do candeeiro quase não chegava, e voltou-se para ele.

— Chega-te mais. — Pegou-lhe na manga e puxou-o para si. — Não quero que ninguém veja.

O carmesim intenso que cobriu a face de Wiesław deu a perceber que não estava habituado às trocas amorosas que a maioria dos prisioneiros ia ali procurar. Mala sentiu-se quase enternecida.

— Não te preocupes que não te vou beijar — brincou com simpatia. — Diz lá, o que tens para me dar?

Wiesław passou a língua nervosamente pelos lábios, antes de meter a mão no bolso de forma desajeitada.

— Depois de te conhecer, ele combinou comigo que, se lhe acontecesse alguma coisa, eu viria ter contigo para te trazer isto. — E tirou do bolso uma mão-cheia de aparas e peças de metal.

Mala ficou a olhar para elas por momentos, sem palavras. Depois, como que caindo em si, abriu rapidamente o bolso para ele meter tudo aquilo lá dentro.

— Confesso que não percebo a piada... — comentou Wiesław com um sorrisinho embaraçado, transferindo os objetos do seu bolso para o de Mala. — Esperava que ele me pedisse para te trazer algo comestível, mas ele disse-me: «O que ela quer são restos de metal, deve ser para uma coisa extremamente importante».

— E é — confirmou Mala baixinho, sentindo as faces a aquecer. Ainda lhe custava acreditar que Edek estivesse mais preocupado com o pequeno contrabando que ela fazia do que com as suas coisas.

— Para que precisas disto? — perguntou Wiesław, curioso.

— Pela mesma razão que vocês querem o *Ausweis* — explicou Mala calmamente. — Para espetar na cara dos nazis um dia destes.

Brilhava-lhe nos olhos o mesmo aço que tinha agora nos bolsos. Wiesław acenou a cabeça num gesto respeitoso e estendeu-lhe uma vez mais a mão, agora com uma expressão solene.

— Um dia destes.

— Um dia destes — repetiu Mala com um sorriso, passando por ele e desaparecendo no meio da multidão.

Capítulo 10

Auschwitz

No princípio, era a escuridão e uma dor intolerável. Depois, a dor abrandou e foi apenas a escuridão, fria e impenetrável, com um cheiro assustador a terra molhada e ao corpo do próprio Edek. As celas de castigo eram tão estreitas que, quando ele se esticava, os calcanhares e o alto da cabeça ficavam totalmente encostados ao chão e ao teto; nesses momentos, a fantasmagórica e perturbadora ilusão de estar enterrado vivo tornava-se completa.

Três vezes por dia, um prisioneiro-funcionário abria o postigo da porta e metia-lhe uma malga de sopa de nabo ou um naco de pão com queijo bolorento dentro da cela. Essas ocorrências permitiam-lhe perceber em que altura do dia estava e quantos dias tinham passado.

Nesse período, sentia-se grato por as rações serem minúsculas. Assim, quase não produzia excrementos e o fedor que emanava do balde que havia ao canto, e que lhe servia de sanita, não era demasiado intenso. O prisioneiro-funcionário, que era um sujeito compassivo, esvaziava-lho ao fim do dia, para que Edek conseguisse dormir umas horas sem estar sujeito à tortura do cheiro repugnante que se juntava à total escuridão. O mesmo prisioneiro também lhe meteu uns jornais pelo postigo, para Edek isolar a roupa e os pés. E, pouco depois, chegou-lhe um colchão de palha e uma manta, presentes inesperados que recebeu com enorme gratidão, porque à noite, quando o frio se instalava, as paredes da cela pareciam de gelo.

— A tua amiga manda-te cumprimentos. — O *Kapo* do *Strafblock*, o mesmo que tinha passado uma nota a Wiesław, a pedido de Edek, deu uma palmada afetuosa na manta antes de lha passar.

— A minha amiga? — perguntou ele, pestanejando, confuso.

— Claro. Achas que estou a dar-te isto porque sou uma pessoa

muito bondosa? — O *Kapo* soltou uma enorme gargalhada. — Tu deves ser mesmo um ás na cama. Ela deu-me um salsichão fumado inteiro para eu tomar conta de ti.

E preparava-se para fechar o postigo, quando Edek meteu as mãos no meio, correndo o risco de ficar com os dedos esmagados.

— Espere! *Herr Kapo*, como é que ela se chama?

Foi a vez de o *Kapo* ficar a olhar para ele com um misto de espanto e respeito.

— Porquê, tens várias, seu cão? — E a barriga tremia-lhe de riso. — Não sei o nome da miúda. Não se quis apresentar, para minha grande pena.

— Como é ela?

— Parece a Caracóis Dourados do conto infantil. É linda que se farta. Uma verdadeira princesa — respondeu o *Kapo* com um sorriso irónico, fazendo sinal a Edek para tirar as mãos do postigo, para que ele pudesse fechá-lo.

Mala. A evocação do nome aquecia-o mais do que qualquer manta. *O anjo. A salvadora*. Edek estava convencido de que, sem os jornais e a manta de lã em volta do corpo, teria morrido de frio numa das noites, especialmente fria.

Ali fechado e isolado, Edek tinha muito tempo para pensar. Pensou muito no seu passado, e sonhou ainda mais com o futuro. Sempre que contemplava o passado, a primeira pessoa que via era o pai, um simples canalizador, que tivera o sonho de o filho ser oficial e tinha empenhado as suas parcas economias na compra do novo uniforme de Edek. O velhote tinha lacrimejado da primeira vez que lho vira vestido. Recordando o amor altruísta do pai e o seu abraço caloroso, foi Edek que teve de enxugar as lágrimas com as costas da mão. Metido naquele saco de betão, espancado e cheio de fome, a coisa que mais falta lhe fazia era a sua casa: a comida da mãe e os beijos na testa, a língua molhada do cão na cara e o calor do corpo do bicho contra as suas pernas durante a noite. Só que, agora, a sua casa era em Auschwitz e, em vez dos braços amorosos do pai, tinha de se confrontar com os punhos fechados de Vasek.

Quando as memórias da família começaram a tornar-se demasiado

dolorosas, Edek voltou os seus pensamentos para o futuro, onde havia sempre uma floresta densa, a sua equipa de *partisans* e os nazis que ele e os novos camaradas prenderiam, contribuindo para libertar a pátria do jugo do Reich duma vez para sempre. Edek sonhava com feitos heroicos, mas os seus pensamentos estavam constantemente a desviar-se desse rumo e a fixar-se em Mala, no seu rosto de beleza perturbadora, nos seus lábios trocistas: *E que mais? Também queres um Mercedes com motorista?*

Edek acabava invariavelmente a soltar uma pequena gargalhada quando se recordava desse único encontro, espantado com a sua capacidade de se rir. Enterrado vivo naquele caixão coberto de gelo, as palavras de Mala permitiam-lhe manter a sanidade, contando os dias até ao próximo encontro com ela. Tinha a certeza de que voltariam a encontrar-se, como tinha a certeza de que ela cumpriria a promessa de lhe arranjar um *Ausweis* — e a seguir, com a ajuda de Lubusch... Nesse ponto do raciocínio, sem saber bem porquê, Edek perdia o fio à meada.

No sexto dia, ao pequeno-almoço — uma caneca de água com uma infusão de brometo, a que os alemães tinham a desfaçatez de chamar café —, Edek teve consciência de que já não conseguia ver a cara dos seus amigos imaginários do grupo de *partisans*: a imagem de Mala tinha-os substituído definitivamente e, de repente, não havia volta a dar. Isto empolgou-o, mas não deixou de o aterrorizar. De um momento para o outro, o *Strafblock* deixou de ter poder sobre ele.

Fico à espera, dissera a rapariga, embora a frase não significasse o que ele desejava; mas Edek nunca se sentira tão determinado a sair dali com vida.

Quando, ao nono dia, o guarda lhe abriu a porta, Edek percebeu que não conseguia andar, apenas gatinhar, como os animais, pois os seus músculos tinham enfraquecido demasiado após o seu confinamento solitário numa cela que não permitia qualquer movimento. Era precisamente assim que as SS os queriam — humilhados, submissos, reduzidos a um estado animalesco —, mas Edek recusou-se a dar ao guarda o prazer de o ver de joelhos mais tempo do que o necessário.

Apoiando-se na parede, tentando não gritar de dor com a tensão que impunha aos músculos, levantou-se e endireitou os ombros numa atitude de desafio. As pernas tremiam-lhe horivelmente; os olhos, desabituaados da luz, estavam cobertos de lágrimas. Ainda assim, levantou-se.

No quarto reservado aos interrogatórios e à aplicação de castigos, encontrava-se uma pequena delegação. Por entre um véu de lágrimas, Edek conseguiu reconhecer Lubusch e, ao lado dele, o novo *Kommandant*, Arthur Liebehenschel, rodeado por alguns ajudantes. Edek levou instintivamente a mão à cabeça, mas baixou-a de forma lenta, assim que se lembrou de que não tinha o seu barrete listado de prisioneiro, não tendo de o tirar, portanto, em sinal de respeito por um membro das SS.

Um oficial do Departamento Político dirigiu-se a Edek e leu-lhe a sentença relativa ao crime de sabotagem de produção: «... uma ofensa grave contra o esforço de guerra e o Reich alemão... um crime que terá de ser punido... solicitado pelo *Unterscharführer* Lubusch e aprovado pelo *Kommandant* do campo, *Obersturmbannführer* Liebehenschel...».

Edek mal ouviu o que o homem dizia; tinha os olhos fixos em Lubusch, e apenas em Lubusch, expectantes e implorantes. Para seu enorme alívio, o *Kommandoführer* fez-lhe um ligeiro aceno de cabeça, acompanhado por um sorriso. O sorriso permaneceu-lhe nos lábios apenas um instante, desaparecendo antes de ter sido notado. Mas, de repente, Edek deixou de estar em pânico e recomeçou a respirar.

Pelo que tinha percebido, seria novamente chicoteado, na presença do *Kommandant* do campo — a pedido do *Unterscharführer* Lubusch.

O *Kommandant* Liebehenschel, um homem elegante de pouco mais de 40 anos, pigarreou pela enésima vez. Edek viu-o abrir e fechar as mãos, olhando em volta como se procurasse desesperadamente uma via de fuga. Como se fosse ele que estivesse prestes a ficar com as nádegas em carne viva ao toque do chicote do executor.

Entretanto, o executor, um homem musculoso que mais parecia um buldogue, de cara vermelha com marcas de bexigas, dava instruções a Edek para assumir a posição correta para o castigo.

— Tira as calças — rosnou, apontando para o sítio onde Edek devia apoiar os braços. De repente, a cara do homem estava ao lado da de Edek, que sentiu o cheiro a tabaco de mascar no seu hálito. — Não vou bater-te com força — sussurrou, quase sem mexer os lábios —, mas grita o mais que puderes. Isto acaba num instantinho.

O pedido era singular, mas Edek estava há tempo suficiente em Auschwitz para saber que devia seguir o conselho.

O executor continuou a remexer na vítima, voltando-se depois para os distintos convidados, à espera de autorização para começar. A ordem foi dada pelo funcionário do Departamento Político.

Edek viu o *Kommandant* olhar para o chicote do executor, com esferas nas pontas, e empalidecer. Verdade seja dita que o carrasco o ergueu sobre o ombro, num gesto lento e dramático, dando muito nas vistas.

A chicotada caiu muito menos forte do que a de Vasek, mas Edek deu um grito tal que o *Kommandant* Liebehenschel ordenou ao executor que parasse imediatamente.

— As pernas dele — tartamudeou Liebehenschel, branco como a cal. — O homem já foi chicoteado. E essa coisa vale por dez chicotadas duma vez só — disse, apontando para o chicote com a mão a tremer. — Chega. Vais inutilizá-lo para a vida. Ele não torna a sabotar coisa nenhuma. Pois não? — E, nesta altura, Liebehenschel fixou em Edek os seus trágicos olhos pretos, implorando-lhe que confirmasse.

Com a voz a tremer, Edek prometeu que não tornava.

O *Kommandant* soltou um suspiro de alívio. — Então, está resolvido. Mandem-no para o barracão. Não! Esperem. Mandem-no para a enfermaria. Têm de lhe tratar daquelas feridas antes de ele poder voltar a trabalhar.

Depois de o *Kommandant* e a escolta se terem ido embora, Lubusch ofereceu-se para levar Edek ao hospital do campo.

— Espero que não fiques zangado comigo — observou Lubusch, dando-lhe uma palmadinha amigável nas costas enquanto saíam os dois da cave do bloco de punições. — O Departamento Político queria deixar-te lá ficar um mês. Eu sugeri-lhes uma alternativa irrecusável: um castigo exemplar na presença do *Kommandant*. O Liebehenschel é

um sentimental — explicou Lubusch com um sorriso cúmplice. — Não aguenta ver os prisioneiros sofrerem. Nem sequer se aproxima das câmaras de gás. Ia tendo um esgotamento nervoso quando viu as mulheres e as crianças serem conduzidas aos domínios do Hössler em Birkenau. Eu sabia que se conseguisse obrigá-lo a assistir, ele acabaria logo com o castigo.

— Obrigado, *Herr Unterscharführer*. — Edek estava mesmo a ser sincero.

Seguiram em silêncio lado a lado por momentos, Lubusch acertando o seu passo com os passos muito mais lentos de Edek.

— É verdade que ele atirou uma taça de champanhe ao retrato de Hitler? — perguntou Edek, por fim.

Lubusch ergueu ao de leve um dos ombros.

— Essa é uma das versões dos acontecimentos.

— Posso saber qual é a outra versão?

— Ele trocou a mulher por uma jovem de estatuto político irregular — replicou Lubusch de forma vaga — e recusou-se a abandoná-la quando os superiores lhe exigiram que o fizesse. — Calou-se por uns momentos, mas prosseguiu num tom cheio de romantismo. — Mandaram-no para cá para o castigarem, e ela veio atrás dele.

Ocorreu a Edek que Lubusch estaria a pensar na sua mulher, que fora com ele para a Alemanha a despeito do seu estatuto *racial*. Tentou desesperadamente deter o curso dos seus pensamentos, mas não conseguiu: de repente, começou a pensar o que diria Mala caso ele lhe propusesse uma fuga.

Capítulo 11

Birkenau

Mala estava a entregar a sua última aquisição a Kostek, a sua conexão no *Sonderkommando*, quando a sirene começou a tocar sobre o crematório. Os olhos de ambos voaram instintivamente para o teto. *Será possível?* Mala e Kostek trocaram um olhar cheio de esperança. *Será um ataque aéreo?* Os operários polacos civis que faziam pequenos trabalhos no campo não perdiam nenhuma oportunidade de comunicar «as notícias da guerra» à população local, para lhes dar alento. Os prisioneiros de Auschwitz sabiam que os Aliados tinham bombardeado várias cidades alemãs, mas não tinham visto nenhum avião aliado sobrevoar a zona desértica onde o campo estava situado. Todos tinham a convicção de que os soviéticos lá chegariam antes dos Aliados ocidentais, mas o Exército Vermelho ainda se encontrava muito longe, combatendo algures na Ucrânia ocidental, segundo tinham ouvido dizer ultimamente.

Quando as sirenes começaram a guinchar, tiveram a esperança de que tivesse ocorrido um milagre. Depois, porém, os berros alemães que tão bem conheciam encheram o ar frio de inverno das zonas exteriores, acompanhados pelo frenético ladrar dos cães, e as esperanças morreram, como acontecia com quase tudo em Auschwitz.

Pressentindo o perigo, Kostek agarrou na mão de Mala e puxou-a para o elevador, mas este parecia ter sido trancado. Soltando uma praga na sua língua original — só os membros das SS tinham as chaves daquela porcaria, explicou-lhe enquanto fugiam —, dirigiu-se à saída, com Mala a reboque, mas depararam-se com um grupo de homens do *Sonderkommando*, que avançavam apressadamente em sentido contrário, assustados, e que os empurraram para a câmara de gás.

— Toda a gente para dentro, já! *Schnell, schnell, schnell!* Depressa, depressa, depressa! — berrava o SS, acompanhando as palavras com o estalar do chicote.

Mala só conseguiu vê-lo de relance, mas reconheceu-o logo: era o *Hauptscharführer* Moll, um dos oficiais encarregados do *Sonderkommando* e do horrendo trabalho que estes homens faziam. Tinha uma face brutal, agora vermelha de fúria, e o cabelo arruivado em desalinho, coisa muito rara nele; as veias do pescoço tinham-lhe inchado com as ordens que gritava aos homens estupefactos; o olho saudável revirava-se-lhe numa dança louca, enquanto o olho de vidro se mantinha imóvel, sem sequer pestanejar, num contraste verdadeiramente aterrador.

— Para dentro da câmara e não saem daí, imbecis!

Uns quantos SS avançaram na direção do grupo de metralhadoras em punho, eliminando qualquer hipótese de revolta por parte do *Kommando*. Na confusão geral, Mala perdeu Kostek de vista.

— É uma armadilha! — disse alguém ao lado de Mala, com a voz carregada de amargura trágica. — Voltaram a enganar-nos.

Com as costas contra a coluna forrada com rede metálica, Mala olhava freneticamente em volta, tentando compreender o que se passava. Sentia o coração bater de forma caótica.

— O que se passa? — perguntou, sem se dirigir a alguém em especial.

Vários rostos voltaram-se para ela, olhando-a com afeto genuíno.

— Mais ou menos a cada seis meses, eles liquidam todo o *Sonderkommando* — explicou-lhe um homem que estava perto dela. — Depois de terem liquidado os nossos predecessores, jurámos que não cederíamos sem luta. Que haveríamos de perceber o que estava a acontecer...

— O nosso tempo ainda não acabou! — berrou uma voz enlouquecida. — Ainda não passaram seis meses. Ainda temos quatro semanas de vida!

— Estamos quase no Natal, seu porco SS! — gritou outro homem. — Vocês não têm coração? Vão matar-nos antes do dia santo?

Dolorosamente ciente do terror que tomava conta dela, Mala sentiu

que todo o seu corpo tremia. Os SS já estavam a levar mais homens para dentro da câmara, e estes traziam consigo o cheiro a cabelo chamuscado e pele queimada, pois eram os encarregados dos fornos do andar de cima. Os seus berros misturavam-se com os gemidos da sirene de ataque aéreo, ensurdecedores e apavorantes.

Por milagre, Kostek conseguiu voltar a localizá-la e, por instantes, o seu rosto refletiu um enorme alívio. Logo a seguir, começou a abrir caminho à força de cotoveladas em direção à porta hermética, onde os homens das SS brandiam os chicotes e as metralhadoras.

— *Herr Hauptscharführer!* — Kostek tentou chamar a atenção de Moll com uma voz carregada de desespero. Os seus dedos apertavam o pulso de Mala com toda a força. — Está aqui uma pessoa que não é de cá. Mala Zimetbaum, a estafeta da secretaria do campo.

Estavam agora diante dos guardas, Kostek ofegante. Ato contínuo, os canos de duas metralhadoras foram-lhes apontados diretamente ao estômago.

— Para trás! — berrou Moll, com a face contorcida de raiva.

— Mas ela não é... — Olhando assustado para as metralhadoras, Kostek tentava encontrar as palavras adequadas. — A *Lagerführerin* Mandl e o *Obersturmführer* Hössler não gostariam...

Moll atirou-se a ele com a velocidade de uma serpente venenosa. Começou por lhe acertar no queixo, fazendo-o cambalear para trás, apesar da forte constituição de Kostek, e a seguir lançou-se a ele, cobrindo-o de murros. Rendido, Kostek caiu ao chão e limitou-se a tapar a cabeça com os dois braços para se proteger das agressões. Só depois de lhe ter dado uns quantos pontapés no estômago e nas pernas é que Moll, ofegante e a suar profusamente, recuou. Todos os que se encontravam dentro da câmara ouviram o funesto ruído metálico da porta hermética a fechar depois de ele sair.

Mergulhados numa meia-luz, todos os olhos se dirigiram para os postigos do teto. A sirene continuava a bramir, mas estes mantinham-se fechados.

Mala agachou-se ao lado de Kostek, que ainda se sentia tonto, mas começava já a levantar-se, apoiado nos cotovelos dos camaradas. Tirando o lenço da cabeça, Mala limpou-lhe a cara.

— Não te incomodes — disse ele, conseguindo fazer um sorriso manchado de sangue. Um dos olhos já tinha começado a inchar. — Dentro de poucos minutos, estaremos todos mortos.

Mala pensou dizer-lhe que era um ser humano e que aquilo era o que os seres humanos faziam uns pelos outros, mas depois percebeu que a sua lógica tinha algumas falhas. Não: os humanos tinham perdido o direito de afirmar que aquilo que os separava dos animais era a sua humanidade. Até os animais se ajudavam entre si; Mala já tinha visto uma galinha aquecer crias de patos órfãs, debaixo das suas asas, numa quinta na Polónia. Os seres humanos eram a espécie mais hipócrita de todas, porque tinham proibido as mulheres arianas de abortar, mas não hesitavam em atirar crianças judias para as câmaras de gás; proclamavam a ajuda ao próximo, mas expulsavam das suas costas navios carregados de refugiados, condenando-os assim à morte; enchiam a boca com os seus valores cristãos, mas quando eram chamados a dar abrigo aos perseguidos, fechavam a porta de suas casas e expulsavam os invasores das suas propriedades com armas e imprecações.

— Tu tens sangue na cara, e quando alguém tem sangue na cara, limpa-se — replicou ela, simplesmente.

Os lábios gretados de Kostek abriram-se num sorriso.

— Este mundo seria bem melhor se todos fossem assim.

— Esperemos que as gerações futuras aprendam com os nossos erros.

— Achas mesmo que é isso que vai acontecer? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha num gesto de ceticismo. — Se queres saber, olhando para os milhares de anos de conflitos sangrentos que já levamos, há muito tempo que perdi a fé na humanidade.

— Eu também. Mas ainda tenho fé em alguns seres humanos. Neste momento, tenho fé em ti. — Mala fixou os olhos nele. — Sabias que eles estavam prestes a matar-te e, ainda assim, arriscaste a vida para me salvar.

— E tu já tinhas arriscado a vida ao vir aqui. — Kostek desviou o rosto, subitamente incapaz de a olhar nos olhos. — Perdoa-me, Mala, por favor.

— Não tenho nada a perdoar-te — replicou ela, com um doce sorriso. — Fiz o que tinha de fazer.

Os ombros de Kostek começaram a tremer à luz mortiça do interior da câmara, mas Mala não conseguiu perceber se ele estava a chorar ou a rir-se com tristeza.

O sol começara a descer no horizonte, mas a sirene continuava a lançar a sua música demente sobre o enorme campo. Era agora acompanhada por holofotes, cegando os prisioneiros alinhados diante dos respetivos locais de trabalho e barracões. Tinham passado várias horas em sentido e já quase não sentiam as extremidades, que lhes pareciam ter congelado e colado ao solo. A princípio, haviam tremido intensamente; a seguir, começaram a ficar apáticos e sonolentos, tendo de dar cotoveladas uns aos outros para que todos respondessem o exigido *Jawohl* — presente — sempre que um dos SS chamava o seu número. Por esta altura, havia muitos caídos na neve, e eram os companheiros que gritavam ao ouvir os números deles, levantando-os para os guardas lhes verem as faces mortas, já cor de cinza.

Os pacientes da enfermaria — pelo menos aqueles que conseguiam andar — também tinham sido mandados para o exterior pelos médicos das SS, e os prisioneiros-funcionários controlavam os números dos acamados nos barracões que serviam de hospital.

Edek já não sentia os lábios, mas tinha a certeza de que estava a sorrir, ali de pé, na chamada interminável e com um frio glacial. É que ele sabia o que significava o guincho incessante da sirene.

Alguém tinha tentado o impossível, e tinha conseguido.

Alguém tinha fugido de Auschwitz.

— De que estás a rir? — Os lábios roxos de Roman quase não se mexeram. Companheiro de beliche de Edek, também tinha sido mandado para a enfermaria para recuperar do espancamento de um *Kapo* que lhe tinha deixado marcas dolorosas nas nádegas e a precisar de ser operado. — Ainda é possível que o apanhem.

— Já não o apanham. — Os olhos febris de Edek olhavam intensamente a noite, iluminados pela esperança. — Por esta altura, já ele vai muito, muito longe.

— Eles têm os cães.
— Aqui à volta, é tudo pântanos. Ele despista-os num instante.
— O mais provável é ter-se afogado num desses pântanos, o idiota sem juízo.

— Não afogou nada.
— Como é que sabes?
— Sei. — Edek tentou encolher os ombros, mas não percebeu se tinha conseguido. Há muito tempo que perdera a sensibilidade nas extremidades. — Ele tem de estar vivo. Se não estiver, mais vale atirar-me já ao arame.

Desta vez, Roman não argumentou. Tinha percebido.

Mala nunca tinha pensado que se sentiria aliviada ao ouvir a voz de Hössler, o diretor do campo. O homem falava-lhes do outro lado da porta hermética, mas a ansiedade do grupo que se encontrava lá dentro era tal que todos tinham sustido a respiração, conseguindo por isso ouvir nitidamente todas as palavras do *Obersturmführer*.

— Ouçam, homens. Houve uma fuga. Até agora, só detetámos a falta de um prisioneiro, mas ainda não sabemos se ele tinha cúmplice ou cúmplices.

Mala sentiu a garganta secar-lhe. *Edek*? Não podia ser. Wiesław tinha-lhe dito que ele estava metido no *Strafblock*. E o *Kapo* havia confirmado a informação, quando ela o subornara para levar um colchão de palha e uma manta quente a Edek.

Pôs-se a ouvir com mais atenção.

— Vamos abrir esta porta, para fazer a chamada ao vosso grupo — prosseguiu Hössler com a sua voz bem modulada. — Temos metralhadoras no corredor. Se algum de vocês tentar fugir ou fizer alguma idiotice, não teremos grandes alternativas senão disparar sobre todos. Não queremos fazê-lo, e de certeza que vocês também não. — Fez uma pausa, para permitir que todos absorvessem a informação. — Como vosso líder, posso contar com a vossa sensatez e bom comportamento?

O *Sonderkommando* tinha razão: Hössler sabia falar, pensou Mala. Ao contrário de Moll, que tinha berrado com toda a força da sua fúria,

Hössler falava num tom ponderado, apelando à lógica. Mala percebia agora como é que ele conseguia convencer os recém-chegados a Auschwitz a avançarem direitinhos para a câmara de gás, sem a menor suspeita do que lhes ia acontecer. Era difícil não acreditar nas mentiras que ele dizia; e era ainda mais difícil distingui-las da verdade.

— Acho que a ideia deles não é gasearem-nos — sussurrou Mala a Kostek. — Já nos têm fechados cá dentro. Bastava-lhes soltar o gás, não precisavam de estar com tanta conversa sobre o fugitivo.

Houve umas quantas cabeças que se voltaram para ela. A última coisa que Mala queria era dar-lhes esperança quando podiam ser todos mortos dentro de momentos, mas não fazia sentido que Hössler estivesse a mentir-lhes.

— Então? — perguntou Mala a um homem que tinha uma braçadeira de *Kapo*, dando-lhe uma ligeira cotovelada nas costelas. — Avança. Diz-lhes que estamos de acordo, antes de eles mudarem de ideias e nos gasearem a todos só porque sim. No fundo, é mais fácil contar cadáveres do que seres humanos vivos.

Este último argumento levou-os à ação e, de repente, várias vozes começaram a identificar-se como chefes do *Sonderkommando* e a prometer total cooperação.

Passado um longo minuto de tortura, o som da manivela da porta a voltar-se do lado de fora quebrou o silêncio carregado de tensão. Quando a pesada porta de metal se abriu — lenta e cautelosamente —, a primeira coisa que os prisioneiros viram foram os canos de três metralhadoras a bloquear o estreito corredor. Atrás dos guardas que as manejavam, estava a nata dos SS do crematório, também de armas na mão.

Hössler era o único que não estava armado. Imperturbável, tinha na mão uma prancheta, com um lápis mecânico preso com uma guita.

— Comecem a encostar-se todos o mais possível àquela parede — ordenou, indicando o lado esquerdo da câmara de gás. Os prisioneiros obedeceram e ele aprovou o movimento com um aceno de cabeça. — Ótimo. Agora vamos fazer a chamada. Quando percebermos que não falta ninguém, serão todos libertados.

Os homens trocaram olhares ansiosos e, a seguir, todas as cabeças se voltaram novamente para Hössler.

— Quando eu disser o número de cada um, avançam, dizem *Jawohl* e, depois de confirmar quem são, passam para o lado direito.

— Para que nenhum macaco espertinho possa dizer «presente» por um camarada ausente — completou Moll, com um sorriso velhaco na face.

Hössler voltou-se para ele, irritado com a interrupção, e olhou-o de tal forma que Moll recuou imediatamente para a sombra, colocando-se fora do alcance da ira do seu superior.

O primeiro a passar dum lado para o outro da ampla sala foi um polaco com um número baixo — era um dos veteranos do campo, tal como Edek. Não tardou que mais e mais prisioneiros fossem passando para o outro lado. Hössler teve um sobressalto ao detetar Mala entre o grupo da esquerda, agora bastante reduzido.

— Mala? O que estás aqui a fazer?

— Vim trazer uma mensagem da *Kanada* ao Kostek — explicou Mala a toda a pressa. — O *Kommandoführer* deles vai de licença e estão a fazer o novo horário para os camiões virem buscar as roupas dos crematórios.

Tecnicamente, não era mentira. Mala tinha experiência suficiente na vida do campo para ter uma boa desculpa para estar em sítios onde não devia estar, sempre que andava a tratar dos assuntos da Resistência.

— Porque é que ninguém me informou disto? — Hössler voltou-se para os seus subordinados, furioso. Como que obedecendo a uma ordem, todos pousaram os olhos nas botas, achando-as repentinamente fascinantes. — Fiz-lhes uma pergunta. — Hössler não levantou a voz, mas todos os presentes, tanto os prisioneiros como os SS, suspenderam a respiração. — Porque é que a minha *Läuferin* está trancada aqui dentro, juntamente com o *Sonderkommando*, e ninguém me informou?

— *Herr Obersturmführer*, dê-me licença... — Mala deu um passo em frente, passando a língua pelos lábios. — O Kostek tentou alertar o *Hauptscharführer* Moll para a minha presença, mas... — Deixou as

palavras propositadamente em suspenso no silêncio carregado de tensão.

Hössler tinha reparado na cara marcada de Kostek. Mala não precisou de concluir a explicação.

Moll olhou para Mala numa fúria silenciosa, com a face vermelha de raiva e a mão a apertar a coronha da arma, como que ansioso por pô-la a funcionar. *Sua grande cabra, sua judia insolente*, dizia a sua expressão contorcida, *não me vou esquecer disto*.

— Vem cá. — Hössler fez-lhe sinal com a prancheta. — Põe-te aqui ao meu lado. Daqui a nada, volto para a secretaria e tu vais comigo.

— *Jawohl, Herr Obersturmführer*.

Mala passou por entre as metralhadoras e só recomeçou a respirar normalmente quando se encontrou ao lado de Hössler.

— Trato de ti mais tarde — prosseguiu o diretor do campo, lançando um novo olhar assassino na direção de Moll. — Não transmitir informações destas ao superior é uma ofensa grave.

Mala postou-se de costas para Moll, mas sentiu-lhe o olho bom a abrir-lhe furos na nuca enquanto Hössler prosseguia a chamada. A satisfação de criar problemas a Moll para se vingar do que ele fizera a Kostek fora de curta duração. Mala acabava de fazer um inimigo, que daria cabo dela à primeira oportunidade, como só ele sabia fazer. Muito contra a sua vontade, Mala chegou-se uns milímetros a Hössler.

Quem lhe dera ter maneira de sair dali. Mas não, aquilo era Auschwitz, a morada da Grande Ceifeira, onde os SS colhiam almas a seu bel-prazer e todas as esperanças se desfaziam no fumo que saía pelas chaminés industriais. Aqui, a morte tinha muitas caras. Moll era apenas uma delas.

Capítulo 12

Edek não parava de passar a mão pelo novo macacão azul, o uniforme oficial do *Kommando* de manutenção de Birkenau. Ainda não se tinha habituado a ele, tal como não se tinha habituado a estar, neste momento, um pouco mais perto da liberdade. Lubusch havia facilitado a sua transferência para o setor D do campo masculino de Birkenau, depois de lhe terem dado alta da enfermaria. Edek prometeu solenemente a si próprio que, quando saísse dali, e quando a guerra acabasse, descobriria o seu homónimo, lhe apertaria a mão e tomaria uma bebida com ele — à liberdade e à fraternidade, e a que não houvesse outra guerra assim nos séculos vindouros.

— Estou a ver que estás de parabéns.

Edek deu um salto ao ouvir aquela voz, batendo com a cabeça no lavatório debaixo do qual estava a arranjar um cano. A recomendação de Lubusch devia ter sido excelente, porque os SS tinham-no mandado trabalhar nas suas instalações, onde os azulejos brilhavam de limpos, as sanitas eram de porcelana branca, a voz de Zarah Leander saía pelos altifalantes, cantando toadas de amor na rádio, e as paredes estavam forradas a espelhos (nos quais Edek não gostara especialmente de se ver).

— Mala. — De mão na cabeça, onde nasceria um belo galo no dia seguinte, Edek endireitou-se e ficou a olhar para ela com um sorriso muito parvo. A verdade é que, por mais que se esforçasse, não conseguiria apagar do rosto aquela expressão de alegria.

— Não partas a cabeça por minha causa. — Os olhos cor de caramelo da rapariga luziam de gozo. — Os SS tratam disso.

— Lá isso é verdade — reconheceu Edek, passando a mão pela zona dorida com uma ponta de vergonha. — Nisso pode-se sempre contar

com eles.

Mala ficou a observá-lo durante algum tempo com aparente interesse, e Edek também a observou, subitamente embaraçado, mas grato pelo *Kommando Kanada* lhe ter dado um macacão recém-desinfetado, que não cheirava a suor rançoso nem a óleo seco. Ao estudar a face de Mala, Edek descobriu que, estranhamente, a intensa luz artificial da latrina das SS não lhe salientava imperfeições, mas, pelo contrário, dava uma certa luminosidade à sua pele clara e radiante. À luz forte das lâmpadas, o cabelo louro explodia de cor, brilhante e saudável, como que a desafiar a doença e a morte que a rodeavam. Mas o que mais o atraía nela, e com uma força magnética inexplicável, eram os seus olhos cor de âmbar: tinham uma concentração tal de poder acerado e rebelde, ao mesmo tempo que irradiavam calor, que Edek sentiu que as camadas de horror pelas quais tinha passado se iam gradualmente soltando de cima dele como reboco seco. Durante uns momentos — poucos, mas preciosos —, sentiu-se livre do campo. Mala estava defronte dele, de mãos nos bolsos, radiante de vida, com o rosto frio da neve, e nem o tempo se atrevia a passar.

— Custou-me acreditar quando processei a tua ordem de transferência na secretaria do campo — comentou ela, quebrando a preguiçante pausa. — Pensei que tinhas sido tu a desertar do nosso pequeno paraíso na terça-feira passada.

— Sem me despedir de ti? Não me atreveria.

Ela ergueu uma sobrancelha numa expressão divertida.

— Estou a ver que o teu amigo Wiesław não mentiu. Na tua terra, devias ser um verdadeiro *Don Juan*.

Edek ficou a olhar para ela, mudo de horror.

— O Wiesław disse-te uma coisa dessas? — conseguiu finalmente tartamudear, disposto a matar o traidor assim que o encontrasse.

Mala atormentou-o durante uns momentos, olhando-o com uma expressão vazia, mas logo a seguir soltou uma gargalhada, e Edek pensou que nunca tinha ouvido som tom belo: as notas ecoaram pela casa de banho e, de repente, o campo pareceu-lhe um paraíso.

— Não disse, não. Estava a brincar contigo.

Edek soltou um suspiro de alívio.

— Não cheguei a agradecer-te pelo *Strafblock* — disse por fim, remexendo no alicate. — A manta e o colchão de palha.

— E eu não cheguei a agradecer-te as coisas que mandaste pelo Wiesław.

— Não queria que deixasses de as receber, caso... — Calou-se, sem saber como terminar a frase. Sem saber porquê, tendo-a ali à sua frente, com o seu cabelo louro como uma coroa e olhos que desafiavam a morte, não lhe parecia bem dizer «caso eu morresse». Na presença dela, nem sequer conseguia falar de morte. — Caso me acontecesse alguma coisa — acabou por concluir com muito cuidado.

— Eu não podia permitir que te acontecesse fosse o que fosse.

O tom em que ela disse aquilo era descontraído, mas Edek detetou uma mensagem oculta por trás das palavras, que lhe fez saltar o coração e lhe cortou a respiração.

— Obrigado — repetiu, amaldiçoando logo a sua própria estupidez, por não lhe ter dito o que realmente queria dizer.

— Não tens de quê.

O momento passara. *Idiota!* Edek fechou os olhos, as faces a arder de frustração.

Novamente cheia de sentido prático, Mala olhou em volta.

— Encontrei um *Ausweis* em branco. Mas há um problema.

Edek teve de fazer um esforço enorme para recuperar a calma, mas conseguiu.

— E que problema é esse?

— É preciso uma fotografia.

— Uma fotografia? — repetiu ele como se fosse um papagaio demente.

— Sim, uma fotografia do prisioneiro que o guarda das SS vai acompanhar. Eu percebo que não queiras revelar pormenores do teu plano, porque, vendo bem as coisas, mal me conheces, mas tenho mesmo de te perguntar se consegues arranjar uma fotografia. Nem sequer quero saber se é tua ou do Wiesław ou de ambos, porque vais ser tu a colá-la. Mas tens de ter uma fotografia.

— Tem de ser do Wiesław. O plano consiste em sairmos juntos pelo

portão: eu vestido de SS e o Wiesław na qualidade de prisioneiro que vou levar a fazer um trabalho no exterior. Tinhas razão, nenhum SS concordará em participar numa aventura tão perigosa. Mas talvez haja algum que se arrisque a dar-nos um uniforme antigo, e é precisamente com isso que estamos a contar.

Edek não fazia ideia nenhuma da razão que o levava a revelar todo o seu plano a uma mulher que mal conhecia; sabia apenas que confiava nela. Tinha-lhe contado um segredo que podia levar a que ele e o seu melhor amigo fossem executados e, no entanto, ali estava ele, a revelar-lhe os seus pensamentos mais sagrados, sem a menor sombra de dúvida de que ela mais depressa levaria o plano consigo para a cova do que o revelaria aos nazis.

Algo mudara na expressão de Mala: o sorriso irónico havia sido substituído por um olhar de espanto e incredulidade por ele se ter aberto com ela daquela maneira — e por mais qualquer coisa que Edek não conseguiu identificar com precisão.

Ela não lhe pediu mais pormenores, limitando-se a acenar a cabeça.

— Nesse caso, preciso de uma fotografia do Wiesław — confirmou entredentes, em tom solene, já a resolver mentalmente uma série de coisas.

— Há alguém em Birkenau que tenha uma máquina fotográfica? — perguntou Edek, embora já soubesse a resposta.

— Claro. E película e tudo. E uma sala escura escondida nas traseiras de um barracão. — Mala lançou-lhe um olhar de puro escárnio; ele, porém, em vez de chorar de desespero, soltou uma gargalhada de embaraço. Ela conseguia aligeirar as situações mais trágicas.

Mala começou a andar dum lado para o outro, de testa muito franzida, a pensar. Edek observava-a em silêncio, não se atrevendo a mexer-se para não a incomodar. De repente, ela deteve-se e olhou para ele.

— O Wiesław chegou no mesmo transporte do que tu, não foi?
Edek acenou a cabeça.

— Quer dizer que ele também tem um número baixo?

— Tem. — Edek susteve a respiração, sentindo que ela estava a

perseguir uma ideia, mas com receio de acreditar nela.

— Em 1940 e 1941, as SS ainda tiravam fotografias aos recém-chegados. Deixaram de o fazer quando a *Aktion* judaica começou a acelerar e eles deixaram de ter tempo de processar toda a gente. — Uma sombra cobriu o rosto de Mala pela referência à deportação em massa e ao extermínio dos judeus europeus, a maioria dos quais tinha ido parar às câmaras de gás de Auschwitz. — O que significa que ele deve ter uma fotografia no processo. Eu recebi as vossas ordens de transferência, mas não recebi os processos, que devem estar no gabinete central de Auschwitz. — Mala deu umas pancadinhas no braço com um dos seus compridos dedos, fitando Edek sem o ver e tecendo febrilmente os seus planos. — Eu podia ir lá buscá-los.

— E eles dão-tos?

— Se eu lhes disser que foram pedidos por Hössler, o diretor do campo, dão.

— E se eles ligarem a pedir confirmação?

— A minha amiga e colega Zippy atende o telefone e confirma.

— E se eles pedirem para falar diretamente com o Hössler?

Mala atirou-lhe um sorriso carregado.

— Ninguém pede para falar diretamente com o Hössler a não ser que seja obrigado. Confia em mim.

— Eu confio em ti — confirmou Edek, dando um sentido um pouco diferente àquelas palavras.

Seguiu-se uma longa pausa, com o granizo a bater na janela como se fossem os ponteiros de um relógio e a canção de Zarah Leander a sair dos altifalantes, propagando o som pelo campo fora. Edek esperava que Mala levasse algumas semanas a encontrar o processo, a fotografia e o maldito *Ausweis*, e já nem tinha a certeza de o querer. Começava a perceber que, quanto mais perto se encontrava da liberdade, menos a desejava. De repente, tornou-se-lhe notório que, sem Mala, a liberdade não teria grande valor.

A estrada de cimento de Auschwitz era uma alternativa bem mais agradável à estrada de terra batida de Birkenau. Estava impecável, porque o *Kommando* especial tinha acabado de limpar a neve; apenas

se via, junto ao Bloco 11 — o infame bloco de punições e execuções —, uma poça de sangue recente, com um rasto que ia dar ao antigo crematório. Mala contornou cuidadosamente a poça, aliviada por não se ter deparado com a carreta.

Entre os muitos horrores de Auschwitz, a carreta e o horrendo *Kommando* que a manobrava eram, para ela, dos piores. A carreta de madeira, com cadáveres empilhados até cima e puxada por quatro grotescos «cavalos» de prisioneiros, tinha sido uma das suas primeiras impressões de Auschwitz, e aniquilara por completo as suas esperanças de sair dali com vida. Acabada de chegar, enganada, como muitos outros, pelo *slogan* escrito sobre os portões do campo — que o trabalho a tornaria livre —, Mala tinha ficado colada ao chão a ver os prisioneiros retirarem os corpos pela janela dos barracões e transferirem-nos para os braços dos prisioneiros que manejavam a carreta.

O cérebro tinha-se recusado a processar a repugnante verdade que estava a presenciar, e Mala perguntara a si própria se aquilo seria uma oficina de costura e estariam a transportar os manequins para outro sítio. Gradualmente, porém, os seus olhos começaram a absorver mais pormenores: a carne cinzenta esticada sobre os ossos, os órgãos genitais, sobre os quais os membros do *Kommando* diziam piadas grosseiras — *Olha-me para os ativos daquele fulano! Devem ter-lhe dado bom serviço quando estava em casa* —, os crânios côncavos, de onde escorria matéria cerebral para as tábuas da carreta, caindo depois sobre o cimento imaculado; os olhos cegos e as bocas sem dentes, abrindo-se para um derradeiro grito silencioso.

Ainda hoje, Mala não conseguia dizer o que a aterrorizara mais: a visão da carreta, o horrendo som dos corpos a embater nas tábuas — que se ia tornando mais esbatido à medida que a carne ia sendo empilhada sobre a carne —, a meticulosa eficácia com que os membros do *Kommando* arrumavam a «colheita» do dia, como lhe chamavam a brincar... ou o alegre assobio do *Kapo* que acompanhava a carroça, puxada por prisioneiros cujo aspeto fazia prever que estariam no lugar daqueles mortos dentro de um ou dois dias.

Perdida neste pesadelo de memórias, Mala não se apercebeu de que

tinha ficado parada no meio da rua. Só emergiu do pesado ensimesmamento, obrigando as pernas a voltarem a andar, quando sentiu dois prisioneiros passarem por ela com baldes de água e escovas, debruçando-se sobre a estrada para limparem as manchas de sangue.

Foi caminhando por ruas bem conhecidas, com nomes estranhamente civis — rua das Cerejeiras, rua do Campo e, naturalmente, rua Adolf Hitler —, cujas placas eram acompanhadas por desenhos que retratavam a vida no campo: um prisioneiro a ser espancado por um *Kapo*, o cão de um SS a morder um prisioneiro nas nádegas — material cómico, que os guardas deviam achar delicioso. Passou pelos barracões vermelho-tijolo de dois andares, com os números iluminados por lanternas de luz intensa, e pelas árvores, por esta altura nuas e esqueléticas, muito mais adequadas ao campo do que nos períodos do ano em que se apresentavam em todo o seu orgulhoso esplendor de verde e flores, como que troçando da população local, à semelhança dos grosseiros desenhos que acompanhavam os nomes das ruas.

Finalmente, surgiu o edifício do *Kommandatur*. À entrada, estava um guarda a fumar, que Mala reconheceu das anteriores visitas ao gabinete central do campo. O homem — um jovem com uma conhecida fraqueza por coisas doces, usada pelos prisioneiros em seu benefício —, que se tornara uma espécie de traço distintivo do local, trazia à tiracolo uma arma que só devia ter usado nos meses de treino obrigatório. Ao contrário da maioria dos SS de Auschwitz, este não gritava, não batia em ninguém e, de uma maneira geral, preferia fazer turnos de sentinela no *Kommandatur* a lidar diretamente com os prisioneiros. Mala tinha uma forte suspeita de que ele não tinha grandes inclinações ideológicas; que preferia apenas não deixar que os ossos lhe gelassem num qualquer abrigo da frente oriental, sob o fogo pesado da artilharia soviética.

— Bom dia, *Herr Rottenführer*.

O jovem fez-lhe sinal para entrar antes de Mala ter oportunidade de lhe mostrar o *Ausweis*. Quase todos os habitantes de Auschwitz-Birkenau conheciam Mala e a sua braçadeira de estafeta.

— Bom dia, Mala. *Herr Kommandant* não está.

— Não faz mal. Venho só buscar o processo de um prisioneiro que foi recentemente transferido. Esqueceram-se de o mandar e *Herr Rottenführer* bem sabe que o *Obersturmführer* Hössler fica muito irritado quando a papelada não está em ordem.

— Então entra. — O jovem desviou-se para o lado e indicou-lhe a porta com uma certa premência teatral. — Não serei eu a arranjar-te sarilhos.

Avançando pelo corredor aquecido, Mala perguntou a si própria quantos guardas como ele haveria espalhados pelos territórios ocupados: gente inofensiva, mas que contribuía para o programa de extermínio de Hitler como peças bem oleadas de uma máquina funcional. Quantos médicos, professores, funcionários públicos e jornalistas detestavam as novas regras, mas não deixavam de as respeitar, porque tinham bons salários e uma vida aprazível. É certo que não suportavam o *Führer*, um criminoso da pior espécie, mas também é verdade que ele cumprira a promessa de transformar o país numa superpotência. E se não abrissem muito os olhos nem os ouvidos, não ouviriam os gritos das crianças judias arrancadas aos braços das mães nem veriam os malévolos Camisas Castanhas do Partido espancar os «anarquistas» nas ruas; e se se permitissem não pensar e confiassem na propaganda do líder, não teriam grande dificuldade em acreditar na escandalosa afirmação de que os rebeldes que se atreviam a criticar o regime e os crimes do *Führer* eram inimigos do Estado, cujas ações poriam em causa o estilo de vida dos cidadãos cumpridores da lei, razão pela qual deviam ser aniquilados ou presos — ou mandados para um campo de concentração, a fim de serem reeducados.

O *Führer* era verdadeiramente boa gente: até dava a estes malandros de esquerda, os antifascistas, a possibilidade de mudarem de opinião.

Abanando a cabeça num gesto de repulsa, Mala levantou o braço e bateu à porta. No interior da enorme sala que bem conhecia, estavam diversas prisioneiras a escrever à máquina com uma impressionante velocidade. O único oficial das SS presente, que devia estar a supervisioná-las, estava demasiado imerso num romance britânico de

espionagem — uma oferta da *Kanada*, pensou Mala, ocultando um sorriso, por saber que aquele tipo de literatura estava há muito proibido no Reich — para se interessar pelas suas explicações. Limitou-se, pois, a apontar com um gesto para o arquivo dos processos e virou uma página do livro, franzindo o sobrolho de concentração. O romance devia ser mesmo bom. Aproveitando tão óbvia negligência, Mala tirou do arquivo o processo de que precisava e foi-se embora em bicos de pés, fechando silenciosamente a porta depois de sair.

Só abriu o processo quando já tinha vários blocos a separá-la do *Kommandatur*, dando um suspiro de alívio ao ver a conhecida cara, que olhava para ela de três ângulos — direita, esquerda e centro.

Wiesław Kielar, prisioneiro número 290.

Fechando o processo, Mala estugou o passo com um grande sorriso a brincar-lhe nos lábios. Há muito que fazia ponto de honra em ajudar qualquer pessoa que precisasse dela, mas conseguir ajudar estes dois homens a fugir — se isso chegasse a acontecer — era uma coisa completamente diferente: eles queriam fugir para ir combater. Ela estava a ajudar os futuros *partisans*, os futuros combatentes pela liberdade, quiçá os futuros libertadores. E depois, quem sabe, talvez um dia eles entrassem novamente por estes portões e lhe dissessem, apertando-lhe a mão: «Mala, estás livre; viemos libertar-te, depois de tu nos teres libertado a nós», e partiriam todos juntos, e...

Virando a esquina, Mala cambaleou ao ver os mesmos prisioneiros ainda a limpar a estrada de cimento com as escovas. A superfície já não era carmesim-ferrugem, tinha passado a cor-de-rosa suave.

Só nos romances de espionagem é que havia finais felizes. Os futuros *partisans* que sonhavam demasiado alto acabavam por ir parar à carreta.

Mas ela seguiu em frente, porque era uma soldado obstinada e a rendição não constava, pura e simplesmente, das suas alternativas. Talvez fosse por isso que sentia tanta afinidade com Edek: ele também era um sonhador, ele também se recusava a capitular.

Capítulo 13

— Já apanharam o homem? — perguntou Edek.

O prisioneiro encarregado do armazém das provisões não precisou de esclarecimentos. Há algum tempo que o prisioneiro fugido era o tema de todos os mexericos.

— Não. Neste preciso momento, o malandro deve estar a beber champanhe num restaurante polaco, o felizardo — comentou o prisioneiro com um sorriso bem-humorado, estendendo um documento a Edek. — Assina aqui para a saída da pia.

— Que burocracia vai para aqui — murmurou Edek, algo surpreendido, desatando a rir quando Wiesław lhe apareceu das profundezas do armazém com uma pia enfiada na cabeça, completamente oculto por ela até aos ombros. — O que estás tu a fazer, seu miserável cabeça de burro? — perguntou, batendo no metal, e provocando um grito de protesto por parte do amigo.

— Para com isso, ou fico cheio de dores de cabeça! Tens outra sugestão para transportar esta coisa? É enorme! Se não gostas do meu método, leva-a tu.

Ao ouvir-lhe a voz, amplificada pelo ferro, até o prisioneiro do armazém sorriu.

— Tirámos à sorte e tu perdeste — contrapôs Edek sem se deixar perturbar, devolvendo a folha com a assinatura ao encarregado do armazém.

— Ora bem, esta coisa — começou o homem, apontando para a pia com a ponta do lápis — vai para a latrina do bloco de música e só para a latrina do bloco de música. Está percebido?

— Para onde havia de ir? — perguntou Edek, pestanejando, sem compreender a intimação.

O homem fez uma expressão astuta.

— És novo neste trabalho, não és?

Edek franziu o sobrolho.

— Birkenau não é Auschwitz — prosseguiu o outro, com ar de quem está a fazer uma palestra. — Aqui, impera o mercado negro. Tudo o que puder ser roubado será roubado. Tudo o que puder ser trocado será trocado. Não há nada que esteja fora do alcance seja de quem for. Daí a burocracia, como lhe chamaste. Os SS estão a tentar controlar os roubos generalizados. Foi por isso que te avisei acerca da pia: que nem sequer te passe pela cabeça pô-la a uso noutro sítio ou vendê-la aos polacos do exterior. Os SS vêm cá confirmar: se ela não estiver instalada na latrina do bloco de música, vais conhecer o chicote do *Kapo Jupp* e ele é conhecido por ter a mão pesada.

— Já conheci o chicote do *Kapo Vasek* — resmungou Edek, massajando instintivamente as coxas. Tinham passado várias semanas, mas ainda lhe doía.

Lá fora, o vento uivava. A névoa molhada proveniente dos pântanos penetrava nos macacões dos dois amigos e no par de camisolas que ambos tinham ocultado debaixo do uniforme. A humidade congelava-se-lhes no nariz, colando-lhes as narinas sempre que respiravam. Tinham acabado de sair do conforto do armazém e já começavam a formar-se-lhes lágrimas regeladas nas pestanas, causadas pelo frio intenso. Tapando a boca com a gola da camisola, Edek quase lamentou não ser ele a transportar a pia, que ajudaria a protegê-lo dos elementos.

— O bloco de música tem uma latrina própria, imagine-se! — comentou Wiesław com admiração.

— São prisioneiras com privilégios. — Edek engoliu uma rajada especialmente forte de vento e virou a cabeça para conseguir recuperar o fôlego. — Lembras-te da orquestra de Auschwitz? Casacos brancos com debruns encarnados... Nem quando era civil tive fatos tão elegantes!

— Mas não tínhamos uma orquestra de mulheres.

— Também não tínhamos mulheres.

— Isso é verdade. Achas que elas falam connosco? As miúdas do

bloco de música.

— Claro que sim. — Edek soltou uma gargalhada pungente, com a respiração a sair-lhe em nuvens de névoa branca. — Não lhes passaria pela cabeça dispensar um partido como tu! Desde que mantinhas essa carantonha tapada, não terás dificuldade nenhuma em combinar um encontro.

Preparava-se para acrescentar qualquer coisa, mas o pontapé que recebeu naquele instante pôs fim a uma nova corrente de insultos amigáveis.

— O que é isto? Um ataque às tropas marítimas? — E deu um murro fingido no estômago a Wiesław.

— É assim que tu combates, lastimável veterano dos mares? A minha mãe batia-me com mais força.

Edek deu-lhe imediatamente um empurrão. Wiesław tropeçou e ia caindo sob o peso da carga.

— Para com isso! Se eu tropeço no fio elétrico, lá se vai o encontro que estou a tentar marcar com o nosso amigo civil de Kozy.

— O tal Szymłak de que me falaste? — Edek olhou para ele com uma expressão incrédula. — O ladrilhador? Aquele que transporta uma data de coisas para dentro e fora do campo às escondidas?

— Esse mesmo — replicou Wiesław com satisfação presunçosa. — Está a custar-me uma fortuna em rações, mas se ele concordar em ajudar, terá valido a pena. Já só precisamos de um *Kapo* que o conheça e que cumpra a promessa de nos apresentar ao sujeito.

— Wiesław, meu demónio manhoso! Porque foi que não me disseste nada?

— Não queria que tivesses demasiadas esperanças, porque o *Kapo* pode achar que faz melhor negócio se me comer as rações e depois me mandar passear.

— Devias ter-me dito. Eu dividia as minhas contigo.

Wiesław fez um gesto amplo com o braço, a dizer-lhe que não se preocupasse, e com isso perdeu o equilíbrio, quase deixando cair a pia.

— Não te preocupes com isso. De vez em quando, trabalho na enfermaria das mulheres, e as damas dão-me uma série de rações. Por

isso, não terei fome em breve.

— E fazem-no em troca dos teus serviços de canalizador, ou...? — Edek ergueu as sobrancelhas, deixando a insinuação suspensa no ar gelado.

Lançando-lhe um olhar de esguelha de baixo da pia, Wiesław deu-lhe um segundo pontapé na canela, quase deitando Edek ao chão.

Começaram ambos a rir-se, sentindo que o calor lhes voltava às extremidades, até então completavam geladas. De repente, calaram-se. Tinham à sua frente a extensão do campo feminino e as respetivas habitantes; e este exército de aparições tinha muito pouco em comum com seres humanos, com mulheres.

Apercebendo-se da presença dos dois homens, com os seus macacões azuis, as mulheres ergueram-se a muito custo do chão gelado e seguiram-nos ao longo do arame farpado com os braços cinzentos e esqueléticos estendidos num gesto de súplica.

— Pão...

— Qualquer coisa que se coma...

Aqueles sussurros roucos tinham qualquer coisa de espectral e assustador. Edek sentiu-se a tremer e, desta vez, não era pelo frio. Abanou a cabeça, pediu desculpa e tentou desviar os olhos, mas não conseguiu deixar de ver as feridas infetadas que cobriam os crânios rapados, os ossos salientes por baixo da pele descorada e coberta de escamas, os buracos no lugar dos olhos, como se o rosto da morte olhasse para ele em cada cara em que se atrevia a pousar a vista, os lábios exangues já a desprenderem-se das gengivas, onde ainda se viam uns dentes soltos. Prematuramente mortas, todas elas, estas mulheres demasiado envelhecidas, ainda há uns meses eram meninas jovens e bonitas.

— Para a próxima, trazemos qualquer coisa — sugeriu Wiesław baixinho. — De certeza que conseguimos arranjar uns nacos de pão cada um.

Edek lançou-lhe um olhar de relance. Wiesław não precisava de ter olhado; podia ter mantido a cabeça tapada pela pia de metal, fingindo que aquele sofrimento não existia e continuando a brincar com Edek, de maneira a afogar as súplicas quase inaudíveis — «só uma côdea, a

minha mãe está a morrer». Mas tinha decidido tirá-la da cabeça, ficando apenas com a beira apoiada no barrete de prisioneiro. E tinha olhado, atenta e propositadamente, como que com o desejo perverso de imprimir tudo aquilo no espírito, de nunca esquecer os horrores que tinha testemunhado.

— Mas não os deitemos por cima do arame — replicou Edek no mesmo tom. — Lembras-te como reagem os *Muselmänner* — estremeceu involuntariamente ao ouvir-se pronunciar o termo usado no calão do campo para referir os prisioneiros que pareciam mais esqueletos ambulantes do que pessoas, e sobre os quais era impossível falar sem sentir uma dor seca no peito — quando lhes lançávamos um pedaço de pão em Auschwitz? Atiravam-se todos a ele e lutavam como chacais, até que o mais forte ficava com ele, ou aparecia um *Kapo* que se apercebia da refrega, pegava no bastão e lhes enchia as costas de pancada. Damo-los à Mala. Ela costuma trazer-lhes comida, e sabe tratar do assunto com delicadeza.

Wiesław não comentou a referência de Edek à rapariga, mas não deixou de fazer um sorriso cúmplice.

Edek soltou um suspiro de alívio quando chegaram ao bloco de música. A construção ficava na extremidade do campo e, a despeito de ser em frente do crematório, estava rodeada de árvores — agora despidas — e não emitia o fedor intolerável de centenas de corpos por lavar que provinha da maioria dos barracões. Assim que entraram lá dentro, Edek percebeu porquê: o bloco era ocupado apenas por 40 jovens e todas elas envergavam uma espécie de uniforme azul, com lenços a cobrir-lhes o cabelo.

Cabelo, pensou, parando espantado à porta do barracão aquecido, de boca ligeiramente aberta. *Raparigas com cabelo... como a Mala*.

Ainda não lhes tinha visto a cara, porque estavam sentadas em semicírculo, de costas para ele, mas percebeu instintivamente que eram muito diferentes das pobres criaturas pelas quais acabava de passar. E teria continuado a observá-las como se fossem uma espécie de milagre, se a maestrina não tivesse dado umas palmadinhas com a batuta na estante das pautas, fazendo parar a música de forma abrupta. A avaliar pelo desagrado que se lhe lia no rosto — que, mais

do que belo, era notável, com dois enormes olhos negros agora fixados nele com irritação —, os dois amigos deviam ter interrompido o ensaio.

— Vão entrar ou sair? — quis saber a maestrina de forte pronúncia vienense, num tom de quem não estava para brincadeiras.

— Como? — balbuciou Edek, sentindo-se um miúdo diante da diretora da escola.

— Vão entrar ou sair? — repetiu ela num tom de impaciência. — Vieram ouvir-nos ensaiar, ou querem alguma coisa?

— Viemos trazer uma pia, para substituir a antiga — explicou Edek, apontando com o polegar na direção de Wiesław, que se encontrava atrás dele. — Na latrina.

— A latrina fica atrás do bloco — replicou a maestrina, indicando a direção com a batuta, num gesto elegante e espontâneo.

Edek balbuciou um agradecimento, voltou a pedir desculpa e preparava-se para se ir embora, quando lhe ocorreu algo.

— Desculpe, por favor, *Frau*...

— *Frau* Alma — informou ela. Estranhamente, tinha-lhe dito o seu primeiro nome, em vez do nome de família.

— *Frau* Alma — repetiu Edek com um aceno de cabeça. — Estava a dizer que se pode assistir ao ensaio?

— Bem, sim — respondeu ela, encolhendo os ombros com indiferença. — A administração do campo não proibiu assistentes. Desde que estejam calados, são muito bem-vindos no auditório.

E começou o ensaio antes de Edek ter oportunidade de lhe agradecer. Fechou respeitosamente a porta e saiu do barracão, mas, em vez de se dirigir logo à latrina, deixou-se ficar na entrada, encantado, bebendo os sons musicais, que o envolveram numa onda quente e reconfortante, quase o acariciando com o seu toque suave. E de repente, durante uns momentos roubados à realidade, esqueceu o campo.

— Como é que elas têm uma latrina só para elas? — perguntou Wiesław, enquanto ajudava Edek a retirar do seu lugar a pia antiga, coberta de ferrugem.

— O *Kapo* disse-me que isto era o bloco dos guardas das SS. Antes de terem construído instalações especiais para eles, para que suas altezas arianas não tivessem de se misturar com a nossa ralé criminoso. — O sarcasmo presente na voz de Edek era palpável.

Wiesław suspirou baixinho.

— Sabes uma coisa? Antes de nos mandarem a todos para aqui, pensava que só os homens eram capazes destas crueldades inconcebíveis. Nunca me teria passado pela cabeça que as mulheres podiam ser igualmente implacáveis. E sabes o que mais me incomoda em tudo isto? É eles acharem que não estão a fazer mal nenhum. Recusarem-se a reconhecer que são criminosos. Acharem que estão a servir o seu país o melhor que podem e ocultarem-se por trás daquele patriotismo fingido que, na realidade, é um nacionalismo descarado, generosamente temperado com ódio, e empunharem armas e chicotes em nome do seu glorioso líder, espancando, trucidando e matando em nome dele, sem qualquer rebate de consciência. E que bastardo inteligente é esse Hitler! Que bem que ele lavou o cérebro ao seu rebanho!

A voz de Wiesław foi ganhando força, os olhos semicerrados, as palavras como farpas aguçadas que cortavam até ao osso, carregadas de verdade.

— «Ou eles ou nós», disse-lhes. E eles, esse rebanho acéfalo, acreditaram. «Só eu posso devolver a lei e a ordem à Alemanha, mesmo que, para tal, precise do apoio da polícia secreta. Só eu posso libertar-vos de todos os vossos inimigos, os comunistas, os pacifistas, os esquerdistas em geral, que não aderem à nossa ideologia, mesmo que, para tal, tenha de os prender a todos, ou de os massacrar sem mais. Eles são o inimigo. Foram eles que deram cabo da Alemanha. Vamos retirar-lhes o direito de cidadania e metê-los em campos de concentração, que é o lugar que lhes pertence. A eles, aos judeus e aos comunistas. Na Alemanha, ficarão apenas os bons alemães, aqueles que estão dispostos a ajoelhar e a calar. Ou, melhor ainda, a vomitar abertamente o seu ódio e pontapear os seus compatriotas metidos em comboios de transporte de gado.» São esses os alemães que ele quer. E são esses os alemães que tem. Os que têm consciência estão aqui. Os

que restaram merecem o que lhes vai cair em cima.

Emergindo de baixo da pia, Edek ficou uns momentos a olhar fixamente o amigo com um silencioso espanto.

— O que provocou isso tudo? — Tentou sorrir, mas o sorriso saiu-lhe débil e hesitante. Aquelas palavras tinham-no atingido com a força de uma pancada física, deixando-lhe uma dor no peito.

Wiesław respirou fundo e passou as costas da mão pela testa. De repente, parecia exausto, como se aquele discurso apaixonado lhe tivesse esgotado as forças. E, contudo, tinha nos olhos algo que se assemelhava a alívio. Edek percebeu porquê: era um movimento que vinha à superfície de tempos a tempos, a ira contida perante a injustiça do mundo, que gerava destas explosões.

— Aquelas mulheres a mendigar pão — explicou Wiesław num tom de voz subitamente desprovido de força. — Os guardas com as suas capas de lã. Nós estarmos aqui a trabalhar nesta porcaria desta pia, quando devíamos estar a fazer as coisas com que sonhámos quando vivíamos em nossa casa. Tu a dar ordens num navio qualquer e eu... — Calou-se abruptamente a abanou a cabeça, com a boca bem cerrada numa expressão de amargura. Que interesse tem sonhar com coisas que nunca acontecerão? A realidade torna-se ainda mais amarga.

— Nunca me chegaste a dizer o que querias fazer — insistiu Edek. Pareceu-lhe, sem saber bem porquê, que era importante para Wiesław contar-lhe.

— É estúpido, e não vai acontecer.

— Claro que vai. É por isso que vamos fugir daqui — argumentou, aproximando-se do amigo, que desviou teimosamente os olhos. — Vamos lutar pelo nosso direito de fazermos aquilo que queremos. Vamos destruir esse ódio todo, e substituí-lo por amor. Vamos plantar árvores, e flores, e cereais nos campos de batalha. E, em vez de marchas de exércitos, vamos ouvir isto — concluiu, aproximando-se da parede do fundo, atrás da qual se ouviam as suaves notas de uma valsa vienense. As notas ecoavam na sórdida latrina como pedras preciosas espalhadas pela areia, iluminando a atmosfera com o seu hálito a império passado, que subia à cabeça, inebriante.

— Sempre quis ser escritor — confessou Wiesław após uma longa

pausa, ainda sem conseguir olhar Edek de frente. — Ou trabalhar no cinema. Adoro cinema.

Por momentos, Edek não disse nada.

— Acho que, um dia, vais ser um grande escritor e que vais trabalhar no cinema — disse, por fim, dando uma palmadinha no ombro ao amigo. — Tu observas a realidade com muita atenção, memorizas as coisas, e isso é bom. Continua a fazê-lo e, quando saíres daqui, poderás contar ao mundo a nossa história, para que estes horrores nunca mais se repitam.

Wiesław ergueu a cabeça com uma expressão surpreendida.

— O que foi? — perguntou Edek com um sorriso cúmplice. — Estavas à espera de que eu brincasse com isso, como brincamos com tudo?

— Para ser sincero, sim, estava.

— Ainda pensei nisso, mas não me ocorreu nenhuma piada com piada.

Pegaram na pia velha e já estavam a dirigir-se à entrada quando, subitamente, Edek parou e voltou a falar, desta vez com uma expressão bem grave.

— Promete-me, Wiesław.

— O quê?

— Escrever sobre isto.

— E se escrevêssemos em conjunto?

— Eu não tenho jeito com palavras.

— Tens sim. As palavras que te saem são sempre as melhores.

Capítulo 14

— Quer dizer que conheceste *Frau* Alma? — perguntou Mala com um sorriso divertido.

Tinham-se encontrado no local do costume, a sauna. Lá dentro, os negócios decorriam como habitualmente, com todo o género de transações. Conforme tinha prometido, Edek trazia um bolso cheio de pregos e parafusos, desviados do novo *Kommando* de manutenção. Desta vez, em vez de receber o contrabando das mãos de Edek, Mala aproximara-se dele e abrira o bolso, para ser ele a depositar os produtos lá dentro. Quase sem querer, Edek tinha contido a respiração enquanto largava uma mão-cheia de contrabando no bolso de Mala, corando ao sentir o calor do corpo dela através do fino forro do casaco.

Mala não se desviou imediatamente, deixando-se ficar na mesma posição, muito perto dele, a estudar-lhe a expressão com um sorriso enigmático no rosto. Edek teve de fazer um grande esforço para se lembrar da pergunta que ela lhe tinha feito.

— *Frau* Alma? Ah, pois. — Engoliu em seco, recuperando a compostura com dificuldade. — Conheci. Ela... intimida uma pessoa.

Para surpresa dele, Mala soltou uma pequena gargalhada.

— Não és o único que tem essa impressão. Alguns SS têm bastante receio dela. Bem, era de esperar, diria eu. — Fez uma pausa, antes de prosseguir com uma declaração inesperada. — O Hössler está apaixonado por ela. Todos os subordinados dele sabem que *Frau* Alma é sua protegida.

— O Hössler? — Edek ficou a olhar para ela, espantado. — O diretor do campo?

— Esse mesmo. Ele nunca reconheceria, claro, mas... — Mala calou-

se uns momentos, com a cabeça inclinada para o lado, à procura das palavras mais adequadas. — Está sempre a falar dela e vai ouvi-la tocar violino quase todos os dias. Os guardas odeiam-na.

— Porquê?

— A família dela era uma família importante na Áustria. O pai era o mestre de concertos da Filarmónica de Viena. O tio era compositor. O irmão e ela eram músicos conhecidos. O único problema é que tinham o azar de ser judeus, assimilados como eu, mas, para os nazis, isso é irrelevante. — Mala encolheu ao de leve os ombros com uma expressão de indiferença. — É por isso que as guardas a odeiam. Os SS enviaram *Frau Alma* para Auschwitz, mas não conseguiram mudar-lhe a natureza. Ela é uma dama refinada, da alta sociedade, violinista de categoria superior, coisa que até os membros locais da elite das SS, como é o caso do Hössler, reconhecem e admiram. Os guardas andam de uniforme e imaginam que são os senhores absolutos do pequeno universo que é o campo, mas, lá bem no fundo, até compreendem que há uma enorme diferença entre eles e *Frau Alma*. Ela é tudo aquilo a que eles aspiram ser, mas nunca serão.

— Custa-me a acreditar no que disseste sobre o Hössler.

— Ele é um homem como os outros. E o amor não tem em conta pormenores como a *raça*, a cor da pele e a religião.

— O meu antigo *Kommandoführer*, Lubusch, é casado com uma polaca.

— Estás a ver? — Mala presenteou-o com um sorriso triunfante.

Edek não lhe disse até que ponto ele próprio, um polaco, apreciava muito certa rapariga judaica.

— A situação do Hössler é um bocadinho diferente, claro — prosseguiu Mala, enquanto Edek corava ainda mais. — Ele nunca se deixará levar por este sentimento. Vai continuar a admirar *Frau Alma* de longe e a fazer-lhe favores, mas sem nunca revelar o que lhe vai no coração. Nós, as mulheres, percebemos as pequenas coisas que os homens apaixonados fazem por nós. Contudo, ele mantém as aparências, supervisionando as câmaras de gás, abatendo um ou outro prisioneiro de vez em quando. Aos olhos dos superiores, é um SS exemplar. Só fala acerca dela comigo, e é só quando sabe que mais

ninguém o ouve. — Calou-se uns momentos, pensativa. — De vez em quando, chego a ter pena dele. Podia ter sido bom homem, se não se tivesse deixado levar pela doutrinação do *Führer*. Seria livre de viver a sua vida como quisesse. Seria livre de amar quem quisesse. Ele estudava Fotografia, sabias? E agora... — Mala abanou a cabeça.

Nós, as mulheres, percebemos as pequenas coisas que os homens apaixonados fazem por nós. Edek olhou de relance para o bolso de Mala e perguntou a si próprio se ela também perceberia a razão pela qual ele a visitava com tanta frequência e corria tantos riscos para lhe conseguir aquelas preciosas peças de contrabando. A seguir, os seus olhos cruzaram-se com os dela e viu que sim, tinha percebido. Claro que sim. Elas, as mulheres, percebiam sempre.

Edek pigarreou.

— E ela?

— Ela o quê? Ela usa-o para alcançar os seus objetivos, para conseguir privilégios para as suas meninas e coisas assim, e faz muito bem. É uma mulher com uma inteligência superior. A Zippy adora-a.

— A Zippy é a tua colega da secretaria?

— É. Além de tocar bandolim na orquestra. Por vezes, aos domingos, dão um pequeno concerto aqui na sauna. Também devias vir.

Edek observou-a com atenção.

— Tu vens?

— E isso interessa? — perguntou Mala com um sorriso evasivo.

— Claro que interessa. Eu não tenho grande formação musical. Preciso de alguém que me explique o que estão a tocar — declarou ele, ligeiramente envergonhado.

Mala riu-se.

— A música não se explica, pateta. Aprecia-se e dança-se.

— Nesse caso, danças comigo?

Mala não respondeu, mas pôs-lhe uma mão na face e deu-lhe um beijo na outra.

— Obrigada pelo que me trouxeste — disse-lhe. — Arranjo-te o *Ausweis* até ao Natal, como te prometi.

Depois de Mala se ter misturado com a multidão, Edek ficou colado

ao chão, a seguir-lhe o rasto com os olhos, com a palma da mão a tocar no sítio onde ela o beijara.

Nessa tarde, choveu a cântaros — uma rara chuva de inverno, gelada e cortante, como agulhas que se espetavam na pele da face. Ensopada até aos ossos, porque os guardas não queriam saber se as estafetas estavam protegidas das condições atmosféricas, Mala avançava a passos largos ao longo da vedação de arame farpado que separava o campo feminino do masculino, apertando ao peito uma pasta embrulhada em várias camadas de celofane. A prioridade das SS era que os documentos não se molhassem. Os prisioneiros que os transportavam dum lado para o outro eram substituíveis.

Na extremidade do campo masculino, estava a ser feita uma seleção. Acompanhados por gritos roucos e o ocasional estalar do chicote, centenas de criaturas cinzentas e cadavéricas corriam em frente aos SS, que os inspecionavam a distância, para que a *escumalha de judeus nojentos* não lhes salpicasse de lama as gabardinas militares feitas à medida. De vez em quando, ao sinal de um SS, um dos *Kapos* agarrava a sua mais recente vítima e empurrava-a na direção de um grupo crescente de prisioneiros. Com uma expressão angustiada nos olhos cavados, os homens apoiavam-se uns nos outros, os ombros afiados tocando-se sob a pele brilhante, com uma crescente tonalidade azul; as mãos ossudas cobrindo os órgãos genitais, numa derradeira tentativa de pudor.

Ao passar por eles, por trás dos SS, Mala desviou rapidamente os olhos, para não os envergonhar ainda mais. Já tinham sido condenados à morte por terem sido considerados demasiado fracos pelos SS e, portanto, incapazes de continuar a trabalhar para a glória do Reich. A última coisa que queriam agora era uma estafeta a observar-lhes a miséria com curiosidade mórbida.

Não tardou a surgir-lhe diante dos olhos uma vala de construção bastante profunda, onde ela sabia que os prisioneiros se abasteciam de água. Era um líquido lamacento, cheio de vermes e que fedia horripelantemente; mas, como os prisioneiros com privilégios eram os únicos que tinham acesso a água potável, o resto da população do

campo tinha de escolher entre beber da vala ou morrer de sede. Para a maioria, a opção era óbvia, a avaliar pelos incontáveis surtos de disenteria que os conduziam à enfermaria e, por vezes, diretamente às câmaras de gás.

Com o sobretudo de lã ensopado a pesar-lhe uma tonelada nos ombros, Mala seguia em frente, de cabeça erguida e lábios firmemente cerrados numa expressão resoluta. Atrás de si, ouviu um riso estridente e desdenhoso, que lhe encheu as entranhas de um ódio selvático em estado puro. Teria reconhecido aquelas gargalhadas de louco entre milhares. O *Hauptscharführer* Moll, a besta que só tinha um olho, era a única pessoa capaz de se rir com satisfação maníaca do sofrimento dos outros. Mala apressou o passo, mas o som continuou a persegui-la, aumentando progressivamente de volume dentro da sua cabeça e acabando por lhe afogar todos os pensamentos.

Havia no campo muitos SS detestáveis, mas não havia nenhum cujo comportamento suscitasse em Mala uma repulsa e um ódio tão intensos como o supervisor do crematório com um olho de vidro. Ao contrário da maioria dos colegas, que desempenhavam a sua repugnante função com uma atitude indiferente — «ordens são ordens» e «alguém tem de fazer este trabalho» —, Moll tinha um prazer sádico e cruel em torturar e assassinar as suas vítimas da forma mais impiedosa possível. Por vezes, quando a vida no campo a levava ao ponto do delírio, Mala idealizava vingar-se — de todos eles, na realidade, mas a cara sardenta de Moll, com o seu olho de vidro, era a única que aparecia personalizada, à frente de uma multidão anónima de uniforme.

Havia de fazer qualquer coisa que o fizesse sofrer, jurou Mala a si própria, em silêncio, naquele dia escuro de inverno. Havia de lhe dar a provar o remédio que ele aplicava aos outros. Esperava que um dia, com a ajuda de Edek...

Do outro lado da imensa parede de chuva, apareceu-lhe à vista o enorme complexo chamado México. Ainda estava na primeira fase de construção, com os barracões por terminar e uma espécie de estrada até ao local onde um *Kommando* desmontava os aviões aliados e alemães que haviam sido abatidos em toda a Polónia — conhecendo

assim uma morte prematura — e que eram transportados para Birkenau. Circulavam por ali alguns prisioneiros inquietos, apertando as pontas das mantas coloridas em volta do corpo ossudo, que não parava de tremer. Fora por causa deles, e daqueles preparos ridículos, que o complexo recebera o nome. Ao contrário da *Kanada*, assim chamada numa evocação do país da abundância, o México era, aos olhos da administração, uma das zonas mais pobres e mais sujas do campo. Uma espécie de Terceiro Mundo, até pelos padrões de Auschwitz.

Com o seu olhar bem treinado, Mala detetou imediatamente civis polacos a trocarem produtos com os prisioneiros, longe do olhar dos guardas — que, aparentemente, não estavam dispostos a guardar fosse o que fosse com uma chuva daquelas. O comandante, a quem Mala ia entregar ordens escritas e plantas, preferira acomodar-se num dos barracões, onde ela o foi descobrir entretido num jogo de Skat com um dos subordinados. Sem tirar os olhos das cartas, o homem interrompeu o relatório de Mala a meio e apontou para um caixote de madeira virado ao contrário, coberto de garrafas de cerveja e sanduíches de presunto e queijo meio comidas, indicando-lhe que deixasse ali o processo embrulhado em celofane. Tinha a convicção profunda de que o oficial não abriria o processo nas próximas horas, pelo menos.

Mala empreendeu o caminho de regresso. A chuva intensificara-se e chicoteava-lhe a cara a cada rajada de vento, diluindo o que restava daquele carreiro tantas vezes percorrido, agora transformado num rio de lama escorregadia. A cada passo que dava, os seus pés enterravam-se mais e mais, como se mãos invisíveis de mortos lhe agarrassem os tornozelos, decididas a puxá-la para debaixo da terra, onde eles próprios tinham encontrado o seu lugar de descanso.

A vala de construção voltou a materializar-se do lado de lá da cortina de chuva, só que, desta vez, Moll estava a observá-la com ar curioso, a cabeça ligeiramente inclinada para um lado. Tinha junto dele um colega, Voss. Com as mãos atrás das costas, Moll olhava intensamente para qualquer coisa que havia dentro da vala. Agradecida, Mala percebeu que a seleção tinha acabado.

Arrancando energicamente os pés do solo escorregadio, tentou afastar-se o mais que podia dos dois SS, mas acabou por se deter de forma involuntária ao ver aparecer um par de mãos na beira da vala. Forçando a vista para contrariar a chuva, olhou com atenção e sentiu um aperto na garganta, de horror primevo: a vala estava cheia de cadáveres de homens acabados de assassinar, os mesmos que ela tinha visto apoiados uns nos outros quando, ainda há menos de uma hora, se dirigira ao México.

— Olha-me para esta carcaça malcheirosa! — bradou Moll com uma gargalhada, apontando com a mão enluvada para o homem que tentava desesperadamente sair dali. — Este é dos resilientes. É a quinta vez que tenta sair dali. — Com crueldade deliberada, Moll aproximou-se da sua vítima e pisou-lhe as mãos com as suas botas de biqueiras de aço, obrigando-o a deslizar na lama e a cair de novo na vala. Depois, voltou-se para Voss, deliciado com o espetáculo. — Quanto queres apostar que ele vai rastejar cá para fora dez vezes? — E, sem esperar resposta, tirou um maço de notas do bolso. — Aposto contigo 50 marcos que ele chega às dez vezes.

Voss, que estava sempre semiembriagado e a dizer piadas com os homens do *Sonderkommando*, parecia agora inusitadamente sóbrio: não se mexeu, apesar de Moll continuar a acenar-lhe com o dinheiro diante dos olhos. Estava sério, com uma expressão carregada, dando a conhecer um ligeiro toque de desagrado na curva da boca.

— Mas, afinal, porque foi que os mandaste deitar à vala? — perguntou por fim, sem olhar para o colega.

Moll encolheu os ombros, imperturbável.

— Queria ver se aquela escumalha desesperada dos barracões continuava a beber da vala com cadáveres a boiar lá dentro. A lama e as ratazanas não os incomodaram; aposto contigo mais 20 marcos que hesitam antes de lamberem uma sepultura a céu aberto, ah ah! — E lançou novamente a cabeça para trás, achando a situação hilariante. — Não te preocupes, daqui a dias mandamos cá alguém tirá-los. Não estou nada interessado em ouvir o responsável do *Kommando* de construção do México a berrar comigo quando descobrir que usámos a vala como cemitério.

Mala ficou colada ao chão, a tremer dos pés à cabeça, olhando para o homem com um ódio que lhe latejava nas veias como ácido. Nessa altura, as duas mãos voltaram a aparecer milagrosamente na extremidade da trincheira e Mala sentiu que o ar lhe secava na garganta ao ver o homem pela primeira vez. Tinha o cabelo rapado e os malares cobertos de lama, mas a sua expressão era-lhe dolorosamente familiar: se não fossem os olhos, erguidos para os dois SS com uma expressão suplicante, tomá-lo-ia pelo pai.

— E vão seis — anunciou Moll, quase com admiração, empurrando o infeliz novamente para dentro da água gelada e podre.

O prisioneiro soltou um grito desesperado e começou a garantir-lhe, em francês, num tom suplicante, que conseguia trabalhar, que era muito forte, que viria à superfície 20 vezes se fosse preciso, mas que o deixasse voltar ao trabalho. Moll, porém, continuou a fazer troça dele, berrando palavras francesas absurdas que apagavam os rogos chorosos do sujeito.

— Não percebemos essa língua de trapos. Se queres ser compreendido, fala alemão!

— Pare de resistir! Finja que está morto, senão eles matam-no! — berrou Mala em francês ao homem, possessa pela súbita necessidade de o salvar, pelo menos a ele, das garras de Moll.

Os dois SS voltaram-se imediatamente na direção dela e, com uma expressão gélida, Moll fixou o seu olho bom na frágil constituição da rapariga. Ela suportou-lhe o olhar sem pestanejar, sem baixar a cabeça, sentindo-se subitamente corajosa, ao ponto do suicídio, e pronta para a luta.

— Ah, Mally — cumprimentou Moll numa voz arrastada. — Vem cá, bichinho. Põe-te aqui à minha frente. Isso mesmo, linda menina. E agora, diz-me exatamente o que foi que disseste àquele trapo nojento que está ali a mexer-se na lama.

Com a raiva que lhe ardia no peito, Mala lançou-lhe um sorriso malévolo.

— Se falasses francês, não precisavas de intérprete — cuspiu.

Mala estava ciente do nada que tinha atrás de si — da borda da vala, onde Moll a colocara estrategicamente momentos antes, de que

ele se aproximava, de que ele estava agora mesmo diante dela, as narinas a tremer de fúria —, mas não deu um passo para evitar o inevitável.

— Achas que és mais esperta do que eu, sua cabra judia? Não te passa pela cabeça há quanto tempo eu estava à espera deste momento — sibilou ele, dando-lhe um empurrão no peito, tão forte que, por instantes, a deixou sem respiração.

Mala foi aterrar sobre o monte escorregadio de corpos com um sonoro *chape*, e estremeceu de terror, agarrando-se onde podia para conseguir levantar-se. Agachado junto à parede da vala, o francês tremia, observando-lhe a cara com uma expressão desaustinada, num apelo silencioso à compaixão. Moll aproximara-se da vala e desapertava lentamente o coldre com uma das mãos, como que saboreando aquele momento.

Fazendo um enorme esforço, com os joelhos a tremer, Mala conseguiu levantar-se e endireitar-se. Sem tirar os olhos do seu executor, aprumou os ombros e sorriu-lhe com um desdém gelado, que tirou ao SS todo o prazer da sua ação.

Por esta altura, o homem estava absolutamente furioso com a atitude orgulhosa de Mala e com o seu olhar direto e destemido. Perdendo por completo as estribeiras, começou a insultá-la com violência, como só os SS sabiam fazer, tirando a arma e apontando-lha à cabeça.

De repente, contudo, Voss foi colocar-se na frente dele e, embora Mala não lhe visse a cara, ouviu todas as palavras que o colega pronunciou.

— Se disparares sobre ela, terei de relatar ao Hössler o que se passou.

Voss expressava-se num tom calmo e descontraído, mas a sua voz continha uma ameaça perfeitamente audível. Tremendo da mão que empunhava a arma, Moll olhou para ele com absoluta surpresa. Logo a seguir, porém, corou perante semelhante traição por parte de um irmão das SS.

— Mas ela é uma porca judia...

— É a judia do Hössler — corrigiu Voss num tom calmo, poisando a

mão no pulso do camarada e obrigando-o a baixar o braço. — E tu não tens necessidade nenhuma de arranjar mais problemas com ele.

— Os meus problemas começaram precisamente por causa dela, naquele dia no *Krema*, quando o outro malandro fugiu...

— Por isso mesmo, não tens necessidade nenhuma de piorar ainda mais as coisas.

— Mas ela é uma judia... uma judia inútil... — Moll parecia genuinamente espantado e incapaz de compreender como é que a perda de uma judia podia incomodar alguém, e muito menos Hössler, o diretor do campo.

— Anda embora. — Voss já começara a afastá-lo da vala. — Já te divertiste bastante. O mais certo é eles não conseguirem sair dali — consolou-o. — Podemos dizer que ela caiu sozinha. Olha-me para este tempo. Que coisa horrível!

Quando as vozes desapareceram ao longe, Mala agarrou o braço gelado do homem.

— Já se foram embora. Venha, eu ajudo-o.

Passaram a meia hora seguinte, já com a noite a cair sobre eles, num pesadelo de lama escorregadia e membros flexíveis e ainda moles, sobre os quais caíam constantemente. Mala tinha vontade de gritar de cada vez que a sua mão tocava uma carne fria e pegajosa, que se deslocava e lhe tirava o apoio dos seus pés quando ela tentava levantar-se; mas cerrava os dentes, decidida a sair daquele túmulo a céu aberto e a levar consigo o homem que tanto se parecia com o pai. Foram-se deslocando pela superfície molhada e resvaladiça e, sempre que um deles caía, o outro voltava atrás para o ajudar, porque ou saíam dali os dois ou ficavam lá os dois — segundo o acordo silencioso dos sobreviventes, que era mais forte do que o sangue.

Finalmente, depois de terem alcançado superfície firme, deitando-se de costas em simultâneo, ambos ofegantes, o homem voltou-se para Mala. Era um alívio verificar que o terror já não morava naqueles olhos, substituído por calor e gratidão.

— Obrigado — conseguiu dizer numa voz rouca, o peito ossudo a subir e a descer a bom ritmo, de uma palidez fantasmagórica à luz cada vez mais fraca que vinha do céu.

— Obrigada por não ter desistido — replicou Mala, conseguindo sorrir-lhe.

— Posso perguntar-lhe porque foi que arriscou a vida por mim? — pediu ele após uma pausa. — Por favor, não se ofenda, sinto-me muito grato... Só que... a senhora nem me conhece.

Mala olhou-o nos olhos e, no lugar deles, viu os olhos cegos que tanto amava, tendo dificuldade em se conter e não lhe colocar uma mão na face.

— O senhor é muito parecido com o meu pai. Com a diferença de que ele cegou há uns anos. Mas tem a mesma resiliência. — Desviou os olhos para o céu, que continuava a chorar sobre eles, sofrendo pela humanidade. — Não sei se ele está vivo ou não. Mas o senhor está vivo e eu tinha mesmo de o ajudar a continuar a respirar. Eu sei que é uma idiotice — concluiu, abanando a cabeça, irritada. — Parvoíces sentimentais...

— Não, não — apressou-se o homem a interrompê-la. — De maneira nenhuma. — Fez uma pausa e depois prosseguiu. — É a melhor parvoíce que ouvi em toda a minha vida.

Física e mentalmente exausta, a ponto de quase entrar em colapso, Mala ainda conseguiu sorrir ao ouvir aquelas palavras.

Quando recuperaram o fôlego, Mala acompanhou-o à enfermaria do campo masculino e entregou o sobretudo de lã ao médico que estava de serviço como forma de pagamento.

— Este prisioneiro é essencial. Trate-o como se fosse o seu pai.

O médico agarrou no sobretudo, mas franziu o sobrolho ao ver que o homem estava nu.

— Quer-me parecer que ele foi escolhido para morrer numa seleção recente. Se o número dele estiver na lista da secretaria do campo, isso pode levantar problemas...

— Eu trabalho na secretaria. Não vai levantar problema nenhum.

Fosse pelo tom de voz de Mala ou pela maneira como olhou para ele, o certo é que o prisioneiro-médico acenou a cabeça como sinal de que tinha percebido e prometeu-lhe que, no final da semana, o seu novo protegido estaria na melhor forma possível.

Estava escuro como breu quando Mala chegou à secretaria, mal conseguindo arrastar os pés, mas sentindo-se infinitamente aliviada.

— Valha-me Deus, Mally! — Zippy abriu muito os olhos ao ver a amiga coberta de lama. — Parece que saíste dum buraco. Andaste a rebolar numa poça de lama?

Ao ouvir aquelas palavras, Mala soltou um palavrão e a seguir entregou-se a um interminável riso histérico, totalmente desprovido de alegria.

— Numa poça de lama com cadáveres lá dentro. — Corriam-lhe lágrimas pela cara abaixo, mas, por muito que se esforçasse, não conseguia parar de rir: os nervos tinham finalmente cedido e, de repente, perdera o controlo. — O Moll atirou-me lá para dentro. Mas eu consegui salvá-lo, Zippy... Apesar de tudo, consegui salvá-lo. O homem está vivo.

Acabou por adormecer no quarto de Zippy, diante do aquecedor, enrolada em várias camadas de mantas. Nessa noite, sonhou com as vezes em que o pai lhe agarrara o selim da bicicleta quando a ensinara a andar nela; das caretas que lhe tinha feito para a animar certo dia em que ela chegara a casa amuada por não ter tido 20 num teste de Alemão; das lágrimas de orgulho que tinha limpado discretamente com as costas da mão na cerimónia de entrega dos diplomas de final do curso; nos sapatos de couro que lhe tinha comprado quando ela anunciara que ia a um baile com o novo namorado. Sonhou com o último abraço que lhe dera antes de ela partir para Bruxelas, tão apertado que quase lhe quebrara os ossos. Nunca mais o tinha visto.

— Salvei-o, Zippy — sussurrava de vez em quando, meio a dormir, com um raro sorriso a iluminar-lhe o rosto. — Acabei por conseguir salvá-lo...

Na manhã seguinte, dirigiu-se ao gabinete de Hössler com um relatório manuscrito de tudo o que acontecera na véspera. À medida que ia lendo, o diretor do campo ia empalidecendo mais e mais, até que a mão lhe começou a tremer de ira.

— Aquele porco! — disparou, empurrando a cadeira para trás com um guincho e saindo do gabinete em passo de marcha.

Nunca mais voltou a falar sobre Moll com Mala, nem quando

passava pela mesa dela para tomar um café e dar dois dedos de conversa. Mas colocou uma ordem de transferência com o nome do *Hauptscharführer* em cima da mesa dela, pedindo-lhe, com ar descontraído, que datilografasse três exemplares. Poucos dias depois, Moll tinha desaparecido. O *Sonderkommando* celebrou a transferência com uma festa tão grande que, do seu quarto, Mala os ouviu cantar noite fora.

Capítulo 15

A capacidade de suborno de Wiesław tinha finalmente dado os seus frutos: conseguira comprar um período de liberdade para ele e para Edek a troco de umas quantas latas de sardinhas, um par de garrafas de uma bebida alcoólica e um limão que lhe tinha sido oferecido pelas generosas supervisoras da enfermaria das mulheres, quase todas triângulos pretos alemães, ou seja, prisioneiras associas e antigas prostitutas, que haviam sido mandadas para Auschwitz para serem reeducadas. Wiesław achava que valia a pena aguentar-lhes o afeto, se isso lhe permitisse sair dos impenetráveis portões de Auschwitz; por isso, fazia um sorriso cortês quando o encurralavam nos seus aposentos, lhe beliscavam o traseiro e o cobriam descaradamente de beijos, encostando-lhe o volumoso peito às costelas até ele começar a contorcer-se e, pedindo muita desculpa, se esquivar dos sufocantes abraços, prometendo voltar mais tarde, quando o temível *Kapo* Jupp não andasse por ali.

A ameaça do *Kapo* nunca deixava de produzir os seus efeitos: Wiesław tinha conseguido escapar a vários encontros indesejados recorrendo à estratégia de mencionar o nome do homem, que se tornara famoso, não só entre os prisioneiros, mas entre os próprios SS.

Wiesław referira-se ao assunto uma vez em conversa com Edek, mas, desde então, guardara silêncio até à véspera, pois não tinha a certeza se o *Kapo* que subornara, que lidava essencialmente com civis, cumpriria a sua palavra. Só quando os dois foram escolhidos entre toda a equipa da manutenção e, acompanhados pelo *Kapo*, se encaminharam, primeiro para Auschwitz e depois para o exterior dos portões, em direção à imaculada extensão invernal e à floresta que lhe seguia, é que explicou ao amigo o que se passava.

— A mulher de um dos chefões das SS chegou recentemente da Alemanha e anunciou que a casa de banho de sua casa deixava muito a desejar — explicou-lhe, com os olhos a brilhar de excitação. — Adivinha quem vai remodelá-la durante a próxima semana?

Edek ficou a olhar para ele, incrédulo e cheio de vontade de submergir o engenhoso amigo num vigoroso abraço. Inebriado pela súbita promessa de liberdade, olhava em volta, quase embriagado com o ar fresco de inverno, cheirando a pinheiros e a neve acabada de cair, maravilhosa variante do nauseabundo cheiro adocicado a carne queimada e a corpos por lavar metidos em barracões sem ar, à razão de cinco corpos (que em breve seriam cadáveres) por beliche. A súbita largueza branca afetou-o profundamente, subindo-lhe à cabeça como vinho fresco numa tarde sufocante de verão; sentiu-se vacilar enquanto caminhava, e desta vez não era de fome: era pela esmagadora sensação de ter voltado a ser um homem livre.

— Isso mesmo — confirmou Wiesław, muito satisfeito consigo próprio. — Nós, e um tal ladrilhador civil de Kozy.

— Não me digas que é o Szymlak!

Wiesław não teve oportunidade de responder, porque o *Kapo* levantou o bastão acima da cabeça sem grande entusiasmo.

— Chega de falatório! — O rosto contorceu-se-lhe numa careta de profunda repugnância, mas os olhos transmitiam uma advertência silenciosa.

Só então Edek se apercebeu do SS que passeava pelos bosques, de pistola metralhadora em punho. E, de repente, teve consciência de que não tinha reparado em nada: nem na patrulha de SS, nem nas torres de vigia cuidadosamente escondidas entre as árvores, bem camufladas para não serem detetadas por olhares inexperientes — elas e os olhos de falcão que as habitavam, com as respetivas metralhadoras montadas em cima de mesas e apontadas a qualquer alvo em movimento. Naquele preciso momento, o cano preto do SS seguia a pequena procissão. Olhando em volta, Edek contou várias instalações do mesmo género e o coração caiu-lhe aos pés. Sentiu-se tomado por um desespero negro, bem mais intenso do que a excitação que tinha sentido ainda nem há cinco minutos.

Auschwitz não acabava dentro dos muros de Auschwitz. Teve então um pensamento verdadeiramente horrendo: por esta altura, o mundo inteiro era Auschwitz; o campo tinha engolido todo o planeta e não havia maneira de lhe escapar. Edek tropeçou, como se tivesse sido atingido com toda a força pelo bastão de um *Kapo*, mesmo em cheio no peito, esmigalhando o coração e todas as esperanças que ele albergava.

— Isso mesmo — disse o *Kapo* entredentes, muito baixo e quase sem mover os lábios. — Não se ponham com ideias, rapazes. Esses sacanas que estão a ver ali nas torres têm todos uma pontaria desgraçada e, mesmo que não tivessem, com máquinas daquelas, qualquer idiota transformava um prisioneiro num passador em poucos segundos.

De cabeça baixa, Edek seguiu o alemão de barriga grande que trazia ao peito o triângulo verde indicativo dos criminosos profissionais e que, estranhamente, até era um sujeito decente.

Wiesław tentou animá-lo com uma cotovelada de amigo nas costelas, mas Edek não conseguia deixar de sentir aqueles olhos frios e penetrantes nas costas; nem conseguia deixar de pensar nos canos das armas apontados para eles de todos os lados.

A casa era pequena, mas muito simpática. Quem lhes abriu a porta foi uma mulher com cerca de 40 anos, com um triângulo roxo cosido ao blusão civil, e um amplo e caloroso sorriso no rosto. Edek sabia que o pessoal doméstico das SS era constituído por Testemunhas de Jeová, mas nunca tinha visto nenhuma. E nem sequer percebia o que estavam elas a fazer no campo. Ao contrário dele, que era um estrangeiro e um inimigo, estas pessoas eram quase todas alemãs, de boa *raça* (segundo as parvas Leis de Nuremberga), não eram violentas e muito menos criminosas. O seu único crime consistia em não terem devoção a Hitler, mas a Deus, e em se oporem ferozmente a qualquer tipo de violência. Além de se recusarem a fazer a obrigatória saudação a Hitler, recusavam-se a cumprir serviço militar, mas também a fazer qualquer tipo de trabalhos que contribuíssem, direta ou indiretamente, para o esforço de guerra. Aos olhos do regime nazi, estes «crimes» eram puníveis com a detenção em campos de concentração. Höss, o

anterior *Kommandant*, tinha determinado que os triângulos roxos seriam imediatamente libertados, bastando para isso que assinassem um documento de renúncia. *Uma porcaria duma assinatura*, pensara Edek, desesperado, *uma simples assinatura e ficam livres*. Muitos deles, porém, tinham sofrido nobremente pela sua fé e morrido por ela com um sorriso nos lábios.

Um sorriso afável e carinhoso como o que esta mulher tinha no rosto.

— Entrem — convidou-os em alemão. — Pobres pequenos! É uma distância tão grande, ainda por cima a caminhar na neve. Devem estar gelados. Venham até à cozinha, e eu faço-vos um chá e sanduíches.

— Perdeste o juízo? O chá e as sanduíches são para as visitas. — Quem assim falava era uma mulher alta e esguia, de cabelo cor de platina entrançado num complexo penteado, que apareceu no corredor. Apresentava-se com grande elegância: vestido de seda azul-claro, cinto de couro e sapatos de salto alto a condizer com a cor do cinto. Os frios olhos cinzentos observaram o trio de homens com mal disfarçado desdém. — Esta gente é estrangeira e criminosa. — Erguendo um bonito braço de pele muito branca, apontou para a sua esquerda. — A casa de banho é ali. O outro polaco já está a trabalhar. Vais acompanhá-los todo o tempo que lá estiverem, para ter a certeza de que não roubam nada — ordenou à criada com uma expressão severa. — E se algum deles tentar usar a nossa casa de banho... — A conclusão da frase ficou ominosamente suspensa no ar.

— Estou a ver que temos de aguentar até ao fim da tarde — resmoneou Wiesław em polaco e, desta vez, Edek não conseguiu deixar de sorrir.

Antoni Szymlak, que devia ter chegado mais cedo porque vivia numa aldeia que ficava a cerca de 20 minutos a pé das instalações dos SS, trabalhava afincadamente na parede da casa de banho, mas baixou logo a espátula para cumprimentar os recém-chegados com um caloroso aperto de mão. Era um homem já de certa idade, de boca afável, escondida por um formidável bigode branco, e olhos vivazes, que brilhavam com discreta inteligência.

— Eles pertencem-me o dia todo, não é verdade? — perguntou ao

Kapo .

— São todos teus.

— Isto é um bocado apertado para tanta gente. — Szymlak olhou em volta, cético. Na realidade, a casa de banho era enorme, com espaço mais do que suficiente para estarem ali todos a trabalhar confortavelmente, mas parecia que o ladrilhador polaco tinha qualquer coisa em vista. — Há uma lavandaria aqui ao lado — observou com uma expressão cúmplice, dirigindo-se ao *Kapo*. — Está bem aquecida e a *Frau* nunca lá põe os pés. É o sítio ideal para descansares a cabeça durante umas horas, enquanto nós trabalhamos deste lado. Passas o dia a controlar prisioneiros, deves estar exausto.

— Agora que falas nisso, é verdade que, ultimamente, tenho trabalhado bastante — comentou o *Kapo*, que não era, obviamente, estúpido. Havia uma regra em Auschwitz: aproveitar todas as coisas boas quando elas aparecem. Só um idiota chapado não aproveitaria a generosa oferta de um civil que se propunha cuidar dos prisioneiros enquanto ele dormia confortavelmente no compartimento ao lado. — Desde que prometas tomar conta deles...

— *Herr Kapo*, para fugirem, têm de me matar primeiro.

O *Kapo* sabia que era verdade: se algum deles decidisse escapar, Szymlak seria preso e mandado para Auschwitz em substituição dele; mesmo sendo um civil inocente.

— E vê lá se eles não são mandriões.

— *Herr Kapo*, pode confiar em mim. Só não vou é gritar, mas é para não lhe perturbar o repouso.

— Desde que o trabalho fique feito, tanto me faz que seja a gritar como não.

— A Magda acorda-o quando o almoço estiver pronto. — Szymlak tinha-o tomado pelo cotovelo e estava já a conduzi-lo à lavandaria.

Edek e Wiesław trocaram um olhar incrédulo. Um trabalho fora do campo e agora isto? Era bom demais para ser verdade.

Quando Szymlak voltou para junto deles, trazia um grande sorriso, que quase lhe dividia a cara ao meio.

— Já vos vou mostrar o que é preciso fazer — disse-lhes num sussurro. — Assim que o vosso guarda tiver adormecido, tratamos de

negócios. Ora bem, é preciso tirar daqui este lavatório. Há um lavatório novo, de porcelana, lá em baixo na cave...

Os três homens trabalharam em ameno silêncio durante os primeiros 30 minutos. Quando se começou a ouvir um sonoro ressonar vindo do outro lado da parede, Szymlak voltou-se para eles, subitamente pragmático.

— Então? De que precisam? Querem escrever à família? Estão à espera de alguma encomenda?

Wiesław olhou para ele muito sério. — Precisamos de um sítio onde possamos ficar alojados.

Szymlak abriu muito os olhos, mas, fora isso, não se deu por achado.

— Um sítio onde possamos ficar alojados e roupas de civil.

Szymlak pensou no pedido durante algum tempo.

— É um grande risco — disse por fim.

— A minha irmã vive em Zakopane — informou Wiesław. — É muito perto do sítio onde você vive.

— Para um civil — fez-lhe notar Szymlak. — Para um prisioneiro com as SS à perna, já não é assim tão perto.

— Nós vamos pela floresta e pelas montanhas, evitando as estradas — explicou logo Edek, fixando os olhos em Szymlak sem vacilar, mas com uma expressão desesperada e perscrutadora.

Szymlak olhou de relance a parede, parcialmente coberta de azulejos, por trás da qual o *Kapo* estava a fazer a sua sesta, olhando depois para os dois rapazes. — O que é que eles vos fazem se vos apanharem?

— Enforcam-nos. — Wiesław teve de reconhecer a amarga verdade. — Mas não nos vão apanhar.

— E antes de vos enforcarem, o mais certo é darem-vos uma tarefa das antigas para cuspirem os nomes dos vossos cúmplices — comentou Szymlak no mesmo tom desprendido de quem está a pensar em voz alta.

— Mas não vão arrancar-nos nenhum deles, e muito menos o seu — prometeu Edek. A pancada e os insultos a que fora sujeito em Auschwitz tinham-lhe endurecido a pele, e tinha a certeza de que as

torturas da Gestapo do campo não teriam grande efeito sobre ele.

Mexendo os lábios no interior do bigode, como se estivesse a mastigar qualquer coisa invisível, Szymlak tomou uma decisão.

— Uma noite — anunciou finalmente o seu veredito. — Dou-vos uma noite debaixo do meu teto, mas ficam na cave. A cave tem acesso pelo exterior, de maneira que, se vos apanharem, eu nego tudo e digo-lhes que vocês se meteram lá dentro sem eu saber e que não fazia a mais pequena ideia de que estava alguém lá escondido.

Para Edek e Wiesław, chegava a sobra. Um após o outro, agarraram a mão do homem e apertaram-lha com veemência.

— Pagamos-lhe isto assim que a guerra acabar... — começou Edek a dizer, calando-o o compatriota com um gesto de mão.

— Não quero dinheiro nenhum. Não faço isto por dinheiro.

Edek acenou a cabeça. Tinha compreendido, tanto ele como Wiesław. Não, aquilo não tinha nada que ver com ganhos. O que Szymlak queria era poder ver-se ao espelho de manhã sabendo que tinha na sua frente um homem íntegro — um homem que tinha feito o que devia fazer, mesmo correndo risco de vida. O dinheiro podia comprar muitas coisas, mas não comprava a integridade. A integridade era algo que se merecia, e que depois se ostentava como uma insígnia de honra; era algo que não se podia perder e que ninguém podia roubar a ninguém.

A única coisa que Edek lamentava era que houvesse tão poucos Antoni Szymlak neste mundo. Se mais pessoas fizessem o que deviam em vez de optarem pelo lucro, preferindo a solidariedade e o altruísmo ao poder e à ganância, talvez não houvesse campos como Auschwitz.

Capítulo 16

O domingo, o único dia de folga dos prisioneiros, amanheceu de um cor-de-rosa suave, coberto de uma neve fina. Com a gola do sobretudo levantada para se proteger do vento, Mala fez-se ao caminho, atravessando o complexo picado de gelo. O edifício branco da sauna destacava-se ao longe, contra o pano de fundo cinzento e oleoso do fumo que saía das chaminés.

— Estás mesmo a pensar agradecer-nos com a tua presença amanhã? — tinha-lhe Zippy perguntado na véspera, exagerando o espanto. Mala recuperara por completo da sua provação recente com Moll; mas o que a deixara mesmo animada era ter conseguido comprar um lugar *Kosher* para o seu protegido na cozinha dos prisioneiros. De vez em quando, ia visitar este substituto sonhado do pai. O homem não se importava nada de desempenhar esse papel, passando-lhe batatas e cebolas quando conseguia, e perguntando-lhe, com preocupação paternal, como lhe tinha corrido o dia. É possível que Zippy considerasse aquela relação estranha, ou pouco saudável, mas nunca lhe sugeriu que alterasse o estado das coisas; tudo o que permitisse a um prisioneiro sobreviver mais um dia valia a pena. — Ainda não sei se acredito. Há meses que andas a prometer aparecer.

Tendo recebido sucessivas respostas evasivas aos seus inúmeros convites, Zippy já quase tinha desistido da ideia de ver Mala num concerto da orquestra feminina. Mala tinha pena de desiludir a amiga uma e outra vez, mas não conseguia decidir-se a ir ouvir a beleza da música interrompida pelos ruídos metálicos das fornalhas do crematório, que operavam a curta distância da sauna. Quem se tinha lembrado de usar a sauna como sala de concertos tinha, inevitavelmente, um sentido de humor bastante peculiar, pensou Mala,

obrigando-se a seguir em frente.

— O que foi que te fez mudar de ideias de repente? — perguntara-lhe Zippy.

De facto, o que teria sido? Mala devia ter ficado no quarto, a ler um livro roubado na *Kanada*, esquecendo, durante umas horas, a existência do campo; podia ter ido visitar o seu papá fingido ou ter usufruído de umas horas de esquecimento autoimposto, que lhe permitiriam enfrentar a nova semana naquele inferno; podia ter-se abandonado a um sono errático, onde as vozes dos mortos e dos moribundos não pudessem alcançá-la, conseguindo assim uns momentos de paz. Mas não. Estava naquele momento a arrastar-se em direção a um destino temido, com passos carregados de relutância, perguntando a si própria o que sentiriam os membros do *Sonderkommando* quando metiam seres humanos dentro dos fornos ao som de uma valsa vienense.

Decidira ir ao concerto porque tinha dito a Edek que iria. Resolvera fingir-se corajosa e despreocupada, porque essa era a atitude dele: só uma pessoa intrépida se aventurava a planear o que ele estava a planear, e Mala queria que ele visse nela uma camarada, alguém em quem podia confiar acima de tudo, a quem podia entregar a própria vida.

Decidira ir porque queria vê-lo.

Quando teve consciência disso, parou abruptamente, como se tivesse sido agredida.

Queria vê-lo porque ele era a única pessoa que ainda conseguia fazê-la rir naquele local de pertença dos mortos. Tinha necessidade da proximidade dele, porque a sua força dava-lhe força, levando-a a acreditar no impossível, garantindo-lhe que ainda nada estava perdido, que havia a possibilidade de uma nova vida algures fora daquele inferno contornado a barreiras de arame farpado.

— Quero ver se a *Frau* Alma chegou a conseguir fazer de uma pessoa com duas mãos esquerdas uma bandolinista aceitável — respondera Mala, ocultando os seus pensamentos íntimos com uma piada e sorrindo agradecida por Zippy ter compreendido a dica e não ter insistido nas perguntas.

O público já tinha começado a reunir-se em frente da sauna. O vento manchado de fuligem que soprava da direção do crematório provocou um remoinho de um cinzento medonho, envolvendo as figuras num abraço de sudário durante uns instantes, e acabando por se dissolver em cinzas. Mala sentiu-se invadir por um terrível sentimento de perigo, que lhe transformou a face numa máscara de cal: todos eles acabariam em cinzas, pensou nesse momento, com uma nitidez que lhe gelou o sangue. Todos eles morreriam ali, naquele purgatório onde até o Sol parecia brilhar com menos força, manchado por nuvens de cinzas e almas perdidas.

— Acho que, daqui, não conseguimos ouvir a música.

Sobressaltada pela voz, Mala voltou-se para o homem que lhe tinha pousado a mão ao de leve no ombro, e sentiu que lhe nascia um sorriso nos lábios, quase contra a sua vontade. Era Edek, o rosto frio por causa da neve, os dentes brancos à vista num sorriso. Edek era a própria imagem da vida, contrariando a da condenação eterna; e só por isso, Mala pegou-lhe na mão e apertou-lha com um afeto imenso.

— Fico tão contente por teres vindo! — disse, e era inteiramente verdade.

— Está a parecer-me que, mais uns minutos de espera, mudavas de opinião e davas-me uma tampa.

O comentário foi feito a brincar, mas os olhos dele buscaram os dela com enorme seriedade.

— Não. — Mala abanou a cabeça, ainda com a mão fria dele nas suas, sentindo-se aquecida só por se encontrar ao seu lado. — Nunca.

Ele soltou um suspiro de alívio audível e, como se de repente tivesse caído em si, meteu a mão dentro do macacão, resmoneando um pedido de desculpas por ser um palerma.

— Toma. Trouxe-a para ti.

Mala olhou para o gerânio com uma expressão de profundo espanto.

— E como conseguiste arranjar uma coisa dessas? — Pegando na flor de um cor-de-rosa intenso com a mão levemente trémula, levou as suaves pétalas ao nariz num gesto lento, passando-as depois diante dos lábios, de olhos fechados, perdida em recordações: Bélgica, macieiras em flor, o calor do sol na cara, a mão envolvida pela mão de um

jovem cujas feições já não recordava com nitidez. Há anos que ninguém lhe oferecia flores. E há muito que tinha perdido a esperança de alguém voltar um dia a fazê-lo.

— É um gerânio. — A voz de Edek tinha uma nota de vergonha. — Infelizmente, não cheira a nada. Lamento muito.

— Tanto me faz que cheire como não. A mim, cheira-me a rosas.

Depois de ela ter passado a flor pelos lábios, Edek viu nascer neles um sorriso de felicidade.

Abrindo os olhos, Mala olhou novamente para ele.

— Onde é que o arranjaste?

— Roubei-o aos SS — reconheceu ele com uma honestidade tocante.

— Meti-o na caixa das ferramentas depois de acabar de arranjar uma coisa no aquecimento das instalações deles.

— Podiam ter-te abatido por uma graça dessas.

— É uma causa pela qual vale a pena morrer. — E voltara a rir-se com cumplicidade, recordando a Mala aquilo que os tinha ligado, e que a coragem era um músculo que era preciso exercitar. Edek era um campeão; era a pessoa mais corajosa que ela conhecia. — Vamos entrar? — sugeriu ele, oferecendo-lhe o braço com uma atitude de cavalheiro civilizado.

Mala deu-lhe o braço e, dessa maneira, a entrada na sauna perdeu o seu habitual carácter de pesadelo. A ideia de ir ouvir música num sítio que processava carradas de pessoas destinadas a morrer dentro de poucos dias ou, se tivessem sorte, dentro de poucas semanas, deixou de a revoltar com a mesma intensidade.

Lá dentro, a orquestra feminina tinha começado a afinar os instrumentos. Na primeira fila de cadeiras dispostas em semicírculo, estavam sentados os membros das SS e os guardas, quais convidados de honra de um teatro de ópera de Viena. Seguiam-se os *Kapos*, os superiores dos blocos e os prisioneiros com privilégios, que estavam sentados; os restantes prisioneiros tinham de se agrupar de pé junto à parede do fundo. Mas não pareciam minimamente incomodados com isso, desde que lhes fossem concedidos alguns momentos valiosos de música, que inalavam com avidez, como quem emerge à superfície da água para respirar preciosas golfadas de ar puro. Estavam amontoados

contra a parede do fundo como sardinhas em lata, mas os olhos brilhavam-lhes de excitação, esquecidas as roupas em farrapos, desaparecida temporariamente a dor que lhes afetava os corpos vencidos. A expectativa de ouvirem o magnífico Mozart de *Frau Alma* tinha um efeito mágico. Havia um frémito no ar, enquanto a maestrina, distante e concentrada como sempre, afinava o seu violino para o solo de abertura.

— E os que ficaram lá fora? — perguntou Edek quando já se encontravam no interior da sala de concertos improvisada. — Vão ter de ficar lá fora, ao frio, o tempo todo?

— Não têm grandes alternativas — explicou-lhe Mala baixinho, com um sorriso que, sem ela saber bem porquê, teve um toque de culpa. Zippy tinha-lhe guardado um lugar («na verdade, guardei-te dois lugares», tinha-lhe dito a bandolinista com um piscar de olho, como se tivesse suspeitado da razão que estava por trás da súbita mudança de atitude da amiga), mas, de repente, Mala sentiu-se incapaz de se sentar ao lado dos privilegiados. — A música é a única distração a que têm acesso aqui. Diz a Zippy que passam horas ao frio a ouvi-las.

— Sim, acho que percebo porquê — comentou Edek com um ar pensativo. — Ajuda-os a esquecer. — Mas, vendo a expressão da cara de Mala, apressou-se a mudar de assunto. — Não temos assim muito espaço para dançar, pois não?

Mala soltou uma pequena gargalhada, grata pela distração. Estavam os dois no meio da multidão de prisioneiros. — Não. E, de qualquer maneira, é proibido. Tal como é proibido aplaudir.

— Quer dizer que temos de nos pôr em sentido e ouvir a música como se fôssemos soldadinhos de chumbo? — Edek sentia-se incrédulo com o absurdo daquela regra.

— Infelizmente, é mesmo isso que temos de fazer.

— Então, acabamos já com isto. — Edek pegou-lhe na mão e, antes de ela ter oportunidade de protestar, conduziu-a à porta. — Eu vim cá para dançar contigo. Se, para isso, tivermos de dançar ao frio, por mim tudo bem. Dançamos mais depressa, e pronto.

Quando Edek empurrou a porta para saírem, Mala foi atingida por uma rajada de vento na cara. Momentaneamente cega pelas cinzas,

percebeu que estava a rir-se, apesar de tudo aquilo, num sítio onde o riso era a primeira coisa a morrer — e fora ele que tornara isso possível.

— Obrigada — disse Mala quando se ouviram as primeiras notas e eles se perderam na música. — Estava com medo de vir, mas ainda bem que vim.

— Obrigado por me teres convidado — replicou Edek, com a face colada ao cabelo dela e a mão de Mala firmemente apertada na sua. Era ele que conduzia o par. — Nunca me teria passado pela cabeça que fosse possível ser feliz em Auschwitz, mas tu provaste que eu estava enganado.

Por momentos, Edek separou-se dela e olhou-a intensamente nos olhos, e Mala sentiu aquelas palavras no fundo do peito, onde o seu coração batia com o dobro da velocidade apenas por ter a palma da sua mão na dele. Durante breves instantes, o campo deixou de existir.

Ele tinha razão: era um crime de lesa-majestade ser feliz neste sítio; mas, naquela tarde de domingo, não lhes cabia outra alternativa. A música envolvia-os como um abraço terno e caloroso, fazendo-os rodopiar, conduzindo-os pelo brilho frio e luminoso da neve, e eles deixaram-se levar pelo seu poder. Os olhos cintilantes com uma alegria temerária e altruísta; os dedos entrelaçados e já sem o gelo do começo; os lábios num sorriso interminável e, por fim, as gargalhadas irrompidas em nuvens translúcidas e nebulosas — um som há muito esquecido de um passado sem preocupações —, espelhadas nos sorrisos hesitantes e trémulos dos prisioneiros que os rodeavam, vendo-os dançar como se tudo aquilo fosse uma espécie de milagre.

Sem darem conta disso, Mala e Edek tinham criado à sua volta um círculo de vida; um círculo de vida no centro de um cemitério gerido pelas SS, instilando nos corações famintos, ansiosos por uma lasca de esperança, a fé em algo maior do que a própria morte.

Capítulo 17

A rapariga, que lhe parecia conhecida, usava o uniforme do bloco de música, mas solicitou dois canalizadores para a secretaria do campo com a autoridade de um guarda das SS.

— Uma das torneiras das casas de banho dos SS está a pingar e o *Obersturmführer* Hössler já não pode ouvir aquele barulho. Ameaçou que, se a torneira não estiver consertada na próxima hora, manda o *Kommando* da manutenção todo para a câmara de gás. Mas não quer judeus a trabalhar nisto, por isso vou levar aqueles dois polacos. — O braço esguio da jovem, com o indicador esticado, apontava para Edek e Wiesław.

O novo superior do bloco devia conhecer bem os métodos de Hössler, porque quase arrancou as taças de comida das mãos de Edek e Wiesław, e deu-lhes dois grandes pontapés no traseiro, o método de incentivo típico de Auschwitz. — Levantem-me imediatamente esses rabos gordos!

Edek ainda tentou protestar, dizendo que eram horas de jantar e que a torneira podia esperar que eles acabassem de comer, mas a expressão do superior do bloco, combinada com a cara de súplica dos restantes membros da equipa, impediu-o de levar o protesto até ao fim.

A rapariga do bloco de música viu-os pegar nas caixas de ferramentas, e só se dirigiu a eles quando já estavam bem longe do barracão do *Kommando* de manutenção.

— Espero que me desculpem por lhes ter interrompido a refeição — disse-lhes em alemão, a língua franca do campo, embora Edek lhe tivesse reconhecido traços de eslovaco na pronúncia. — Não se preocupem, a Mala e eu recebemos rações duplas por trabalharmos na

secretaria do campo. Nós partilhamo-las convosco — prometeu com um grande sorriso.

— A Mala? — Edek levantou imediatamente a cabeça.

— Claro. Quem é que pensam que vos chamou à secretaria? O Hössler? Ele não usa as casas de banho da secretaria. Tem instalações próprias, mas o vosso *Kapo* não sabe. — A rapariga atirou-lhe um olhar malicioso e bateu as longas pestanas pretas. — Além disso, os SS já recolheram todos. Só ficou a sentinela, mas esse é inofensivo.

A rapariga era um pouco mais baixa do que Mala e mais esguia, mas tinha a mesma autoconfiança. Edek percebeu logo que estava tão familiarizada com o funcionamento do campo como a amiga.

— Mas tu não pertences à orquestra? — perguntou Wiesław, olhando com desconfiança o fato azul da rapariga, que se lhe via por baixo do sobretudo de inverno.

— Pertença — respondeu ela, sem se deixar perturbar. — A Mala e eu tratamos de vários assuntos no campo.

— Tu és a Zippy. — Nos olhos de Edek brilhou uma centelha de reconhecimento. Recordou-se da amiga de Mala que tocara bandolim no concerto de domingo e que lhes tinha reservado os lugares que haviam trocado pela liberdade do exterior. Observando a cara da rapariga, Edek perguntou a si próprio se estaria a par dos planos de fuga dos dois amigos.

— Pois sou, mas isso fica entre nós. Toda a gente me conhece pela Spitzer da *Schreibstube*.

E, de repente, ficou a saber a resposta: esta jovem eslovaca de olhar malicioso e sorriso a condizer também pertencia à «organização».

Mala foi buscá-los à porta da secretaria. As luzes estavam apagadas em todo o corredor e ela estava encostada à ombreira da porta, de braços cruzados, com o brilho quente e suave do candeeiro da secretaria nas costas, e o habitual sorriso ligeiramente trocista nos lábios.

— As boas-vindas à classe operária.

Ao ouvir-lhe a voz, Edek sentiu de repente uma leveza inexplicável no peito. E, sem saber bem porquê, teve a certeza de que não era fome.

— A costa está livre? — quis saber Zippy, despindo o casaco e atirando-o para as costas de uma cadeira.

— Totalmente — confirmou Mala, convidando os dois rapazes a entrar e fechando a porta do gabinete à chave.

— Eles deixam-vos estar aqui à noite sem ninguém a vigiar-vos? — perguntou Edek, olhando em volta.

No canto do gabinete, estava uma pequena árvore adornada com fitas prateadas e bolas de vidro, e Edek percebeu que se tinha esquecido de que era quase Natal.

— Tecnicamente, vivemos nos barracões como as outras prisioneiras, mas na realidade temos um quarto cada uma na cave deste edifício — explicou Mala, que procurava qualquer coisa no armário do arquivo. — Desde que estejamos no barracão à hora da chamada, deixam-nos dormir aqui.

— Aqui? Na secretaria do campo? — Edek olhava as duas raparigas, incrédulo.

— De vez em quando, passo a noite com a orquestra, mas sim — replicou Zippy, estendendo aos dois homens um prato de batatas assadas onde até se viam pedacinhos de chouriço de sangue. — Cada uma de nós tem o seu quarto aqui. Avancem.

Os dois amigos entreolharam-se, algo embaraçados. O seu código de honra masculino não lhes permitia comer a ração das raparigas, mesmo que estas pertencessem à casta privilegiada da população do campo. Só depois de Mala e Zippy lhes terem garantido que já tinham ambas jantado e que tinham rações da Cruz Vermelha no quarto é que Edek estendeu relutantemente a mão para o prato. Agradou-lhe ver que Wiesław era o primeiro a meter uma grande garfada de batatas na boca, porque não tinha a certeza de conseguir resistir muito mais tempo à tortura do maravilhoso aroma. Assim que os primeiros pedaços de batata dourada lhe tocaram a língua, fechou os olhos, deliciado com o sabor, apreciando-o e tentando prolongá-lo, mastigando o mais devagar que conseguia.

— Tu, em especial, tens de comer o mais que puderes. — Mala atirou-lhe um olhar estranho. Mostrava-se feliz, mas tinha uma expressão carregada de indizível melancolia. — Como pensas

conseguir passar por SS se tiveres ar de quem está a morrer de fraqueza? Eles percebem imediatamente a marosca. Na realidade, vou tratar de te engordar nos próximos meses. Não estavam a planear fugir em pleno inverno, espero eu!

Os dois camaradas voltaram a entreolhar-se. A bem dizer, era isso mesmo que estavam a planear fazer. Assim que conseguissem deitar as mãos ao *Ausweis* e ao uniforme.

— Ora, ora, não sejam insensatos. — Mala abanou a cabeça num gesto de reprovação. Tinha finalmente descoberto o processo de que andava à procura e colocou-o em cima da secretária, por baixo do candeeiro com um quebra-luz verde.

— Aquele sujeito que fugiu há pouco tempo...

— Teve sorte e mais nada. — Mala, que tinha pegado numa tesoura, interrompeu Edek com um gesto categórico. — Só não foi descoberto por causa da tempestade de neve, que lhe apagou as pegadas e impediu os cães de lhe seguirem o rasto. Vamos imaginar que vocês saem do campo com o disfarce que estão a pensar. Terão de o fazer de manhã ou a meio do dia, porque nenhum guarda com um mínimo de juízo autoriza um prisioneiro a sair do campo à noite ou sequer ao fim do dia. Ficam, portanto, se tiverem sorte, com umas horas à vossa frente, que vos permitirão alcançar a floresta antes de eles descobrirem, na chamada do final da tarde, que desapareceram. Espero que não estejam a pensar dirigir-se à aldeia ou cidade mais próxima, porque há de haver uma *pessoa conscienciosa* que comunicará a presença de um uniforme das SS e outro de prisioneiro antes de vocês terem sequer noção do que se está a passar, e lá vão vocês parar à forca, meus meninos.

Acabou de aparar qualquer coisa com a tesoura, que Edek não conseguiu perceber exatamente o que era, e endireitou-se, voltando-se de frente para os dois amigos.

Estes baixaram a cabeça em simultâneo, como se tivessem ensaiado o movimento, e continuaram a mastigar o inesperado banquete de batatas assadas, evitando assim o olhar acusador da rapariga.

— Quer dizer que achas melhor esperarmos pelo verão? — perguntou Edek com uma voz involuntariamente rouca. Para ele,

esperar até ao verão era o mesmo do que deixar passar dez anos.

— No mínimo dos mínimos, até maio — confirmou Mala pacientemente. — Se não quiserem ser apanhados, vão ter de passar uns dias na floresta. E, se não quiserem morrer de frio, aconselho-vos mesmo a esperarem que o tempo esteja um pouco mais aceitável. Além disso, os meses de maio e junho são especialmente nublados, por causa dos pântanos, fator que vai jogar a vosso favor.

E, sem esperar resposta, Mala voltou-se de novo para a secretária. Desta vez, Edek aproximou-se dela, deixando o que restava das batatas a Wiesław, abrindo os olhos de espanto quando Mala colou a fotografia do amigo num passe do campo: o cobiçado *Ausweis*. Ao ver o futuro de ambos — pelo menos era o que lhe parecia naquele momento — nos delicados dedos da rapariga, sentiu um nó na garganta.

— E se eles fizerem perguntas sobre a fotografia em falta? — perguntou, olhando com uma expressão preocupada para o processo aberto, de onde ela tinha retirado a fotografia.

— Por essa altura, já vocês vão longe. — Mala sorriu-lhe, despreocupada.

— Está bem, mas tu... — Edek olhou-a com ar trágico.

— Eu o quê?

Edek ouviu Zippy pigarrear e, voltando-se, já só foi a tempo de a ver orientar Wiesław para a porta trancada. Dando a volta à chave, Zippy quase o empurrou para o corredor.

— Nós vigiamos o corredor — largou por cima do ombro, não conseguindo ocultar um sorriso antes de fechar silenciosamente a porta.

Agora que estavam só os dois na semiobscuridade, Edek ficou sem saber o que havia de dizer.

— Eles não vão... interrogar-te? — perguntou, passando a língua pelos lábios.

— Penso nisso na altura — replicou Mala, demasiado despreocupada para o gosto dele. — É uma velha regra do campo: não gastes os nervos numa coisa que ainda não aconteceu.

Edek agarrou-lhe o pulso antes de ter consciência do que estava a

fazer. — Vem connosco.

Mala recuou, divertida, mas não soltou a mão. — Estás louco?

— Nem um bocadinho. É um perigo enorme ficares cá tendo-nos ajudado. Vem connosco. Por favor.

— Estás mesmo louco — anunciou ela, pronunciando o veredito com um meio sorriso melancólico e libertando-se com suavidade. — Mantém-te fiel ao plano original. Foge daqui com o Wiesław, junta-te aos *partisans* e combate os nazis. Prometo-te ainda cá estar quando vocês vierem libertar-nos. Até vou receber-te pessoalmente ao portão.

No silêncio que se seguiu a estas declarações, Edek observou-lhe o sorriso propositadamente descontraído e brincalhão, sentindo que se lhe partia o coração.

Mala tirou um selo da gaveta de cima da secretária e passou-o com cuidado sobre a esponja da cola. Instantes depois — triunfante e extraordinariamente bela —, apresentava a Edek o *Ausweis* com ar oficial. — Aqui tens. O vosso bilhete para a liberdade. Feliz Natal!

E ele ficou a olhar para ela, infinitamente grato e comovido até à medula, mas de repente — e apesar de tudo — percebeu que não conseguia pegar no documento. Só depois de Mala lhe ter fechado os dedos em volta do cartão é que Edek lhe sussurrou um obrigado, num tom que lhe saiu algo trémulo, por razões que ele não conseguia explicar bem.

Capítulo 18

Mala contornou o crematório e seguiu na direção da enfermaria. A distância era curta, algo que era, em si, simbólico. As prisioneiras de Birkenau fugiam do hospital do campo como se fuge da peste; para a maioria, o crematório era o passo seguinte, a não ser que os médicos das SS acabassem com elas logo ali, administrando-lhes no coração uma injeção letal de fenol. Não se ia para a enfermaria para ficar melhor, mas para morrer.

Levava no bolso produtos médicos de contrabando, escondidos no interior do duplo forro. Não iam tão escondidos que resistissem a uma busca completa, mas bastava para aqueles casos em que aparecia um guarda novo, ansioso por impressionar os superiores, que exigia que Mala esvaziasse os bolsos à sua frente. Os mais antigos reeducavam estes recrutas num instantinho: Mala não era apenas a favorita de Mandl, era também a preferida de Hössler, o líder do campo. Era uma judia de estimação, e incomodá-la em nada beneficiaria a promoção de alguém.

Apalpando o tubo de aspirina e o fornecimento de sulfamidas através do forro, Mala controlou um sorriso satisfeito: em troca dos pregos e dos parafusos, Kostek tinha-lhe enchido os bolsos de um verdadeiro carregamento, que encantaria qualquer médico de Birkenau. Mala tinha perfeita consciência das razões que presidiam a tal generosidade — qualquer prisioneiro podia ir parar, ele ou um amigo, ao hospital do campo dum momento para o outro. Era importante ter aliados entre os médicos, aliados que se lembrassem dos subornos recebidos e evitassem a todo o custo que o nome de certos doentes fosse incluído na temida lista de condenados à morte dos médicos das SS, o que lhes permitiria sair da enfermaria na

vertical, em vez de transportados para o crematório. Hoje, porém, a sua visita tinha outro motivo.

— Isto é um presente da Rita — tinha-lhe dito Kostek, tirando de um dos compartimentos interiores do seu macacão uma série de embalagens com comprimidos e injeções. — A rapariga soviética que foi transferida para o *Kommando Kanada* graças a ti.

— Conseguiu roubar isso tudo? — Mala nem queria acreditar no que estava a ver.

— Bem, não foi tudo duma vez — respondera Kostek, com uma pequena gargalhada. Como sempre, cheirava a carne queimada e a uma água-de-colónia horrível, com odor a pinheiros, que quase todos os membros do *Sonderkommando* usavam para tentar disfarçar o fedor. — Temos andado a juntá-los na última semana, para tos dar. A Rita manda dizer que, se precisares de alguma coisa, basta avisares. O namorado dela também te manda cumprimentos. Trabalha como dentista no crematório, e está encarregado de arrancar os dentes postiços dos pobres diabos. Ofereceu-se para te arranjar uns dentes de ouro, mas eu disse-lhe que achava pouco provável que tu estivesses interessada.

Mala começara por fazer uma careta — não estava de facto interessada —, mas depois pensou em Edek e a sua expressão mudou. Aliás, nas últimas semanas, tinha pensado nele com mais frequência do que seria razoável. Dizia a si própria que era apenas o desejo de fazer o que pudesse por ele, e que não havia por trás disso qualquer elemento sentimental; a verdade é que também se esforçava ao máximo por ajudar Kostek — mas não se lembrava de ter alguma vez sonhado que estava a ser beijada por ele, acordando ofegante, com as costas cobertas de suor, ainda a sentir os seus braços em volta do corpo.

Edek tinha-a convidado a fugir com ele. Mala não podia, evidentemente, levar o convite a sério — havia demasiadas vidas dependentes dela em Auschwitz, vidas que ela não podia abandonar à sua sorte, indo-se embora. Se não fosse ela, o mais certo era o seu novo papá ter perecido, afogado nas águas lamacentas da vala comum criada por Moll, e só de pensar nisso, sentia um frio no estômago.

Sabe-se lá quantas mais pessoas conseguiria ela arrancar às garras da morte no futuro, se permanecesse dentro do arame farpado? Ainda assim, não deixava de sonhar com aquela possibilidade, uma fantasia alimentada a coberto da noite e acompanhada por um sentimento de culpa. Sentindo as faces a arder com uma combinação de vergonha e de prazer decadente, sonhava em ser livre — com Edek a seu lado.

— A bem dizer, esse ouro dava-me jeito — acabou por dizer, expulsando da mente uma série de pensamentos indesejados e muito pouco oportunos. — E pergunta à Rita se me consegue arranjar um relógio de pulso de homem. De preferência caro, mas que não dê nas vistas. Uma coisa com o mostrador dourado e uma correia de couro. Preferencialmente de fabrico alemão ou austríaco.

Para seu enorme alívio, Kostek não lhe fez nenhuma pergunta, limitando-se a acenar a cabeça e a regressar ao sinistro trabalho de que estava encarregado. Dirigindo-se em passo apressado à enfermaria, Mala ia a pensar nele, nos companheiros de trabalho e nos pregos que tinha andado a trazer-lhes, perguntando a si própria se chegaria a assistir à revolta que andavam a planear há vários meses.

O hospital onde a sua amiga Stasia trabalhava estava mais cheio do que o costume. Havia uma epidemia de tifo em Birkenau e, ao contrário do anterior chefe, o *Kommandant* Höss, Liebehenschel recusara-se a mandar todos os prisioneiros doentes para as câmaras de gás, pelo que estes se amontoavam, aos cinco por cada beliche, gemendo por causa da febre e das dores de estômago, que os recrutas do hospital não tinham como aliviar.

— O que estás aqui a fazer?

Mala deu meia-volta ao ouvir aquela pergunta. Tinha na sua frente uma prisioneira-médica, que a olhava como se ela fosse doida.

— Pensei que a Mandl tinha proibido todo o pessoal da secretaria do campo de cá vir durante a epidemia.

A *Lagerführerin* tinha, de facto, emitido essa interdição, e as suas ordens haviam sido totalmente explícitas. Ao saber que alguns membros das SS tinham apanhado a doença, Mandl proibira Mala e Zippy de sequer se aproximarem da enfermaria do campo.

Lançando um sorriso hesitante à médica, Mala deu um passo em

frente.

— Vim trazer medicamentos.

A expressão da médica alterou-se logo, fixando os olhos nos bolsos de Mala.

— Mas primeiro tenho de falar com a Stasia.

— Está lá ao fundo, por trás da divisória.

Ao ver que Mala avançava na sua direção, a médica recuou a toda a pressa, encostando-se ao beliche mais próximo para a deixar passar.

— Piolhos — explicou, como quem pede desculpa. — Prefiro não tos pegar. Por favor, não toques em nada e, quando saíres daqui, passa um fósforo em toda a extensão das costuras da roupa.

Mala prometeu que assim faria, e foi encontrar Stasia onde a médica lhe disse que ela estava.

A sua amiga, também ela prisioneira-médica, estava sentada num banquinho, de costas para Mala, e tinha à sua frente, deitada numa mesa operatória improvisada, uma mulher de face branca como a neve e de pernas afastadas. Tinha a saia do vestido às riscas levantada acima da barriga, que não estava muito inchada, mas Mala percebeu logo que tipo de operação estava Stasia a fazer.

A médica endireitou-se, olhando para trás com uma expressão assustada, mas descontraiu-se quando viu que se tratava de Mala.

— Nunca te disseram que é má educação aparecer sem avisar, ainda por cima num sítio destes? Ias-me fazendo vomitar o pequeno-almoço!

Mala sorriu, quase contra a vontade. Stasia tinha uma maneira muito própria de se exprimir.

— Desculpa. Venho em má altura?

— Se fosses um SS, vinhas mesmo. Dá-me mais uns minutos, estou quase a acabar.

Ao ouvir aquelas palavras, a paciente de Stasia fez uma expressão de alívio e, voltando a apoiar a cabeça na mesa de operações, fechou os olhos. Stasia deu-lhe uma palmadinha ao de leve na coxa.

— Não te preocupes, mamã. Fui o mais cuidadosa que pude nestas circunstâncias. Hás de vir a ter muitos filhos, quando saíres daqui.

A jovem acenou a cabeça com uma expressão corajosa. A cara encheu-se-lhe de lágrimas, mas ela limpou-as com as costas da mão.

— O teu marido há de compreender — prosseguiu Stasia. — Não havia alternativa. Estás em Birkenau. Sabes bem o que as SS fazem às grávidas. Se alguém revelasse que estavas grávida, ias direitinha para a câmara de gás.

A doente de Stasia voltou a acenar a cabeça. Sabia, de facto. Toda a gente sabia. Aos nazis, só interessavam os da sua *raça*. Os filhos dos outros que fossem para o diabo.

— Obrigada — disse baixinho. — Por me teres ajudado. A médica do outro barracão recusou-se.

— A húngara impante? — perguntou Stasia, fungando com desdém.

— Essa mesmo. Disse-me que, se fosse com isto avante, ia parar ao inferno.

Stasia soltou uma gargalhada incisiva.

— No inferno já tu estás. Não há nada pior do que isto. Nem o demónio tem tanta imaginação como os nossos amigos das SS — comentou num tom trocista, virando-se ao de leve na direção de Mala. — Sabes o que mais me impressiona em certa gente? Dar mais valor aos seus ideais absurdos do que à vida das pessoas. A Etsy — apontou para a paciente, segurando um pano generosamente humedecido com um antisséptico — teria morrido, e aquela húngara convencida que se diz médica estava a borrifar-se. A única coisa que lhe interessa é a criança por nascer. A mãe, um ser humano que está aqui à nossa frente e corre perigo de vida, é irrelevante para ela. Recusa-se a abortar uma criança que não tem a menor hipótese de sobreviver e, com essa inação, mata a mãe; mas não vai contra os seus princípios religiosos. Não é espantoso?

— Eu sou judia — replicou Mala, encolhendo os ombros. — Na minha religião, damos mais valor à vida da mãe do que à vida da criança por nascer. Mesmo quando se trata de um parto difícil e é preciso escolher entre a vida da mãe e a vida do bebé, salvamos a mãe. Ela já está cá fora. Tem a sua vida, a sua família, os seus amigos, o seu trabalho e os seus interesses. Há de ter mais filhos. A vida do bebé ainda não começou, por isso a escolha é evidente. Pelo menos, é essa a lógica que preside a tudo isto.

— Precisamente — concordou Stasia. — Na Polónia, eu era

ginecologista, e fazia abortos, ilegalmente, claro, às pobres criaturas que vinham ter comigo depois de terem sido recusadas nos hospitais públicos. Apareciam-me miúdas de 13 anos que tinham sido violadas pelos tios e que olhavam para mim de olhos vazios, explicando-me, com toda a calma, que a alternativa era eu ajudá-las ou elas afogarem-se no rio. Apareciam-me mulheres de rosto tapado para esconder as nódoas negras, pedindo-me que as ajudasse, para evitar que nascesse mais um desgraçado numa casa onde o marido fazia apenas duas coisas: beber e bater, nela e nos filhos, todos os dias. A minha clínica privada era um refúgio para elas. Mas, aos olhos do público, eu era uma assassina de crianças, desprovida de moral e de sentido ético. Sabes uma coisa? Se ajudar uma mulher em crise é imoral e eticamente reprovável, eu prefiro ser isso tudo a condenar essa mulher a uma vida de violência e pobreza, ou à morte, como aconteceria à Etsy.

— Não, tu não és imoral nem antiética — interveio Etsy com um doce sorriso. — Salvaste-me a vida.

Levantando-se do banco, Stasia depositou um beijo inesperado na testa da jovem.

Mala observava-as de lágrimas nos olhos e, subitamente, percebeu que a única coisa que interessava a Stasia eram as palavras dos seus doentes. O que o resto do mundo tinha a dizer era-lhe indiferente.

— Nunca te perguntei porque foi que te prenderam — perguntou-lhe um pouco mais tarde, já na sala das enfermeiras, quando estavam a fazer a troca dos produtos.

— Na minha cidade, prenderam quase todo o pessoal médico. Vivíamos muito perto da fronteira alemã, percebes? Substituíram-nos a todos por médicos e enfermeiros alemães.

— Foi só por isso?

— Foi só por isso.

— Quer dizer que não és comunista nem nada disso?

Stasia fungou. — Alguma vez me ouviste citar Marx?

— Tens família?

— Tenho marido e dois filhos adoráveis. — Stasia deu uma palmadinha no peito, onde Mala suspeitava que a médica guardava

uma fotografia, embora fosse proibido. — E tu, Mally? És casada?

Mala não respondeu imediatamente. Tinha passado demasiado tempo. Já quase nem se lembrava como fora a sua vida antes de Auschwitz. A cada dia que passava, essa vida ia-lhe parecendo mais irreal, quase como se a tivesse imaginado. A princípio, quando chegara ao campo, refugiava-se nas suas memórias; mas depressa tinha compreendido que tais memórias lhe roubavam as energias, substituindo-lhe o coração por um buraco negro que ia aumentando com o tempo. Por isso, começara a enchê-lo, preenchendo a vida vazia e torturante com tudo o que podia e com quem podia: a organização de juventude Hanoar Hatzioni fora substituída pela Resistência do interior do campo; os bailes de Antuérpia, pelos concertos da orquestra de Birkenau; a sua melhor amiga, uma jovem cheia de vida da loja de moda, pela astuciosa e infinitamente arrojada Zippy; o antigo patrão, pelo diretor do campo, Hössler, e pela *Lagerführerin* Mandl; o pai, por um judeu francês que arrancara com as mãos nuas a uma trincheira cheia de cadáveres.

Edek, porém, não fora um mero substituto do último namorado que tivera, aquele cujo encontro lhe valera que o pai lhe oferecesse uns sapatos de couro. Edek era algo completamente novo, uma força que tinha invadido a vida de Mala e a tinha transformado, de autómata obcecada com a vingança que andava pelo campo a fazer recados a pedido da Resistência, numa mulher que começara a derreter e a permitir-se voltar a sentir.

A permitir-se sonhar.

E amar.

— Eu tinha um namorado quando vivia na Bélgica — reconheceu por fim, com grande relutância.

— E a Mandl autoriza-te a escrever-lhe?

— Autoriza. Mas eu nunca lhe escrevi.

— Porquê?

Mala encolheu os ombros. Ainda pensou em explicar tudo a Stasia: que era uma pessoa quando saíra da Bélgica, mas se tinha transformado noutra completamente diferente, e que a nova Mala não tinha nada comum com o jovem elegante cujas feições se haviam

tornado cada vez menos nítidas na sua memória. A antiga Mala era idealista e um tudo-nada ingênua; aderira à causa sionista e sonhava em lutar por ela, mas nunca lhe passara pela cabeça, nem nos seus piores pesadelos, que a luta por essa causa tivesse lugar num campo de morte onde a maior forma de resistência era sobreviver. A antiga Mala era uma intelectual que adorava discutir com os companheiros e nunca receara dizer o que pensava, mas que agora era obrigada a morder a língua diante dos superiores, se não quisesse levar um tiro por ter opiniões indesejáveis. Era uma jovem que nunca tivera receio de amar, intensamente e de coração aberto, mas que tivera de fechar o coração ao mundo exterior ao perceber onde fora encarcerada, porque em Auschwitz, ter afetos — e, pior ainda, apaixonar-se — era perigoso. Uma pessoa nunca sabia quando um amigo ou um amante seria incluído na mais recente seleção ou morto por um guarda entediado que decidisse praticar tiro ao alvo nos prisioneiros.

Auschwitz tinha-a mudado tanto que Mala não conseguiria voltar a ser a pessoa por quem o anterior namorado se apaixonara. Como poderia ela explicar a experiência pela qual passara a uma pessoa para quem esta era totalmente inconcebível? Os crematórios, as SS, as carretas de mortos, as câmaras de tortura, as forcas na *Appellplatz* e as enfermarias cujo pessoal tinha de recorrer ao contrabando, porque as SS achavam que era um desperdício comprar medicamentos para os hospitais do campo. Ele nunca compreenderia aquilo por que ela tinha passado.

Pensou em explicar tudo isto, mas decidiu não o fazer.

— É melhor assim — acabou por dizer.

Por muito estranho que parecesse, Stasia compreendeu-a. Também ela vivia há muito tempo em Auschwitz. As duas mulheres teriam essa ligação para sempre, como teriam para sempre as suas memórias deste campo — do pesadelo que ele fora.

Nesse dia, ao fim da tarde, Mala sentou-se no chão da sauna, com o cabelo ainda molhado e a cheirar fortemente a desinfetante. *Mais vale prevenir do que remediar*, tinha pensado; e subornara Mutti, a mulher que tomava conta da sauna, com uma tablete de chocolate de leite, em

troca de um duche quente completo e de uma embalagem do desinfetante verde que era usado nos recém-chegados. O chocolate devia ser mesmo bom, porque Mutti mandou-a desinfetar a roupa toda enquanto Mala aguardava, embrulhada num tapete a que a superior do bloco de desinfecção chamava de toalha.

— Que é feito do teu namorado? — quis saber a mulher bávara no seu tom sonante, olhando Mala dos pés à cabeça com uma expressão astuta.

— Qual deles? — Mala atirou-lhe um sorriso intencionalmente sedutor.

A antiga *madame* revirou os olhos.

— Aquele que olha para ti como se fosse um cão nas vascas da agonia. O teu belo polaco do *Kommando* da manutenção, que passa por cá quase todos os dias a perguntar *se temos canos para arranjar* — concluiu, fungando com um ar divertido, enquanto lhe lançava outro olhar expressivo.

Como que respondendo à chamada, Mala ouviu uma voz que bem conhecia soltar várias imprecações em polaco, e sorriu. Edek devia ter assistido a qualquer coisa que tinha provocado uma explosão de insultos, dirigidos aos «malditos SS» e às respetivas mães, descritas com expressões extremamente ofensivas, bem como aos ajudantes e a um «esconjurado imbecil» que, do sítio onde se encontrava, não conseguira perceber quem era.

As opções vocabulares de Edek deviam ter ofendido alguns ouvidos, porque, logo a seguir, ouviu-se um ralhete quase indignado.

— Cuidado com essa língua, jovem. Há aqui senhoras.

— E homens, que tiveram uma educação que ele não teve — acrescentou outra voz.

Recém-chegados, pensou Mala com um ar trocista, abanando a cabeça. *Não há problema. O pessoal do campo não tarda a ensinar-lhes as regras que vigoram cá dentro.*

E, levantando-se, aproximou-se do pequeno grupo de pessoas, diante dos quais foi encontrar Edek, totalmente furioso.

— Queres que *eu* tenha cuidado com a língua?! — berrou ele. — Devias era estar indignado com o que se passa neste momento na

Appellplatz, não é com o meu vocabulário. Devias estar indignado com os SS, por terem mandado um barracão inteiro de gente para o exterior ao domingo, que é o único dia de descanso, e os terem obrigado a fazer ginástica, «porque lhes faz bem à saúde». Devias estar indignado com os *Kapos* e os superiores dos blocos a matarem de pancada aqueles que não aguentam o ritmo — uivou Edek. — Neste preciso momento, está uma série de gente a ser brutalizada e tu sentes-te ofendido com a minha descrição dos acontecimentos? Nesse caso, sugiro que te vás lixar. Vai dizer aos SS que tenham cuidado com a língua e já vêes o que eles te fazem.

Empurrando propositadamente o homem com o ombro, Edek afastou-se a passos largos, com Wiesław atrás. Mala percebeu que os ombros do amigo de Edek estremeciam de riso, e também ela achou a situação quase cómica: lá fora, tinha lugar uma orgia de morte e o prisioneiro recém-chegado estava mais incomodado com o vernáculo de Edek do que com a crescente pilha de cadáveres.

A *madame*, que também tinha ido investigar, passou pelo recém-chegado e deu-lhe uma palmada com maravilhosa indiferença.

— Idiota.

A multidão que enchia a sauna fez coro com ela e, momentos depois, cada um deles largava insultos nas respetivas línguas. Todos se tinham sentido pessoalmente ofendidos com a observação do homem, pois há vários anos que eram espancados e insultados pelos SS noite e dia; e este recém-chegado, que não tinha sentido a pele a abrir-se sob o chicote de um guarda, que não tinha sentido as costelas a estalarem debaixo da bota do *Kapo*, que não tinha passado várias semanas a urinar sangue depois de ter levado uma tarefa do superior do bloco, não tinha nenhum direito de lhes dar lições de moral. As fileiras cerravam-se à sua volta, a cacofonia de insultos ascendendo a um nível ensurdecedor. Auschwitz era um domínio animal, com regras animais. Aqui, não havia espaço para cortesias. O homem estava a aprender isso à sua custa e, estranhamente, Mala não sentia ponta de solidariedade com ele.

— Idiota! — berrou também, juntando a sua voz ao coro dos outros; não por ceder à influência contagiante do espírito de grupo, mas

porque também ela tinha sentido a observação como um insulto pessoal.

Depois de ali viver mais uns dias, assistindo pessoalmente à degradação, à depravação, à crueldade selvática dos SS, o homem pensaria duas vezes antes de abrir a boca e criticar os outros por recorrerem a um vocabulário que não lhe agradava. Eles, os sobreviventes, tinham todo o direito de ser grosseiros. Ali, só sobrevivia quem tivesse uma pele muito grossa. Os moralistas frágeis tinham morrido há muito tempo nas fornalhas industriais.

Mala viu os olhos de Edek fixados nela. Mas o jovem desviou-os com embaraço ao detetar o arremedo de toalha puída que a envolvia e olhou para o lado quando ela se aproximou. Wiesław também deu mostras de um súbito interesse nas próprias botas.

— Não há problema. Podem olhar para mim. Não estou nua. E mesmo que estivesse... — Mala encolheu os ombros com uma expressão indiferente: em Auschwitz, aparecer despido diante de centenas de pessoas não era propriamente uma novidade. As práticas de seleção dos SS, em que homens e mulheres corriam em círculo totalmente nus, e os duches comunitários, que tomavam na presença do pessoal das SS, tinham há muito reduzido a nada o pudor que lhes restava.

Mas Edek mostrava-se profundamente embaraçado.

— Lamento que tenhas ouvido o que eu disse. Temos passado os últimos dias a trabalhar fora do campo, e não consegui passar-te essa informação. Viemos saber como estavas, deixar-te um recado ou assim... Não sabia que estavas cá... Senão, não me tinha...

Mala ergueu um braço, mostrando-lhe a palma da mão, para o silenciar.

— Não fizeste mal nenhum. O homem é um idiota, que não tinha o direito de protestar com a tua linguagem.

Edek olhou de relance para ela, admirado.

— Idiota — repetiu Mala, com um sorriso carregado. — Uma autêntica retrete, é o que ele é. Um porco desmiolado. — E, com satisfação maliciosa, foi por ali fora, enunciando os mais elaborados insultos no polaco que ambos falavam e que fariam corar qualquer

aluno da academia que Edek tinha frequentado. — E sim, eu dava beijos à minha mãe com a boca de onde saem estas palavras e ela achava muito bem.

Os dois amigos olhavam para ela com admiração crescente.

E Mala sorria-lhes, orgulhosa e destemida, embora o queixo lhe tremesse contra a sua vontade. Era por isto que ela não seria capaz de escrever uma palavra que fosse ao antigo namorado. Era por isto que, fora destes muros, nunca ninguém compreenderia que uma jovem fosse capaz de usar linguagem de sarjeta. Ela *vivia* na própria sarjeta, e, se era destemida e rebelde, era por causa da brutalidade do meio que a rodeava. Era algo que lhe escorria das feridas como pus, contaminando tudo aquilo em que tocava, contaminando e envenenando, e enchendo-a de um desejo de vingança que vivia nela como o apetite voraz de um abutre.

Mesmo que saísse dali, como poderia ela apresentar-se diante do antigo namorado, dar-lhe a mão e sorrir-lhe, com tal negrume a correr-lhe nas veias? O melhor era esquecer por completo o nome dele, tal como já quase o tinha feito com as suas feições. O melhor era dedicar-se àquilo que sabia fazer melhor — roubar, subornar, enganar as autoridades e organizar fugas.

Stasia tinha razão: aos olhos do mundo, havia muitas coisas que eram imorais, antiéticas. Mas, numa altura em que o próprio mundo se tinha tornado imoral, talvez os heróis fossem os criminosos como ela e Stasia, e os proscritos como Edek e Wiesław, Rita e Kostek.

— Vem ter comigo à *Schreibstube* no próximo domingo — disse a Edek. — Vou arranjar-te o ouro para a fuga.

Capítulo 19

— Um uniforme? Mas tu perdeste a cabeça? — Lubusch, o anterior *Kommandoführer* de Edek, olhava para ele com profundo espanto.

Tinha sido um risco enorme ir ter com ele, deslocando-se ao seu antigo local de trabalho, e risco ainda maior abrir o jogo ao SS; mas a verdade é que Edek não tinha alternativa.

Lubusch tinha motivos mais do que suficientes para o arrastar lá para fora e lhe meter uma bala na cabeça à frente de todos os outros só por Edek lhe ter pedido tal coisa — e nem o próprio Edek poderia querer-lhe mal por isso. Aliás, enquanto se dirigia ao seu antigo posto, fora imaginando múltiplos cenários. Ainda assim, tinha a esperança — contra toda a lógica — de que o seu homónimo alemão mostrasse, uma vez mais, que a sua consciência estava acima da odiosa política do *Führer*.

Seguiu-se uma pausa, longa e carregada de tensão. Edek ouvia a sua própria respiração e, pelo canto do olho, via o coração bater loucamente por baixo do pano azul do macacão de trabalho. À sua frente, o relógio de parede continuava a fazer tiquetaque, medindo os segundos até à recusa definitiva de Lubusch. E, contudo, já tinha passado um minuto inteiro e o oficial das SS ainda não o tinha expulsado. Lubusch acendeu um cigarro e Edek notou que os dedos do *Kommandoführer* lhe tremiam de forma quase impercetível.

— Fazes ideia do que eles me fariam se descobrissem que eu te tinha ajudado? — perguntou finalmente a Edek. — Já passei um período no campo penal por falar demais e vos defender a todos diante das autoridades. Antes de voltarem a mandar-me aqui para Auschwitz, avisaram-me de que, da próxima vez, seriam muito menos condescendentes e chutariam comigo para a frente oriental.

Sentindo o calor subir-lhe à cara, Edek desviou os olhos, quase lamentando ter feito o pedido. Tinha conhecimento de que Lubusch havia estado preso na unidade penal das SS, em Stutthof-Matzkau, um campo de concentração localizado 30 km a leste de Dantzig. Sabia os riscos que Lubusch corria. Não tinha o direito de lhe pedir que arriscasse a vida por ele, mas a verdade é que não tinha mais ninguém a quem recorrer. Naquela morada de condenados que era Auschwitz, Lubusch era a única pessoa que tinha coração.

— Há alguma etiqueta com o nome do *Unterscharführer* cosida no interior do uniforme? — perguntou Edek cautelosamente. Apesar de já ter visto muitos uniformes das SS de perto, e ainda mais botas, quando lhe aplicavam castigos por diversos «crimes», não sabia a resposta a esta pergunta.

— O que é que isso tem que ver com o assunto? — bufou Lubusch, irritado, deixando sair duas tiras de fumo pelas narinas. — É uma etiqueta que não custa nada arrancar. O problema não é esse. O problema é que, quando te apanharem, e acabam por apanhar, mais cedo ou mais tarde, o interrogatório vai ser de tal maneira que o chicote do *Kapo* Vasek que sentiste no *Strafblock* vai parecer uma massagem, em comparação com o que o Departamento Político é capaz de fazer. E tenho a certeza de que acabarás por lhes revelar quem foi que te deu o disfarce.

Edek sustentou-lhe o olhar.

— Não revelei quem foi que avariou a máquina, pois não?

Lubusch não respondeu. Nem sequer olhou para Edek, preferindo fixar a fotografia que tinha no canto da secretária: havia esperança, pensou Edek. Ele conhecia a imagem — era a fotografia do casamento, com Lubusch em uniforme de gala ao lado da rapariga polaca com quem se casara. Os noivos não olhavam para a câmara, olhavam um para o outro com uma expressão de infinita ternura.

— *Herr Unterscharführer*, posso morrer sob tortura, mas não revelarei quem me deu o uniforme; dou-lhe a minha palavra — sussurrou novamente, sentindo a boca seca com o nervosismo. — Estou habituado à dor. Aguento seja o que for. *Herr Unterscharführer* bem viu. Podem partir-me todos os ossos do corpo, que eu levo o

segredo para a tumba. Peço-lhe, *Herr Unterscharführer*...

— Cala-te lá com isso! — Lubusch empurrou a cadeira para trás e encaminhou-se para a janela, para não ter de ver o olhar suplicante de Edek. E continuou a falar no mesmo tom, de costas voltadas para o prisioneiro. — Tu estás num *Kommando* bom. Vais sobreviver. A guerra está quase a acabar. A Alemanha vai perder; é só uma questão de tempo. Os soviéticos estão a malhar em nós como uns selvagens; a campanha africana está perdida; as tropas aliadas estão a ocupar Itália... — De repente, voltou-se para o olhar de frente. — Não podes esperar mais uns meses? Um ano, no máximo? Não faz sentido correres esse risco, tendo hipótese de sair daqui com vida.

Edek levou algum tempo a responder. Era importante escolher as palavras adequadas. Passando cuidadosamente a língua pelos lábios, começou a falar.

— *Herr Unterscharführer* é membro das SS.

Pela cara de Lubusch passou uma sombra de irritação. Era óbvio que não gostava que lho recordassem.

— Não era minha intenção ofender *Herr Unterscharführer*, de maneira nenhuma — apressou-se Edek a explicar. — Só estou a dizer isto porque deve ter tido formação ideológica. — Vendo que Lubusch não protestava, Edek atreveu-se a continuar. — Quer concordasse, quer não, ouvia o que os comandantes lhe diziam. Calculo que lhe dissessem a mesma coisa que os seus colegas nos dizem abertamente: que somos a escória que tem de ser eliminada, que somos uma praga que é preciso exterminar, que somos parasitas no corpo da nação alemã, que somos inimigos do Estado.

Lubusch também não tinha nada a responder àquilo. Limitou-se, pois, a dar grandes passas no cigarro, olhando fixamente para as botas com uma expressão atormentada.

— Não sei que instruções receberam a respeito deste campo específico — prosseguiu Edek. — Eu fiz parte do exército, isto é, frequentei uma academia da marinha, mas desconfio de que, no fundo, é tudo a mesma coisa, e diria que o mais provável é não terem falado na possibilidade de os soviéticos se aproximarem do campo, para evitar que o pânico se apodere das tropas. Tanto *Herr*

Unterscharführer como eu sabemos bem que o que a administração do campo faz se opõe a todas as leis da humanidade, e que os comandantes das SS fazem tudo o que está ao seu alcance para impedir que saia destes muros uma palavra que seja sobre o que se passa em Auschwitz. Não é essa a razão de ser de todas as medidas de segurança? Sejam sérios, nem Himmler nem Hitler se incomodam mesmo com a fuga de dois prisioneiros. Se pensarmos bem no assunto, no que diz respeito à força de trabalho, não é propriamente uma grande perda. Não. A razão de ser destas torres de guarda, do arame farpado eletrificado com várias camadas de altura e dos holofotes que varrem permanentemente o solo é impedir que nós fujamos e revelemos o que aqui se passa. É isso que mais os assusta: a possibilidade de o mundo ficar a conhecer as atrocidades, as chacinas sistemáticas.

Ao ouvir aquelas palavras, Lubusch ia ficando cada vez mais pálido. Por esta altura, a mão que segurava o cigarro tremia visivelmente. Os seus olhos, porém, mantinham-se imóveis, fixando o vazio com uma expressão vítrea e carregada de horror, como se tivesse acabado de perceber que ele próprio era um parafuso voluntário desta máquina de extermínio de massas. A ideia mortificava-o e Edek suspeitava de que não era por causa das consequências que poderia ter de enfrentar, mas pela necessidade de lidar com a própria consciência até ao fim dos seus dias.

— Eles não vão permitir que os soviéticos nos libertem, *Herr Unterscharführer*, nem a nós nem a quaisquer outros prisioneiros de campos — prosseguiu Edek com suavidade depois de ter feito uma curta pausa. — Você sabe disso. Eu sei disso. Vão cavar mais valas, como cavaram em 1942, e vão matar-nos e queimar-nos a todos lá dentro, como fizeram nessa altura, ou então gaseiam-nos e metem-nos nos fornos. Duma maneira ou de outra, não vamos sair daqui com vida. É por isso que não posso esperar mais um ano, *Herr Unterscharführer*. Quero voltar a ver o meu pai. Quero adormecer na minha cama e acordar com o sol, por minha conta, sem ser despertado com uma paulada do superior do bloco e com aquela trombeta demente a soar aos berros pelo campo fora. Quero levar uma miúda

que me agrade aos bailes e oferecer-lhe flores, e beijá-la diante de toda a gente sem ter medo de levar um tiro. Quero morrer a lutar pela vida, ao lado dos *partisans*, mas não quero morrer assim, como uma ovelha obediente levada ao matadouro. — Calou-se, fazendo uma careta involuntária. — *Herr Unterscharführer* é um homem, de certeza que me compreende...

Lubusch acenou a cabeça com seriedade. É evidente que compreendia.

— E ao menos tens algum plano? — perguntou por fim, depois de uma intolerável e longa pausa.

— Tenho — respondeu logo. — Tenho um sítio onde ficar, sei para onde vou a seguir, está tudo organizado. Planeámos tudo com grande cuidado.

— Ah, quer dizer que é um «nós». — Mas antes de Edek lhe responder, Lubusch mandou-o calar com um gesto de mão. — Não me digas. Não quero saber. E como é que pensas atravessar os portões?

— Tenho um *Ausweis*. Um a sério, da secretaria do campo. Com selo e essas coisas todas.

Lubusch olhou para ele com uma mistura de surpresa e respeito e, pela primeira vez, formou-se-lhe um pequeno sorriso no rosto.

— Estou a ver que pensaste em tudo.

Edek também fez um sorriso hesitante.

— *Jawohl, Herr Unterscharführer*. Só me falta o uniforme.

Aí, Lubusch abanou a cabeça e Edek suspendeu a respiração, percebendo que estava prestes a conseguir convencê-lo.

— Estamos em janeiro — refletiu Lubusch, fazendo uns cálculos mentais. — Eles vão atribuir-nos uniformes novos nos próximos meses. Podes ficar com o meu uniforme quando me derem um novo. Arriscas-te a esperar até março, não?

— Com certeza, *Herr Unterscharführer*. — Edek soltou um suspiro de alívio. A data não era muito importante. O que realmente interessava era o uniforme. — Disseram-me que é muito má ideia fugir enquanto há neve.

— Quem te disse isso é mais sensato do que tu. Sugiro muito que, de futuro, o oiças.

— A oiça. — A voz de Edek era apenas um sussurro. Depois baixou os olhos, sentindo um calor invadir-lhe as faces.

— É a rapariga de quem me falaste no outro dia? — Por esta altura, o sorriso de Lubusch era muito mais pronunciado.

Edek acenou a cabeça.

— Foi por isso que há bocado falaste em «nós»?

— *Herr Unterscharführer* pediu-me para não lhe dizer.

— Ótimo. Então não me digas. E vê se tomas bem conta dela. — Lubusch desviou novamente o olhar para a fotografia que tinha em cima da secretária. — E agora, põe-te a andar. Já passaste demasiado tempo cá dentro. Vão começar a dizer que somos namorados.

Grato pela piada oportuna, Edek levantou-se e ficou imóvel, profundamente espantado, a olhar para a mão que Lubusch lhe tinha estendido. Sem ter bem a certeza de que aquilo estava mesmo a acontecer, tomou-a com cuidado e quase se engasgou de emoção ao sentir uma calorosa palmada de Lubusch no ombro.

— Volta cá em março. Por essa altura, já o terei.

— Obrigado, *Herr Unterscharführer*. Não faz ideia nenhuma do que acaba de fazer.

— Acabo de assinar a minha própria sentença de morte, mas deixa lá — comentou Lubusch, encolhendo descontraidamente os ombros. — É da maneira que não morro como um bandido e que pelo menos a minha mulher fica com uma lembrança positiva de mim.

Capítulo 20

— Mala, não podes continuar a fazer isto a ti própria!

Aos poucos, graças às vigorosas massagens de Zippy, Mala recuperava a sensibilidade nos membros gelados.

— Primeiro, saltas para dentro de uma vala de mortos, e agora circulas pelo campo seminua, em pleno inverno, porque deste a tua roupa toda?

— As raparigas da *Kanada* dão-me roupa nova — contrapôs Mala, que quase não conseguia mover os lábios roxos. — Aquelas mulheres da enfermaria não têm as conexões que eu tenho.

— Essas mulheres não têm consciência! — protestou Zippy, estendendo a mão para a pequena embalagem de gordura de urso que tinha debaixo da cama. Com as pontas dos dedos, retirou um bocado do produto malcheiroso do interior da embalagem, que já ia a mais de meio, e começou a passá-lo no peito e nas costas de Mala. — Despirem-te por completo em pleno inverno! Querem que também vás parar à enfermaria com uma pneumonia?

Mala não respondeu, limitando-se a fazer um sorriso mortiço, pois sentia as pálpebras pesadas de sono. Fechando os olhos, sentiu o calor espalhar-se-lhe pelo corpo, e desligou do resto do sermão de Zippy; a amiga sabia perfeitamente que estava a falar para orelhas moucas.

A verdade é que Mala não planeava estas coisas. Não tinha planeado *saltar para dentro de uma vala de mortos*, como lhe chamara Zippy, tal como não tinha planeado privar-se do sobretudo quando fora à enfermaria apenas para cumprir o seu dever: distribuir as mulheres que haviam tido alta pelos diversos trabalhos. O sobretudo era novo, e muito mais quente do que aquele com que ela tinha subornado o médico que havia prometido cuidar do seu pai substituto. Mas a

eslovaca tinha começado a chorar com tal veemência quando Mala lhe anunciara que ia trabalhar numa quinta — soluçando e apontando para o vestido de riscas, a única coisa que tinha, e suplicando a Mala que lhe desse outro trabalho, porque de certeza que morreria de frio se fosse trabalhar para o ar livre com aquela roupa —, que Mala não teve alternativa. O trabalho na quinta era considerado um bom trabalho, embora fosse ao ar livre: havia comida para quem conseguia enganar o *Kapo*, e a atividade não era excessivamente cansativa; mas, como a rapariga se recusara a aceitar esta argumentação, Mala despira o sobretudo de pelo de camelo num gesto de frustração impotente e dera-lho.

Já ia a bater o dente ao sair da enfermaria (razoavelmente aquecida) com os documentos na mão, para regressar à secretaria do campo, quando fora intercetada por uma mulher, que, agarrando-lhe num braço, lhe perguntara, num alemão muito hesitante, se não lhe arranjava nada com que cobrir a mãe, que estava doente e não sobreviveria a mais uma noite no barracão gelado. Sem dizer nada, Mala estendera-lhe os documentos, despira a camisola e entregara-a à mulher, que tinha ficado a olhar para ela de boca aberta.

A seguir, despira espontaneamente as meias de lã ao passar por uma prisioneira de certa idade parecida com a sua avó, que se arrastava pelo caminho com uma expressão de resignação, as pernas nuas já azuladas metidas dentro de uns socos de madeira.

Mergulhada num quase-sonho, Mala ainda foi ouvindo trechos dos protestos de Zippy, mas o ressentimento da bandolinista em relação às prisioneiras era fácil de explicar: tal como Mala, Zippy sentia-se impotente para as ajudar a todas, pelo que optava por protestar e rogar pragas — às outras mulheres, a Mala, ao campo, às malditas SS e ao esconjurado *Führer* —, porque tinha de fazer recair a sua frustração sobre alguém, fosse como fosse, para não enlouquecer. Contudo, a despeito daqueles protestos, Mala sabia muito bem que, no lugar dela, Zippy teria feito a mesma coisa, e era precisamente por isso que gostava tanto dela.

A escuridão, suave e macia, desceu sobre o campo. Os SS que

trabalhavam na secretaria, incluindo Mandl, já se tinham retirado; restava apenas um guarda solitário, que passeava calmamente pelas instalações. De dez em dez minutos, Mala via as botas do homem passarem diante da janela do seu gabinete, localizado na cave do edifício da administração do campo, a neve rangendo-lhe ao de leve sob os passos lentos.

Mala adorava a privacidade do seu quarto — um privilégio inédito que era concedido apenas à chamada elite do campo. O quarto era pequeno, e recebia frequentemente visitas de ratinhos, mas Mala não se incomodava com esta companhia. Estava até em processo de domesticar o mais curioso do grupo — um ratito só com uma orelha — e deixava migalhas ao lado do radiador, junto ao buraco da parede de onde o bichinho saía todas as noites.

A princípio, o rato apoderava-se das migalhas e desaparecia imediatamente pelo buraco; com o tempo, porém, tinha-se habituado à jovem e começara a comer na presença dela, sempre alerta, sem nunca desviar os olhitos pretos da humana. Aos olhos de Mala, aquilo era um progresso; a sua esperança era que o rato aprendesse a confiar suficientemente nela para lhe ir comer à mão. Por muito ridículo que tal parecesse, era uma espécie de sonho privado: ter um animal de estimação em Birkenau, mesmo tratando-se de um animal tão pouco ortodoxo. A morte era uma presença tão forte naquele sítio que, depois de assistir a novo massacre, a vontade de Mala era regressar ao quarto, sentar-se no chão e pegar num ser que respirasse, num ser quente de vida, e sentir os horrores do dia a esfumarem-se enquanto lhe afangava o pelo cinzento e macio com a ponta do dedo.

Deviam ter passado mais dez minutos, porque o guarda dera mais uma volta. Mas Mala estava à espera de outro par de botas. Uns dias antes, tinha explicado a Edek como podia chegar ao quarto dela sem ninguém dar por isso, e a que janela bater para ela o deixar entrar. Era uma aventura arriscada, para dizer o mínimo, mas o guarda que patrulhava o local era preguiçoso e totalmente previsível, além de que, ao contrário de muitos dos seus compatriotas, não tinha o costume de fazer as perguntas só depois de ter disparado. Mesmo que Edek fosse apanhado, ela não teria dificuldade em explicar a presença

dele no edifício da secretaria: o cano da cave estava a pingar e tinha de ser reparado durante a noite para que, na manhã seguinte, os SS que trabalhavam no edifício o encontrassem aquecido. Felizmente para Mala, o guarda não era propriamente um entusiasta e tinha como ponto de honra não fazer mais do que aquilo pelo qual era pago. Tanto ela como Zippy já tinham recebido pessoas nos respetivos quartos e o sujeito das SS nunca se esforçara minimamente por investigar a situação.

Um roçar familiar ao pé do radiador chamou a atenção de Mala. Deslizando de cima da cama para o chão com um sorriso no rosto, ficou a ver o narizito aparecer no buraco, com os bigodes a mexer ao de leve. Seguiu-se uma patita cor de rosa minúscula, com a outra suspensa no ar, num gesto apreensivo. Mala tinha parado completamente de respirar. Nessa noite, juntara uma pontinha de queijo à ração habitual do pão cinzento do campo, mas colocara o queijo longe do buraco, quase ao lado dos seus pés. A princípio, o roedor hesitou. A verdade, porém, é que, tal como todos os outros, também ele vivia em Auschwitz; e, da mesma maneira que os prisioneiros roubavam comida mesmo diante do nariz dos alemães, também o rato avançou, com admirável insolência, na direção dos pés de Mala, agarrou o maior bocado de queijo e voltou a correr para o esconderijo.

Mala deu por si, quase sem querer, a soltar uma gargalhada. Era um riso fantasmagórico, quase silencioso, mas era um riso genuíno, o mais genuíno possível naquele inferno.

— Meu pequenito valente!

Continuando muito quieta, Mala viu o rato voltar para se apoderar do resto do queijo. Tinham-lhe arrancado um pedaço da orelha, mas ele resistira, sem perder a coragem, e Mala não conseguia deixar de sentir uma certa afinidade com a destemida criaturinha.

No meio daqueles dias preenchidos de implacável malevolência e permanente terror, estes eram os momentos por que ela mais ansiava: o seu quartinho espartano, com a cama e a mesa onde comia as rações e lia os livros a que a generosidade de Mandl lhe permitia ter acesso; a calma que ali reinava; o brilho suave do candeeiro e o seu pequeno

companheiro. Era quase um santuário. Depois da pressão sempre crescente do dia, depois de sentir a tensão nos ombros sempre a aumentar, transformando-se gradualmente em chumbo, era um alívio imenso chegar aqui e respirar, sentar-se no chão e, para variar, não pensar em nada.

Mas esta sensação de alívio era sempre marcada por um sentimento de culpa — antes de mais, por ter um quarto privado; depois, por ter acesso a comida enquanto outros enlouqueciam de fome. Era o sentimento de culpa do sobrevivente, simplesmente por estar vivo. Contudo, enquanto ela estivesse viva, haveria outros que também estariam, graças ao seu empenho incansável — pelo menos, era essa a lógica da Zippy. Lá bem no fundo, Mala sabia que era verdade, mas esse conhecimento útil não fazia diminuir minimamente o sofrimento. O mundo que a rodeava era um lugar horrendo, e ela sentia-se impotente para pôr fim à injustiça e à crueldade que nele reinavam.

Mala tinha a profunda convicção de que não teria conseguido sobreviver no bloco comum a que tinha sido destinada e ao qual ia à hora das chamadas. Teria enlouquecido com tanta gente à sua volta, gritando, suplicando e morrendo a toda a hora, mesmo diante dela. Na situação em que se encontrava, toda a gente lhe pedia alguma coisa. Ela era Mala, a favorita da administração do campo, a rapariga que geria as listas e conseguia transferências para um grupo de trabalho onde, em vez de se morrer, se sobrevivia. Era a rapariga que andava sempre com pão no bolso, para o dar disfarçadamente aos outros. Aquela que podia circular pelo campo à sua vontade e levar uma nota a um ser amado. Bastava às pessoas tocarem-lhe no braço quando ela ia a passar, lançarem-lhe um olhar suplicante, e ela dividia o pão, levava o recado, prometia ver o que podia fazer para alterar a temida transferência.

Zippy dizia que as pessoas abusavam dela. *Nós não somos deusas onnipotentes*, proclamava a amiga. *Há limites para aquilo que podemos fazer pelos pobres diabos*. Mas Mala não era capaz de dizer que não, e ficava a ouvir os problemas dos prisioneiros mesmo quando já tinha demasiado em que pensar; oferecia as rações que tinha guardado para si; e nunca mandava ninguém embora, a não ser que não pudesse

mesmo fazer nada pela pessoa — e, mesmo nesses casos, ia ter com Mandl ou Hössler, e intercedia por uma prisioneira que mal conhecia, argumentando que se tratava de uma trabalhadora insubstituível, e que o campo tinha toda a vantagem em mantê-la com vida.

Umas pancadinhas insistentes no vidro acordaram-na daquele devaneio, fazendo-lhe disparar a pulsação. De olhos a brilhar, levantou-se imediatamente, fazendo sinal a Edek, que estava acorado ao pé da janela, para se aguentar. Momentos depois, corria pelo corredor, descalça e silenciosa como um gato, para ir abrir a porta pela qual o *Kommando* do carvão fazia entrar as sacas do material com que o edifício se mantinha aquecido.

Do ponto onde ela se encontrava, os contornos de Edek, desenhados a sombras, mal se viam. Ocorreu-lhe pensar que ele estava no campo há tantos anos que tinha adquirido a capacidade de se diluir no ambiente, uma competência que permitia salvar vidas. Edek avançou na sua direção, mantendo-se encostado à parede e longe do holofote que percorria o solo, como se toda a vida se tivesse treinado para ser invisível quando quisesse. Naquele momento, Mala pensou, pela primeira vez, que o ousado plano que ele tinha concebido talvez acabasse, afinal, por ser bem-sucedido. Edek já era um bom *partisan*; dessem-lhe uma espingarda e seria um *partisan* excelente.

Ao pensar que, um dia, Edek desapareceria do campo, talvez para sempre, e que não voltaria a ver aqueles olhos brilhantes e aquele sorriso, nem a apertar-lhe a mão, Mala foi subitamente assaltada por um sentimento de perda; mas fez um esforço para afastar esta ideia, remetendo-a para o recanto mais obscuro e cheio de teias de aranha do seu espírito. Ele ia-se embora para combater pela liberdade. Seria um grande egoísmo impedi-lo por querer tê-lo perto de si.

— Estás com frio? — perguntou Mala, puxando-o para dentro e trancando imediatamente a porta.

— Nem um bocadinho. Vim a correr até cá. — Edek estava ligeiramente ofegante.

— Não devias. É perigoso correr em Birkenau.

— Há muito tempo que aprendi a evitar os holofotes. — Não o dizia como quem se gaba; até se mostrava abatido.

Mala também baixou os olhos enquanto o levava para o quarto, os pés nus assentando silenciosamente no chão de cimento.

— Isto é que são umas belas instalações — comentou Edek, mudando de assunto com um certo embaraço.

— De que é que estavas à espera? Nós somos a elite do campo. — Mala obrigou-se a falar com animação. Não era coisa que lhe ocorresse com naturalidade: os sorrisos apareciam sempre por entre lágrimas, a alegria era teatral, destinada a animar os outros apesar de o mundo estar a desmoronar-se. Era um humor de força, inspirado nas forças reais que tinham sempre à sua volta. — E nem imaginas o meu quarto. Vais ficar roído de inveja.

Com um gesto dramático, abriu para trás a porta do seu quarto e Edek parou à entrada, visivelmente impressionado, soltando um assobio de aprovação.

— Tendo uma coisa destas, não me espanta que não queiras fugir. Se vivesse num apartamento assim, também não quereria!

Mala soltou uma gargalhada, agradecida pela piada.

— Ora bem, se estivéssemos num meio civilizado, perguntava-te se tinhas fome e oferecia-te alguma coisa, mas como vivemos neste buraco, a fome é uma espécie de dado adquirido. Por isso — deslocou a única cadeira e apontou para ela —, senta-te aqui; eu não demoro nada.

Edek ficou a vê-la ajoelhar-se diante da cama e puxar uma caixa para fora, arregalando os olhos quando Mala começou a tirar do seu interior todo o género de petiscos.

— Ora bem, não podes comer isto tudo duma vez, porque dava literalmente cabo de ti — explicou Mala em tom factual, começando a dispor latas de sardinhas, salame fumado e frascos de compota e de mel sobre a mesa, perante o olhar atónito do seu convidado —, por isso sugiro que escolhas uma ou duas coisas que te apeteçam mais e guardamos o resto para mais tarde. Como te disse, para poderes passar por membro das SS, temos de te engordar. Por isso, ataca. Vamos aumentando as porções a pouco e pouco, e em maio serás um jovem alemão de fotografia, transbordante de saúde.

Contudo, em vez de se atirar ao inesperado festim que tinha diante,

Edek ficou a observar os alimentos num silêncio estupefacto.

— Roubaste estas coisas? — perguntou, por fim, recuperando do choque.

Mala riu-se.

— Não, claro que não. Nós temos privilégios. Um deles é recebermos o dobro das rações e termos acesso às embalagens da Cruz Vermelha que, de vez em quando, a Mandl nos autoriza a guardar. Isto vem tudo da Suíça. — Mala virou uma das latas ao contrário e mostrou o fundo a Edek, para ele ler a etiqueta.

— A Cruz Vermelha manda-nos comida?

— Ninguém diria, pois não? — Pelo rosto marcado de Mala passou uma expressão de desdém. — É porque vai quase toda parar às mãos dos SS. Uma pequena parte acaba nas mãos de prisioneiros privilegiados como nós. São muito poucas as embalagens que são realmente entregues a quem mais precisa delas. Mas, no papel, é tudo magnífico, evidentemente.

Edek voltou a olhar para a comida, e novamente para Mala, medindo a sua alta estatura de cima a baixo com uma expressão cética. Parecia ter dificuldade em perceber como é que, tendo esta opulência à sua disposição há tanto tempo, ela continuava magra de meter dó.

Como se lhe tivesse adivinhado os pensamentos, Mala atirou-lhe um sorriso algo culpado.

— Não como a maior parte. Para poder ficar para ti.

Ele já tinha começado a abanar a cabeça, afastando os alimentos de si e empurrando-os na direção de Mala, apesar de sentir a água a crescer-lhe na boca a uma velocidade torturante, perante os aromas que lhe invadiam os sentidos.

— Não, não quero.

— Nesse caso, vai apodrecer. — Mala encolheu os ombros com indiferença.

Ele pestanejou, sem compreender.

Percebendo que a conversa era inevitável e que, sem uma explicação adequada, ele não meteria nada na boca, Mala soltou um profundo suspiro.

— Calculo que isto te vá parecer um absurdo, mas eu não como porque a vida cá dentro é demasiado caótica.

— Tens razão. Parece-me um absurdo total.

Mala soltou uma pequena gargalhada.

— A vida é demasiado caótica e eu nunca sei o que vai acontecer. Sei que não me posso queixar, porque não ando a dar o corpo ao manifesto em trabalhos no exterior. Em Buna, todos os dias morrem centenas de pessoas nos trabalhos forçados. No meu caso, o problema não é físico. É mais emocional. Por muito que tente ajudar o máximo que posso, continuam a morrer pessoas e eu sinto-me impotente. Impotente e culpada por não conseguir fazer mais. Por isso, esforço-me mais, tento fazer o máximo que consigo, só que nunca chega: pura e simplesmente, não tenho controlo sobre a maior parte das coisas. Comer, ou melhor, *não* comer é a única coisa que eu consigo controlar, que posso usar para me sentir menos impotente. Em geral, entrego o que recebo a pessoas que precisam mais do que eu, ou suborno os *Kapos* para obter favores ou medicamentos. Dessa maneira, não me sinto tão mal. Sinto-me menos culpada. Mas estas coisas, guardei-as especificamente para ti.

Dito isto, lançou-lhe um pequeno sorriso, mas Edek não correspondeu. Pelo contrário, ficou a olhar para ela quase envergonhado.

— Mala, não devias castigar-te a ti própria, recusando-te a comer — disse, por fim, com suavidade. — Pelo contrário, devias comer tudo o que te dão, para poderes andar por cá mais tempo e ajudar mais pessoas. Esta gente precisa de ti. Que vantagem há em morreres de fome?

— Eu não mereço comer quando há pessoas a morrer de fome — objetou ela numa voz desprovida de entoação. — Não devia comer mais do que qualquer outro prisioneiro.

— Mas isso é um disparate! Um prisioneiro normal sobrevive com uma malga de sopa feita com nabos podres e um naco de pão seco.

— Estás a ver? — contrapôs ela, cruzando os braços. Pela abertura da camisa, viam-se-lhe claramente os contornos da clavícula. — Eu já como mais do que devia, com o arroz e as batatas que nos dão na

secretaria do campo. A partir de agora, vou reduzir ainda mais a minha razão.

— Não! Não era isso que eu... — Edek calou-se, exasperado.

O que foi que eles te fizeram? Mala percebeu claramente esta pergunta silenciosa no olhar trágico que Edek lhe lançou. Ambos sabiam que esta maneira de pensar não era normal nem racional. Mala sempre se tinha orgulhado de ser capaz de ocultar o sofrimento que lhe ia dentro por trás de uma fachada impenetrável e cuidadosamente construída. Mas ele atravessara esse muro sem qualquer dificuldade e, pela primeira vez desde que chegara ao campo, ela não se importava de revelar as suas fraquezas a uma pessoa que, não só não se aproveitaria delas, como lhe daria o apoio e a compreensão de que ela tanto precisava num local onde cada pessoa estava entregue a si própria.

— Só como se tu comeres comigo — disse ele, escolhendo uma fatia de queijo amarelo e uma bolacha. — Eu dou uma dentada e tu dás outra.

Mala olhou para ele com uma expressão acusatória, mas, fixando os seus olhos nos deste homem, para quem ela viver ou morrer tinha realmente importância, não conseguiu deixar de sentir um agradável calor invadir-lhe o peito, como se de uma carícia suave se tratasse.

— Senão, não é justo — prosseguiu ele, partindo a bolacha. — Eu também tenho consciência. E vou sentir-me culpado se me puser a comer enquanto tu olhas para mim esfomeada. Não, Mally, não pode ser.

Mally. Ela ergueu a cabeça, surpreendida e profundamente tocada por ele ter usado o diminutivo reservado à família e aos amigos mais íntimos.

— Ou comemos os dois, ou não come nenhum. Agora escolhe — insistiu Edek, estendendo-lhe um bocado da bolacha.

À luz dourada do candeeiro, os grãos de sal que cobriam a crosta castanha da bolacha brilhavam como diamantes. Não, pensou Mala, estes são muito mais valiosos, porque são comestíveis. Olhando para Edek, viu-o engolir em seco umas quantas vezes, e percebeu que estava praticamente a saboreá-los — mas esperava que Mala tomasse

uma decisão.

Com enorme relutância, ela pegou no bocado que ele lhe estendia e levou-o à boca.

Sorrindo com gosto antecipado, ele imitou-lhe o gesto.

— Preparar! Estão prontos? — E sorria agora abertamente, porque ela tinha, por fim, cedido. — Largar!

— O *Kommandoführer* Lubusch aceitou fornecer-me um uniforme — informou Edek depois de terem concluído o modesto banquete.

Mala lançou-lhe um olhar penetrante.

— Quer dizer que lhe revelaste o nosso plano?

— Teve de ser. — Edek encolheu os ombros, lambendo cuidadosamente os dedos. O odor a queijo e bolachas que lhe ficara na pele era demasiado tentador para se importar com as boas maneiras.

— Não tinha alternativa.

— E tens a certeza de que ele é de confiança?

— Se não fosse, por esta altura, a Gestapo do campo estaria a dar-me uma valente tarefa para me obrigar a revelar os nomes dos meus cúmplices. — Edek fez um curto sorriso, mas, de repente, caiu em si. — Eu não lhes diria absolutamente nada, como é óbvio. Mesmo que seja apanhado, dou-te a minha palavra de honra...

— Tanto me faz — interrompeu Mala, num tom de impressionante indiferença. — Estou farta e mais que farta disto. A única razão pela qual ainda não me atirei ao arame farpado é conseguir ajudar algumas pessoas. Se nomearem um colaborador para o meu lugar, está tudo perdido. Por isso, para ser completamente sincera, se me enforcarem na *Appellplatz* por te ter ajudado, é um favor que me fazem.

Edek inclinou-se para diante, estendendo a mão para a dela, mas deteve-se antes de lha tomar. A coisa que mais desejava era tocar-lhe, mas aquele enquadramento era demasiado íntimo, a luz estava baixa, e tudo aquilo o assustava, embora não soubesse bem porquê. Sentia-se à beira de um abismo metafórico do qual não havia regresso; se se ligasse a Mala, não poderia voltar atrás: seria com ela ou nada. Tudo o resto deixaria de existir, perderia todo o seu valor se não a tivesse a seu lado.

— Nesse caso, vem connosco. O campo está a dar cabo de ti, tanto física como mentalmente. Foge connosco. Já garantimos a colaboração de um civil, que nos vai abrigar e dar roupas de civis.

— O vosso plano só funciona com dois homens — fez-lhe ver Mala com um meio sorriso. — Como tencionas levar uma mulher do campo sem levantar suspeitas?

— Hei de pensar numa solução — prometeu Edek, com uma segurança que estava longe de sentir. — Se disseres que sim, eu invento qualquer coisa.

Mala abanou a cabeça e, levantando-se, aproximou-se da cama e meteu a mão na fronha da almofada; Edek ouviu-a dizer baixinho que ele era um idealista insuportável e sentiu a garganta secar-se-lhe. Mala voltou para junto dele, trazendo umas bolinhas de ouro na palma da mão.

— Toma. Tinha-te prometido que tas arranjava — recordou-lhe, olhando as pedrinhas com uma expressão insondável. — É ouro dental, mas eu pedi ao meu amigo do *Sonderkommando* que o fundisse, para não levatares suspeitas lá fora, quando tentares trocá-lo por comida. Como vês, está irreconhecível. Ninguém te fará perguntas.

Edek ficou a olhar para o ouro, incapaz de pegar nele. Então, Mala tomou-lhe uma mão, depositou-lhe as pedrinhas na palma, fechou-lhe os dedos e apertou-lhe a mão com uma determinação triste.

— É uma coisa horrível, comprar comida com ouro retirado dos dentes dos mortos. Acredita, eu sei que é. Mas vocês vão ter de sobreviver para poderem vingar os que morreram. Eles não se importariam. É melhor que sejam vocês a dar destino ao ouro do que ir parar aos bolsos dos nazis.

— Sim, tens razão. — Edek não conseguiu mais do que um sussurro. De repente, porém, sorriu com gratidão. — Obrigado por seres tão lógica.

— Eu sou sempre lógica. É por isso que há muitas pessoas que acham que sou insensível.

— Tu? — Edek recuou, espantado. — Insensível? — Era um qualificativo inconcebível. Mala era uma das pessoas mais generosas que ele já tinha conhecido na sua curta vida.

Mala voltou a encolher os ombros com uma expressão de indiferença.

— Sim. Insensível. Disse-me uma mulher na enfermaria quando eu lhe expliquei que não posso, evidentemente, mandar toda a gente para trabalhos suaves. O que mais a incomodou nem foi a rejeição; foi a explicação que eu lhe dei. Tinha acabado de mandar uma rapariga eslovaca para um trabalho bom, para a quinta. Tinha sido uma questão de sorte: a rapariga teve a sorte de o número dela ser o primeiro da lista, o que lhe permitiu ficar com esse trabalho, e a mulher não.

Mala calou-se uns momentos, pensativa.

— Sabes, nunca fui uma pessoa emocional. Não foi assim que o meu pai me educou. Ele ensinou-me a basear o que faço, antes de tudo, no intelecto, a nunca agir com base nas emoções. Mas a sociedade espera que as mulheres se comportem doutra maneira, que sejam compassivas, empáticas, colaboradoras, atentas... E não é que eu não seja tudo isso. Acontece apenas que não mostro. A mulher da enfermaria acusou-me de lhe ter dito que não com uma cara muito séria. Acusou-me de não lamentar a decisão que tinha tomado, só porque não lhe disse que lamentava. Acontece que nunca percebi qual a vantagem de mostrarmos as nossas emoções só porque sim. Faria alguma diferença eu chorar com ela, dizer-lhe que lamentava o destino que nos tinha calhado às duas, e ajoelhar-me a pedir-lhe desculpa? Não me parece.

Edek percebeu que estava a assentir entusiasticamente com a cabeça enquanto ela falava. Naquele momento, estas ideias de Mala pareceram-lhe perfeitamente razoáveis.

— Na verdade, as pessoas presumem que eu não sinto nada porque, ao contrário da maior parte das mulheres, não exprimo aquilo que sinto. A verdade é que sinto tudo muito profundamente, só que não exponho os meus sentimentos aos olhos do mundo. Quando me aparece um problema, em vez de me pôr a chorar e a arrepiar os cabelos, sento-me a pensar numa solução viável.

— Como arranjaste solução para o meu problema — comentou Edek, com um sorriso ainda mais aberto.

Mala olhou para ele, inicialmente surpreendida, mas depois correspondeu ao sorriso.

— Exatamente. Como arranjei solução para o teu problema. Ainda bem que tens essa perspetiva. Há muitas pessoas que não apreciam um espírito frio e lógico numa mulher.

— Pois olha, eu acho que tu tens um espírito maravilhoso. E não te amaria como te amo se não fosses assim — desabafou ele, calando-se de imediato quando se apercebeu, horrorizado, do que acabara de dizer.

A princípio, Mala não reagiu; limitou-se a olhar para ele com um sorriso misterioso a crescer-lhe na face. No crepúsculo do interior do quarto, os seus olhos pareciam quase pretos.

— Não precisas de ficar com essa palidez de morte — comentou, por fim. — Eu também gosto de ti.

E, embora ela não tivesse usado o verbo «amar», Edek ficou a olhar para ela, a rir-se como um idiota, as pedrinhas de ouro esquecidas na palma da mão, caída sobre a mesa. A palavra que ela tinha usado era irrelevante; a emoção estava nos olhos. Como veterana de Auschwitz que era, Mala exprimia com o olhar todas as palavras que tinha receio de pronunciar. No duro mundo do campo, era perigoso criar relações de proximidade. Era preferível uma pessoa manter-se a distância... pelo menos, enquanto conseguisse controlar o coração, coisa que eles tinham deixado de conseguir.

— Tens algum amigo à tua espera em casa? — perguntou ele com muito cuidado, suspendendo a respiração quase sem dar conta disso.

— Um amigo? — Mala ergueu uma sobrancelha com uma expressão divertida. — Tenho uma data de amigos à minha espera em casa.

— Um namorado — teve Edek de esclarecer.

Ela começou a rir-se baixinho, e ele descobriu que estava a fazer o mesmo.

— Porquê? Queres saber se há vagas? — continuou Mala a meter-se com ele, subitamente cheia de graça. — E, mesmo que o lugar esteja disponível, não vale a pena estarmos com coisas, porque tu tencionas abandonar-me em breve.

— Se tu quiseses, fico — declarou ele, surpreendendo-se a si próprio

com a determinação que ouviu na sua voz e apercebendo-se de que estava a falar a sério.

Mala abanou lentamente a cabeça.

— Nunca te impediria de recuperares a liberdade.

Levantando-se, Edek aproximou-se dela.

— Mas não estás a perceber? — Pousou-lhe as mãos nos braços com enorme doçura. — Desde que te conheço, nunca mais fui livre. E sabes uma coisa? É a melhor falta de liberdade que uma pessoa pode ter.

Dito isto, debruçou-se e depositou-lhe um suave beijo na face. Quando, porém, começava a afastar-se, Mala pôs-lhe um braço em redor do pescoço e puxou-o para si, encostando os lábios aos dele. Naquele beijo, Edek experimentou todas as palavras por dizer, todas as emoções ocultas e amordaçadas que havia por baixo da pele de seda de Mala, todas as promessas que ela tinha feito sem nada dizer. Embriagado pelo mel que ela tinha nos lábios, com o quarto a girar à sua volta, bebeu sofregamente dela, sem se conter, e sentiu crescer dentro de si uma esperança que há muito não sentia: nada estava perdido, porque ela estaria à sua espera quando ele regressasse.

Capítulo 21

Assim que soube que Antoni Szymlak, o polaco do exterior, iria trabalhar na nova instalação de banhos do hospital do campo das mulheres, Edek avançou imediatamente para o suborno do *Kapo*, a fim de conseguir que ele e Wiesław fossem nomeados para o *Kommando* de manutenção dessa instalação de banhos.

O velhote mostrou-se genuinamente satisfeito por ver os dois amigos vivos e de boa saúde, acolhendo-os com um cordial aperto de mãos. Na primeira metade do dia, só tiveram oportunidade de trocar observações relacionadas com o trabalho — a proximidade dos *Kapos* e de outros prisioneiros impossibilitava outro tipo de conversas —, mas, quando o som do gongo anunciou a hora do almoço, Edek apressou-se a levar a sua tigela de comida para o canto onde o velhote comia a sanduíche de fiambre que levava de casa. Ao vê-lo aproximar-se, o velhote partiu a sanduíche ao meio e deu-lhe metade sem dizer palavra. Por seu turno, Edek partiu a sua metade em duas e dividiu-a com Wiesław, que fora ter com ele ao canto onde estava Szymlak, equilibrando cuidadosamente a malga da sopa nas duas mãos.

Ninguém lhes prestou atenção; os polacos tinham o costume de se juntar, tanto prisioneiros como trabalhadores civis, não levantando por isso qualquer suspeita, ao contrário do que acontecia quando eram os judeus que estabeleciam contacto com os polacos. Tirando partido dessa brandura disciplinar, Edek passou rapidamente a um registo de sussurros urgentes.

— Já temos um *Ausweis* e dentro em breve teremos também um uniforme. A tua oferta continua em aberto?

Antes de lhe responder, o velhote, que tinha acabado a sua metade da sanduíche, tirou do bolso uma lata de tabaco e começou a enrolar

três cigarros.

— Quando tencionam avançar com o empreendimento? — perguntou finalmente.

— Em maio ou junho. — Edek acenou a cabeça, num gesto de agradecimento pelo cigarro, mas, em vez de o acender, meteu-o atrás da orelha.

Wiesław fez o mesmo, e limpou cuidadosamente a malga da sopa com o pão que lhe restava.

O ladrilhador polaco acenou a cabeça com um ar pensativo, enquanto torcia o farfalhudo bigode.

— Fazem bem. No verão, as florestas são bastante mais densas. Há muito sítio para uma pessoa se esconder.

Aquela observação fez com que Edek olhasse para ele com um ar preocupado.

— Sim, evidentemente... Já falámos sobre isso. Quando sairmos de tua casa, vamos evitar as estradas principais e ocultar-nos nas florestas.

Dito isto, perscrutou a expressão de Szymlak, mas o velhote continuou a fumar, olhando em frente com o mesmo ar pensativo. Subitamente, Edek sentiu-se incomodado quando percebeu que o ladrilhador não o olhava de frente.

— Manténs o combinado de nos ajudar na primeira noite, certo? — Edek sentiu-se incapaz de respirar enquanto aguardava o veredito do velho polaco. — Disseste-nos que podíamos alojar-nos na cave de tua casa e usar as tuas roupas. Não mudaste de ideias, pois não?

Szymlak abanou a cabeça com ar distraído.

— Não, claro que não. Então, fica para maio ou junho. — E pôs-se a mastigar o lábio, parecendo estar a fazer um grande raciocínio. De repente, como se tivesse caído em si, olhou animadamente para os dois amigos. — Entretanto, precisam de alguma coisa? Querem que leve alguma carta para a vossa família? Ou querem mais disto? — E apontou para o jornal vazio, que ainda guardava o irresistível odor da sanduíche de fiambre em pão caseiro. — É a minha filha que as faz.

De repente, Edek perdeu por completo a cor.

— A tua filha? — repetiu, ouvindo uma campainha dentro da

cabeça como se estivesse a ter um pesadelo. — Mas tu tinhas dito que vivias sozinho.

— E vivia, quando tivemos essa conversa — respondeu Szymlak com um sorriso incomodado. — Só que, com o avanço dos soviéticos, ela veio morar para minha casa com os filhos, porque o sítio onde vivia não era seguro.

Edek ficou tonto, como se lhe tivessem dado uma enorme pancada, e tentou processar aquela informação e o impacto que poderia ter no plano de fuga... mas não conseguiu.

Sentindo-se à beira de um enorme colapso emocional, Edek foi à procura de Mala, assim que terminou a chamada da tarde. A noite já tinha descido sobre o campo, instaurando um silêncio de morte carregado de desânimo, que envolvia os barracões num manto negro. Até as luzes lhe pareceram menos intensas. Ou talvez fosse a esperança que estava a perder o brilho aos seus olhos, dissolvendo-se lentamente, fundindo-se na noite como a neve sob os seus pés.

Nem conseguiu comer a ração do jantar, que entregou a Wiesław. Depois de saber que Szymlak tinha a filha e os netos em casa, a comida já não lhe interessava. Edek não se importara de aceitar a ajuda de um polaco solidário, que vivia sozinho e estava disposto a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para ajudar os prisioneiros. Szymlak tinha dado a entender que tivera uma vida longa e bem preenchida, e que não se importava de ter uma morte honrada por uma boa causa. Mas Edek não podia pôr em risco, de ânimo leve, a vida da filha e dos netos de Szymlak. Se a Gestapo viesse a descobrir que tinha sido a família do ladrilhador polaco a ajudá-lo, a ele e a Wiesław, mandava-os a todos para Auschwitz sem qualquer cerimónia, e Edek sabia perfeitamente qual era o destino das crianças assim que chegavam — as câmaras de gás, ou o bloco experimental do Dr. Mengele, onde seriam medidas e espetadas, onde lhes seriam injetados venenos de todo o género, até os seus jovens corpos sucumbirem a uma das ditas experiências de *Herr Doktor*. Não, Edek não podia, de maneira nenhuma, ficar com estas mortes na consciência.

Passando a mão pela cabeça rapada pela enésima vez, seguiu em

frente, exasperado, sem saber o que havia de fazer. Precisava desesperadamente de falar com alguém, de ouvir palavras de conforto, promessas sem sentido de que tudo se resolveria na perfeição. Quando, porém, se deparou com Mala junto ao edifício da *Schreibstube*, com as luzes ainda acesas e mais duas estafetas à espera com ela, quando lhe observou a face pálida e cavada, com duas meias-luas por baixo dos olhos sem brilho, não teve coragem de a sobrecarregar com os seus problemas.

— Ainda estás a trabalhar? — perguntou de mansinho, lançando um olhar preocupado às outras duas raparigas, que os observavam com natural curiosidade.

— Começaram a construir uma rampa nova — explicou-lhe Mala. Até a sua voz estava pesada, totalmente desprovida de emoção. — Vai ser uma produção intensiva, 24 horas por dia. Têm de cumprir um prazo qualquer e eu nem quero pensar porquê. A partir deste momento, as estafetas vão trabalhar dia e noite, por turnos. Os SS querem mesmo ter isto pronto o mais depressa possível.

Como se estivesse a responder a uma deixa, abriu-se uma porta e apareceu uma guarda com um papel na mão.

— Mala! Vai entregar isto ao engenheiro-chefe.

— *Jawohl* — respondeu Mala, fazendo a continência à mulher das SS.

A mulher ficou a olhar para Edek com uma intensidade de falcão, e ele sentiu o calor proveniente do interior do edifício misturar-se com o calor que lhe subia às faces perante a possibilidade de ser descoberto. Felizmente, tinha levado com ele a caixa de ferramentas.

— O que queres? — ladrou a guarda, estreitando os olhos.

— Foi o *Kapo* Jupp que me mandou cá vir — respondeu Edek a toda a pressa, com uma mentira credível. — Para o caso de ser preciso na nova rampa.

— Um homem da manutenção na rampa? — disse a guarda com desdém. — Ele está completamente bêbedo, ou quê?

— É que eu também sou carpinteiro — argumentou Edek, com uma expressão neutra. — E posso trabalhar na rampa. Foi por isso que ele me mandou cá. Tenho várias competências. — Pelo canto do olho, viu

Mala desconstrair-se de alívio com a sua capacidade de pensar depressa e responder com prontidão.

— Ah. — Depois de o medir da cabeça aos pés, a guarda acabou por encolher os ombros. — Bem, isso não me diz respeito. Se o Jupp quer ser prestável, vai à rampa perguntar se têm alguma coisa para tu fazeres. A Mala leva-te. Ela também tem de lá ir.

Caminharam os dois em silêncio, lado a lado, durante algum tempo; de vez em quando, as mãos tocavam-se ao de leve, como que por acidente, gerando um impulso interior de excitação. Só quando o edifício da secretaria desapareceu completamente da sua vista, e ficaram apenas com a vasta extensão do campo à sua frente, é que Edek tomou a mão de Mala na sua e a beijou com ardor.

Num gesto relutante, como se não quisesse ofendê-lo, ela afastou-se.

— Aqui não. As torres dos guardas...

Edek acenou a cabeça. Claro. As malditas torres dos guardas, que varriam o interior do campo com os seus holofotes semelhantes a faróis demenciais em busca de navios perdidos, com o objetivo de os obliterar a tiros de metralhadora.

— E agora, diz-me o que se passa — exigiu Mala, num tom subitamente cheio de força.

Edek olhou para ela e detetou no seu rosto, à luz trémula dos candeeiros de pé, a feroz determinação de o ajudar. O coração encheu-lhe imediatamente o peito. Exausta e pálida de preocupação, Mala — a sua Mala — continuava a pensar primeiro nos outros e só depois em si.

Edek abriu a boca para começar a narrar-lhe os seus problemas com Szymlak e o inesperado aparecimento da filha do polaco, mas acabou por abanar a cabeça.

— Não se passa nada. Queria dar um passeio ao luar contigo.

Mala franziu ao de leve o sobrolho, com ar de quem não acreditava completamente no que ele estava a dizer. A seguir, porém, foi ela que lhe entrelaçou os dedos nos seus dedos esguios e gelados.

— Ainda bem que vieste — disse.

— Nem tinha vontade de estar em mais lado nenhum!

— Só se fosse lá fora.

— Nem lá fora. O meu lugar é aqui, ao teu lado.

Mala olhou para ele, e havia qualquer coisa nova nesse olhar.

— Vem ter comigo à *Schreibstube* no domingo, como fizeste a semana passada. Os alemães não trabalham ao fim de semana, mesmo que tenham prazos para cumprir. Mas, desta vez, podes lá passar a noite, se quiseres.

Edek acenou a cabeça devagar, deixando que o significado daquelas palavras o atingisse em cheio. No ar gelado que os separava, ficou suspensa uma promessa silenciosa, invisível, mas quase tangível; nesse momento, Edek jurou a si próprio que nunca mais se separaria dela — pelo menos, de sua livre vontade.

Ao longo dos dois meses seguintes, Edek esgueirou-se todos os domingos para o quarto de Mala. Há muito tempo que Wiesław desistira de tentar convencer o seu melhor amigo a pôr fim àquelas excursões amorosas — não era o momento nem o local mais adequado para elas —, optando por transformar as suas preocupações em piadas.

— Quer dizer que vais passar a noite fora outra vez? Ótimo. Eu volto a dormir sozinho. Como um rei. Sem as tuas intermináveis voltas e reviravoltas a bulirem-me com os nervos.

O superior do bloco não fazia perguntas: limitava-se a receber o suborno — um limão ou um bocado de salame — e desviar os olhos quando Edek se ia embora a coberto da noite. Desde que ele estivesse presente na chamada da manhã, pouco lhe importava em que almofada o «malandro do Romeu» repousava a cabeça.

Mas Edek não repousava a cabeça. Jantava como devia ser e tentava não se encolher todo quando Mala lhe depositava mais umas pepitas de ouro dental na palma da mão. A seguir, passava várias horas sentado no chão ao lado dela, a dar migalhas de pão ao ratito, que se sentia cada vez mais confortável na presença daqueles humanos de generosidade tão peculiar. E conversava com Mala sobre coisas que tinham deixado de existir e coisas que esperava que, um dia, voltassem a acontecer.

Num tom carregado de saudade, Mala falou-lhe do seu primeiro emprego numa importante casa de moda de Antuérpia, a Maison

Lilian, onde as peças de seda eram desenroladas em amplas ondas sobre as mesas de corte, e ela passava às vezes horas em pé, com as designers a coser e a marcar o tecido sobre o seu corpo esguio, porque uma das modelos tinha ligado a dizer que estava doente e era preciso alguém que a substituísse. Os seus olhos encheram-se de melancolia quando recordou a camaradagem que reinava entre os colegas no segundo emprego que tivera: secretária e intérprete numa pequena empresa de comércio de diamantes, onde todos haviam feito o possível e o impossível para a proteger dos nazis quando as tropas alemãs tinham entrado na Bélgica e, de repente, passara a ser crime ter contratos de trabalho com judeus.

Por sua vez, Edek contou-lhe como era a Escola Naval que tinha frequentado em Pińsk: as partidas que pregavam aos superiores e a dimensão das casas de banho dos dormitórios, que eles tinham de limpar com as escovas de dentes como castigo por essas mesmas partidas. Edek partilhava o seu passado como ela da mesma maneira que ela partilhava a comida que recebia com ele: sem nada reservar para si; e não tardou que, de certa maneira, as memórias dele passassem a ser dela, e as dela, dele: descobriu que conhecia a Bélgica, embora nunca tivesse pisado solo belga, e que amava o pai de Mala, sem nunca o ter visto, tal como se tinha afeiçoado ao pai que Mala adotara em Auschwitz, do qual a rapariga falava com enorme afeto.

— Achas que ele gostaria de mim, o teu pai verdadeiro? — perguntou-lhe Edek um dia, meio a brincar. Mala contara-lhe que o seu pai de Auschwitz já gostava dele, simplesmente por ter feito a sua filha adotiva sorrir, substituindo as lágrimas que, até então, eram uma ocorrência bem mais frequente.

— Eu diria que o ideal era seres tu a perguntar-lhe.

— E como faço uma coisa dessas?

— Bem, calculo que, primeiro, tenhas de sair daqui, arranjar um corcel branco, regressar a este campo na companhia do exército soviético e salvar esta donzela em perigo — começou ela, apontando para si própria, sempre com uma expressão muito séria. — A seguir, levas-me, sempre no corcel branco, a casa da minha família, onde poderás pedir-me em casamento diretamente ao patriarca da família.

Edek não conseguiu aguentar mais: os seus ombros começaram a tremer de riso.

— Com todo o respeito, não conheço ninguém que se pareça menos com uma donzela em perigo do que a senhora.

— Vou tomar essa afirmação como um elogio.

— E, pelo que a senhora me contou, a sua família era tudo menos um patriarcado típico.

— Tens toda a razão. A educação que o meu pai me deu visava fazer de mim uma meretriz autossuficiente, com ideias próprias e sem papas na língua.

— Gosto dessa língua sem papas. Só tenho uma pergunta: o corcel tem mesmo de ser branco?

— Totalmente branco. Caso contrário, não há casamento.

— E se for uma égua castanha, mas tiver uma corda ao pescoço, com um ou outro nazi na ponta?

Mala fingiu considerar a proposta.

— Se forem dois nazis, negócio fechado.

— Como presente de casamento.

— Isso mesmo, como presente de casamento.

— E se eu arranjar três nazis, permite-me que a beije neste preciso momento, para selar o noivado?

— Não sei, não sei. Ainda não vi os nazis.

Mas beijou-o na mesma, abandonando finalmente a brincadeira. O beijo começou por ser lento, mas depressa assumiu foros de intensidade desesperada, deixando-os aos dois ofegantes, mas incapazes de se largarem. A pele a titilar, o coração a bater à velocidade da luz, os dedos metidos no cabelo — loucura total e salvação eterna, combinadas numa noite que seria recordada e estimada, em que o campo de morte perderia o domínio que tinha sobre eles durante um par de horas celestiais. Fora no princípio de janeiro que Mala o convidara pela primeira vez a passar a noite no quarto dela. No final de fevereiro, Edek já não queria senão acordar nos braços dela.

Capítulo 22

— Vou ser transferido.

Perdido num sonho protagonizado por Mala, sentindo ainda os lábios dela nos seus, o seu cabelo cor de caramelo nas mãos, Edek não se apercebeu logo do significado daquelas palavras preocupantes de Wiesław.

— O que é que disseste? — perguntou, por fim, olhando espantado para o amigo.

O dia tinha acordado cinzento, envolto em neblina. Ele tinha chegado mesmo a tempo da chamada da manhã, e fora encontrar Wiesław no exterior do bloco, à espera de ser contado, de olhos fitos no vazio.

— Disse que vou ser transferido — repetiu Wiesław, com os lábios trémulos quase inertes. Parecia estupefacto, como se ele próprio não acreditasse naquilo. — Ontem à noite, depois de saíres, passaram por cá uns SS a fazer uma inspeção.

Edek franziu o sobrolho, confuso. Tinham guardado o *Ausweis*, juntamente com as bolinhas de ouro, por baixo de uma tábua, ao lado do beliche de Edek. Sempre que lá metia mais alguma coisa, Edek voltava a fechar o esconderijo com os pregos. Era absolutamente impossível que o tivessem descoberto, mesmo com as buscas cuidadosas dos SS.

O superior do bloco saiu do barracão com o *Schreiber*^[10] atrás, trazendo na mão a lista dos prisioneiros que tinham sido colocados no bloco.

— Temos de lhes dizer que é um erro — sussurrou Edek. — Que não tinhas contigo nada que fosse ilegal.

Vendo que Wiesław não respondia logo, começou a sentir um frio

de suspeita. Durante algum tempo, a única coisa que se ouviu foi a voz rouca do superior do bloco e os companheiros da equipa de manutenção gritando *Jawohl* quando ouviam o seu nome.

— Lembra-te de o Szymlak se ter oferecido para nos trazer alimentos? — perguntou Wiesław num murmúrio.

Edek fechou lentamente os olhos, recusando-se a acreditar em semelhante estupidez.

— Pois, em resumo, ontem mesmo ele trouxe-me uma encomenda — prosseguiu Wiesław, com um ligeiro tremor na voz. Lançando um olhar de esguelha ao amigo, Edek viu-lhe nascer lágrimas de culpa nos olhos. — Abri-a, mas não lhe toquei. Estava a guardá-la para quando tu voltasses, para podermos partilhá-la. Como calculas, os SS descobriram-na imediatamente. «O quê?! A comer como um rei quando os nossos soldados passam fome na frente, seu porco polaco?». E, para meu grande azar, também tinha roupa interior de seda por baixo do colchão... — prosseguiu, lançando um olhar trágico a Edek. — Sabes que não é por vaidade nem nada disso. É que os piolhos gostam menos de seda do que de algodão...

Edek sabia. Só que, naquele momento, estava incapaz de dizer fosse o que fosse. Se falasse, o que lhe sairia seria um produto da fúria, algo que lhe seria depois impossível retirar e que levaria à dissolução de uma amizade que lhes tinha permitido aguentar os períodos mais brutais ali dentro.

O que teria levado Wiesław a pedir comida a Szymlak? Edek deixava-lhe o jantar sempre que ia estar com Mala; e trazia tudo o que ela lhe dava, dividindo-o a meio com o seu melhor amigo. Pelos padrões de Auschwitz, eles não passavam fome, além de que as mulheres da enfermaria, onde ele trabalhava de vez em quando, lhe passavam múltiplas guloseimas, incluindo bebidas alcoólicas. Porquê arriscar tudo por umas quantas sanduíches caseiras? Edek tinha vontade de deixar sair a raiva, de se pôr a gritar na direção do nevoeiro, mas a única coisa que podia fazer era ficar em sentido, esperando que chamassem o seu nome.

— Para onde vais ser transferido? — conseguiu finalmente perguntar, depois de o superior do bloco ter assinalado o nome dele

na lista. Estava sem força na voz. — Espero que não seja para o *Kommando* das punições!

— Não. Mas quase. — Wiesław soltou uma pequena gargalhada triste, quase feérica. — Para o bloco 8. O dos prisioneiros de guerra soviéticos.

Quase, de facto, pensou Edek sombriamente. Os soviéticos tinham uma fama terrível entre a população do campo: desafiavam abertamente as autoridades e tinham conseguido — ninguém sabia como — que o próprio *Lagerführer* Schwarzhuber os respeitasse. Schwarzhuber, o diretor do campo dos homens de Birkenau, o homem encarregado de fazer as seleções, tinha um enorme prazer em «libertar o Reich de vermes sub-humanos», como lhes chamava. Ora, para espanto de todos, aos olhos do *Lagerführer*, os prisioneiros de guerra soviéticos tinham deixado de pertencer a essa categoria. Pelo contrário, fora visto em múltiplas ocasiões a conversar com eles, com a ajuda de um intérprete, a respeito dos campos de batalha por onde tinham passado, das armas que usavam e dos pontos estratégicos pelos quais tinham combatido — tudo coisas com que ele próprio sonhava, mas que não tinha hipóteses de realizar.

— E o pior... — começou Wiesław, mordendo a língua ao ver o olhar homicida que Edek lhe lançou.

— Há *pior*? — sussurrou o amigo em fúria.

Ao ouvir a acusação que transparecia naquele tom de voz, Wiesław baixou a cabeça.

— Nomearam-me secretário do bloco. O que significa que não vou voltar a andar com o *Kommando* de manutenção. A princípio, não percebi como é que fazer dum prisioneiro secretário de um bloco podia ser um castigo, mas depois fez-se-me luz. Os soviéticos são conhecidos pelo seu mau feitio: matam as pessoas de quem não gostam. Calculo que seja esse o destino que os SS têm em mente para mim.

Edek fitou os olhos na luz do começo daquele dia que não podia ser pior e, finalmente, soltou um profundo suspiro.

— Eles não te vão matar. Ou, pelo menos, primeiro terão de me matar a mim.

Vendo que Wiesław olhava para ele e pestanejava, sem compreender onde o amigo queria chegar, Edek deu-lhe uma cotovelada amigável.

— Não te preocupes. Eu suborno alguém para me mandarem para o bloco 8 contigo. Prometo que não te abandono.

Nessa noite, a primeira coisa que Edek fez foi ir ter com o *Arbeitsdienst* — o prisioneiro-funcionário encarregado de distribuir os prisioneiros pelos diferentes blocos e equipas de trabalho — responsável pela transferência de Wiesław. Para seu espanto, o velho polaco, que tinha uma forte pronúncia da Silésia e afirmou chamar-se Jozek, abriu os braços com ar pesaroso e explicou-lhe que não tinha nada que ver com aquela transferência, que se limitara a cumprir ordens e que o amigo de Edek devia estar agradecido pelos SS não o terem mandado para o *Kommando* das punições, onde não duraria muitos dias.

— E não será possível transferirem-me para esse bloco? — perguntou Edek, começando a tirar uma garrafa de uma bebida alcoólica do interior do macacão.

Jozek deteve-o com um sorriso simpático e pesaroso.

— Guarda esse suborno, que eu não posso ajudar-te nisso. Aqui em Birkenau, as transferências são todas validadas pelo *Lagerführer* Schwarzhuber e os seus ajudantes, ou pelo *Kapo* do campo, o Jupp. Dás-te bem com algum deles?

A pergunta era, obviamente, retórica. Toda a gente evitava ao máximo ter contactos com Schwarzhuber; e o *Kapo* Jupp rivalizava em brutalidade com os seus contrapartes das SS. Jupp era um antigo criminoso que muito se divertia a atingir os pontos fracos de cada um, e que tinha ascendido ao topo da hierarquia do campo, matando e espancando os prisioneiros a seu cargo. Os SS apreciavam estes servos, que lhes permitiam poupar gás ao matarem, eles próprios, os prisioneiros.

— Faz o seguinte. — A voz de Jozek arrancou Edek a estes pensamentos desagradáveis. — Esta noite, vais ter com o teu amigo, que tem direito a um quarto privado no barracão por ser o secretário, e explicas-lhe que tem de fazer amizade com os russos. Não vai ser

fácil, porque eles não gostam assim muito de receber ordens vossas; mas, se ele lhes der a entender que está do lado deles, fica numa das posições mais *Kosher* de todo o campo.

— Ai sim? — Edek franziu o sobrolho para mostrar que não tinha percebido.

Edek recordava-se, por experiência, da atitude brutal dos SS para com os prisioneiros de guerra soviéticos: assim que estes chegavam ao campo, os nazis encarregavam-se de lhes fazer a vida num inferno. Um polaco que cometesse uma falta pequena era espancado; um russo era imediatamente abatido. Os piores trabalhos do campo estavam reservados aos soviéticos. Eles eram dos primeiros do Bloco 11 a serem mandados para as câmaras de gás; e eram constantemente torturados, insultados, chicoteados, privados de alimentos e sujeitos às mais horrendas experiências médicas. Os prisioneiros mais antigos costumavam dizer que, a seguir aos judeus, os russos eram os mais maltratados de todos; ainda assim, depois do que tinha visto em Auschwitz, Edek não era da mesma opinião.

— As coisas mudaram depois de os alemães terem perdido Estalinegrado — explicou Jozek, com uma expressão séria. — Neste momento, acham preferível não se meterem muito com os sobreviventes russos.

Edek preparava-se para contrapor quando o velho polaco ergueu uma mão, interrompendo-o com o mesmo sorriso suave.

— Eu sei, eu sei. Eu também cheguei a Auschwitz num dos primeiros transportes. Lembro-me muito bem do que ali se fazia aos pobres diabos. Mas aqui em Birkenau, aqueles que sobreviveram são hoje tratados como prisioneiros privilegiados. O *Lagerführer* Schwarzhuber tem uma atitude sentimental em relação a eles, uma espécie de honra militar ou coisa que o valha, e a verdade é que os coloca nas equipas de cozinha e em diversos armazéns, onde eles ocupam cargos muito razoáveis. Alguns deles optaram pelo *Kommando* México, não sei se sabes qual é... A equipa que está a trabalhar na construção ao lado do campo masculino.

Edek confirmou com um aceno de cabeça.

— Não faço ideia nenhuma do que os leva a optar por esse

Kommando — prosseguiu Jozek —, porque o trabalho no México é pesado. Ao que parece, conseguem extrair etanol e metanol das peças dos aviões abatidos que são encarregados de desmontar, e purificam-nos, não sei como, transformando-os numa bebida alcoólica. Pessoalmente, duvido de que a principal razão seja essa, mas o segredo é deles e com eles permanece. Seja como for, o que tens a dizer ao teu amigo é que deixe os russos fazerem o que lhes apetecer e não se meta com eles, pelo menos a princípio. Têm a sua própria hierarquia, os seus chefes, um sistema de justiça montado, e resolvem os problemas entre eles. Se conseguir conquistar o respeito e tornar-se amigo de quem manda, não vai ter problemas. Até o *Kapo* Jupp tem medo deles, porque assassinaram uns quantos subordinados dele que cometeram o erro de meter o nariz onde não eram chamados; atualmente, evita-os. Por isso, diria que, se o teu camarada jogar bem com as cartas que tem, o castigo que lhe aplicaram pode acabar por se tornar bastante interessante. O que ele tem a fazer é não se opor a ninguém que seja... perigoso — concluiu, com uma expressão um tanto carregada.

Edek agradeceu profusamente ao homem e desatou a correr, abrandando apenas ao chegar ao bloco 8. Contudo, apesar da pressa, percebeu que tinha chegado tarde, porque estava a decorrer um combate.

Horrorizado, Edek viu o seu melhor amigo preso num abraço fatal com o seu opositor soviético, que era muito mais alto e mais forte do que Wiesław, com os músculos a sobressair do pescoço e dos ombros. Aclamados pelos outros habitantes do bloco, os dois homens combatiam à entrada do barracão, esmurrando-se e pontapeando-se com enorme convicção. Com a cara coberta de sangue e ferimentos, respiravam ofegantes, andando em círculos à volta um do outro antes de se atirarem ao pescoço do adversário com uma determinação quase suicida.

Como se estivesse sob o efeito de um feitiço demente, Edek observou o semicírculo de caras que rodeavam os dois homens, de olhos avidamente fixos nos seus movimentos, ouvindo-os berrar palavras de estímulo na sua estranha língua, aterrorizado com o

possível resultado daquele recontro. Independentemente de qual dos dois vencesse o combate, Wiesław estava feito: ou o opositor o matava com um golpe certo na têmpora, ou os outros todos destruíam a pontapé, ali mesmo, o recém-nomeado secretário do bloco.

O superior do bloco, um homem pálido, saiu do barracão a correr e abriu caminho, ofegante, em direção aos dois contendores, procurando separá-los. Mas os russos agarraram-no pela nuca, exigindo que os deixasse resolver o assunto sozinhos. Ao ver o superior do bloco suplicar, impotente, que eles fizessem alguma coisa — ao que os outros lhe ordenaram, com enorme desdém, que se pusesse a andar —, Edek percebeu que a única autoridade que estes selvagens endurecidos pelos campos de batalha reconheciam era a sua própria lei marcial.

Meio entontecido, com os nervos em franja, Edek olhou em volta tentando descobrir qualquer coisa — fosse o que fosse — que lhe permitisse acabar com aquela situação. A certa altura, o seu olhar foi pousar num balde de água que se encontrava à entrada do barracão. Pegando nele pela asa de metal, abriu caminho à força até junto de Wiesław e do russo, e atirou-lhes a água gelada para cima.

O efeito não se fez esperar: ofegantes, a cuspir, os dois homens limparam a água da cara e olharam em volta, confusos. Num gesto rápido, Edek puxou Wiesław para junto de si, protegendo-o com o seu corpo. Tinha nos olhos um claro desafio aos 400 russos que ocupavam aquele bloco, cujos olhos, duros e cortantes, o fitaram das profundezas do espaço mal iluminado.

Caiu sobre o barracão uma calma tensa. Ninguém se mexia. O silencioso impasse mantinha-se e, durante algum tempo, os russos pareciam estar a pensar em qualquer coisa. Sentindo a garganta seca e o hálito quente, Edek estava com medo, sequer, de pestanejar, não fosse escapar-lhe algum movimento repentino, algum ataque vindo não sabia de onde, uma lâmina aguçada enfiada nas costelas num momento de negligência.

O adversário de Wiesław voltou lentamente a cabeça, procurando alguém no meio daquela multidão densa e silenciosa. Como que respondendo a um sinal, o grupo deslocou-se como um mar que se abrisse, dando passagem a um homem vulgar, que não era alto e bem

constituído como o que participara no combate, mas ostentava o ar de autoridade silenciosa que só está presente nos líderes de respeito conquistado.

O homem disse qualquer coisa em russo ao opositor de Wiesław e o outro acenou com a cabeça num gesto obediente e foi para dentro, acompanhado por aplausos discretos e palmadas nas costas dos camaradas.

O russo estranho foi postar-se diante de Edek e Wiesław, os óculos refletindo a luz de tal maneira que era quase impossível ver-lhe os olhos que as lentes ocultavam.

— Não foi nada sensato da tua parte fazer inimigos logo no primeiro dia — declarou, por fim, num alemão impecável. — Vamos supor que essa atitude ficou a dever-se à estupidez e imprudência para a qual todos os seres humanos têm tendência quando são nomeados para um cargo de poder, mesmo que insignificante. Contudo, deixo-te uma recomendação e muito séria: modera o teu entusiasmo de servo dos nazis, porque da próxima vez eu não lhes ordenarei que te deixem em paz. — E, deixando estas palavras ameaçadoras em suspenso, virou costas e foi-se embora, seguido pelos restantes soviéticos, qual rei pelo seu séquito.

Assim que ficaram só os dois, Wiesław permitiu a Edek que o levasse para o quarto — o único privilégio resultante daquela horrível nomeação. O quarto era pequeno e com pouco mobiliário, fazendo lembrar bastante o de Mala, mas tinha um cadeado na porta. Não era um cadeado que impusesse respeito, mas proporcionava alguma proteção, o que já era qualquer coisa.

— O que aconteceu? — exigiu Edek saber, ao mesmo tempo que tentava cuidar do corte que o amigo tinha no lábio, que inchava a olhos vistos.

— Hoje, ao princípio do dia, logo a seguir à chamada, anunciaram um recolher obrigatório para os nossos blocos, não sei bem porquê. — Wiesław fungou e limpou o sangue que lhe corria do nariz com a manga. — O superior do bloco mandou-me ficar à porta, com instruções explícitas de não deixar sair ninguém, e foi para o quarto dele arrumar uns papéis. Aquele bandido, que acho que se chama

Kolya, e que é um tipo importante na cozinha, decidiu que as regras não se aplicam a ele e quis sair. Eu tentei detê-lo e ele deu-me um grande empurrão (como viste, parece um touro) e seguiu em frente. E eu, claro, agarrei-o pelo colarinho. Ele virou-se e deu-me uma bofetada, e eu dei-lhe um murro no olho. E deves ter assistido ao que veio a seguir.

Horrorizado até à medula, Edek esfregou os olhos. Eram coisas demais para um só dia. E agora, como é que ele podia deixar este pobre imbecil sozinho com aquelas bestas? Os homens comiam-no ao jantar, atiravam os restos para uma vala e iam dizer, com o sorriso que ele tinha visto naquelas caras, que o novo secretário do bloco tinha, infelizmente, caído do beliche e partido a coluna. Era uma pena, porque até começavam a gostar dele.

Não. Não podia ser.

Edek apoiou as palmas das mãos nos ombros do amigo e olhou-o nos olhos.

— Wiesław, tens de ir pedir-lhe desculpa.

Por momentos, Wiesław ficou a olhar para ele com profundo espanto, como que incapaz de dizer fosse o que fosse.

— Tu ouviste alguma coisa do que te contei? — berrou, por fim, com uma expressão de enorme indignação a contorcer-lhe a face.

— Ouvi. Ouvi tudo o que me contaste — respondeu Edek num tom grave. — E se o teu adversário fosse um polaco, eu próprio lhe dava umas quantas bojardas no focinho. Mas esta malta é russa. São militares a sério, que andaram a combater os nazis numa altura em que nós nos dedicávamos a construir os barracões de Auschwitz. Eles são soldados e são sobreviventes. Têm de ser, senão não tinham resistido aos anos de aniquilação que as SS lhes carregaram em cima. Esta malta é do mais duro que há. Não podemos dar-nos ao luxo de ser inimigos deles. É muito mais inteligente tê-los como aliados. Por isso, vais pegar nesta garrafa — Edek tirou de dentro do macacão a mesma bebida alcoólica com que tentara subornar Jozek, o *Arbeitsdienst* — e vais dá-la ao Kolya, para fazerem as pazes. Vais pedir-lhe desculpa e vais garantir-lhe que uma coisa destas não volta a acontecer.

Edek devia ter dito aquilo com uma entoação especial, que teve

mais influência em Wiesław do que as palavras propriamente ditas. Lentamente, Wiesław acenou a cabeça e tirou-lhe a garrafa da mão.

— Não te importas de vir comigo? Não vá acontecer...

— Claro que sim. — Edek deu-lhe uma palmada no ombro e levantou-se da cama. — Nem era preciso pedires.

Saindo juntos do quarto de Wiesław, os dois amigos dirigiram-se ao beliche de Kolya, acompanhados por filas de olhos muito sérios. O russo tirou a compressa de água fria de cima do olho inchado, com uma expressão já desprovida de hostilidade nas suas feições amplas, e olhou os dois homens com interesse.

Wiesław estendeu-lhe a garrafa em silêncio, com a mão ligeiramente trémula. O russo surpreendeu-os aos dois dando uma enorme gargalhada e uma palmadinha sobre o beliche, num convite aos dois amigos.

— Tu... parvo, eu... parvo — explicou cordialmente em péssimo polaco, abrindo a garrafa e estendendo-a a Wiesław, para que ele fosse o primeiro a tomar um golo, num gesto que, do ponto de vista de Edek, selou aquela amizade. — Nazis... maus. Tu... camarada. Eu combater nazis, não camaradas.

— Isso — concordou Wiesław prontamente e, agarrando na garrafa pelo gargalo, apertou a mão do russo com um sentimento de proximidade que só dois homens que acabaram de se esmurrar podem ter. — Acabaram as lutas entre amigos.

Capítulo 23

— Transferido?

Mala não tentou disfarçar a sua preocupação ao ouvir a notícia que Edek lhe trouxera. Não era domingo, o dia em que habitualmente se encontravam, mas ele decidira aventurar-se até à rampa que estava a ser construída a coberto da noite, como já tinha feito noutras ocasiões. Realçados pelo brilho amarelo-pálido dos candeeiros de pé, os trilhos que ligavam o campo feminino ao masculino continuavam a crescer, qual horrenda cicatriz negra aberta na imaculada superfície branca da neve acabada de cair. Tinha apanhado Mala mesmo a tempo — depois de ter entregado uma ordem escrita ao *Kapo*, a jovem preparava-se para regressar ao seu posto e cumprir o que restava do turno da noite com mais duas estafetas.

— E agora? O que tencionas fazer? — perguntou ela, perscrutando-lhe a face com preocupação. — O secretário de um bloco não pode ser levado para fora do campo. O Wiesław tem de estar integrado num *Kommando*.

— Até ao verão, ainda temos tempo — observou Edek, injetando na voz uma nota de descontração que estava longe de sentir. — Tempo mais do que suficiente para as autoridades do campo perceberem que ele é um péssimo secretário e o mandarem novamente para um grupo de trabalho normal.

Mala fez um sorriso débil e apertou-lhe ao de leve a mão, a dar-lhe coragem.

— É da minha vista, ou estes trilhos estão a aproximar-se cada vez mais do... — Edek calou-se de repente, fazendo mentalmente o ominoso percurso da linha de caminho de ferro.

Tinham as chaminés do crematório à sua frente, mergulhadas num

repouso enganador, contra o pano de fundo da iluminação noturna. O percurso que, ainda há poucas semanas, levava 40 minutos a fazer levava-lhes agora pouco mais de 15. O martelar dos pesados instrumentos que pregavam os trilhos ao solo gelado ecoava fantasmagoricamente por todo o campo, qual relógio horrendo medindo o tempo até à chegada de algo penoso e inevitável. Os operários estavam a construir a nova rampa em turnos contínuos, com uma eficácia mortífera.

— Não, não é da tua vista. É precisamente aqui que vai ser construída a nova rampa. — E Mala apontou para o pedaço de terra vazio que separava o campo dos homens do das mulheres, calando-se uns momentos. — Vi os planos na secretaria do campo — prosseguiu depois, num tom que provocou um arrepio a todo o comprimento da espinha de Edek. — E sou eu que ando a transmitir as ordens.

Edek começou a sentir um zumbido nos ouvidos. De repente, o silêncio tinha-se transformado num grito agudo de puro terror. A coberto da escuridão, estava a preparar-se ali qualquer coisa, novos e definitivos processos de extermínio. O crânio da lua sorriu-lhes lá de cima, do céu indiferente, com o seu maxilar despido. E, se Mala não o tivesse agarrado com as duas mãos naquele preciso momento, ter-se-ia deixado cair ao ganhar consciência da terrível realidade. À sua mente já muito perturbada, acorreram as palavras do historiador de Auschwitz com quem Edek partilhara a barraca: «Eles vão-nos matar a todos, nota bem o que te digo. Eles não querem que a gente saia daqui e comece a contar o que se passou».

— Isto não é para nós. — Como se tivesse sentido o horrível terror que o invadira, Mala apertou-lhe as mãos num gesto de confiança. — Pelo menos, por enquanto. Nós não precisávamos duma rampa nova. A rampa é para quem está a chegar. Nós já cá estamos. A rampa é para os judeus húngaros. Os húngaros acharam que era boa ideia passarem para o outro lado a meio da guerra, mas enganaram-se. E agora, Hitler vai exercer a vingança como mais gosta: obliterando a população judaica. Mas os nazis precisam de nós. Doutra maneira, não tinham quem os ajudasse a perpetrar esta matança.

O sorriso dourado de Mala era o único ponto de luz a dar-lhe

esperança no meio daquela escuridão. De repente, Edek percebeu que não seria capaz de se separar dela, pelo menos por enquanto.

E como vais dizer-lhe adeus quando chegar a altura? Outro pensamento que lhe entrou sorrateiramente para um canto do espírito e ali ficou em silêncio, qual serpente pronta para atacar num momento de maior vulnerabilidade. Edek deixou-o estar — até ver.

Nunca mais chegava domingo. Edek contava os dias e passava as noites em branco, a sofrer. Quando, porém, chegou finalmente a tão esperada hora, descobriu que, nessa noite, não era o único convidado para o quarto de Mala.

— Desculpa não te ter avisado — pediu ela, dando-lhe um rápido beijo nos lábios. — Não houve tempo. Tivemos de fazer uma reunião de emergência.

O quarto de Mala parecia ainda mais cheio do que estava devido à espessa nuvem de fumo de cigarros que pairava no ar, formando círculos cinzentos e nebulosos. Edek reconheceu Zippy, que estava sentada em cima da cama de Mala, e apertou a mão a várias pessoas que não conhecia. Estavam todos com uma expressão grave e uma nota de desânimo na voz. Bastava um olhar de relance para se perceber que pertenciam à elite do campo. O homem que estava sentado no chão de pernas cruzadas era claramente do *Sonderkommando*: via-se pelo fedor a carne queimada que provinha da sua roupa de bom corte, apesar de ter, em geral, uma aparência limpa e cuidada. Mala apresentou-o, informando que se chamava Konstantinos.

— Kostek.

O volumoso sujeito hesitou antes de estender a mão a Edek; não porque fosse contra os seus princípios apertar a mão a um operário da manutenção, mas porque muitos prisioneiros tinham repugnância em apertar a mão aos trabalhadores das câmaras de gás.

Edek apertou-lha com firmeza, dizendo o seu nome.

Sentada ao lado de Zippy, em cima da cama de Mala, estava uma médica do hospital do campo, com uma mancha de sangue fresco na manga da bata branca. Mala apresentou-lha, informando que se

chamava Stasia, e Edek sorriu — a prisioneira-médica também era polaca.

A avaliar pelos respetivos uniformes, os dois homens que estavam sentados ao pé do radiador pertenciam à equipa dos carpinteiros. Edek teve a impressão de reconhecer um deles, mas só quando olhou com mais atenção é que percebeu que se tratava de Pavol, o eslovaco que o tinha posto em contacto com Mala.

Mala estava sentada na única cadeira existente no quarto, como que presidindo à pequena assembleia. Propôs a Edek que também se sentasse na cama, mas ele preferiu permanecer de pé junto à porta, para não incomodar as duas mulheres que já ocupavam a cama, pequena demais para muita gente.

Inicialmente, o segundo carpinteiro olhou para Edek com uma certa desconfiança, mas Mala descansou-o com um gesto de mão.

— Ele é dos nossos. Podes confiar.

Aquelas palavras pareceram bastar a todos os presentes, pois a tensão abandonou os rostos.

— Passa-se qualquer coisa no campo das famílias — explicou Mala a Edek sem mais preâmbulos, aliás desnecessários.

— Os judeus de Theresienstadt? — perguntou Edek, pestanejando.

Os prisioneiros do campo das famílias, que tinham sido levados do gueto de Theresienstadt, na Checoslováquia, para Birkenau, em setembro do ano anterior, eram uma espécie de curiosidade do campo. Ao contrário de todos os recém-chegados, não tinham sido alvo de agressões, gritos e insultos no bloco de admissões; não tinham sido tosquiados como ovelhas, depois tatuados e passados pela unidade de desinfecção da sauna, e finalmente lançados para o exterior, completamente nus, a tremer de medo e de frio. Pelo contrário, tinham sido acompanhados aos novos barracões de forma quase cordial por uns SS subitamente polidos, tratados como convidados, autorizados a continuarem a vestir-se à civil e até a guardar o que tinham levado nas malas, coisa totalmente inédita em Auschwitz-Birkenau. Desde então, viviam como tinham chegado, com as famílias juntas; o resto da população do campo, separada dos seus entes queridos, olhava para eles do outro lado do arame farpado, coçando a

cabeça sem compreender tão inesperado favoritismo.

Só com o passar do tempo é que se percebeu que tudo aquilo era uma farsa: os SS tratavam assim estes judeus por razões de propaganda; deste modo, enganavam a imprensa internacional, afirmando que os judeus eram bem tratados e tinham tudo aquilo de que precisavam. O mais lamentável era que a Cruz Vermelha, que por vezes fazia inspeções aos campos alemães, engolia as histórias dos nazis sem suspeitar de qualquer malícia e, no final de cada visita, determinava enviar mais ajuda humanitária aos judeus. A administração dos campos concordava com enorme entusiasmo e esfregava as mãos de contente nas costas dos inspetores da Cruz Vermelha, imaginando as festas que poderiam organizar com os produtos provenientes da Suíça.

— Eu disse, desde o princípio, que se passava qualquer coisa naquele campo. — Zippy foi a primeira a quebrar o silêncio. — Era demasiado bom para ser verdade. As crianças a brincarem com ar angélico, as mulheres de *collants* e sapatos de salto alto, os veteranos de guerra dum lado para o outro com as medalhas ao peito, como se estivessem na formatura, e tudo isso em Auschwitz? Não podia ser — concluiu, abanando a cabeça num gesto categórico. — Não me espanta nada que a organização clandestina tenha confirmado o que eu já suspeitava, que era um espetáculo montado para os suíços.

— Os SS obrigaram-nos a escrever postais à família com a data do final do próximo mês. — Mala fitava um ponto da parede que tinha em frente, com uma ruga profunda entre as sobrancelhas. — A Zippy e eu estivemos a separá-los por zonas na secretaria do campo. Eu perguntei à Mandl se havia ali algum erro, porque é que as datas estavam todas erradas, mas ela foi muito vaga, disse-me que tinha que ver com o atraso do gabinete de censura de Berlim.

— O caraças — comentou logo Kostek.

Edek sorriu ao de leve ao ouvir a imprecação. Gostava cada vez mais do sujeito do *Sonderkommando*.

— Estão a planear a *Aktion* de extinção — prosseguiu Kostek. — Acreditem no que vos digo. Já vi muitas coisas do mesmo género. Gabinete de censura, o tanas — concluiu, abanando a cabeça com uma

expressão de repugnância.

— Foi precisamente o que a Zippy e eu achámos — comentou Mala, olhando para ele. — Daí esta reunião. Temos de os avisar.

— Muito bem, avisamo-los — interveio Pavol, enrolando um cigarro, tendo acabado de apagar o anterior numa lata de sardinhas vazia. — E depois? Tenho passado por lá vezes sem conta. Nunca vi uns tipos tão insuportáveis, de arrogantes. Estão convencidos de que as regras de Auschwitz não se lhes aplicam. São muito poucos os que desconfiam de que se está ali a preparar qualquer coisa. Os outros preferem permanecer numa santa ignorância e confiar nas boas graças dos SS. — E, dizendo isto, revirou os olhos enfaticamente.

— Mas há lá gente da Resistência — insistiu Mala.

— Há. São uns 35 em 5 mil — comentou Stasia, manifestamente pouco impressionada com tais números. — Como é que queres organizar uma revolta com uns miseráveis 35?

— Esses podem ser os líderes — persistiu Mala, mas a médica contrariou a ideia com um gesto de mão.

— Se as pessoas não acreditam que vão ser mortas, não há líder que as mova à revolta — declarou Kostek, num tom subitamente melancólico. — Em 1942, antes de terem sido construídas aquelas monstruosidades que ficam ao lado da *Kanada*, ia eu a conduzir para o velho crematório de Auschwitz uma carreta cheia de gente acabada de gasear. A estrada que tínhamos de percorrer passava pela rampa, de maneira que tínhamos de seguir muito devagar para evitar que os cadáveres caíssem, porque íamos sempre muito carregados e o pavimento estava cheio de buracos. Enquanto avançávamos, a passo de caracol, assisti à seguinte cena: uma mulher bem vestida, e não era uma judia de gueto, era uma mulher abastada, que vinha não sei de onde, avançou para um SS com um filho pequeno pela mão. Chegou ao pé dele e apontou para um dos homens da *Kanada* que estava a cuidar da bagagem na rampa. O pobre idiota devia ter tentado avisá-la que, se queria continuar viva, o melhor era largar o miúdo... Fosse como fosse, a mulher não acreditou nele e avançou com um ar furioso para o guarda das SS, quase aos gritos, a acusar o pobre sujeito da *Kanada*: «*Herr Offizier*, aquele reles criminoso acaba de me dizer que,

se eu não largar o meu filho, seremos ambos mortos!» O oficial, que tinha ordens para evitar o pânico na rampa, fosse em que circunstâncias fosse, olhou para ela quase como quem pede desculpa e sorriu-lhe com uma expressão extremamente benévola. «Madame, aquele homem é um louco criminoso. A gente da laia dele inventa todo o género de fantasias. Acha realmente que os alemães são bárbaros, que matam mulheres e crianças?» E sabem uma coisa? A multidão acreditou no SS em vez de acreditar no *louco criminoso* que era prisioneiro.

Kostek deu umas palmadinhas pelo corpo, à procura do maço de cigarros, e acendeu um com um ar distraído.

— Quando ela se voltou para o sujeito da *Kanada* com uma expressão de triunfo, ele já tinha desaparecido. Do sítio onde estava, a mulher não conseguiu perceber o que se tinha passado, mas eu consegui: o homem tinha sido despachado para trás das pilhas de bagagem por dois guardas, para evitar que continuasse a dar à língua. Fizeram-me sinal para eu parar e mandaram-me esperar para apanhar mais um corpo depois de a rampa se esvaziar.

Edek observou a reação de Mala à narrativa de Kostek e percebeu que nada daquilo era novo para ela. A história apenas lhe suscitara a forte melancolia de quem já tinha assistido a cenas semelhantes.

— Hão de perceber que tínhamos razão — comentou o segundo carpinteiro. — Mas, nessa altura, será tarde.

— Ainda assim, temos o dever de tentar. — Mala recusava-se a ceder. — Tens material suficiente para apoiar a revolta, se eles decidirem avançar? — perguntou, voltando-se para Kostek.

O homem do *Sonderkommando* deu uma longa passa no cigarro, enquanto fazia umas contas de cabeça.

— Temos algumas bombas feitas por nós e umas quantas armas. A ideia é conseguirmos controlar alguns SS que tenham metralhadoras, e a seguir, estamos prontos para tudo, senhoras e senhores.

Do lugar onde se encontrava — sentado no chão —, o companheiro de Pavol, um carpinteiro de triângulo encarnado, abanava a cabeça com grande veemência.

— Vamos ser todos mortos. O plano é lançar a revolta quando os

soviéticos já estiverem perto, para podermos fugir para junto deles quando conseguirmos sair daqui. Se fizermos a coisa agora, para onde fugimos? Voltamos para os braços dos nazis? Temos de esperar.

— Vocês, os comunas, sempre tiveram dificuldade em agir por iniciativa própria — comentou Kostek, abanando a cabeça com uma expressão irritada.

— Nós, os comunas, preferimos pensar antes de agir — replicou o carpinteiro, mostrando os dentes com ar ameaçador. — Se não fôssemos nós, os comunas — prosseguiu com uma expressão trocista —, tu não estavas a encher a chaminé, já tinhas sido evaporado por ela. Já não te lembras quem foi que te pôs nesse belo cargo? Foram os malandros dos triângulos encarnados!

— Chega! — O grito de Mala pôs fim à discussão. — Não viemos aqui picar-nos uns aos outros. Viemos trabalhar em conjunto. Percebo que a população do campo das famílias tem dificuldade em acreditar em nós. Mas, se conseguirmos provar o que estamos a dizer, talvez passem à ação.

— E como provamos? Mostramos-lhes um papel assinado pela secretaria do campo? — Zippy soltou uma pequena gargalhada carregada de amargura. — É pouco provável que a Mandl nos autorize a levar um documento desses para casa.

— Não. — Mala voltou-se para Kostek. — Tu disseste-nos que os teus supervisores das SS vos comunicam o número exato de pessoas que vão ser eliminadas, para vocês não desperdiçarem... aquele carvão especial, não sei como se chama, com que aquecem as caldeiras dos fornos, não é assim? — E estalou os dedos, à procura do termo, que lhe escapava.

— Coque — precisou Kostek, que subitamente era todo atenção.

— Ora bem, se as SS vos mandarem preparar os fornos para cinco mil pessoas, isso é uma prova, não é?

Kostek permaneceu calado e, por fim, soltou um suspiro.

— Talvez. — O ligeiro encolher de ombros não enganou ninguém: o homem não tinha a menor confiança naquela ideia.

Depois de se terem ido todos embora, um por um, pela mesma porta das traseiras que ia dar à cave por onde Edek costumava entrar, este

acocorou-se aos pés de Mala e tomou-lhe as mãos nas suas.

— Posso ajudar nalguma coisa, Mally?

Por momentos, teve a sensação de que ela não o tinha ouvido. A seguir, porém, os dedos dela enrolaram-se à volta dos dele e nos olhos da rapariga apareceu uma força de enorme intensidade.

— Podes. Podes, sim. Sai daqui com todas as provas que conseguires levar e comunica a quem te quiser ouvir o que se passa em Auschwitz, para que mais ninguém venha cá parar. Para que fiquem a combater no seu território. Mesmo que morram, pelo menos terão matado uns quantos nazis.

Estas palavras foram ditas num tom feroz, cheio de ódio, um pouco assustador, até. E, de repente, Edek percebeu que nunca tinha amado ninguém tanto como a amava a ela, esta nova líder da Resistência que assumira uma posição que mais ninguém queria assumir, por receio das possíveis repercussões; esta amazona com fogo a correr-lhe nas veias e gelo no olhar.

Capítulo 24

Março de 1944

Passado o último nevão, que tinha deixado o campo coberto de branco, a primavera começou a avançar sorrateira, limpando as estradas lamacentas, deixando os tetos dos barracões a pingar humidade e a cheirar vagamente a madeira molhada. Ao chegar ao seu anterior local de trabalho, Edek sentia o coração pulsar contra a caixa torácica com uma força que rivalizava com os golpes certos do *Kapo* Vasek. Lubusch, o seu antigo *Kommandoführer*, era a sua única esperança. E se essa esperança decidisse que salvar a própria pele era mais importante do que contribuir para a liberdade de Edek? Se se risse da ingenuidade do polaco, fingindo que a conversa que haviam tido não tinha realmente acontecido? E se tivesse tido uma licença e, tendo estado com a mulher, acabasse por decidir que preferia não fazer dela viúva?

Edek deteve-se à porta do gabinete de Lubusch e inspirou fundo, numa tentativa fútil de acalmar os nervos. Tinha-se enervado de tal maneira pelo caminho que a mão que ergueu para bater ao de leve à porta que tão bem conhecia tremia intensamente. Estava sem força nas pernas, tonto, pálido, o corpo coberto de suor; e encolheu-se impercetivelmente ao ouvir o tom suave de uma voz familiar a dar-lhe licença para entrar. Ainda não se tinha recomposto e a sua mão já empurrava a maçaneta da porta como se tivesse tomado iniciativa sozinha. As pernas obrigaram-no a entrar e Edek teve a vaga sensação de ter juntado os calcanhares e tirado o barrete num gesto muito ensaiado. O campo era um mestre implacável e tinha-os treinado na obediência às ordens de qualquer SS; mesmo que estivessem quase mortos, mesmo que tremessem de medo, eles faziam o que lhes mandavam.

— Galiński! — Lubusch levantou-se da cadeira, visivelmente satisfeito por ver o seu antigo trabalhador. — Ainda estás vivo, velho malandro?

Em geral, tanto os SS como os *Kapos* completavam esta pergunta retórica com um «Não há problema, a gente vai já resolver isso» e atiravam-se, de chicote e bastão, ao prisioneiro inesperadamente resistente. Porém, no tom de Lubusch havia uma satisfação genuína, e Edek sentiu tremer os lábios numa estranha combinação de emoções.

— *Jawohl, Herr Unterscharführer.*

Deve ter ficado a olhar para o SS com uma expressão tão desesperada que Lubusch teve pena dele e decidiu não o torturar mais com a troca de cortesias.

— Já o tenho. — Eram três palavras muito simples, mas Edek teve a sensação imediata de que lhe tinham crescido umas asas.

Sentindo uma explosão de felicidade que quase o fez levantar, seguiu com o olhar a mão de Lubusch, que foi dar uma volta à chave da porta com uma expressão conspirativa. E, por pouco, não teve um ataque de coração quando o seu homónimo atravessou o gabinete, fazendo-lhe sinal para o seguir, retirando um uniforme muito bem dobrado da gaveta do fundo da secretária.

— Para já, é só o uniforme e o cinto; ainda não tenho o coldre e a arma. Esses vêm depois. E não te preocupes, que o uniforme foi totalmente despiolhado.

Edek percebeu a piada — em geral, eram os SS que tinham receio de apanhar piolhos com os prisioneiros, e não ao contrário —, mas não foi ela a causa das gargalhadas de pura felicidade que estava a tentar conter. Estendeu a mão para o áspero material, passando as pontas dos dedos ao de leve pela superfície, sem se atrever a tocar — por enquanto — nos botões de metal, cujo brilho sedutor era intensificado pela luz calorosa do gabinete. Este uniforme transformaria um sonho vago num plano completamente real e, de repente, Edek sentiu-se petrificado e inquieto com a possibilidade de tal milagre se concretizar. Era uma possibilidade que ele temera e pela qual ansiara; Lubusch apresentava-lha, qual oferta sacrificial e religiosa, e, de repente, Edek ficara sem conseguir respirar.

— Então? — perguntou Lubusch, dando-lhe uma pequena cotovelada para o pôr a mexer. — Tencionas ficar a olhar para ele, ou vais experimentá-lo?

A princípio, Edek nem o ouviu. Ainda estava demasiado perdido na sua contemplação da cobiçada veste.

— Experimentá-lo? — repetiu, pestanejando, quando as palavras do SS finalmente o alcançaram nas profundezas do devaneio. — Aqui?

— Naturalmente. Ou preferes desfilas na *Appellplatz*? — perguntou Lubusch com uma gargalhada. — Veste-o. A porta está trancada, ninguém te vê. Só eu, e eu tenho de verificar se te fica bem. Tenho estado a pensar no assunto, sabes? — Tinha, por fim, abandonado o tom de brincadeira (Edek percebeu que também era dos nervos) e olhava para ele numa atitude de confiança. — Se cometeres alguma gafe com ele vestido, eles detetam-na num abrir e fechar de olhos. Por isso, tens de me mostrar exatamente o que tencionas fazer.

Afastando-se ligeiramente, fez sinal a Edek para se vestir. Edek pegou no uniforme com uma mistura de repulsa e temor reverencial, voltando a amaldiçoar o instinto gerado no campo que o levava a obedecer à autoridade sem lhe dar tempo para hesitar ou reconsiderar.

Estava a abotoar a túnica quando, num relance, viu a sua imagem num espelho suspenso na parede. O choque foi tão grande que ficou paralisado. Ainda agora era um prisioneiro e, dum momento para o outro, quem olhava para ele de baixo da aba do quépi do uniforme, decorado com um crânio e dois ossos cruzados, era um senhor do mundo, arrogante e poderoso.

— Se já acabaste de te admirar — a voz de Lubusch voltou a trazê-lo à realidade —, caminha em direção a mim e apresenta-te como farias na realidade. — Lubusch foi posicionar-se junto à parede contrária. — Vamos imaginar que eu sou o guarda que está ao portão. Dirige-te a mim, faz a continência e fala, ou faz o que tinhas planeado fazer.

Edek ainda não tinha chegado a essa fase do planeamento, mas estava habituado a improvisar rapidamente. Dando um puxão vigoroso à túnica, para tornar os vincos ainda mais marcados debaixo do cinto, endireitou os ombros e avançou em direção a Lubusch, sem

pressa, mas com determinação.

Lubusch fez um aceno de cabeça de aprovação ao ouvir o nítido toque dos saltos e apontou uma espingarda imaginária à barriga de Edek.

— Lamento informar-te, mas neste momento és um homem morto.

Edek ficou a olhar para ele sem compreender.

— Mas... porquê? Eu fiz a continência como *Herr Unterscharführer* me mandou...

Soltando um suspiro, Lubusch assumiu o ar de professor compreensivo que aponta as falhas ao aluno.

— É precisamente por isso que estás morto.

Seguindo a direção do olhar de Lubusch, Edek percebeu que ele se fixara na sua mão direita, onde Edek apertava o quépi do uniforme; fechou imediatamente os olhos, irritado com a sua estupidez: um oficial das SS não tirava o quépi. Eram os prisioneiros que, treinados para assumir a posição de escravos, tinham ordem, sob ameaça de morte, para o fazer.

— Perdão, *Herr Unterscharführer*, são os instintos adquiridos no campo.

— Era isso que eu receava. Muito bem, faz-me a continência como a faria um membro das SS.

Edek bateu os calcanhares e esticou o braço direito.

— *Heil*, Hitler! — As palavras deixaram-lhe um sabor amargo na boca, mas não havia maneira de as evitar.

Lubusch fez-lhe uma ligeira correção no braço.

— Um pouco mais alto e ligeiramente mais para a direita. E, quando me fizeres a continência, olha-me nos olhos. Não és um prisioneiro que está a apresentar-se a um oficial; a partir de agora, és meu igual. E nem sequer isso. A tua patente há de ser superior à do homem que estiver de guarda ao portão, por isso, assume uma atitude tão arrogante quanto possível.

Desta vez, Edek aproximou-se de Lubusch mais devagar e com uma expressão de desdém estampada no rosto.

— *Heil*, Hitler — disse, quase em tom de conversa, juntando os calcanhares e fitando o homem das SS nos olhos. Este aprovou com

um aceno de cabeça.

— Aprendes depressa, Galiński.

— Tem de ser, *Herr Unterscharführer*.

Em Auschwitz, só sobrevivia quem sabia adaptar-se.

— Lá isso é verdade — comentou Lubusch num tom pesaroso. Depois, virou a cabeça, sacudindo a melancolia e assumindo novamente o seu papel. — *Heil*, Hitler, *Herr Unterscharführer*. — Calou-se, fixando em Edek uns olhos expectantes.

— Permita-me que comunique...

— Não! — Lubusch interrompeu-o abruptamente. — Tu não comunicas, e muito menos pedes licença para o fazer. Ele é um guarda, um sujeito de baixa patente, teu subordinado.

— Abre-me essa porcaria! — Edek assumiu imediatamente o conteúdo da correção de Lubusch. — Já vou atrasado que chegue. Este imbecil de merda — e apontou para o seu lado, onde Wiesław haveria de se encontrar — levou um tempo infinito a contar os merdas em quem manda na chamada da manhã.

Fez-se um sorriso no rosto de Lubusch. A representação de Edek era bastante convincente.

— Peço desculpa, *Herr Unterscharführer*, mas tenho de ver os documentos que acompanham o homem. Sabe como são as normas... — E abriu os braços num gesto de impotência, sorrindo como quem pede desculpa.

Revirando os olhos, Edek tirou do bolso do peito, com um gesto altamente teatral, um papelito invisível, que seria o *Ausweis* que Malahes tinha arranjado.

— Satisfeito? — perguntou a Lubusch, olhando para ele com uma expressão azeda.

— Posso passar ou vais-me atirar com mais burocracias?

O último comentário valeu-lhe uma palmada no ombro. Por esta altura, Lubusch quase não cabia em si de contente.

— Está perfeito — repetia, visivelmente aliviado. — Está mesmo perfeito.

Edek olhou para o rosto do jovem que tinha à sua frente e pensou na podridão da divisão que a guerra havia imposto, no horror do ódio

racial que os obrigava a estar em campos opostos. Noutras circunstâncias, os dois homens poderiam ter sido amigos.

— *Herr Unterscharführer* — começou a dizer, aventurando-se num terreno que nem sequer se atrevera a considerar até àquele preciso momento. —, estou a pensar que seria sensato *Herr Unterscharführer* tirar uma licença quando nós...

Lubusch já tinha começado a abanar a cabeça.

— Se a verdade vier à tona, a Gestapo apanha-me na mesma. Tanto faz que eu esteja no campo ou não. Eles são famosos por conseguirem trazer à superfície gente enterrada, se for preciso, e ainda mais se forem alemães desalinados. Não há problema, Edek, a sério.

Edek ergueu a cabeça, e Lubusch apertou-lhe o antebraço com mais força, num gesto surpreendentemente amistoso, como quem diz: não sobrecarregues essa cabeça tola com nada.

— Já tomei a minha decisão. Nunca fui assassino, mas fui cúmplice em assassínios. Se esta for a única coisa boa que faço na vida, mesmo que depois tenha de a pagar bem caro, não me importo nada. É um negócio mais do que justo.

— Ainda assim, preferia que *Herr Unterscharführer* não fosse morto — comentou Edek, apercebendo-se de que estava a falar com toda a sinceridade.

— E eu também preferia que tu saíesses daqui vivo, Galiński. Faz-me o favor de alcançar esse objetivo, pode ser?

Os dois homens apertaram a mão: tinham deixado de ser amigos, eram agora camaradas, que se despediam antes de irem travar uma batalha difícil.

Capítulo 25

Logo a seguir ao almoço, Schwarzhuber, o diretor do campo, entrou na secretaria em passo de marcha e avançou diretamente para o gabinete privado de Mandl, ignorando por completo Mala e Zippy, que se tinham levantado para o cumprimentar. Mesmo depois de ele ter fechado a porta atrás de si, as duas mulheres permaneceram de pé, olhando uma para outra num silêncio carregado de tensão. Tinham-se habituado a que as irregularidades na rotina do campo fossem uma fonte de problemas para os seus habitantes, e a expressão preocupada do diretor, acompanhada pelo repentino secretismo, só podia querer dizer que se passava qualquer coisa.

De trás da porta fechada, chegava-lhes o som de vozes sussurradas. De repente, a porta abriu-se para trás, dando a ver um Schwarzhuber com um ar irritado e Mandl, sentada à secretária, com uma tez acinzentada.

— Porque é que não estou a ouvir o som das vossas máquinas de escrever? — perguntou ele, no seu habitual tom cortante. — Alguém lhes mandou parar de trabalhar?

Resmoneando pedidos de desculpas, Mala e Zippy voltaram a sentar-se e começaram a escrever à máquina o mais depressa que sabiam — conjuntos de letras sem sentido, com o único objetivo de dar a ouvir o matraquear das teclas.

Satisfeito, ele voltou a bater com a porta.

Pondo a cabeça de lado, Mala esforçou-se por ouvir nem que fossem retalhos da conversa, mas Schwarzhuber não era idiota nenhum: o ruído mecânico das máquinas de escrever impossibilitava-a de ouvir fosse o que fosse.

— Consegues perceber alguma coisa? — perguntou Zippy do outro

lado da sala, movendo os lábios sem emitir qualquer som. Mala abanou a cabeça.

A certa altura, Mala levantou-se e fez sinal à amiga para continuar a martelar nas teclas. Zippy ficou a olhar para ela de olhos muito abertos.

— O que estás a fazer? — sussurrou, não se atrevendo a erguer a voz. — Senta-me já esse rabo, se não queres que nos matem às duas!

Mas o que estava em jogo era demasiado importante para uma pessoa se preocupar com coisas secundárias como salvar a própria vida. Sem fazer barulho nenhum, Mala aproximou-se de mansinho e encostou o ouvido à porta. Conseguia ouvir a voz de Schwarzhuber e, a avaliar pelas pausas na conversa, o oficial estava a falar ao telefone.

— *Jawohl, Herr Obersturmbannführer...* Não, não custa nada. Nós criamos um perímetro de segurança... Sim. Os crematórios têm capacidade para cinco mil numa noite.

O SS dizia isto com evidente orgulho. Mala sentiu que as suas extremidades se transformavam lentamente em blocos de gelo.

— Já enviei os postais. Sim. Com uma data posterior, como *Herr Obersturmbannführer* ordenou... Na próxima semana, já teremos capacidade para receber o próximo carregamento. Sim, com certeza, pode marcar o próximo transporte. Nessa altura, já teremos tudo pronto...

Mala estava tão preocupada com Schwarzhuber e os seus planos sinistros que se esqueceu por completo que Mandl também estava no interior do gabinete, pelo que sentiu um estremecção nos ombros quando a chefe do campo das mulheres abriu a porta e deparou com ela. Mala detetou logo o olhar atento de Schwarzhuber pousado sobre ela.

— Ia agora mesmo bater à porta, *Lagerführerin* — disse Mala, sabendo perfeitamente que nenhum dos presentes acreditaria nas suas palavras. — Vinha perguntar se desejam que lhes traga um café.

Mandl não teve oportunidade de responder, porque Schwarzhuber já se tinha levantado, depois de ter prometido voltar a ligar dentro em breve.

— Surgiu aqui uma emergência, que tem de ser resolvida com

rapidez.

Atravessando o gabinete com três ou quatro passos largos, o oficial agarrou em Mala pelo antebraço. Enquanto o SS a arrastava pela sala fora, ela ainda pensou em protestar, em tentar libertar-se, em dizer que não tinha ouvido nada. Mas acabou por decidir não abrir a boca. Schwarzhuber acabaria na mesma por lhe dar um tiro, de maneira que não valia a pena passar os seus últimos minutos de vida a suplicar, numa atitude humilhante.

Pelo canto do olho, Mala viu Mandl à porta do gabinete — muito pálida, a contorcer as mãos diante do peito — e totalmente silenciosa; mas não lhe censurou a cobardia, a recusa em defender as secretárias. O regime nazi tinha condicionado as mulheres a aceitarem, desde muito novas, que as palavras dos homens eram lei e tinham de ser obedecidas, em especial se esses homens fossem superiores hierárquicos. Era o preço que tinham de pagar por lhes porem uma trela um tudo-nada mais comprida e lhes atirarem uma pontinha de poder como quem atira um osso a um cão.

Não, Mala não a censurou. Limitou-se a desprezá-la.

Ao chegar à porta da secretaria, Schwarzhuber deteve-se subitamente e, fazendo meia-volta, dirigiu-se a Zippy.

Mala sentiu um aperto no coração: *a Zippy é que não!*

Mas era tarde.

— Tu, sua cabra eslovaca, precisas de um convite especial? — berrou ele a Zippy, enterrando os dedos com mais força no antebraço de Mala. Esta nem se mexeu, ficando a ver a amiga atravessar apressadamente a sala num desespero total.

— *Herr Lagerführer*, por favor, deixe-a estar. — Mala não estaria disposta a suplicar que lhe poupassem a vida, mas em se tratando da vida de Zippy, o caso era outro. — Ela não parou nunca de escrever à máquina, não ouviu uma única palavra...

O oficial deu-lhe uma bofetada com tal força que Mala sentiu imediatamente o sabor do sangue na boca.

— Cala-me essa boca! — bradou ele. — Cabras judias manhosas... Pomo-las em cargos de privilégio e é assim que nos pagam! Vadias nojentas, sempre a conspirar!

E saiu da secretaria, arrastando-as as duas pela escada abaixo, sem parar de berrar.

Mala tentou pedir desculpa a Zippy, mas recebeu mais três bofetadas que a fizeram ouvir zumbidos nos ouvidos.

— Já te mandei calar essa boca!

Mala esperava que ele as levasse para o exterior e as despachasse as duas à porta, mas o diretor do campo conduziu-as à cave.

— Vão ficar aqui as duas até eu decidir se vos enforco na presença de todo o campo ou se vos meto na câmara de gás com os vossos amiguinhos do campo das famílias — rosnou o homem, abrindo a porta do armazém de carvão e empurrando as duas mulheres lá para dentro, com tanta força que aterraram as duas de gatas, esfolando os joelhos e as mãos.

Muito depois de o SS ter fechado vigorosamente a porta, trancando-a do lado de fora, ainda a nuvem de pó de carvão que se formara em consequência da aterragem das duas amigas pairava no ar. Deslocando-se às apalpadelas e em total escuridão, Mala e Zippy avançaram de gatas em direção à porta e encostaram-se a ela, tossindo e esfregando os olhos para se libertarem da poeira preta.

— Desculpa, por favor — pediu Mala numa voz rouca, procurando a mão de Zippy. — Tu avisaste-me e eu não te dei ouvidos.

— Não faz mal. Não estou zangada. Quer dizer, estou um bocado zangada, mas não é contigo. Estou irritada comigo por ter sido uma cobarde e não ter feito o mesmo do que tu.

Mala não via a cara da amiga por causa do escuro, mas percebeu que Zippy sorria.

— Isto quer dizer que tínhamos razão — comentou Mala, limpando o lábio rasgado à bainha da saia. — Eles vão mesmo gaseá-los. Só que agora não temos maneira de os avisar. Maldição — gritou subitamente, dando um murro na porta fechada.

— A porta estava a pedi-las?

— Não, mas eu sinto-me ligeiramente melhor.

Zippy soltou uma pequena gargalhada oca, mas calou-se de repente, porque lhe tinha ocorrido uma coisa.

— O que foi? — perguntou Mala, subitamente tensa como a amiga.

— O namorado da Alma, o Miklós, vive no campo das famílias. Tecnicamente, ele pertence ao bloco de música de Laks, porque é pianista, mas solicitou especificamente que o colocassem no bloco das famílias quando veio transferido de Auschwitz. Acho que tem lá vários amigos, gente do mundo da música. Uma vez até levou a Alma a ver uma peça. Ela vinha maravilhada.

— A Alma Rosé? A vossa maestrina?

— Sim. — A avaliar pelo som, Zippy devia estar a morder os lábios.
— Meu Deus, espero que não deem cabo dele quando matarem os outros. A Alma adora-o. Se ele morrer, ela não resiste.

— De certeza que o tiram da lista. Como tu própria disseste, ele pertence ao Laks, não faz parte do campo das famílias.

— O problema é que, com as SS, nunca se sabe o que pode acontecer. Mas a Mandl adora ouvi-lo tocar. Só espero que lhe poupe a vida em razão do talento. Porque, se isso não acontecer, a Alma... — Calou-se abruptamente, como que aterrorizada com os próprios pensamentos. — Mas temos a resistência do *Sonderkommando* — continuou pouco depois, dando uma pequena cotovelada a Mala. — Por esta altura, as SS já lhes devem ter dito que quantidade de coque têm de preparar para a próxima *Aktion*, e eles somam dois mais dois. Ainda há hipótese de haver uma revolta.

— Melhor ainda. Vai haver uma revolta e nós fechadas nesta maldita cave. Preferia que ele nos tivesse dado um tiro e resolvido o assunto duma vez para sempre. — O sarcasmo contido na voz de Mala era evidente.

— Fala por ti, Joana d'Arc. Eu cá gosto bastante de estar viva. E não faças essa cara de censura. Sei muito bem que a estás a fazer, mesmo não te vendo.

— Ainda bem que não me consegues ver. Quer nos enforcuem, quer nos mandem para uma câmara de gás, eu vou linda de morrer, graças a *Herr Lagerführer*.

— Isso dói-te? — perguntou Zippy num tom preocupado, abandonando as brincadeiras.

— O que me dói é o coração.

Mergulhadas naquela escuridão, as duas amigas calaram-se, ambas

cientes de que a outra estava a sofrer.

Quando um SS lhes apareceu no bloco a perguntar quem sabia guiar camiões, Edek percebeu que se passava qualquer coisa. Sentindo um enorme calafrio no fundo do estômago, apresentou-se como voluntário e foi imediatamente conduzido à garagem do campo, por entre berros e agressões. Edek tinha-se tornado bastante delicado, e até mimado, desde que passara ao grupo da manutenção; o superior do bloco era um sujeito razoável, os *Kapos* não os tratavam com demasiada violência e até os SS evitavam meter-se com eles. Hoje, porém, tinha a convicção profunda de que se passava alguma coisa de enorme relevância, porque os guardas estavam especialmente agitados.

Os SS não lhes deram informações específicas; limitaram-se a metê-los nos respetivos camiões — que deviam ser uns 60, ou mais, pelos cálculos que Edek conseguiu fazer rapidamente — e a ordenar-lhes que seguissem o chefe. A isso se resumiram as instruções.

A seguir, apareceram os *Kapos*, uns quantos triângulos verdes corpulentos, com ar malévolo, cara de assassinos e pesados bastões de madeira firmemente seguros nas mãos enormes. Qual pequeno exército bem treinado, os *Kapos* saltaram para dentro dos camiões e baixaram as lonas, como que para ocultar a sua presença à restante população do campo. Edek não gostou nada do aspeto de tudo aquilo.

A coluna de camiões começou a avançar lentamente pela rua principal do campo — a Lagerstrasse —, e Edek ficou impressionado com a enorme quantidade de SS que ali se encontravam, de capacetes de aço e metralhadoras na mão, os cães a puxarem pelas trelas que os homens tinham enrolado em volta do pulso. Estavam quase em todo o lado, atentos e de expressões carregadas, parecendo estar à espreita do menor sinal de revolta para a esmagarem logo na raiz. Apertando o volante com uma força tal que ficou com os nós dos dedos brancos, Edek percebeu que só havia uma explicação possível para aquela massa verde-cinzenta de uniformes e aço.

Naquele dia, os habitantes do campo das famílias iam morrer.

Contrariando todas as expectativas, Edek ainda esperava um milagre; tinha a esperança de que passassem pelo campo das famílias

e seguissem em frente; de que houvesse uma explicação lógica para tudo aquilo. Talvez os agricultores precisassem dos camiões para...

Mas soltou um suspiro fatigado, vindo do mais fundo de si, e abanou tristemente a cabeça. *Quais agricultores, qual carapuça. E os SS? Iam guardar as batatas, não?*

Claro que não havia agricultores nenhuns, nem explicação lógica.

Quando o camião que liderava a procissão virou para uma espécie de estrada lamacentas que ia dar ao campo das famílias, as esperanças de Edek ficaram totalmente obliteradas. Aqui, foi encontrar ainda mais SS, ainda mais brigadas com metralhadoras, ainda mais lobos-das-alsácia a espumar da boca, puxando pelas trelas dos homens de uniforme que os seguravam. A fila de camiões entrou no perímetro e os carros detiveram-se ao lado dos barracões. Edek sentia o coração bater furiosamente dentro do peito.

Não se via ninguém cá fora. Por instantes, Edek foi invadido pela desalentada esperança de que a Resistência tivesse conseguido avisar os habitantes do campo, de que estes se tivessem barricado no interior dos barracões, de que estivessem preparados para dar luta, para proceder a uma revolta, à qual ele aderiria sem hesitar, mesmo que acabasse trespassado, em poucos segundos, pelas balas de aço das metralhadoras dos SS.

A Mala não tinha dito que os membros do *Sonderkommando* estavam a fabricar bombas? Então com certeza que as partilhariam com a Resistência do campo das famílias. Se calhar, até tinham oferecido toda a sua produção aos seus contrapartes de Theresienstadt, desviando a atenção das SS com uma sabotagem do crematório...

Mas não houve revolta nenhuma. Os triângulos verdes saltaram dos camiões e entraram dentro dos barracões, de onde começaram a expulsar os aterrorizados prisioneiros do campo das famílias à paulada e com insultos soezes.

— *Raus, raus, raus!* Vamos a andar, toda a gente daqui para fora imediatamente, seus merdas!

E espancavam indiscriminadamente mulheres, velhos e crianças, empurrando-os para os camiões com uma eficácia de causar horror. Da segurança do interior da sua cabina, Edek viu a tragédia

desenrolar-se em tempo real. Por instantes, a profunda desumanidade de tudo aquilo pareceu-lhe quase irreal.

Diante do veículo de Edek, passou um músico de bastante idade, que apertava a caixa do violino contra o peito como quem abraça uma criança, tentando explicar qualquer coisa, num tom cortês, a um dos assassinos alemães. O *Kapo* ouviu o homem durante cinco segundos, nem mais nem menos, e a seguir arrancou-lhe a caixa do violino das mãos, atirou-a ao chão com violência e começou a bater nela com uma força selvática. O músico não moveu um músculo da face, mas começaram a correr-lhe grossas lágrimas pela cara abaixo, passando por trás dos óculos sem aros e juntando-se-lhe no queixo. Não lhe restou muito tempo de luto pelo violino: o mesmo *Kapo* ergueu o bastão e descarregou-o com precisão no alto da cabeça do violinista. Com sangue a jorrar-lhe pela face, o homem deixou-se cair suavemente de joelhos, oscilou ao de leve e caiu para diante, a mão ensanguentada pousando sobre o instrumento desfeito numa espécie de despedida arrasadora.

Ao ver aquilo, um SS aproximou-se em passos largos, indignado com semelhante violação das ordens. De Berlim, tinham mandado que os prisioneiros do campo das famílias fossem gaseados, ninguém os tinha mandado matar à paulada, berrava o homem. Para Edek, era quase cómico, de um cómico repugnante, que o oficial não estivesse a repreender o subordinado por este ter matado o músico — que era certamente um virtuoso de extraordinário nível, cujo desaparecimento deixaria de luto o mundo da arte —, mas por tê-lo matado onde não devia, quando não devia e usando o método que não devia. A seguir, as duas figuras começaram a perder a nitidez e Edek esfregou vigorosamente os olhos, engoliu a saliva que se lhe formara na boca e, vendo que nada disso resultava, acabou por morder a língua.

À sua frente, um homem de casaco e colete ajudava uma mulher a erguer a filha para dentro do camião. A miúda, que tinha um grande laço azul no cabelo louro, levava um coelho de peluche apertado ao peito. Edek viu outro SS abanar a cabeça e virar costas, cuspiando no chão; um colega do homem, que estava a observar a mãe com atenção, comentou qualquer coisa do género: «Uma carne tão boa, que

desperdício», mas o primeiro guarda, longe de se rir da piada, fixou nele um olhar cheio de ódio e ordenou-lhe que calasse a bocarra naquele preciso momento. De repente, passou pela cabeça de Edek que, mesmo para alguns SS mais calejadados, assistir a matança tão desalmada era uma experiência devastadora. Ou então, este homem em concreto teria em casa uma menina loura da mesma idade e muito parecida com esta. Fosse como fosse, o alemão afastou-se a passos largos, como se tivesse lavado as mãos daquele caso repugnante.

No meio de tanta violência e destruição, houve um casal que chamou a atenção de Edek: estavam abraçados, falando baixinho um com o outro, no meio das ondas de gente e de sangue que os cercavam, mas sem lhes tocarem, como se eles fossem uma ilha de amor e serenidade sobre a qual nem a morte tinha poder. O jovem pertencia evidentemente à elite do campo, porque usava botas altas e calções de montar; devia ser um *Kapo* ou um funcionário — Edek não conseguia perceber bem o que estava escrito na braçadeira que ele tinha cosida à manga. A sua bem-amada, para cujos olhos cor de mogno ele olhava com infinita adoração e dor profunda, vestia à civil com enorme gosto. Era uma menina do campo das famílias, concluiu Edek, massajando o peito no ponto onde sentiu uma dor baça ao ver aquela cena de cortar o coração, porque sabia muito bem como terminavam aquelas despedidas no inferno que era Auschwitz-Birkenau.

Edek tentou não pensar em Mala, mas não conseguiu evitar: no lugar desta jovem, viu a face pálida da sua namorada, imaginando o que seria ter de a beijar pela última vez num gesto de despedida — e desviou os olhos, porque não conseguiu aguentar.

— Mete essa cabra dentro do camião! — berrou uma voz rouca. — Não há tempo para namoricos!

Fazendo um esforço enorme, Edek voltou-se para o casal. O jovem continuava a dizer qualquer coisa à rapariga, ignorando por completo o seu colega *Kapo* e respetivo bastão, com o qual ele agredia qualquer pessoa que tivesse o azar de passar ao seu alcance.

— Então? — O *Kapo* esteve prestes a agarrar a pequena pelo braço e só se conteve apenas por respeito ao colega, prisioneiro-funcionário

como ele. A namorada do jovem secretário do bloco estava prestes a morrer; o mínimo que ele podia fazer era não a tratar mal. — Ou a cabra sobe imediatamente para o caminhão, ou vão os dois.

A rapariga afastou-se sem demora, demorando a mão pálida na face do jovem, retorcida de dor trágica. Ele ainda fez menção de a seguir, mas ela abanou a cabeça e saltou para dentro do caminhão.

Um dos SS deu uma palmada na cabina do caminhão de Edek, para assinalar que estava cheio. Sentindo um peso no coração, Edek afastou-se do local de onde o pobre rapaz não conseguia descolar-se, de olhos fitos nos veículos que se afastavam, levando com eles a sua amada, com uma expressão de quem acaba de receber um golpe mortal.

O percurso foi feito num silêncio estranho e assustador. Lá fora, o crepúsculo descia sobre os barracões, emaranhando-se no arame farpado. Rígido de horror, Edek seguia o líder da coluna qual autômato demente. As suas mãos moviam o volante, os seus pés carregavam no pedal e, entretanto, a sua mente gritava agonizante à vista do crematório, do qual se aproximavam lentamente — cúmplices no assassinio e futuras vítimas, todos eles como um só. Na parte de trás do caminhão, não se ouvia absolutamente nada. Só depois de os camiões terem parado e de os SS terem começado a arrancar os filhos às mães é que os gritos começaram a quebrar o silêncio de morte — gritos e choros de arrepiar. Edek permaneceu sentado ao volante, de olhos fechados com tanta força que lhe doíam, sentindo que o mundo chorava com estas mulheres e crianças.

Foi então que a voz de uma jovem rasgou as fibras do terror, nítida e potente, e entoou o hino nacional checo com arrojada determinação. Impressionado com a força deste canto, Edek abriu os olhos e reconheceu a jovem que o secretário do bloco tinha abraçado — figura imóvel e solitária num oceano de caos. Pouco depois, mais vozes se lhe juntaram; os SS tentavam calá-los à paulada e ao chicote, mas em vão. E não tardou que todo o campo ouvisse estas vozes de resistência e as transportasse para fora, para muito longe, altivas e desafiadoras, recusando render-se mesmo à vista da morte, que se aproximava em toda a sua inevitabilidade.

Quando, na manhã seguinte, foi à procura de Mala, que não conseguia encontrar em lado nenhum, Edek voltou a ver o jovem secretário do bloco junto à entrada do crematório. Kostek estava precisamente a garantir-lhe que não tinha nada a recear, que Mala não se encontrava entre os pobres desgraçados que eles tinham passado a noite toda a queimar, quando o homem a quem ele vira arrancarem a bem-amada dos braços na véspera se aproximou da entrada com passo hesitante, quase aos tropeços.

A princípio, Edek presumiu que ele estivesse embriagado. Mas quando o jovem se deteve ao lado dele e começou a falar — ou tentou falar, com uma descontração cuidadosamente fingida, num tom que, apesar disso, lhe saiu rouco e a tremer —, Edek percebeu que ele estava totalmente sóbrio.

— Como é que as coisas correram ontem? — perguntou.

— Correram bem — replicou Kostek, lançando um olhar de advertência ao seu colega do *Kommando*, que estava a fumar a seu lado. Filip, se Edek bem se lembrava. Edek estava tão preocupado com o paradeiro de Mala que se tinha esquecido do nome do rapaz assim que haviam sido apresentados um ao outro. — A noite estava seca. Não sofreram.

Por esta altura, os membros do *Sonderkommando* eram especialistas em Zyklon-B e sabiam exatamente em que condições o gás atuava com maior eficácia.

Kostek cuspiu para o chão, repugnado.

— Houve três miúdas que tentaram reagir... — começou Filip a dizer.

O jovem secretário ergueu a cabeça num repente, mas Filip já se tinha calado, tendo recebido uma forte cotovelada nas costelas do colega grego.

— Ninguém sofreu — repetiu Kostek, num tom calmo. — Foram todos da maneira mais rápida e indolor possível.

— Volta para o teu barracão e vai dormir, Rudek. — Filip olhou para o jovem secretário com simpatia genuína e ofereceu-lhe um cigarro, que Rudek aceitou com os dedos trémulos. — E não te tortures por causa disso. De que serviria serem os dois metidos no

camião?

Edek viu Rudek acenar a cabeça e, de repente, percebeu que ele próprio teria saltado, sem hesitar, para dentro do maldito caminhão — para poder ter a mão de Mala nas suas mais uns minutos, para poder estar com ela até ao último suspiro, para poder abraçá-la, para que ela não se sentisse sozinha e aterrorizada no meio de um grupo de desconhecidos. Não fazia qualquer juízo sobre este jovem, mas, lá bem no fundo, tinha tomado uma decisão: viver com Mala ou morrer com ela. Para ele, não havia alternativa.

Capítulo 26

A porta do armazém do carvão foi aberta de forma brusca. Embora a luz do corredor da cave fosse fraca, Mala e Zippy sentiram-se momentaneamente encadeadas. Do lado de fora, encontrava-se a mesma prisioneira que, na véspera à noite, lhes levara dois baldes — um com água e outro para fazerem as necessidades. Só que, desta vez, quem se encontrava ao lado da prisioneira-funcionária não era um guarda, mas a própria Mandl.

— Não lhes toques — ordenou Mandl, quando viu Mala estender a mão para um dos baldes. Falava num tom peculiarmente fatigado. — A Lena trata disso — indicou, empurrando ao de leve a prisioneira do *Kommando* da manutenção. — Saiam daí para fora as duas. Foi uma sorte eu ter conseguido convencer o Schwarzhuber de que não tinha hipótese de encontrar substitutas ao vosso nível. Ele estava numa fúria tal que estava disposto a mandar-vos as duas para as câmaras de gás com os checos.

Mala ainda pensou em agradecer a intervenção da sua benfeitora, mas nem com a melhor boa vontade do mundo conseguiu obrigar-se a emitir as palavras correspondentes. Também ela estava tomada por uma fúria gigantesca, alimentada durante todo o período que passara fechada, às escuras, naquele compartimento cheio de pó. A aversão que sentia por Mandl, e pelas SS em geral, havia crescido dez vezes, e já não conseguia recuperar a atitude submissa que tinha anteriormente.

— Vão à sauna e ponham-se num estado apresentável — prosseguiu Mandl. — Parecem dois limpa-chaminés. Não podem vir trabalhar para a secretaria nesse estado.

— *Lagerführerin*, posso ir ver como está a orquestra? — Zippy tinha

os olhos fixos na cara de Mandl.

Mala viu a mulher encolher-se ao de leve, como se Zippy tivesse tocado precisamente no assunto que ela queria evitar.

— Podes — respondeu a chefe do campo feminino após uma longa pausa, desviando os olhos. O incômodo que sentia era audível na sua voz. — Já tinha pensado mandar-te lá. Vai chamar a Alma Rosé. Diz-lhe que quero falar com ela no meu gabinete.

Zippy imobilizou-se, tapando a boca com a palma da mão.

Mandl voltou-se para ela, irritada.

— O que foi?

— Mataram-no — sussurrou Zippy, não conseguindo conter a emoção. — *Lagerführerin* não tirou o Miklós da lista. Sabia perfeitamente que ela o amava e deixou-o morrer.

— Foi um acidente! — O grito de Mandl fez eco nas paredes da cave e as faces cobriram-se-lhe de manchas encarnadas, fosse de indignação, de vergonha, ou das duas coisas. — Se eu não estivesse tão preocupada em salvar-vos a vida, ter-me-ia lembrado de o tirar da lista. Mas afinal, o que estava ele a fazer no campo das famílias? Ele era pianista. Devia viver no bloco do Laks. A culpa não é minha... Não me posso lembrar de cada um dos prisioneiros...

Continuou a arengar por ali fora e Mala ficou a olhar para ela, perguntando a si própria como é que Mandl conseguia ver-se ao espelho e justificar os seus atos.

Hipócrita. Assassina.

A expressão de Mala devia ser tão eloquente que Mandl se voltou para ela aos gritos, visivelmente enervada.

— Para de olhar para mim! Devias estar-me agradecida por aquilo que eu fiz por vocês as duas. E agora, imediatamente para a sauna! E apresentem-se na secretaria dentro de 30 minutos.

Dito isto, afastou-se a passos largos, deixando Zippy a chorar baixinho e Mala envolvida num silêncio frio e carregado de ódio.

Alma Rosé, a famosa violinista e maestrina do bloco de música do campo feminino, entrou no gabinete de Mandl às dez horas em ponto, muito pálida, sentando-se em frente à secretária da *Lagerführerin* em

silêncio, suportando estoicamente o estardalhaço e as explicações de Mandl, que pouco lhe importavam e ainda menos a ajudavam.

— *Ach*, que noite horrível para todos nós. — Mandl estalava a língua e abanava incessantemente a cabeça, lançando olhares melancólicos e culpados na direção de Alma, numa tentativa deplorável de se mostrar compassiva. O espetáculo fazia com que Mala se encolhesse toda por dentro, repugnada. — Mala, vai-te embora. Não fiques a fazer cera. Não, espera! Trazes-nos um café, se fazes favor? Linda menina. Foi mesmo uma noite horrível. Posso dizer-lhe que não preguei olho. Aquela ordem de liquidação caiu-nos no colo vinda não se sabe de onde...

Seguiu-se um pesado silêncio, que engoliu a hipocrisia de Mandl, a sua pretensa piedade e compaixão, sentimentos que Mala sabia que a chefe do campo feminino era totalmente incapaz de ter. Mala levou bastante tempo a preparar o tabuleiro do café na sala ao lado; queria incomodar Mandl com aquele silêncio enervante, interrompido apenas pelo chiar da cadeira da chefe.

A cabra que se torça toda. Que, ao menos desta vez, seja obrigada a enfrentar as consequências dos seus atos. Que olhe de frente para a sua mascote preferida e se engasgue nas desculpas por ter matado a única pessoa que a mantinha viva no meio deste inferno.

Quando a significativa pausa se tornou intolerável, Mala levantou o tabuleiro da mesa, empurrou a porta com o ombro e fez um enorme esforço para conter uma expressão de desdém ao ver o alívio visível na cara de Mandl.

— Ah, já chegaste! Estava a pensar que te tinhas perdido pelo caminho.

Mala achou que a observação não merecia resposta. O sofrimento de Alma ocupava-lhe por completo o pensamento. A dor visível nos olhos da violinista quase lhe rasgava o coração: sentia aquele sofrimento com intensidade dentro do peito enquanto servia o café à chefe do campo e à sua convidada de honra.

Como se tivesse sentido a camaradagem silenciosa que unia as duas prisioneiras, Mandl afastou as mãos de Mala num gesto brusco.

— Pousa isso e vai-te embora. Vai-te embora! Eu trato disto sozinha.

Não é preciso ficares aí.

A *Lagerführerin* Mandl a servir café a uma prisioneira! Mala fez um esforço enorme para se impedir de erguer as sobrancelhas com uma expressão sardónica. A Besta de Birkenau estava realmente desesperada.

As autoridades do campo preocupavam-se muito com a famosa *Frau* Rosé; os inúmeros privilégios do bloco de música eram uma prova disso mesmo. Nesta altura, porém, a preocupação de Mandl roçava o desespero.

Alma quase não reagia às palavras da chefe do campo; era como se tivesse decidido que já não estava a fazer nada ali e, de repente, Mandl sentia-se aterrorizada com a possibilidade de perder o seu bichinho de estimação, que tanto apreciava ouvir tocar.

Antes de relutantemente se ir embora, Mala postou-se ao lado de Alma em solidariedade silenciosa, e pensou em Edek. E, de repente, percebeu que também não haveria de querer viver sem ele; que também ela o seguiria para onde quer que ele fosse — até ao inferno, se fosse caso disso. Desde que estivessem juntos, até o inferno seria um local agradável. Este campo já tinha demonstrado que assim o era.

Quando Mala avistou Edek a pular ora num pé ora noutro à porta da secretaria — tinha conseguido, sem saber bem como, passar por todos os oficiais das SS —, a cara abriu-se-lhe num caloroso e radiante sorriso.

— Prisioneiro número 531 apresenta-se ao serviço — declarou ele, batendo os calcanhares com elegância ao oficial das SS, que o olhou com evidente desagrado. — O *Kapo* Jupp disse-me que era preciso verificar uns canos na cave.

— Eu trato do assunto. — Mala, que já estava de pé, passou pelo homem das SS e avançou na direção de Edek.

Ele teve de fazer um esforço enorme para não a envolver num abraço naquele preciso momento, à frente de toda a gente.

Assim que se encontraram os dois sozinhos na cave, ele largou a caixa de ferramentas e tomou a face de Mala entre as mãos, olhando com uma expressão trágica para o corte de um vermelho vivo que lhe

atravessava os lábios inchados, punição dos nazis por ter aberto a boca quando não devia, e a marca arroxeadada, já bastante desmaiada, da pesada palma da mão do SS no mármore da sua face.

— Mally, minha querida, querida Mally! O que foi que eles te fizeram?

— Recordaram-me que é proibido ouvir às portas quando os meus superiores estão reunidos lá dentro. — Mala soltou uma gargalhada quase contra a sua vontade. — Tendo em consideração aquilo que ouvi, a expectativa era que o Schwarzhuber me matasse imediatamente. Mas ele preferiu dar-me uns chapadões na boca curiosa. Na verdade, tive muita sorte. Não fiques aí a olhar para mim, beija-me! As últimas horas foram tão torturantes que eu tenho de ter a certeza de que ainda há amor neste mundo.

Como se estivesse à espera do convite, Edek apressou-se a cobrir-lhe a cara de beijos. Ela riu-se baixinho, encolhendo-se quando a boca dele lhe tocou no lábio ferido e na pele da face ainda ligeiramente descorada em consequências das bofetadas de Schwarzhuber, mas não o afastou.

— Tomei uma decisão — declarou Edek sem fôlego. — Não vou a parte nenhuma. Fico cá contigo.

— Eu também tomei uma decisão. — Mala sorriu, passando-lhe a mão pela face por barbear. — Se me quiseres, vou contigo.

Por instantes, Edek ficou mudo.

— A sério? — perguntou, por fim.

Mala limitou-se a acenar a cabeça, voltando a oferecer-lhe a face magoada.

Com os pensamentos a pulsar-lhe dentro da cabeça qual colmeia invadida pelo inimigo, Edek martelava distraidamente no telhado do complexo do México, tendo a seu lado os russos do bloco de Wiesław.

— Onde tens a cabeça hoje, camarada? — perguntou-lhe Kolya em tom de brincadeira, no seu polaco de má qualidade, quando Edek soltou uma exclamação de dor, levando à boca um dedo magoado. — Estás a tentar ir para a enfermaria com a mão partida? O martelo é para o telhado, não é para os dedos!

Edek, que passava os seus fins de tarde quase sempre no bloco de Wiesław, tornara-se quase amigo dos prisioneiros de guerra soviéticos — homens estranhos, reservados e ainda ligeiramente assustadores. Aquilo que, visto de fora, parecia falta de disciplina e recusa da autoridade era, na verdade, um conjunto muito rigoroso de regras que orientavam todas as suas tomadas de decisão. Depois de ter feito amizade com o homem a quem todos chamavam Professor, aquele que tinha restabelecido a paz entre Wiesław e Kolya (Edek estava profundamente convencido de que o Professor era um oficial superior, que só tinha sobrevivido porque os seus homens não haviam revelado a sua patente), começara a perceber que o grupo também tinha um sistema próprio de justiça. Quando suspeitavam que tinham um informador nas suas fileiras, submetiam-no a um conselho de guerra, aplicavam imediatamente a sentença e entregavam o correspondente relatório ao novo secretário do bloco, Wiesław — *o número tal caiu do beliche e partiu a espinha, não se esqueça de o tirar da lista na chamada desta manhã* —, com uma expressão neutra. Wiesław estremecia sempre que narrava estes episódios a Edek.

Este frio sentido de justiça era acompanhado por um caloroso sentimento de fraternidade e lealdade, como Edek nunca encontrara entre os membros das outras nacionalidades existentes no campo. Fosse a ideologia política que partilhavam que os mantinha unidos como cola — a crítica mais ofensiva que ele tinha ouvido aos soviéticos era que determinado comportamento não era digno de um comunista, o que levava o homem que era objeto dessa acusação a baixar a cabeça, envergonhado —, fosse o código militar a que obedeciam, a verdade é que se apoiavam uns aos outros com a firmeza de uma matilha de lobos, mostrando os dentes a qualquer pessoa que, de fora, ameaçasse algum deles.

O que mais espantava Edek era a maneira como estavam organizados e bem informados. O Professor e Kolya (uma espécie de adjunto), que andava sempre com ele e vigiava o chefe com a lealdade de um cão de guarda, levavam jornais ao quarto de Wiesław e partilhavam as notícias que recebiam da frente com o secretário do bloco e com Edek, em troca de vodca e sardinhas enlatadas. Quando

Edek perguntou ao Professor pela origem destes perigosos objetos de contrabando — qualquer pessoa que fosse encontrada com um jornal em sua posse era automaticamente condenada a passar vários dias num *Strafblock*, o temido barracão de detenção, em cujas celas o prisioneiro tinha de estar sempre de pé, e a que poucos se podiam gabar de ter sobrevivido —, o Professor limitou-se a fazer um sorriso manhoso.

«Há muitos civis a trabalhar no complexo do México, onde fica a oficina das desmontagens dos aviões abatidos», tinha-lhe ele explicado no seu impecável alemão, a língua que preferia falar. «Alguns deles são simpatizantes sinceros com a nossa causa. Outros têm a sensatez de perceber que é melhor estarem do nosso lado, tendo em conta o avanço do Exército Vermelho. Percebem que é uma boa aposta ajudarem-nos em tudo aquilo de que precisamos.»

E, de repente, o que Jozek — o prisioneiro encarregado de distribuir os prisioneiros pelos diferentes blocos e os diferentes trabalhos — lhe dissera acerca da razão pela qual os russos gostavam de trabalhar numa unidade tão difícil começou a fazer sentido: naquele local, podiam estabelecer relação com os civis. A guerra ainda não tinha acabado e eles já estavam a fazer planos para o futuro. Mas, como Edek descobrira recentemente, ainda havia outra razão.

«Está a chegar o verão», anunciara o Professor no decurso de uma das habituais reuniões de fim de dia, com os olhos sempre ocultos por trás dos óculos, cujas lentes refletiam a luz num ângulo peculiar. «É o momento ideal para quem quiser ir juntar-se aos *partisans* nas florestas.»

Ou seja, ao contrário do que tinham pensado, Edek e Wiesław não eram os únicos que alimentavam a ideia da fuga. Os russos também tinham planos nesse sentido, e estavam naquele momento a preparar uma via de fuga algures no complexo do México — pelo menos, era essa a convicção íntima de Edek.

Arrancando-se com dificuldade às suas cogitações, Edek aproximou-se mais de Kolya.

— Camarada — começou, muito baixinho. — Achas que é possível tirar uma mulher do campo?

Se Kolya ficou surpreendido com a pergunta, a sua face ampla nada revelou. — Uma mulher? — repetiu pensativo, colocando uma prancha de madeira no lugar. — Possível. Basta vesti-la de homem.

Ao ouvir aquilo, Edek virou costas, irritado com a atitude desdenhosa do outro. Momentos depois, contudo, percebendo que Kolya estava a falar muito a sério e que a simplicidade da sua proposta podia perfeitamente ser a solução de que ele andava à procura, tomou a enorme mão do russo na sua e apertou-lha com grande emoção.

— Obrigado, camarada. Acabas de me salvar a vida!

— Mas vê lá se és apanhado com a tua namorada — brincou Kolya com o seu habitual humor negro. Mas nada seria capaz de contrariar a boa disposição de Edek.

Sentindo uma brisa quente de primavera acariciar-lhe o rosto, fechou os olhos e ergueu a cabeça. Era a primeira vez, desde há muitos anos, que sentia o cheiro da liberdade no ar — a sua e a de Mala.

Capítulo 27

Era uma tarde cinzenta e triste, e Mala estava sozinha na secretaria. Os corredores desertos estavam cheios de correntes de ar, a pesada abóboda do céu pressionava o campo qual tampa de caixão, e Mala sentia um frio húmido agarrar-se-lhe aos tornozelos; a morte pairava no ar.

Na noite de véspera, os receios de Zippy tinham-se concretizado: a sua querida amiga e mentora Alma Rosé, a bem-amada maestrina da orquestra de Birkenau, dera o último suspiro na enfermaria do campo, e nem o infame Dr. Mengele, chamado ao seu leito de morte, conseguira salvar a vida da famosa violinista. O homem ficara visivelmente incomodado, anunciara Zippy com os olhos rasos de lágrimas. Parecia que aquele a quem chamavam, e com razão, anjo da morte apreciara genuinamente ouvir *Frau* Alma tocar.

Mandl também lamentava abertamente a morte da sua mascote preferida. E, quando Zippy lhe perguntou se se podia organizar uma cerimónia de homenagem a Alma, a chefe do campo das mulheres aderiu à ideia com um entusiasmo surpreendente, chegando mesmo ao ponto de autorizar Zippy a fazer coroas de flores para colocar no bloco de música e na enfermaria, onde o corpo da falecida maestrina se encontrava ainda — lavado, vestido e acompanhado na morte, quer por prisioneiros, quer pelo pessoal das SS.

Metida no gabinete, Mandl não parava de se assoar e de passar um pó-de-arroz muito branco pela face, mas Mala percebia-lhe a pele inchada e os olhos vermelhos de choro. Na verdade, para a SS, a morte de Alma Rosé era sobretudo um incómodo pessoal: a chefe do campo feminino chorava por ela com a expressão magoada de uma criança mimada que acaba de partir o seu brinquedo preferido.

— Como é que ela me pôde fazer semelhante coisa? — perguntava repetidamente, com sincera autocompaixão, à impassível Zippy, procurando em vão algum vestígio de simpatia pelos seus sentimentos na cara da prisioneira. — Eu sempre a tratei de forma impecável... concedi-lhe todos os privilégios que ela me pediu.

Exceto o mais importante de todos: salvar a vida do pianista que Alma amava.

Oficialmente, ninguém referiu esse assunto; mas Zippy confidenciou a Mala que isso tinha sido fatal.

— A pobre Almschi não aguentou mais. Quando o Miklós morreu, houve qualquer coisa que também morreu nela. Continuava a fazer as coisas mecanicamente, mas a luz tinha-se-lhe apagado dos olhos; todos os membros da orquestra perceberam. — Ao dizer isto, Zippy soltou uma lágrima solitária, que lhe correu pela face magra. Tinha sombras profundas debaixo dos olhos, devastados por aquela perda tão pessoal. — Ele era a única pessoa que lhe transmitia esperança no meio deste inferno. Sem ele, a vida perdeu por completo o sentido.

Tendo ficado sozinha na secretaria, uma vez que Zippy e Mandl tinham ido para a enfermaria assistir à cerimónia de despedida de Alma, Mala deu por si a ouvir de novo, interiormente, as últimas palavras de Zippy, sentindo-as profundamente na base do estômago, que se contraía de forma dolorosa sempre que ela inspirava.

Ele era a única pessoa que lhe transmitia esperança no meio deste inferno. Sem ele, a vida perdeu por completo o sentido.

Naquele momento, Mala compreendeu perfeitamente a decisão de Alma: se ela própria tivesse perdido Edek no campo, também não teria vontade de prolongar um sofrimento absurdo.

Baixando os olhos para a sua mesa de trabalho, hoje cheia de papéis, Mala viu uma ordem de transferência endereçada a Hössler, o diretor do campo, com o nome do *Hauptscharführer* Moll desenhado em letras góticas, que pareciam olhar para ela com ar trocista, impondo-lhe a sua repugnante presença.

Mala passou as mãos pela cara e soltou um gemido.

Ele era a única pessoa que lhe transmitia esperança no meio deste inferno.

— Edek, quero fugir contigo — sussurrou muito baixinho. — Leva-me daqui, porque se cá ficar, terei o mesmo fim que Alma.

Nesso momento, um macacão azul muito seu conhecido apareceu-lhe na periferia da visão. Felicíssima, Mala preparava-se para se levantar de um salto, mas afundou-se novamente na cadeira, desiludida.

— Lamento muito. — O gigante que se encontrava à porta, saltitando dum pé para o outro, sorriu-lhe com uma expressão levemente envergonhada. — Já percebi que estavas à espera doutra pessoa.

— Não estava não, Jerzy. — Recuperando rapidamente a compostura, Mala cumprimentou o gigante polaco com um enorme sorriso artificial. — Entra. Precisas de alguma coisa?

Jerzy Sadowicz era colega de Edek no *Kommando* de manutenção. Tinha uma constituição de lutador profissional e uma cara que chegava a intimidar o infame *Kapo* Jupp, mas Mala sabia muito bem que, por trás daquele aspeto ameaçador, havia um coração de ouro puro, generoso e leal. Jerzy também pertencia à organização clandestina do campo e era tido em muito alta conta por Kostek e os seus colegas do *Sonderkommando*, porque lhes trazia do campo principal de Auschwitz, onde fazia a maior parte dos seus trabalhos, inúmeros produtos de contrabando para a causa.

— Estás sozinha? — perguntou Jerzy em voz baixa, instalando o seu enorme corpo entre a mesa de trabalho de Mala e o radiador, o típico disfarce do trabalhador da manutenção, não fosse algum SS ou outro curioso espreitar para dentro da secretaria.

— Estou. A Mandl e a Zippy foram à enfermaria, prestar a última homenagem a *Frau* Alma.

— Pobre senhora. — Jerzy abanou a cabeça, genuinamente entristecido. — Ouvi-a tocar várias vezes. Que talento. E que pena.

Os lábios de Mala ergueram-se ao de leve num sorriso triste. Jerzy era um homem de poucas palavras, mas conseguia sempre exprimir exatamente aquilo que toda a gente sentia.

— Então diz-me lá, de que precisas? — perguntou Mala, preparada para fazer negócio. Sabia perfeitamente que estas visitas tinham

sempre que ver com alguma coisa que a Resistência estivesse a planejar.

— De uma lâmina ou de um punhal de caça — respondeu ele em tom coloquial, como se estivesse a comunicar ao merceiro o conteúdo da sua lista de compras. — De preferência duas, mas uma já serve. E quando mais afiada, melhor.

Mala não conseguiu evitar erguer as sobrancelhas. — Estão a pensar cortar o pescoço a muita gente?

— Não é para mim — explicou Jerzy, dando umas pancadinhas com a chave de fendas no radiador, mas sem grande convicção. — O *Sonderkommando* está a organizar a fuga de um par de sujeitos. Pelo que me disseram, um deles vai levar documentos importantes e, no caso de serem apanhados, degola-se a si próprio e ao camarada, para que o Departamento Político não consiga arrancar-lhes os nomes dos cúmplices.

Mala passou a mão discretamente pelo peito, em silêncio e com ar desesperado: de repente, sentira um aperto que a impedia de respirar. Naquele preciso momento, estas mortes voluntárias, todas estas mortes, terríveis e, no entanto, evitáveis, tinham-se-lhe tornado insuportáveis.

— Eu conheço-os? — perguntou numa voz quase inaudível.

Jerzy não respondeu logo: estava a pensar.

— Acho que não — replicou, por fim.

Mala não conseguiu perceber se ele estava a dizer a verdade ou se queria apenas livrar do peso da culpa a pessoa que ia arranjar essas armas — as que poderiam fazer correr sangue amigo.

Deixando sair o ar que lhe tinha ficado preso na garganta, Mala acenou a cabeça, novamente determinada.

— Conheço uma rapariga soviética, a Rita, que consegui nomear para a *Kanada*. Ela arranja-te essas coisas. Vem ter comigo amanhã, à mesma hora, que eu já cá as tenho.

Reconfortado com esta promessa e visivelmente aliviado, Jerzy tomou a delicada mão de Mala na sua enorme pata de urso e apertou-a ao de leve, mas com intenção.

— Tu és boa camarada, Mala. Espero poder um dia pagar-te na

mesma moeda.

Mala ficou a vê-lo partir com uma expressão pensativa e uma estranha combinação de melancolia e esperança desesperada a iluminar-lhe os olhos.

Talvez.

Um dia.

— Voltei a falar com o Lubusch e ele prometeu-me que amanhã me dava um coldre e uma arma das SS — comunicou Edek a Wiesław, assim que apertaram calorosamente a mão. Já tinha passado uma semana desde que tivera a conversa com Kolya, que o levava a retomar os seus planos, ainda com mais entusiasmo. — Afinal, a tua nomeação como secretário do bloco foi uma bênção. Passo-tos no intervalo do almoço e tu podes escondê-los no teu quarto. Está toda a gente a trabalhar, por isso ninguém me vai ver.

— O meu quarto é periodicamente revistado pelas SS; como sabes, eu tenho cadastro. — Wiesław sorriu com ar insolente. — Mas eu fiz um esconderijo especial debaixo do chão do armazém do pão, e pus um armário por cima, a tapar.

— Ainda melhor — comentou Edek, dando uma palmada amigável nas costas do amigo. — Quando tiver as coisas prontas, mando alguém informar-te. Teremos de as passar pelo arame. O Lubusch vai dar-mas no gabinete dele e não me posso arriscar a passar pelos postos de controlo com um coldre e uma arma das SS.

— Claro que não! — exclamou Wiesław enfaticamente.

— Mas atenção ao *Kapo* Jupp. Sabes que ele costuma andar a patrulhar essa zona.

As desconfianças de Edek eram justificadas: o *Kapo* controlava a zona das proximidades da rampa com uma vigilância que faria orgulho a qualquer homem das SS. Só que o seu interesse no arame era puramente egoísta: confiscava a sua parte e deixava seguir os prisioneiros com a sua bênção: um pontapé no traseiro.

A tarde desceu sobre o campo. Uma brisa suave de primavera, doce e fresca, acariciava-lhe a pele. A atmosfera era de mudança. Cheirava a esperança e a recomeço, e Edek inspirou vorazmente, enchendo os

pulmões a ponto de começar a sentir-se tonto e algo embriagado com as promessas nela contidas. Não tinha muito tempo à sua disposição — tinha de regressar ao *Kommando* dentro de 15 minutos —, mas continuava a fumar e a fingir que conversava descontraidamente com Wiesław dum lado para o outro do arame, enquanto Jupp os observava aos dois com os seus olhos de falcão.

— Mas ele nunca mais se vai embora? — resmungou Edek baixinho. Sentia-se nervoso, com as costas encharcadas em suor. Parecia-lhe que a arma que levava escondida dentro da roupa gritava a sua presença a plenos pulmões, qual atizador acabado de tirar do fogo. — O intervalo do almoço está quase a acabar. Não posso voltar para o meu *Kommando* com uma arma no bolso do macacão.

— Espera mais um pouco. — Wiesław continuava a fumar, também ele bastante agitado. — Ele já perde o interesse em nós.

Finalmente, Jupp detetou novas vítimas um pouco mais adiante e avançou para elas com uma velocidade verdadeiramente impressionante.

Edek desabotoou o casaco o mais depressa que conseguiu, e empurrou a arma e o coldre por baixo do arame, em direção às mãos abertas de Wiesław. Sempre de olhos fixos no *Kapo*, Wiesław levantou a roupa e apertou rapidamente o cinto sobre a pele, empurrando o coldre na direção do ombro. Quando Jupp se voltou para eles, a meter no bolso o objeto de contrabando que acabava de apreender, Wiesław já tinha endireitado a roupa e afastava-se do arame na direção contrária à de Edek.

— Ei, tu aí! *Schreiber*!

Edek susteve a respiração. Ele próprio não tinha nada a temer, porque Jupp se encontrava do lado de Wiesław, mas não foi por isso que o estômago não lhe caiu aos pés. Não se atrevendo a parar declaradamente, olhou para trás de relance.

— O que levas aí, *Schreiber*? — Jupp estava a picar Wiesław no estômago com o seu bastão de *Kapo*.

Mergulhado num horror profundo, com o coração a bater a um ritmo impossível, Edek viu o amigo baixar a cabeça e desapertar o casaco.

Mortos. Os dois.

— Isso é do bom? — perguntou Jupp, apontando com a cabeça para a barriga de Wiesław.

Só nessa altura é que Edek avistou o gargalo de uma garrafa a espreitar de dentro do cinto dos calções do camarada, e por pouco não soltou uma gargalhada de alívio. *Velha raposa*, pensou, abanando a cabeça com a esperteza de Wiesław, que trouxera consigo uma garrafa, provavelmente de vodca de fabrico soviético, para servir de distração.

Entretanto, o *Kapo* Jupp passava a Wiesław o objeto que tinha requisitado a outro prisioneiro.

— Leva-o para o bloco e não abras essa garrafa antes de eu lá chegar, estás a ouvir?

Wiesław juntou obedientemente os calcanhares.

— Desaparece da minha vista, *Schreiber* — ordenou Jupp com uma gargalhada. — O *Kapo* do campo vai ter uma festa logo à noite.

No final desse dia, enquanto Jupp bebia até perder a consciência, Edek e Wiesław sentaram-se ao lado do armário sob o qual estava escondido o seu bilhete de acesso à liberdade e brindaram ao *Kapo* com grandes sorrisos. Sem dizerem palavra, mas trocando olhares conspirativos, brindaram a Lubusch, a Szymlak e aos *partisans* polacos a quem tencionavam juntar-se. Enquanto Jupp bebia à sua própria saúde, eles bebiam à liberdade.

Capítulo 28

9 de abril de 1944

Tinha havido outra fuga. Dois dias mais tarde, os SS continuavam a circular pelo campo, com os lobos-da-alsácia à trela, observando cada prisioneiro com ar desconfiado. Até agora, os culpados tinham milagrosamente evitado serem capturados, e as esperanças de Edek cresciam mais e mais a cada dia que passava. Nem se importou de ser mandado parar várias vezes quando se encaminhava para o Crematório V, ao lado do qual tinha combinado encontrar-se com Mala; felizmente, o seu ar inocente e a caixa de ferramentas, que lhe permitiam justificar a sua presença em quase todos os pontos do campo, pouparam-lhe mais tormentos.

Quando chegou ao crematório, descobriu que Mala não estava sozinha: de mãos metidas nos bolsos do sobretudo, conversava animadamente com Kostek e Filip, os dois membros do *Sonderkommando*.

Para seu enorme espanto, Edek identificou outra cara conhecida entre o grupo dos conspiradores: Jerzy Sadczykow, um dos membros da equipa de manutenção que viviam no seu bloco, estava a fumar um cigarro, de olhos fitos ao longe, no complexo do México. Jerzy olhou espantado para Edek ao vê-lo aproximar-se do grupo.

— Tu também...? — Com uma expressão de incredulidade a vincar-lhe o rosto, Sadczykow só conseguiu pronunciar duas palavras.

— Sim. — A pergunta interrompida foi respondida por Mala com um sorriso malicioso. — O Edek também é dos nossos.

— Ora esta! — Lacónico como sempre, Jerzy limitou-se a pôr o cigarro no canto da boca, para poder apertar a mão a Edek num gesto emocionado.

Nunca tinham tido nada que se parecesse com uma amizade íntima,

mas, naquele momento, ambos sentiram que qualquer coisa tinha mudado: sem o saberem, pertenciam ambos à Resistência de Auschwitz e, naquele purgatório, tal ligação era mais forte do que os laços de sangue.

— Claro que lhes trago comida. — Mala já retomara a conversa que estava a ter com os homens do *Sonderkommando* antes da chegada de Edek.

— O Jerzy leva-te lá e diz-te onde é — explicou-lhe Kostek, passando-lhe uma bolsinha para a mão, que Mala escondeu logo no bolso. Edek sentiu o forte cheiro ao tabaco russo que os prisioneiros de guerra do bloco de Wiesław fumavam e que lhe fazia chegar lágrimas aos olhos. — O Jerzy fica de guarda. Quando ele te disser que o caminho está livre, tiras as tábuas, metes lá a comida, voltas a pôr tudo como estava e espalhas esta *makhorka* soviética à volta, para os cães não conseguirem farejá-los. Parece que a única coisa que funciona com estes cães é um cheiro intenso a tabaco.

Jerzy avaliou Mala com ar desconfiado.

— Tens a certeza de que consegues arrancar as tábuas sozinha? — Depois voltou-se para Kostek com uma expressão preocupada. — Se calhar, era melhor a Mala ficar de guarda e eu deslocar as tábuas.

Kostek abanou a cabeça.

— Tem de ser uma pessoa muito esguia. A construção do esconderijo é muito frágil. Um rinoceronte como tu dá cabo daquilo tudo e lá se vai o plano por água abaixo.

Filip soltou uma gargalhada e Jerzy sorriu, não se mostrando minimamente ofendido.

Só nessa altura é que Edek começou a compreender o conteúdo daquela conversa; ao perceber o que estava a ouvir, abriu muito os olhos, ficando a olhar para os outros de boca aberta.

— Eles não fugiram, pois não? — perguntou num sussurro quase inaudível, apesar de se encontrarem num local bastante seguro, pois ninguém conseguiria aproximar-se deles sem ser ouvido. — Ainda estão dentro do campo.

— Meu filho, tu aprendes depressa. — Kostek deu-lhe uma palmada amigável nas costas, soltando uma pequena gargalhada. — Foram os

russos que tiveram esta ideia, depois de terem passado vários anos a estudar fugas que tinham fracassado. E foi por isso que se instalaram no México. É o sítio que fica mais perto do local de trabalho da equipa da floresta e está neste momento a ser construído, ou seja, está a abarrotar de materiais de construção.

— Entre os quais uma pessoa pode perfeitamente esconder-se — acrescentou Filip, dando uma cotovelada ao amigo.

— Os alemães são muito eficazes, mas os nossos amigos russos são bastante mais espertos — prosseguiu Kostek. — Os alemães apoiam-se na lógica, enquanto os soviéticos se apoiam na... Não sei bem como lhe hei de chamar, mas admiro a criatividade deles.

— Muitos fugitivos são apanhados porque o perímetro exterior está muito bem guardado — explicou Mala, apontando com a cabeça na direção do México, por trás do qual passavam os limites do campo. — Começando a procurar horas depois, os cães das SS conseguem farejá-los. Mas, se passarem vários dias sem os cães descobrirem a pista, os SS concluem que os prisioneiros lhes escaparam mesmo. Começam a enviar telegramas às autoridades locais, pedindo-lhes que tentem encontrá-los, mas deixam de procurar dentro do campo.

— O que significa que, se eles passarem alguns dias escondidos, já não correm riscos quando se vão mesmo embora — concluiu Edek, num tom carregado de ceticismo e admiração. Kostek tinha razão: o plano era verdadeiramente genial e engenhoso.

— Queres vir comigo amanhã? — perguntou-lhe Mala, olhando-o nos olhos com uma expressão perscrutadora. — Como meu guarda.

— Claro. Nem precisavas de perguntar.

Ela agradeceu-lhe com um sorriso luminoso.

— Eu conheço-os? — perguntou Edek, sem se dirigir a nenhum dos presentes em especial. — Não reconheci os nomes quando os SS os anunciaram.

Foi Filip quem acenou imediatamente a cabeça.

— Conheceste pelo menos um deles, o Rudek. Foi o sujeito que veio ter connosco ao crematório na manhã seguinte àquele episódio pavoroso no campo das famílias, a perguntar pela namorada.

— O secretário do bloco? Aquele sujeito novo?

— Esse mesmo — confirmou Filip. — Sofreu horrores com a perda da miúda e jurou vingança. Afirmou que faria o que fosse preciso para impedir que os nazis continuassem a matar gente. Pois bem, nós levámo-lo à letra, enchemos-lhe os bolsos de planos dos crematórios, onde escrevemos os nomes dos homens das SS que lá trabalham, o número de transportes e de pessoas que foram mortas, juntámos uma etiqueta de Zyklon-B que eu próprio arranquei de uma das embalagens e mandámo-lo embora. Se ele tiver sorte e conseguir alcançar os líderes judeus com aqueles documentos todos, talvez chegue a tempo de impedir que os judeus húngaros venham cá parar e sejam mortos nas câmaras de gás.

Edek sentiu-se empalidecer ao ouvir aquelas palavras.

— Os SS dão cabo dele num instante se descobrirem que ele leva esses documentos todos.

— Por isso mesmo é que ele tem todo o interesse em não ser apanhado. — Filip encolheu os ombros, mas soltou um suspiro rouco que dava a conhecer o que verdadeiramente lhe passava pela alma.

— Nós entregámo-lhe, a ele e ao amigo que o acompanha, punhais de caça. — A voz de Mala saiu-lhe com uma peculiar rouquidão. Falava sem olhar para Edek, mas olhando o vazio para lá dele. — Se forem descobertos pelos nazis, eles suicidam-se, para não atraíçoarem ninguém.

— O Rudek é a nossa única hipótese — anunciou Kostek, fixando na rampa em construção uns olhos cheios de calado tormento. A rampa, por enquanto deserta e silenciosa, estaria em breve a abarrotar de almas inocentes que desapareceriam neste mesmo crematório, queimadas às mãos do próprio Kostek. O homem olhou para elas com um súbito e intenso ódio, e a seguir enfiou-as nos bolsos. — Diz a Mala que corre o boato de que o Velhote não tarda a vir substituir o *Kommandant* Liebehenschel.

Ao ouvir a referência à alcunha pela qual o *Kommandant* Höss — substituído no outono do ano anterior, devido a uma acusação de corrupção — era conhecido no campo, Edek encostou-se à parede e sentiu-se tonto, ao pensar no terror que aí vinha. Ao contrário de Liebehenschel, que era um chefe brando, contestava todos os

transportes ordenados por Berlim e nunca mandava ninguém para as câmaras de gás por sua iniciativa, Höss era o exemplo acabado do assassino burocrático, que tinha transformado Auschwitz numa verdadeira máquina de aniquilação. Ao contrário de Liebehenschel, Höss não era um sentimental que achasse que as mulheres e as crianças deviam ser poupadas às câmaras de gás. Pelo contrário, se fosse preciso, empurrava toda a gente lá para dentro com as próprias mãos, trancando a porta com a expressão impassível de uma estátua de cavaleiro teutónico — frio como uma pedra e desprovido de qualquer sentimento.

— Também vi uns papéis com referências ao Moll — acrescentou Mala, e a nuvem carregada que lhe atravessou o rosto não passou despercebida a Edek. O rapaz sentiu nas entranhas que tinha havido alguma história entre a sua bem-amada e Moll, o brutal assassino das SS; fosse o que fosse, tinha-lhe provocado um enorme arrepio. — Os oficiais de Berlim propuseram nomeá-lo para chefe da *Aktion* húngara, ou seja, encarregá-lo de todo o trabalho dos crematórios.

— O Moll? O Moll do olho de vidro? — Kostek voltou-se para ela com brusquidão e com um ar preocupado. — Aquele que nos fechou dentro do crematório e que me deu uma tarefa por tentar avisá-lo que tu estavas lá dentro?

— Esse mesmo. — Mala confirmou os piores receios do amigo, mas suavizando as palavras com um sorriso de través.

— Estava mesmo a precisar de ouvir uma notícia dessas — comentou Filip, passando as mãos pelo rosto com um gemido. — O ciclope como chefe direto.

— Não mates o mensageiro — pediu Mala num tom de humor carregado.

Ninguém se riu, rodeados por um silêncio tenso que parecia um capacete de névoa cinzenta. O leve odor a perigo iminente manchava o ambiente que os rodeava.

Edek não tinha vontade de se ir embora. Ansiava por falar com Mala a sós — não, nem era bem verdade, o que ele queria era apertá-la nos braços por uns momentos preciosos, sentir os lábios quentes dela abrirem-se aos seus, inalar o estonteante perfume do seu cabelo

—, mas Mandl estava à espera dela na secretaria do campo, e ele próprio tinha de regressar ao campo dos homens, com Jerzy atrás.

— Jerzy.

— Sim.

Edek hesitava em abrir-se com um homem que não conhecia assim tão bem, mas subitamente percebeu que não tinha alternativa.

— Eu também tenho um plano de fuga.

— Ah sim? — Estranhamente, Jerzy não se mostrou surpreendido com aquela informação. Edek pensou que, depois da liquidação dos habitantes do campo das famílias, metade dos prisioneiros do campo teriam começado a pensar no mesmo.

— Tu trabalhas sobretudo em Auschwitz, não é? — insistiu Edek.

Jerzy soltou um grunhido e olhou para ele com os seus enormes olhos benévolos de gigante simpático, um autêntico urso das florestas com um coração de ouro, como Edek não tardaria a descobrir.

— Diz-me de que é que precisas e eu trato do assunto — declarou sem mais rodeios, sorrindo.

— Preciso que me ajudes a levar a Mala.

— Podes contar comigo.

Uma frase simples, uma mão estendida, e o negócio ficara selado. Percorreram o resto do caminho num silêncio de amigos, porque dois irmãos da Resistência que acabam de se conhecer não precisam de conversar muito. Já se tinham entendido no essencial.

Capítulo 29

Tinham passado duas semanas desde esta reunião; duas semanas carregadas de neblina, de tensão e de uma estranha calma. A noite caíra sobre Birkenau e o campo dos homens continuava de pé na *Stehappell*, a praça da chamada. Os homens estavam cansados, mas ninguém se atrevia a protestar, porque passar várias horas de pé era bem melhor do que ser sujeito às execuções sumárias em que, ainda há um ano, todas as fugas acabavam.

A liquidação dos habitantes do campo das famílias tinha-se repercutido em todo o campo, esporeando os homens, o que resultara numa sequência de fugas. Rudek e o amigo tinham sido os primeiros a fugir; seguiram-se-lhes vários prisioneiros de guerra soviéticos do bloco 8, que haviam tomado o mesmo «caminho russo», passando pelo México. Alguns tinham sido apanhados, outros haviam tido a felicidade de escapar, mas o sentimento comum era: é agora ou nunca.

As SS tinham dado a conhecer os seus planos para os habitantes do campo ao meter os prisioneiros de Theresienstadt — que estavam sob proteção direta da Cruz Vermelha internacional — dentro das câmaras de gás: se eram indiferentes à maior organização humanitária do mundo, em função da qual tinham criado o campo das famílias, já não havia nada a esperar. Já ninguém fingiria mais que os judeus eram bem tratados nos campos de concentração nazis. A única coisa que restava dos judeus de Theresienstadt eram os filmes de propaganda que tinham sido feitos no gueto de Theresienstadt. Não voltariam a aparecer delegações da Cruz Vermelha a inspecionar os prisioneiros, especialmente lavados e vestidos a preceito para essa ocasião; e ninguém mais fingiria que os objetivos dos nazis a respeito dos judeus eram diferentes do que, de facto, eram. A meio de abril, toda a gente

com capacidade para tal decidira fugir; assim tinham, pelo menos, alguma possibilidade de sobreviver.

— O atual estado das coisas não me agrada nada — comentou Edek a Wiesław após nova fuga.

Como era seu costume, estavam os dois sentados à mesa do quarto de Wiesław, a beber o fortíssimo vodca soviético. Aproveitando o seu cargo de secretário, Wiesław tinha conseguido arranjar roupa de civil de bom corte e Edek começara a deixar crescer o cabelo, que o barbeiro do barracão lhe aparava a troco de uns cigarros. Por esta altura, não fosse o macacão de Edek, os dois amigos podiam perfeitamente passar por civis.

— A malta continua a escapar-se daqui — prosseguiu Edek — e metade dos fugitivos são do teu bloco.

— E então?

— Não achas que o Departamento Político vai começar a interessar-se sobretudo pelo teu barracão?

Wiesław mandou-o descontrair com um gesto de mão, e Edek ficou a vê-lo mexer a sopa de guisado — um favor especial que era concedido aos secretários dos blocos, e que Wiesław dividia com o amigo —, acabando por pousar a sua colher, incapaz de comer mais uma colherada que fosse. O que o roía não era apenas a possibilidade de a Gestapo do campo avançar em força sobre aquele bloco para fazer uma busca; roía-o também o único segredo que tinha ocultado ao seu melhor amigo, e que o levava a esconder os olhos culposos do olhar penetrante de Wiesław, ao mesmo tempo que resmoneava uma resposta incoerente quando o outro lhe perguntou se se passava alguma coisa.

Edek não conseguia explicar, nem sequer a si próprio, por que razão ainda não tinha dito a Wiesław que Mala iria com eles. Estaria com receio da reação do amigo? Por dentro, Edek rejeitava desta ideia. Wiesław era o género de amigo que daria a própria vida por um camarada. Era ridículo imaginar que começasse de repente a protestar por Mala se ter imiscuído no ousado plano que haviam congeminado.

Como se lhe tivesse lido o pensamento, Wiesław deu-lhe uma pequena cotovelada.

— Come, antes que arrefeça.

A compreensão que leu nos olhos do amigo por pouco não partiu o coração a Edek: sentia-se um traidor, um traidor miserável, com a consciência muito pesada.

Pousando a colher, Wiesław cruzou as duas mãos em cima da mesa.

— Edek. Estás com medo? É isso?

Vendo o outro sorrir, Edek desatou à gargalhada, mas o riso saiu-lhe oco e incómodo. Foi então que lhe ocorreu que este amigo o percebia tão bem que tinha adivinhado instintivamente o que se passava antes de ele próprio se ter apercebido.

Estava, de facto, com medo. Só que não era medo da força. Era terror de apresentar o plano final em palavras, medo de o tornar real e, desse modo, os agourar a todos.

Foi então que Wiesław lhe deu uma palmadinha na mão. Esta era firme e calma, ao contrário da de Edek, o que fez diluir o terror.

— Wiesław.

— Sim.

— Como é que reagirias se eu te dissesse que quero levar a Mala connosco?

Wiesław não respondeu logo; mas, quando se arriscou a olhar para ele de relance, Edek viu uma enorme satisfação a brilhar-lhe nos olhos.

— Respondia-te que estava a ver que nunca mais perguntavas.

Edek riu-se, mas desta vez com uma enorme sensação de alívio, sentindo a pressão dissolver-se-lhe no peito. De repente, o prato fumegante que tinha diante de si pareceu-lhe excelente.

— O Kolya, o teu amigo soviético, deu-me uma ideia para um disfarce: vestimos-lhe a farda da equipa de manutenção e eu conduzo-vos aos dois para fora do portão vestido de SS, como se fosse a vossa escolta. — Fez uma pausa, deixando pousar a proposta. — E a ideia para a maneira de lhe escondermos a cara foi tua.

Wiesław ergueu as sobrancelhas numa atitude de vivaz curiosidade.

— Lembras-te de teres levado aquela pia aos ombros para o bloco de música, com a cabeça completamente metida lá dentro? — Wiesław acenou que sim. — Se lhe metermos uma pia aos ombros,

ninguém vai perceber que quem ali vai é uma mulher.

— Isso é uma ideia genial! — exclamou Wiesław, erguendo a caneca de vodca para celebrar. — À saúde do teu amigo, que concebeu esse plano genial sem perceber!

Não havia discussão possível. Rindo-se do descarado autoelogio, embora soubesse que Wiesław estava a brincar, Edek correspondeu ao brinde e engoliu o vodca num par de tragos fofos.

— Mas agora temos de resolver o problema do *Ausweis* dela... — Edek começou a pensar alto, comendo várias colheradas seguidas para disfarçar o sabor ardente que lhe ficara na língua.

Para evitar que o amigo se voltasse a enervar, Wiesław voltou a fazer um gesto de mão indicativo de que o assunto não tinha qualquer importância.

— Tu hás de arranjar uma solução para isso. Arranjas sempre.

— Já começaste a pensar quem é que vais subornar para voltares para um *Kommando* de trabalho? Não posso acompanhar um secretário para fora do campo, tem de ser um operário. E muito menos um tipo elegante como tu ultimamente andas.

— Edek! — Com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado, Wiesław lançou ao amigo um olhar que continha uma leve censura. — Para de te preocupar com tudo e come. Ainda há tempo. Não vamos sair daqui antes de junho, pois não? Eu arranjo lugar num *Kommando* normal umas semanas antes. Não há razão nenhuma para apressar as coisas. Já viste o quarto simpático que temos aqui para os dois? E ainda por cima com um esconderijo.

Wiesław tinha razão, evidentemente. Por isso, Edek remeteu as preocupações para o canto mais escuro da sua consciência e deu umas palmadinhas na mão do amigo.

— Continua a vigiar aquele esconderijo, se fazes favor. Seria uma idiotice perder aqueles tesouros que tanto nos custaram a conseguir numa estupidez duma busca ao bloco.

— Não te preocupes. Eles não procuram no armazém do pão. Ou, pelo menos, não levantam as tábuas do chão.

Durante um par de semanas, parecia que Edek se tinha efetivamente

preocupado em vão. Houve mais fugas e, desta vez, fartos de terem de passar a noite acordados a vigiar os prisioneiros, os SS nem chegaram a castigá-los com as horas de pé na *Stehappell*.

— Estás a ver? — dizia Wiesław a Edek com ar sorridente. — Eles já não se incomodam. Estão muito mais preocupados com os soviéticos do que connosco, que somos uns coitados. Quando chegar a nossa vez de fugir, o mais provável é nem irem à nossa procura.

Edek tinha vontade de acreditar nele, mas havia uma coisa que continuava a incomodá-lo.

No domingo à noite, foi visitar Mala. Pelo caminho, teve de passar ao lado da forca, de onde pendiam três homens recentemente capturados, cada um dos quais tinha ao pescoço um letreiro que proclamava num tom zombeteiro: «Voltámos!». Por instantes, parou a olhar, como que hipnotizado, para as línguas pretas que lhes saíam da boca, as faces inchadas à volta das quais zuniam enxames de moscas, os olhos vazios olhando fixamente para os pés que não tinham conseguido levá-los para longe do campo. Logo a seguir, porém, desviou os olhos, tomado por um medo supersticioso que ameaçava invadi-lo de novo.

Era melhor não pensar naquilo.

Era preferível acreditar que Mala, Wiesław e ele haviam de conseguir escapar daquele inferno com vida.

Mala foi buscá-lo, como sempre, à porta da cave. Estava bronzeada e cheirava levemente a alfazema. Depois do fedor sufocante a milhares de corpos por lavar, a carne apodrecida e a humanidade incinerada que provinha das chaminés e contaminava o próprio ar que respiravam, Edek tinha a sensação de que estava a inspirar o ar do paraíso.

— Estás com o cabelo cada vez mais comprido — comentou ela, penteando-lho com cuidado para um lado.

— Já pareço um SS? — Edek tentou ocultar um sorriso, mas não conseguiu.

Mala fez uma careta.

— Hás de lá chegar.

Sempre a sorrir, Edek seguiu-a até ao quarto. Pelo caminho, Mala ia

tão alegre que só lhe faltava dançar, dando às várias perguntas dele uma resposta carregada de mistério: «Vais ver as coisas boas que tem à espera quem sabe ser paciente».

Já no quarto, pegou num prato onde tinha espalhado bocadinhos de queijo e migalhas de pão e, muito excitada, indicou-lhe por meio de gestos que se instalasse ao lado dela diante do radiador.

— Olha para isto! — sussurrou com uma expressão triunfante, pondo uma série de migalhas na palma da mão e aproximando-a do buraco da parede.

Momentos depois, um ratito que eles bem conheciam, um roedor sem uma orelha, espetou o focinho cá para fora e cheirou o ar, com os brilhantes olhitos pretos fixados na generosa oferta. Com um olhar imensamente concentrado, Mala manteve a mão aberta com a palma voltada para cima, procurando não se mexer. Edek achou que ela nem respirava — e nessa altura percebeu que ele também não, num esforço imenso por não assustar o minúsculo bichinho de Mala.

Para grande espanto de Edek, o rato hesitou apenas uns segundos, saltando depois para a mão de Mala e, agarrando na minúscula quantidade de migalhas que lhe cabiam na pata, meteu-as duma vez na boca, com as bochechas a aumentarem progressivamente de volume. Edek sentia os ombros estremecer de gargalhadas silenciosas, que não tardaram a aumentar de volume, fazendo coro com as de Mala.

— Olha-me para este pequenino, sem medo nenhum! — exclamou, obviamente impressionado.

— Não é de espantar. É um homenzinho nado e criado em Auschwitz. Um prisioneiro dos velhos tempos, um dos resistentes.

— É um sobrevivente — confirmou Edek com um aceno de cabeça e voz carregada de uma emoção surpreendente. — Tal como nós seremos.

Os olhos de Mala, cheios de pontinhos dourados, cruzaram-se com os dele.

— Não desististe da ideia de me levar contigo daqui para fora, pois não?

— Nunca. Eu vou para onde tu fores e, se ficares, fico também. O

nosso acordo era esse, não era?

— Só estou a dizer que temos um problema logístico.

— O problema logístico está resolvido. — Edek pegou em mais uma quantidade de migalhas com enorme delicadeza e depositou-as cuidadosamente na palma da mão de Mala, onde o rato continuava a banquetear-se. — Um dos meus novos amigos soviéticos deu-me uma ideia e o Jerzy concordou em ajudar-nos. Vamos vestir-te de homem, com um macacão azul, cortamos-te o cabelo e tapamos-te a cabeça com uma pia ou outra coisa do género, para te esconder a cara. A única coisa que tens de fazer é acrescentar um nome àquele *Ausweis*, para eu ter de acompanhar dois prisioneiros em vez de um. Quanto à fotografia, eu digo ao guarda que não havia papel de impressão ou outra coisa qualquer; afinal, ainda estamos em guerra. O subordinado que está ao portão não vai certamente pôr em causa a palavra de um oficial.

— Estou a ver que o Lubusch te treinou bem.

— E treinou mesmo — confirmou Edek com um sorriso caloroso, cheirando-lhe o cabelo. — Imagina só, Mally, dentro de um par de meses seremos livres. E mais um ano, ou coisa assim, e esta guerra acaba.

— O que tencionas fazer quando a guerra acabar? Queres voltar para a Escola Naval? — perguntou Mala, erguendo a cabeça e olhando para ele com curiosidade genuína.

— Não — replicou Edek categoricamente. — Nunca mais na vida quero usar uniforme. O que usei durante esta guerra chegou-me para o resto dos meus dias.

— Então?

— Pensei em ser carpinteiro. De certeza que arranjava trabalho, com a longa experiência que tive — comentou com uma gargalhada amarga. — Mas depois pensei que o mais provável é tu voltares a trabalhar como intérprete, e não seria adequado seres casada com um simples carpinteiro. Por isso, decidi que vou ser arquiteto. Vou ter de estudar durante vários anos, mas vai valer a pena.

— Arquiteto, hein? — Mala ergueu as sobrancelhas, bem impressionada com a ideia.

Os dois jovens já tinham brincado algumas vezes sobre a possibilidade de se casarem e, embora nunca tivessem chegado a discutir seriamente o assunto, porque quem vivia num campo de extermínio, onde a vida de um prisioneiro podia terminar a qualquer momento às mãos do capricho de um SS, não se atrevia a fazer planos, estava implícito que era isso que aconteceria se conseguissem sair com vida dos muros de Auschwitz.

Edek tentou soltar uma gargalhada, mas o riso morreu-lhe na garganta e o olhar velou-se-lhe com um tom melancólico.

— Passou-me pela cabeça que os arquitetos faziam mais falta ao mundo do que os militares. Para reconstruirmos tudo aquilo que foi destruído.

— Acho um plano maravilhoso. — Mala tomou-lhe a mão e apertou-a com força.

— E qual é o teu plano? — perguntou Edek.

— Estar contigo.

— Não era isso que eu estava a perguntar.

— Eu sei muito bem o que é que tu estavas a perguntar. — Mala acenou várias vezes a cabeça. — O meu plano é estar contigo. É só isso que eu quero. Tanto me faz trabalhar numa coisa ou noutra, ou fazer seja o que for. Se te tiver à minha espera em casa ao fim do dia, serei feliz.

No prado que ficava nas costas do Crematório V, o *Hauptscharführer* Moll estava aos berros.

— Mas vocês são cegos, seus idiotas? — bradava o recém-nomeado chefe do *Sonderkommando*, apontando com o pingalim para o fio esticado que marcava o contorno. — Ou não têm capacidade mental para perceber que é para cavarem dentro da marcação e não à volta dela? Se voltam a cometer outro erro igual, despacho-vos aqui mesmo, seus animais!

Moll tinha chegado há poucos dias, juntamente com o anterior superior do campo, o *Kommandant* Höss, que fora substituir Liebehenschel, o «*Kommandant* humano». E lançara-se imediatamente ao seu passatempo preferido: organizar o local de extermínio a uma

escala que permitisse a supressão em massa. Edek soubera por Mala que, muito antes de os quatro crematórios de Birkenau terem sido construídos, era Moll o encarregado do processo de extermínio, cargo em que fora substituído por Hössler. Antes disso, quando só havia um crematório em Auschwitz, que não tinha capacidade de incinerar todos os cadáveres, Moll tivera a ideia de os enterrar em valas comuns, no prado onde Edek se encontrava naquele momento. E fora Moll a presidir à exumação e cremação desses mesmos cadáveres, já em decomposição, quando tinham começado a ascender à superfície, contaminando as águas das redondezas com o veneno escuro que escorria das valas comuns. Fora ainda Moll a proceder à liquidação de todos os membros do *Sonderkommando*, tratando desse processo assim que os homens concluíram a sua mórbida tarefa de exumar e queimar os corpos. Finalmente, fora Moll que estivera quase a matar Mala, atirando-a para dentro de uma vala cheia de cadáveres.

Ciente do horrendo currículo deste SS e observando-o em ação, Edek não teve qualquer dificuldade em perceber o que estava a besta zanolha a fazer naquele prado que já fora uma esmeralda e que ele dividira em várias secções, repartidas e escavadas pelos carrancudos membros do *Sonderkommando*. De faces cobertas por fios de suor e manchas de pó, eles enterravam as pás na lama pegajosa; já condenados, tinham plena consciência de que estavam a cavar as próprias sepulturas, para onde seriam atirados assim que Moll desse cabo das vítimas a elas destinadas, os judeus húngaros.

Afastando-se o mais possível de Moll e do seu impecável uniforme branco de verão, Edek foi-se aproximando de Kostek, o amigo de Mala que pertencia ao *Sonderkommando* e fazia parte da Resistência. Sem camisa e bronzeado da exposição ao sol, o combatente grego estava metido até à cintura no poço recém-aberto, ocupado a envolver as palmas das mãos, que sangravam, com ligaduras improvisadas, feitas de tiras da própria camisola interior. Devia ter acabado de fazer uma pausa; o peito ainda lhe subia e descia com visível dificuldade, mas o rosto abriu-se-lhe num enorme sorriso assim que detetou a presença de Edek, que se agachou à beira do fosso.

— Saudações ao *Kommando* de manutenção. — Kostek ergueu a

mão ferida num arremedo de saudação romana. Mas os seus olhos verdes, cheios de um sofrimento calado, não sorriam. Edek olhou-o com compaixão, sentindo na própria alma o imenso fardo de quem foi obrigado a ser cúmplice dos assassinios em massa dos nazis. Pelo menos ele limitava-se a arranjar-lhes os canos. Kostek, pelo contrário, estava a cavar fossos que não tardariam a engolir um número incontável de famílias, comunidades inteiras, sem delas deixarem traço. — Se precisas de alguma coisa, diz depressa. Como vês, temos uma administração nova — disse-lhe Kostek. — Se o Moll te vê por aí a passear, ainda faz de ti cobaia do seu novo método de extermínio.

De forma quase involuntária, os olhos de Edek abriram-se com preocupação crescente.

— Depois de tudo o que eles já nos fizeram, ele ainda conseguiu inventar uma coisa nova?

Kostek fez-lhe um gesto de mão, como quem diz: *É melhor nem imaginares do que se trata.*

— Então, o que queres? — perguntou-lhe.

— A Mala disse-me que tens um relógio de pulso para mim — disse-lhe Edek num sussurro. — Um relógio alemão, do tipo que um SS poderia usar.

Antes de Edek concluir a sua explicação, já Kostek tinha tirado do bolso uma coisa pequena, embrulhada num lenço muito sujo, e lho tinha atirado para as mãos.

— Espero que este relógio te dê sorte. Esconde-o bem antes do dia em que tiveres de o usar. Se precisares de um esconderijo, tens o bloco de admissões; está quase sempre deserto e os SS nunca vão lá fazer buscas. É lá que nós guardamos uma parte do nosso contrabando. O sujeito que está encarregado dele chama-se Jurek.

Edek acenou a cabeça.

— Eu conheço-o. Não muito bem, mas conheço-o. Ajudei-o uma vez a arranjar o radiador do quarto dele.

— Se se conhecem um ao outro, ainda melhor. Ele esconde-te uma mala com coisas o tempo que quiseres, desde que lhe pagues. E agora, põe-te a andar antes que o ciclope te veja.

Enquanto se afastava a bom trote na direção do crematório, Edek foi

observando o prado retalhado com as feias marcas das futuras valas comuns, as flores desenraizadas e deixadas a morrer, retalhadas pela lâmina cortante das pás. Ao fundo, vários SS subiam a duas antigas câmaras de gás, que não eram usadas há mais de dois anos devido às novas construções de Birkenau, para irem testar as portinholas do telhado; outros estavam a recuperar duas antigas casas de quinta, que tinham sido transformadas em instalações de extermínio: sob os raios intensos do sol do fim da tarde, a Casinha Vermelha e a Casinha Branca voltavam à vida. Com um arrepio de temor, Edek apressou o passo como se estivesse a ser perseguido por Satanás em pessoa.

No dia seguinte, ao fim da tarde, Edek dirigiu-se ao barracão de Wiesław mesmo a tempo de ver os blocos 4 e 6 serem virtualmente virados do avesso pelos membros do Departamento Político. Pelos vistos, a meticulosa busca não tinha produzido resultados, à exceção de umas quantas porções de comida e umas garrafas de álcool, que os SS nem perderam tempo a requisitar. O SS encarregado da busca afastou-se a passos largos com ar irritado, rodeado pela sua comitiva.

Assim que se encontrou com Wiesław, Edek deu-lhe uma cotovelada.

— Temos de levar daqui as nossas coisas — sussurrou-lhe, quase sem mexer os lábios. — Hoje foram os blocos 4 e 6, amanhã vão ser o 5 e o 8.

— O 7 — tentou Wiesław argumentar, mas sem grande convicção. — Eles são alemães. Gostam de ordem.

— Pois gostam, mas gostam ainda mais de nos surpreender com buscas inesperadas. — Edek fixou nele um olhar intenso. — Logo à noite sai tudo daqui. Um sujeito do *Sonderkommando* disse-me hoje que há um sítio muito bom, o bloco de admissões. Só tem gente durante o dia, quando por lá passam os recém-chegados, mas não vive lá ninguém. À noite, está completamente deserto e as SS nunca lá fazem buscas. O secretário de admissões, que se chama Jurek, vive nesse bloco sozinho, e o Kostek diz que ele nos ajuda a troco de umas bolinhas de ouro e da promessa da sua liberdade.

— Eu não posso sair à noite. Sou o secretário do meu bloco.

Edek soltou uma praga entredentes, batendo em vários bolsos à procura de cigarros. Tinha os nervos em franja e a única coisa que o acalmava era fumar. Fumar e sentir o peso da cabeça de Mala sobre o braço quando ela dormia um sono profundo, respirando serenamente.

— Nesse caso, trato disto sozinho.

— Se não te importasses de esperar até amanhã, eu levava as coisas durante o dia. À tarde, não está cá ninguém...

— Amanhã pode ser tarde — interrompeu Edek abruptamente. — Levo tudo esta noite. Trata de ser transferido para um *Kommando* com trabalho. Estás a adiar, a adiar, com a desculpa de que te sentes aqui muito bem. — Vendo que o amigo tinha ficado profundamente magoado com aquela acusação, Edek suavizou imediatamente o tom. — Desculpa, desculpa. Não era isso que eu queria dizer. São... os nervos. Percebes, não percebes?

Wiesław acenou a cabeça e começou a encaminhar-se para o seu bloco sem esperar por Edek. Soltando uma pequena praga, Edek atirou o resto do cigarro para o chão e passou as mãos pela cara.

— Os pombinhos tiveram uma discussão? — perguntou Kolya com ar trocista, mas simpático, ao passar por ele.

— Desaparece-me da vista, bolchevique — resmungou Edek. — Os problemas são todos por vossa causa. Se vocês, os vermelhos, não andassem a desaparecer à razão de uma dúzia por dia, o Departamento Político não vinha cá meter o nariz.

— Pelo menos, temos coragem para fugir — replicou Kolya com boa disposição, ciente de que Edek não estava a criticá-lo. Quando uma pessoa discutia com o melhor amigo, tinha de descarregar a frustração em alguém. — Não te preocupes, nós não tardamos a vir libertar-vos, doces polacos!

Soltando uma gargalhada, Kolya seguiu caminho com os camaradas, deixando Edek a sós com os seus inquietantes pensamentos.

Nessa noite, enquanto o resto do campo dormia pacificamente, Edek atravessou o complexo de mansinho e entrou no armazém do pão do bloco de Wiesław. Iluminado pela luz mortiça da lua, olhando sempre por cima do ombro, levantou as tábuas do chão o mais discretamente

que conseguiu. Sem saber bem porquê — fosse pela provocação silenciosa de Kolya ou pelas lições de representação do seu anterior *Kommandoführer* —, começou, quase de forma inconsciente, a vestir o uniforme de Lubusch sobre o seu.

Era uma ideia imprudente, absurda mesmo, mas não tardou a sair campo fora, de mãos nos bolsos, a assobiar — um senhor do mundo como os outros, que tinha o direito de estar onde lhe apetecesse e de fazer o que muito bem quisesse. O estômago dava-lhe uma volta de cada vez que passava por um guarda, mas começou a perceber que não tinha nada a recear desses encontros: reconhecendo as suas divisas de oficial, os homens punham-se em sentido, batiam os calcanhares, faziam a continência e aguardavam que ele passasse calmamente, com o braço dobrado ao nível do cotovelo.

— *Heil*, Hitler — respondia com ar distraído, embora as palavras lhe deixassem um sabor amargo na boca.

Jurek, o secretário do bloco de admissões, apanhou um valente susto quando Edek lhe entrou pelo barracão dentro.

— Em continência! Olhos direitos! Calcanhares juntos! — bradou Edek no seu melhor alemão.

Levantando-se imediatamente do beliche, onde estava recostado a ler um livro, Jurek tropeçou nas botas e ia caindo de cara diante daquela expressão de autoridade. O secretário do bloco levou mais alguns momentos a perceber que o risonho SS era Edek.

— Edek, és tu? Seu miserável idiota! Por pouco não me fazias mijar as calças! Mas que raio andas tu a fazer, a passear nesses propósitos?

— Ando a treinar — respondeu Edek de forma evasiva.

— Para quê? Para seres executado na *Appellplatz*?

— Não. Para voltar a circular por aí como um homem livre.

Jurek olhou para ele de alto a baixo.

— Oh não! Também tu?

— Também eu. E vais ser tu que me vais ajudar.

Jurek já tinha começado a abanar a cabeça, erguendo os braços no ar.

— Não quero ter nada que ver com isso. Já tenho problemas suficientes com o *Sonderkommando* e aquilo que eles aí deixam por

todo o lado, que eu não sei o que é.

— Não queres? Já viste aquelas valas que o Moll anda a construir atrás dos crematórios? Já viste os SS a recuperarem as duas antigas câmaras de gás? A Casinha Vermelha e a Casinha Branca estão neste preciso momento a ser arrançadas. O que é que achas que eles andam a fazer? — Calou-se uns momentos, fingindo pensar. — Se calhar é uma limpeza de primavera! Devem andar a limpar o pó às antigas câmaras de gás! Ou então, é porque a segunda rampa está pronta e não tardam aí a chegar comboios cheios de judeus húngaros, em tal quantidade que te vão mandar ajuda de outras equipas.

— Não ouvi falar de ajuda nenhuma.

— A ordem ainda não saiu oficialmente. Ainda está na secretaria.

— Diz-me, por favor, que não a viste por teres lá entrado vestido dessa maneira.

— Não. Tenho gente a trabalhar lá dentro. — Não era preciso referir o nome de Mala. Edek aproximou-se mais de Jurek, que, por esta altura, estava com uma expressão profundamente assustada. — Se me ajudares a esconder este uniforme e esta arma, podes usá-los para a tua fuga depois de eu me ter ido embora. Eu mando-tos através de um civil que cá trabalha.

Jurek passou muito tempo a andar dum lado para o outro, avaliando a proposta. Nesse processo, fumou dois cigarros de seguida, enquanto Edek aguardava pacientemente a um canto. Por fim, fez-lhe sinal para ir com ele ao bloco.

— Ali, debaixo do teto do patamar — explicou, apontando para o local a que estava a referir-se. — Há ali uma dupla camada de tábuas, que formam o teto. Mete as tuas coisas no meio. É um sítio onde ninguém se lembrará de procurar.

Capítulo 30

Maio de 1944

De pé na rampa recém-construída, Mala via o comboio aproximar-se com uma expressão carregada de dor. Era o primeiro dos muitos cuja chegada estava marcada para os meses seguintes — tinha sido ela a datilografar e copiar o calendário, que fora depois distribuído pelos dirigentes das SS. A seu lado estava Hössler, o diretor do campo, de mãos atrás das costas, segurando o pingalim, mas o seu rosto não registava o habitual sorriso benévolo. Com um olhar melancólico, Hössler procurou o local de onde Alma Rosé costumava dirigir a orquestra; a violinista fora substituída por um maestro, que aguardava a indicação de começar, e o diretor do campo desviou a cabeça com uma expressão de repulsa.

— Laks é um excelente maestro. — Mala tentou sorrir, mas Hössler limitou-se a lançar-lhe um olhar irritado.

— Mas não é *Frau* Alma.

Tinha passado mais de um mês desde a morte da violinista — de suicídio, na visão de Zippy —, mas ele continuava a sofrer. Em silêncio, talvez recusando-se a admiti-lo, mas continuava a sofrer. Hössler tinha chamado Mala para o seu lado, alegadamente como intérprete, mas ela achava que o SS queria apenas ter alguém junto de si. Alguém que não vestisse o mesmo uniforme. Alguém com quem por vezes partilhava as suas memórias e com quem podia conversar sobre coisas que, na melhor das hipóteses, os colegas não compreendiam, ou acerca das quais, na pior das hipóteses, fariam queixa dele. Alguém que lhe recordasse a sua Alma — a única mulher que ele amara de forma inocente e altruísta, e que tinha perdido no próprio campo que tinha a seu cargo.

Mala tinha pena dele. Detestava-o, como detestava todos os SS, mas

nem por isso deixava de ter pena dele. Não devia ser fácil carregar este fardo: a percepção de que era cúmplice na morte de uma pessoa que tivera tanto significado para ele. Era bem feito, mas, ainda assim...

O comboio parou com um gemido e os *Kapos* avançaram imediatamente para as portas, abriram as pesadas trancas com rapidez e competência, e começaram a orientar a assustada multidão dos passageiros para a plataforma. Tanto os prisioneiros como os SS operavam de maneira muito diferente do habitual: em vez dos cães a puxar a correia e a ladrar que nem loucos aos novos prisioneiros, os oficiais mandavam-nos formar, calmamente, duas colunas. Os habituais insultos e pancadas tinham sido substituídos por solicitações corteses.

Sentindo o coração pesado como uma pedra, Mala observava os SS com um ódio frio nos olhos, pois sabia o que eles tinham preparado para os recém-chegados: o gás e, a seguir, as fornalhas. Com um arrepio de angústia, desviou os olhos, sentindo-se totalmente impotente e odiando os nazis ainda mais por fazerem-na sentir-se assim.

— Por favor, deixem as bagagens aqui na plataforma. Temos um *Kommando* especial que as vai levar para o campo.

Quando um homem tentou protestar, dizendo que a sua bagagem não estava marcada, o guarda das SS deu-se ao trabalho de escrever o nome do cavalheiro a giz. Pacificado, o velhote levantou o chapéu e tomou o seu lugar na coluna dos homens. Mala viu-o lançar um sorriso de encorajamento a uma pessoa que estava na coluna das mulheres — *Não estejas preocupada, estes alemães parecem ser bastante corretos* — e sentiu que o coração se lhe afundava a um nível inimaginável de desespero. Pobre homem. Se ele conhecesse a razão de toda esta «correção»!

Dois dias antes, Hössler tinha reunido os seus subordinados na parada, diante da secretaria do campo, para lhes dar instruções: «Os húngaros nunca viveram em guetos. Não conhecem a violência. É da maior importância comunicar-lhes paz e garantir-lhes que nada têm a recear. Nos próximos meses, teremos transportes diários, o que

significa que teremos de passar diariamente milhares e milhares de pessoas pelas seis câmaras de gás, incluindo a Casinha Vermelha e a Casinha Branca. Para que esta operação decorra sem problemas, temos de fazer o possível para convencer os recém-chegados de que estão completamente seguros nas nossas mãos. Não quero ouvir um insulto, um grito, e não haverá qualquer tipo de ação física contra os húngaros. Se eles pedirem água, respondam-lhes que lhes daremos água a seguir ao duche. Se eles quiserem beber da mangueira, deixem-nos beber da mangueira. Se eles quiserem sentar-se na relva diante do crematório enquanto nós estamos a gasear a primeira leva, deixem-nos. O importante é que se convençam de que vão tomar um simples e inocente banho. Parece-me que não tenho de explicar a nenhum dos idiotas aqui presentes o que acontecerá se algum de vocês se puser com as gracinhas de que tanto gostam, dizendo-lhes que vão direitinhos para a câmara de gás. Se esta multidão de vários milhares de pessoas se revolta, ficamos com um sério problema entre mãos. Por isso, é do vosso interesse serem tão delicados quanto possível. Digam piadas aos homens. Reconfortem as mulheres. Brinquem com as crianças, como faziam no campo das famílias. Façam o possível por lhes fazer as vontades...»

Mala ainda tinha as palavras de Hössler a ressoar-lhe aos ouvidos quando viu uma mulher fazer-lhe sinal para se aproximar. Atrás dela, estavam duas meninas de cerca de 12 anos, com vestidos de veludo e sapatos muito bem engraxados a condizer. Mala nunca deixava de se espantar com a quantidade de famílias que se apresentavam vestidas de cerimónia. Nem lhe passava pela cabeça a quantidade de mentiras que os chefes locais lhes teriam dito a respeito do seu destino.

— Aquele senhor que está ali no pódio é médico? — perguntou a mulher.

Mala seguiu a direção do olhar da sua interlocutora, que visava a pequena plataforma onde se encontrava o Dr. Mengele — imaculadamente vestido, como sempre —, uma perfeição de homem. Mengele mostrava-se tranquilizador para com os recém-chegados, com o seu belo rosto, as suas maneiras afáveis, o sorriso acolhedor e as insígnias de médico aos ombros. Ninguém conseguia detetar por trás

da enganadora fachada de *Herr Doktor* a natureza do predador; nem reconhecer o brilho maníaco do cientista louco nos seus impenetráveis olhos pretos; nem ficar perturbado com o seu interesse por tudo o que fossem gémeos idênticos, mulheres grávidas e pessoas deformadas. Para ele, estas pessoas não eram seres humanos, eram objetos, passíveis de ser testados, picados, medidos, alvos de experiências e, em última análise, abertos ao meio para ver que resultados tinham as ditas experiências. Dolorosamente conhecedora da natureza dessas experiências — uma vez que era ela que enviava os órgãos preservados e os olhos a boiar em diferentes tipos de soluções para Berlim, ao cargo dos superiores do Dr. Mengele —, Mala sentia-se gelar quando alguém referia o nome dele, e pior ainda quando *Herr Doktor* se apresentava na secretaria do campo. Era do interesse maléfico deste homem que Stasia, a médica amiga de Mala, salvasse muitas grávidas, realizando-lhes abortos, porque a alternativa, nas mãos do Dr. Mengele, era tão arrepiante quanto letal.

— Porquê? — perguntou Mala à mulher. Ela sabia que tinha ordens para acenar a cabeça, sorrir e, de uma maneira geral, embalar os recém-chegados numa paz temporária, mas, por muito boa-vontade que tivesse, sentia-se incapaz de semelhante coisa.

— Ele estava a dizer qualquer coisa sobre gémeos. As minhas filhas são gémeas. Acha que isso é bom?

Mala pensou no barracão de Mengele, que estava cheio de gémeos, nos quais ele fazia experiências como se fossem cobaias, injetando-lhes soros mortais e vírus de diversas qualidades, abrindo-os depois ao meio para comparar as reações do gémeo infetado com o gémeo saudável. Por isso, aproximou-se mais da mulher.

— Dispa o casaco e vista-o a uma das suas filhas — sussurrou-lhe ao ouvido. — Separe-as e ponha-as em zonas diferentes da coluna. Diga a uma delas que desfaça a trança. Quando as suas filhas se aproximarem dele, e em caso algum podem ir juntas, que respondam «15 anos» quando lhes perguntar a idade.

Afastando-se da mulher, Mala viu que ela tinha empalidecido. A recém-chegada levou uns momentos a recompor-se, durante os quais Mala recebeu que desatasse a gritar, acusando-a de ser uma criminosa e

de espalhar boatos infundados; mas a mulher caiu em si e começou a despir o casaco com as mãos a tremer.

— Toma, veste isto — sussurrou a uma das filhas.

Mala foi-se embora, dando um suspiro de alívio.

Ao longo dos dias seguintes, continuou a fazer a mesma coisa. Fazendo uso da sua posição de intérprete, aproximava-se das pessoas e ia-lhes sussurrando a ouvido: «Se lhe perguntarem a idade, diga que tem 45»; «Diga-lhes que o seu filho tem 16 anos»; «Larga essa caixa e não lhes digas que és flautista, diz que és carpinteiro.»

Era um empreendimento altamente arriscado, mas, até agora, tinha sido bem-sucedida: quase todas as pessoas que ela tinha conseguido avisar haviam sido desviadas por Mengele da coluna destinada à câmara de gás para a coluna destinada à sauna, ou seja, salvas de morte iminente. Dos restantes elementos daquela fila interminável de seres humanos, uns eram acompanhados *com enorme correção* pelos SS rampa fora, em direção à zona arborizada onde se encontravam as outras duas «saunas», cujas chaminés cuspiam nuvens de um fedor doentamente adocicado e nauseabundo; os outros eram conduzidos pela Lagerstrasse, em direção aos aprazíveis bosques de Birkenau, nos quais se ocultavam mais duas «saunas», diante das quais o *Sonderkommando* tinha até plantado, por ordem de Hössler e segundo o mais recente relatório de Kostek, diversos canteiros de flores.

— Os pobres diabos não fazem ideia nenhuma do destino que os espera — dizia este último, abanando a cabeça com repugnância, enquanto Mala transferia uns quantos canivetes fechados do seu bolso para o dele. Era outro dos empreendimentos perigosos a que ela se dedicava: mexer nas bagagens que ficavam na rampa enquanto os SS estavam distraídos com os recém-chegados; mas Mala decidira correr esse risco. — Olha para eles, deitados na relva, com os jornais a tapar-lhes a cara, completamente despreocupados. É uma verdadeira praia. — Calou-se e cuspiu no chão.

A acumulação de pessoas era tanta que havia uma multidão de recém-chegados à espera de vez no exterior dos crematórios. Ignorando alegremente o destino que os esperava dentro dos muros

destas construções, tomavam vez diante das portas, sobre a relva orvalhada, aguardando com ar descontraído a água que os SS lhes tinham prometido. Os familiares mais velhos abrigavam-se à sombra dos carrinhos de bebê, e as crianças corriam em volta deles, soltando gargalhadas inocentes que arrepiavam os membros do *Sonderkommando* acabados de sair do inferno que se vivia por trás das barreiras de proteção, a pouco mais de 20 metros das traseiras dos crematórios. Com o suor a correr-lhes pela cara, os homens observavam as crianças com expressões trágicas, perfeitamente cientes de que, na hora seguinte, estariam a lançar os corpos destas mesmas crianças para as infernais valas de Moll.

— O Hössler prometeu-lhes chá gelado e café a seguir ao chuveiro — respondeu Mala num tom desprovido de expressão.

Era inútil avisar qualquer membro deste grupo, cujo destino já tinha sido traçado: daqui, não havia sítio para onde fugir. Os crematórios tinham sido rodeados por um cordão de arame farpado eletrificado, com torres de guarda. A única razão que a levava a deslocar-se a este local era passar os objetos contrabandeados o mais depressa possível para o outro lado, antes de o *Kommando Kanada* se apropriar deles. Havia membros da Resistência a trabalhar na zona de seleção dos conteúdos das bagagens, mas nem sempre conseguiam retirar as possíveis armas ocultas entre as posses dos recém-chegados antes dum bandido qualquer, que depois as vendia aos SS ou aos civis que trabalhavam no campo, a troco de uma garrafa de álcool ou de um chouriço.

— *Moshe* Mentiroso. — Kostek abanou a cabeça.

Mala não respondeu. Não havia dúvida nenhuma de que Hössler era isso mesmo.

— Chegámos ao ponto de lhes dar toalhas de algodão e nacos individuais de sabão — prosseguiu Kostek.

— E ninguém desconfia? — Mala olhava com ar duvidoso para a chaminé fumegante, cujo infernal brilho alaranjado obscurecia o próprio céu, dando-lhe um tom cinzento. À volta deles, os medonhos flocos de neve de meados de junho desciam suavemente até ao chão; flocos de neve que não se derretiam quando tocavam na pele, mas se

desfaziam, deixando atrás de si uma camada oleosa de terror e morte, que era impossível limpar.

— Muito poucos. A esses, os SS levam-nos discretamente para o exterior e matam-nos com um tiro das pistolas de ar comprimido, que não se ouvem. Depois, largam o corpo atrás do crematório. Temos um grupo mais pequeno a trabalhar nessa zona, uma vez que os nossos fornos não conseguem dar vazão a tudo. O Moll estabeleceu uma bela linha de produção atrás do Crematório V: 20 valas comuns, de 40 ou 50 metros de comprimento, 2 metros de profundidade e cerca de 8 metros de largura cada uma, onde ele queima os corpos que não cabem nos 4 crematórios.

Ainda ele estava a falar e Mala já tinha começado a fazer contas aos números. *Os Crematórios II e III tinham 5 fornos cada um, cada forno com 3 câmaras. São 10 fornos e 30 câmaras. Em cada maca, cabem 4 corpos de cada vez. Os Crematórios IV e V tinham 2 fornos cada, com 4 câmaras de incineração em cada um. 20 valas, com 2 metros de profundidade e 50 metros de comprimento...* Mala começou a sentir-se tonta.

— Quantos... — Calou-se um momento, engolindo em seco. — Quantos é que já cremaram?

Kostek esfregou a testa, fazendo contas de cabeça.

— Cerca de 200 mil — anunciou, no tom de um banqueiro que comunica os resultados do mais recente relatório de vendas. — Ao que parece, em junho chegam mais uns 300 mil.

— É meio milhão de pessoas — sussurrou Mala, passando a palma da mão pela testa, onde se lhe tinha formado uma camada de suor. — Meio milhão de pessoas em dois meses.

— Isto é Auschwitz — comentou Kostek, abrindo os braços num gesto assustadoramente macabro.

Mala olhou-os nos olhos e viu que ele os tinha completamente mortos. Ninguém recupera de uma coisa daquelas. E ele também parecia ter consciência disso.

Capítulo 31

Junho de 1944

Os SS «celebraram» o Dia D mandando os três carregamentos seguintes diretamente para as câmaras de gás, sem procederem a qualquer seleção. Desta vez, estavam raivosos, e castigaram os judeus pelo desembarque dos Aliados na Normandia e pela guerra estar perdida, espancando as pessoas na rampa e esmagando os crânios das crianças contra as carruagens de gado, embriagados de álcool e de ódio. Não havia *Kapos* que chegassem para manter a ordem, e o *Kommando* de manutenção ao qual Edek pertencia fora transferido do trabalho de construção da estrada do campo feminino para a rampa, como agentes temporários de disciplina.

O sol de junho, de um calor branco, também ele impiedoso, atravessava os uniformes dos veteranos do campo e queimava as cabeças acabadas de rapar dos recém-chegados, onde se formavam dolorosas bolhas. Do outro lado das trémulas ondas de calor sempre crescente, os contornos imprecisos dos judeus húngaros que desembarcavam dos comboios tinham uma aparência espectral, desaparecendo no ar escaldante antes de ser possível recordar qualquer nome, já dissolvidos em cinzas quando o novo transporte entrava na rampa — que, nestes dias, nunca chegava a esvaziar-se —, cuspiendo mais um carregamento de humanidade, que seria, também ela, massacrada pelos subordinados de Moll.

Edek tentava manter-se perto de Mala o mais que podia, e só brandia o bastão aos infelizes que passavam junto dele quando algum SS estava a observá-lo. Nessas alturas, largava insultos sonoros e agitava o taco com grande ferocidade, mas nunca acertou em ninguém.

— Está quase — dizia a Mala sempre que os olhos dos dois se

cruzavam, comunicando apenas por meio dos lábios, sem ruído de palavras.

— Está quase — respondia ela invariavelmente da mesma maneira.

Já tinham chegado a acordo sobre o dia — seria dentro de um par de semanas — e passavam inúmeros encontros clandestinos a discutir os pormenores. O melhor sítio para esconder o uniforme das SS de maneira que Edek pudesse vesti-lo sem ninguém ver: o armazém das batatas, um edifício solitário de Auschwitz que não era guardado. O melhor sítio para esconder o disfarce de Mala, o macacão que era a farda da equipa de manutenção: o quarto de banho da casa da guarda, que era também um ótimo local para guardar o lavatório que ela levaria na cabeça, a ocultar a cara. Os cúmplices que os ajudariam: Jerzy, que acompanharia Mala até junto de Edek, e Jurek, que ajudaria Edek a vestir o uniforme.

Mas tudo isso seria mais tarde. Por agora, Mala solicitava discretamente aos recém-chegados que lhe dessem os seus documentos e metia-os debaixo da roupa, decorando-lhes os nomes. Estes papéis tinham-se tornado inúteis e seriam queimados na *Kanada*; mas, se ela conseguisse levá-los consigo para fora do campo, eram uma prova do destino que haviam tido os respetivos donos. Era tarde para salvar a vida dos húngaros, mas pelo menos podiam dizer ao resto do mundo o que estava a acontecer à frente do seu nariz, o que talvez permitisse ainda salvar algumas vidas.

Sempre que Mala era enviada à horrenda zona controlada por Moll, Edek inventava uma desculpa para ir com ela, como se receasse afastá-la da sua vista um segundo que fosse no meio daquela orgia de morte.

Por trás das barreiras de proteção, que ocultavam aquela visão de pesadelo aos olhos dos húngaros, encontrava-se o nono círculo do inferno, que era presidido por Moll. Centenas e centenas de corpos ardiam em simultâneo em 20 valas profundas, com a carne a chiar e a estalar, enquanto os membros do *Sonderkommando* os picavam com umas varas compridas de ferro, com expressões carregadas nas faces cobertas de suor — ou de lágrimas, talvez: Mala não conseguia ter a certeza, porque as ondas de calor cada vez mais intenso distorciam-lhes as feições.

Envergando o uniforme branco de verão, com uma cruz de ferro a brilhar-lhe ao peito — a sua mais recente condecoração por «excelentes serviços», atribuída pelo demente *Führer* —, Moll explicava a sua invenção a uma pequena delegação de oficiais que Mala nunca tinha visto.

— Para conseguirmos incinerar o maior número possível de corpos duma vez, inventámos um sistema especial, que usa a gordura humana como combustível — dizia num tom de conferencista, apontando o pingalim para a vala mais próxima. — Lá dentro, ao centro, há uma faixa larga, que vai de uma extremidade até à outra. Seguindo as instruções precisas que eu lhes dei, os elementos do *Sonderkommando* escavaram uma via de escoamento de cada lado desta faixa, para onde corre a gordura que os corpos produzem ao arder, que é depois recolhida nos dois reservatórios que eu lhes ordenei que colocassem em cada uma das extremidades do canal. Deste modo, consegue-se queimar um número praticamente interminável de corpos sem recurso a qualquer fonte externa de combustível. — O orgulho que sentia por invenção tão diabólica era visível na sua face sardenta, onde apenas o olho de vidro permanecia morto, tão desalmado como o homem a quem pertencia.

Os oficiais convidados acenavam a cabeça com ar impressionado.

— Podíamos organizar uma operação semelhante no nosso campo.

— Mas com certeza! Eu dou-lhes instruções precisas mais daqui a bocado.

Nessa altura, Moll apercebeu-se da presença de Mala, imóvel no meio daquela onda de calor infernal, as mãos ferozmente cerradas, pálida e a tremer de um ódio inumano por todos eles.

— Ah, Mally, minha velhota. Ainda estás viva? Não te preocupes; eu guardo-te um sítio quentinho depois de termos dado cabo destes merdas húngaros. — E apontou com a cabeça para a vala seguinte com um sorriso cruel a marcar-lhe a face. — E, se pedires com muito jeitinho, até pode ser que te dê um tiro antes de te atirar lá para dentro.

Ao ouvir isto, Mala percebeu que Moll também não se tinha esquecido da cena com Hössler, nem da sua transferência, mas a sua

expressão nada revelou.

— O *Obersturmführer* Hössler está a aguentar o novo carregamento na rampa. Os crematórios já estão completamente cheios e ele manda perguntar se pode receber mais mil pessoas, isto é, se ele pode começar a processá-las — disse ela, evitando dar qualquer entoação à sua voz.

— Claro que posso. Quantos mais, melhor, não achas? — E soltou uma gargalhada, que fez com que Mala e Edek tivessem um arrepio de terror. — Diz ao Hössler que ele nem precisa de os gasear primeiro; metemo-los diretamente aqui dentro. — Nessa altura, o seu único olho deteve-se em Edek. — E o que é que tu queres, porco bolchevique?

— Eu sou polaco.

— A merda é a mesma. Também foi o Hössler que te mandou cá?

— Não. Hans, o *Kapo* da *Kanada*, quer saber se deve mandar mais dentistas tirarem as coroas de ouro, ou se tem que chegue.

— Temos que chegue. Diz-lhe que lhe mandamos as coroas de ouro mais logo, juntamente com as cinzas de ouro.

— As cinzas de ouro? — Edek franziu o sobrolho, sem compreender.

— Depois de pulverizarmos estes cadáveres secos, escolhemos as cinzas, para ver se os macacos manhosos tinham escondido alguma coisa no ânus. Não imaginas a quantidade de material que encontramos ao final do dia.

Aproximavam-se dois prisioneiros do *Sonderkommando* vindos da direção do crematório, empurrando uma carreta cheia de cadáveres recém-gaseados.

— Despachem-se com isso, seus porcos nojentos! — berrou Moll. — Isto não é um passeiozinho no jardim! Querem que vos ajude a fazer andar essas pernas?

Incapaz de permanecer mais tempo no meio daquele inferno em chamas, Edek agarrou em Mala por um braço e levou-a dali — para longe do fogo que consumia a carne humana com uma rapidez verdadeiramente obscena, para longe do SS que observava o espetáculo com orgulho, para longe do destino que seria indubitavelmente o deles se não levassem o seu plano avante. Só nessa altura se apercebeu do que estava realmente em jogo.

— Recuso-me a morrer numa daquelas valas — declarou Mala numa voz carregada de cinzas, mas com peculiar determinação.

— E não vais morrer — concordou Edek, estreitando os olhos na direção do horizonte. — Nenhum de nós vai morrer numa daquelas valas. Eu não vou deixar que isso aconteça. Juro-te.

Mais tarde, já no quarto de Mala, Edek entregou a arma de Lubusch a Kostek. Os olhos sem vida dos mortos observavam-nos atentamente das sombras, reclamando vingança em silêncio naquela quietude ensurdecadora. Depois do que tinham visto naquele dia, depois daquilo em que haviam tido de colaborar — involuntariamente, mas ainda assim —, não havia regresso possível, nem negociação com o inimigo, nem esperança de que àquelas bestas das SS restasse um vestígio de humanidade. A única alternativa era lutar; até ao último suspiro, até à última gota de sangue, até ao derradeiro traço de coragem.

— Não a levas contigo? — perguntou Kostek, olhando com uma expressão incrédula para a arma que tinha na mão.

— Ninguém vai conferir o coldre de um *Unterscharführer*, a ver se tem lá a arma. — Edek encolheu os ombros com uma expressão ausente. — Vocês vão precisar mais dela do que eu.

Após estas palavras, caiu sobre o quarto um silêncio ominoso e sombrio. Os habitantes do campo das famílias tinham sido os primeiros a morrer; agora, fora a vez dos húngaros. E ninguém tinha ilusões acerca de quem se seguiria: os membros do *Sonderkommando*, para evitar que revelassem os seus segredos ao exército soviético, que estava a aproximar-se.

Kostek enfiou a arma no cinto das calças, ocultando-a com a camisa e apertando firmemente a mão de Edek.

— Leva contigo pelo menos alguns daqueles porcos das SS — pediu Edek, numa voz carregada de emoção.

Kostek acenou a cabeça e jurou que assim o faria.

No interior dos crematórios, os membros do *Sonderkommando* que pertenciam ao turno da noite ainda estavam a queimar os corpos que

restavam. No armazém do material, o *Kommando* de manutenção estava a comemorar uma data fúnebre: fazia exatamente quatro anos que haviam sido descarregados na infame rampa de Auschwitz. Se as circunstâncias fossem outras, não lhes passaria pela cabeça celebrar fosse o que fosse no meio daquele inferno dantesco: ali ao lado, as chaminés cuspiam o seu fumo malcheiroso. Mas eles decidiram pôr toalhas nas mesas e fazer várias rodadas gerais, para celebrar.

Quatro anos. Quatro anos intoleravelmente longos em que os nazis tinham tentado matá-los de várias maneiras — de fome, à pancada, com violência, expondo-os a condições extremas de frio e calor, recusando-se a tratá-los, mantendo-os em condições sanitárias inumanas —, mas eles aqui estavam, bem vivos e cheios de força, e este ato de radical rebelião era digno de ser celebrado.

Jerzy, o gigante cortês que tinha jurado a Edek que faria tudo o que pudesse para os ajudar a fugir, levantou-se a cambalear. Era o primeiro brinde da noite, mas ele vacilou ao de leve com a emoção, como se já estivesse embriagado.

— Se me dão licença... — Calou-se um momento, fazendo um esforço para se concentrar. Ergueu uma caneca de alumínio cheia de vodka, que, na sua mão enorme, mais parecia um dedal. — Peço a todos um minuto de atenção.

Os presentes fizeram silêncio e ele passou a língua pelos lábios.

— Sei qual é o motivo da celebração de hoje, mas parece-me adequado erguer o primeiro copo...

— Caneca! — interrompeu alguém, ouvindo-se gargalhadas de todos os lados.

— Pronto, caneca... — Jerzy fez um pequeno sorriso — aos nossos camaradas que já não estão entre nós. Éramos 728 naquele comboio. E quantos restam hoje? — Percorreu a sala com os olhos rasos de lágrimas — 30? 35? Quantas vidas...

— Para com isso, Jerzy! — berrou um dos polacos da manutenção.

Mas Jerzy continuou a olhar em frente, pálido e a tremer, como se não tivesse ouvido o companheiro.

— O Djunio. O Romek. O Tadek...

— Acaba lá com essa chamada! — Desta vez, foi Edek que o

interrompeu, visivelmente enervado. — Se vais começar a dizer o nome de todos os camaradas que perdemos, vamos ficar dois dias aqui sentados. Teremos tempo para pensar neles. Não é agora. Já estamos todos com as entranhas a arder por causa daqueles pobres diabos húngaros, não vale a pena entrarmos nisso. Façamos uns momentos de silêncio — sugeriu, levantando-se, erguendo a caneca no ar e convidando toda a gente a fazer o mesmo. Durante um minuto, não se ouviu absolutamente nada. — Obrigado. Aos nossos camaradas que caíram antes de nós. Que repousem em paz. Quanto a nós, vinguemollos assim que tivermos oportunidade.

Kolya, o ajudante do Professor, que tinha conseguido ser transferido para o *Kommando* da cozinha, geralmente reservado aos triângulos verdes alemães, entrou com o seu passo largo, erguendo dois baldes.

— Alguém encomendou sopa e batatas?

— Kolya, seu bolchevique abusador! Como conseguiste isso tudo? — Os prisioneiros olhavam espantados para os baldes.

— Vejam lá se adivinham. — E Kolya soltou uma potente gargalhada, pousando os dois baldes, cheios até à borda, ao pé das mesas. O delicioso cheiro a carne fresca e a batatas encheu imediatamente o compartimento, subindo à cabeça de todos os presentes e quase os embriagando. Com os olhos cheios de admiração e de uma gratidão infinita, os homens ficaram a ver o russo distribuir a comida pelos pratos com mão generosa e um grande sorriso na cara. — Os SS vão ter de fazer dieta nos próximos dois dias, mas hoje vamos todos encher o papo.

— Em breve, comeremos tudo o que quisermos — proclamou Edek, afundando novamente a caneca num balde de vodca.

Vários homens trocaram olhares conhecedores.

— Quer dizer que também estás na calha? — perguntou o Professor, cujos óculos brilharam à luz fraca com inesperada alegria conspirativa. — Quando?

— Dentro de umas semanas — replicou Edek, com os olhos a cintilar por cima da borda da caneca.

— Nós também.

— Ei, não pode ir toda a gente ao mesmo tempo, camaradas! —

Kolya ergueu a mão num protesto fingido. — Nós também nos vamos pôr a andar, por isso temos de fazer aqui um calendário.

— E vamos marcar um lugar de encontro quando sairmos daqui — propôs Wiesław com um grande sorriso a rasgar-lhe o rosto.

— Eu exijo ser o chefe da brigada! — O entusiasmo de Edek não tinha limites.

— O Kolya fica encarregado da cozinha — sugeriu alguém.

Lá fora, as chaminés continuavam a cuspir fumo sem parar. Dentro do armazém do material, uma ilha de vida no meio daquele oceano de morte brindava à sua quase-liberdade.

— Escondi o teu uniforme das SS e o coldre no armazém das batatas de Auschwitz — informou Jurek baixinho alguns dias mais tarde.

O secretário do bloco de admissões parecia mais inquieto do que o habitual, os olhinhos escuros agitando-se nervosamente atrás dos óculos. O *Sonderkommando*, com Kostek à cabeça, acabava de levar mais uma série de produtos de contrabando para o seu barracão normalmente deserto, o que obrigara Jurek a uma procura frenética de mais esconderijos por baixo do telhado de colmo e das tábuas do chão. *Ele já arriscava a vida pela causa da Resistência, e agora Edek e o seu plano de fuga obrigavam-no a correr pelo campo fora com um uniforme das SS oculto por baixo da roupa*, parecia dizer a sua expressão dorida. A verdade, porém, é que a promessa de liberdade levava os cobardes a cometer atos heroicos — e Jurek não era cobarde nenhum. Era um aproveitador, que sabia de onde lhe vinha a manteiga para o pão, mas era também, lá no fundo, um homem de bom coração, pelo menos no parecer de Edek.

— E venho buscar-te a farda da manutenção assim que mudares de roupa e te fores embora — prometeu-lhe.

O bloco de processamento estava novamente em silêncio. Viam-se apenas uns papéis espalhados pelo chão com as marcas dos sapatos dos membros do *Kommando Kanada*, testemunhas das muitas pessoas que tinham atravessado aquela porta poucas horas antes.

— Obrigado. — Edek agarrou-lhe na mão e apertou-lha com gratidão.

— Tens alguém que vá buscar a roupa da tua amiga depois de ela ter vestido a farda da manutenção?

— Tenho. O Jerzy trata disso. Vai ser ele a acompanhá-la.

— Eu conheço o Jerzy?

— É um sujeito do meu *Kommando*, também é da manutenção. Polaco, político, careca, com mais de dois metros de altura, parece um urso pardo, capaz de vergar um pé-de-cabra — concluiu, meio a brincar.

— Ah! — Jurek fez logo uma expressão de reconhecimento. — Aquele a quem até o *Kapo Jupp* tem respeito.

— Esse mesmo — confirmou Edek com uma nota de orgulho na voz; o orgulho de poder afirmar que era amigo deste homem. A única coisa de que ele tinha pena era de não se ter aproximado dele mais cedo. Mas quem iria imaginar que as aparências enganavam tanto e que um aspeto tão ameaçador podia esconder uma alma tão meiga e altruísta?

— Ele não fala muito, pois não? — perguntou Jurek.

— Não. Mas faz bastante. Pela causa.

— Naturalmente, pela causa. — Jurek soltou um suspiro, dando voltas entre os dedos a uma bolinha de ouro que Edek lhe tinha dado para lhe pagar o arrendamento do espaço. Após uns momentos de hesitação, devolveu-lha. E vendo que Edek o olhava numa interrogação, encolheu os ombros, parecendo ligeiramente envergonhado. — Pela causa. Lá fora, vais precisar disso.

— E tu? — perguntou Edek baixinho, olhando para a bolinha de ouro com ar incrédulo.

— Não te preocupes comigo — replicou Jurek, descansando-o com um gesto de mão. — Os sujeitos do *Sonderkommando* pagam-me bem os favores que eu lhes faço.

Edek voltou a agradecer-lhe, mas desta vez apertou-lhe a mão com emoção genuína, que lhe inchou o peito e lhe encheu os olhos de lágrimas. Limpando-as discretamente com as costas da mão, inspirou fundo, recompôs-se e mudou de conversa, que estava a tornar-se demasiado emocional para o gosto de ambos.

— Como combinámos, quando a Mala, o Wiesław e eu chegarmos a casa do Szymlak, o ladrilhador civil que trabalha no campo, deixamos

lá o uniforme e o passe. No dia seguinte, quando vier trabalhar, ele traz-tos, e o Jerzy pode fazer-te sair do campo como eu vou fazer sair a Mala e o Wiesław. Com este disfarce, os SS nem chegam a perceber como foi que nós fugimos. Vão pensar que fizemos o mesmo do que os russos, por isso tu podes repetir a façanha sem problemas.

Jurek acenou a cabeça, com os olhos a brilhar de excitação. O plano era excelente, quase à prova de bala; até um veterano como ele percebia.

— Talvez um dia nos encontremos lá fora — comentou Jurek, acompanhando Edek à porta.

— Seria um prazer — replicou Edek com um sorriso caloroso, apertando a mão do secretário do bloco de admissões pela última vez.

Nesse dia, Edek estava muito bem disposto. Tinha conseguido colocar-se nas boas graças do *Kapo* Jupp, dado que o tinha subornado com álcool todos os dias ao longo das últimas duas semanas. Em consequência, Jupp autorizara Wiesław a passar para o *Kommando* temporário de construção da rampa, o que significava que voltaria a trabalhar com os prisioneiros normais.

Porém, quando Edek foi ter com o amigo e lhe contou a novidade com grande excitação, Wiesław reagiu sentando-se num silêncio pesaroso e passando os dedos pelo comprido cabelo com gestos nervosos.

— Não estás satisfeito? — Edek olhava para ele espantado, e até um pouco magoado. — Está tudo combinado com o Jupp. Amanhã, o Jurek, do bloco de admissões, arranja-te um uniforme de prisioneiro normal. No dia marcado, vais ter ao armazém das batatas, onde eu estarei à tua espera, vestido de SS, para te acompanhar. Assim que o Jerzy nos trouxer a Mala, vamo-nos embora daqui para sempre. Não consigo perceber por que razão não me cobres a cara de beijos...

Wiesław fez um esforço para se rir, mas o máximo que conseguiu foi olhar para Edek com uma expressão melancólica.

— Edek, obrigado por tudo, a sério... — Outro suspiro tremendo, cheio de coisas por dizer. — Mas é que... eu não sou capaz... Não vou contigo.

— Perdeste a cabeça? — perguntou Edek baixinho, num tom severo. — É a nossa possibilidade de nos pormos a andar daqui, duma vez por todas.

— Eu sei. Só que... — Nas feições de Wiesław nasceu um sorriso meigo. — Escuta, vai ser muito mais difícil sair com dois prisioneiros. O plano resultava com um: um prisioneiro escoltado por um membro das SS.

— Não estou disposto a ouvir estes disparates — interrompeu Edek com um categórico aceno de cabeça. — Vamos conseguir, saímos os três daqui e não se fala mais nisso.

— E quando chegarmos lá fora? Duas pessoas conseguem esconder-se. Três já são uma multidão. Não vamos conseguir passar despercebidos. Além disso, um casal, um homem e uma mulher, ou a namorada, a viajarem sozinhos, levantam muito menos suspeitas do que dois homens e uma mulher. Se eu fosse um militar alemão, pensava imediatamente que eram *partisans*.

— O Szymlak ficou de nos arranjar roupas de civis — insistiu Edek, recusando-se a aceitar aqueles argumentos. — Podemos pedir-lhe que nos arranje também umas alfaias agrícolas e pagamos-lhe com ouro. Assim, conseguimos facilmente passar por agricultores polacos. Vendo bem, somos os três polacos; falamos perfeitamente a língua e conhecemos o país. Os militares alemães nem sequer terão razões para nos deter e nos pedir os documentos.

— Não terão razões para deter *um casal* e pedir-lhe os documentos — interrompeu Wiesław. — Um camponês e a mulher são uma combinação natural. Mas dois camponeses e uma miúda são o mais parecido que há com o típico grupo de *partisans* antinazis.

— Que estupidez — resmungou Edek teimosamente, preparando-se para continuar a argumentar, quando lhe ocorreu que os argumentos de Wiesław eram válidos e não tinha maneira de contrariar. A percepção atingiu-o como um murro no estômago, deixando-o dorido e ofegante com a possibilidade de deixar o seu melhor amigo no campo. Edek abanou a cabeça, indignado consigo próprio por ter, sequer, considerado essa possibilidade. — Nesse caso, também não vou.

— Agora, és tu que estás a dizer disparates — fez-lhe ver Wiesław

com um sorriso triste. — E a Mala? Vais obrigá-la a continuar a sofrer neste matadouro por causa desses belos sentimentos fraternos?

Com um gemido angustiado perante aquela alternativa intolerável, Edek baixou a cabeça sobre os braços, que tinha cruzado em cima da mesa. Como é que ele podia decidir qual dos dois era mais importante: a mulher que amava mais do que a vida, ou o amigo que lhe tinha salvado a mesma vida em várias ocasiões?

Felizmente para ele, e para a sua consciência infinitamente culposa, Wiesław tomou essa decisão.

— Tu vais-te embora com a Mala, e eu vou a seguir, uns dias mais tarde, com o Jerzy ou o Jurek. — Edek ia-se engasgando ao sentir o calor da mão do camarada no ombro. — E havemos de nos encontrar na floresta, e de lutar lado a lado, como tínhamos combinado. É a alternativa mais sensata. Podes continuar a argumentar até perder a voz, mas sabes perfeitamente que tenho razão.

Edek ergueu a cabeça, e olhou para Wiesław com um sorriso pesaroso e só de meia face.

— Fico furioso quando o que tu dizes tem lógica.

Wiesław suspirou.

— Eu sei. Ainda assim, estou disposto a ajudar-te, a ti e à Mala, no que for preciso. Nisso, não volto atrás.

— Obrigado. Nunca pensei que voltasses. — Edek fitou longamente o amigo com uma expressão intensa, como se estivesse a memorizar as feições de Wiesław para conseguir recordá-las nos dias, ou nos anos, que se seguiriam. — Mas tens de me prometer uma coisa.

— Tudo o que quiseres. — Num ímpeto emocional, Wiesław apertou a mão do amigo.

— Lembras-te de termos falado de escreveres um livro sobre as tuas experiências aqui no campo?

— Lembro-me.

— Se fores tu a sobreviver, escreve-o pelos dois.

Wiesław ficou muito tempo a olhar para o amigo antes de lhe fazer este juramento solene, não porque hesitasse em fazê-lo, mas porque teve subitamente a premonição de que, dos dois, seria o único a sobreviver para contar o que acontecera.

O sol queimava a terra e Edek estava a tentar abrir a fechadura do quarto de banho da casa do guarda. As pranchas de madeira irradiavam calor e o metal da fechadura queimava, literalmente, ao toque. Com fios de suor a correr-lhe pela cara e pelas costas, Edek amaldiçoou aquela porcaria pela milésima vez. Estava há 20 minutos a picá-la e o objeto não se movia.

Exasperado, olhou de relance para trás. Wiesław, que estava de vigia, fez-lhe sinal para continuar: a costa estava livre. O campo estava deserto naquela tarde de calor sufocante. Os grupos do exterior e os *Kapos* que os guardavam estavam todos da parte de fora do perímetro, e os SS — incluindo os que faziam o seu turno nas torres de vigia — dormiam a sesta depois de terem consumido a sua ração de cerveja fria e outras bebidas do género, que tinha duplicado recentemente. Pressentindo que a atitude dos teutónicos guerreiros das SS estava a mudar com as notícias de vitórias aliadas, os comandantes pacificavam-nos com quantidades quase ilimitadas de álcool, mais ou menos como acontecia às tropas da linha da frente, para os reduzirem a um estado de submissão total.

Para um soldado de infantaria embriagado, um comissário soviético ululante com uma granada de mão é uma visão aterradora. Para um SS embriagado, dezenas de milhares de húngaros transformam-se numa massa desprovida de feições, o que facilita muito a matança. Diziam os boatos que, depois de eliminados os húngaros, os restantes prisioneiros de Auschwitz, veteranos ou não, teriam o mesmo destino. O tempo estava a passar, ameaçador e implacável, medindo ao segundo o que restava das suas míseras vidas.

Edek atirou-se ao trabalho com energia renovada. Tinha de estragar a fechadura, para Jerzy ter uma razão válida para ali estar no dia seguinte. Edek já tinha escondido o macacão azul no interior, por trás do tanque do autoclismo de uma das sanitas — um local perfeitamente seguro, dado que nenhum SS se rebaixaria a espreitar por trás de objetos tão pouco higiénicos. No dia seguinte, Mala envergaria o uniforme da equipa de manutenção e sairia dali pelo seu pé, acompanhada por Jerzy, com uma pia de porcelana enfiada na cabeça. Já tinha tratado do cabelo na véspera, cortando-o curto diante dos

espantados olhos de Edek; e nem sequer pestanejara ao ver os seus longos caracóis louros caírem à sua volta no chão de cimento.

— Ele volta a crescer — argumentara com um encolher de ombros, sorrindo imperturbável perante a expressão dorida de Edek. — Isto já aconteceu.

Finalmente, a fechadura cedeu. Contendo-se com dificuldade para não soltar uma exclamação de triunfo, Edek meteu o uniforme lá dentro, pegou na caixa de ferramentas e começou a percorrer a estrada coberta de sol, fechando os olhos de prazer ao sentir os raios dourados. Pela primeira vez desde que chegara a Auschwitz, sentia-se tomado por um desejo irresistível de desatar a assobiar.

Estava quase livre.

Estavam quase livres, ele e Mala.

Capítulo 32

24 de junho de 1944

Era hoje. Hoje era o dia em que o seu destino ficaria traçado ou em que voltariam a ser livres — ela e Edek. O plano era genial em toda a sua simplicidade: ela dirigia-se ao quarto de banho da casa do guarda, vestia o uniforme da equipa de manutenção, escondia a cara e o cabelo com o lavatório que Jerzy lá tinha deixado, e saía da casa de banho na companhia de Jerzy. A seguir, atravessaria os portões ao lado de Edek, vestido de SS — ele já lhe tinha garantido que Jurek, o secretário do bloco de admissões, conseguira esconder o uniforme no armazém das batatas, onde ele iria vesti-lo —, em direção à liberdade. A perspectiva era, a um tempo, infinitamente excitante e tão assustadora que lhe fazia mal pensar nela. Era uma pena que Wiesław não pudesse acompanhá-los, mas Edek tinha-lhe explicado o raciocínio do amigo e Mala compreendera perfeitamente. Ainda assim, sentia-se culpada por ter alterado a combinação inicial dos dois.

— Por minha causa, ele vai ficar cá fechado — tinha gemido, escondendo a cara na palma das mãos, sentindo-se incapaz de olhar Edek nos olhos.

— Não vai nada. — Edek afastara-lhe as mãos da cara com jeito, e beijara-lhas, uma após outra, com ternura. — Ele vai a seguir a nós. Assim que o Szymlak lhe devolver o uniforme, ele vai-se embora com o Jerzy, ou o Jurek, ou até com os dois ao mesmo tempo.

Acenando a cabeça, Mala tinha pensado que era maravilhoso Edek ser capaz de a confortar sempre que ela precisava.

Agora, porém, sentia a garganta completamente seca, como se lha tivessem raspado com uma lixa. Ia a caminho da casa do guarda, rezando a todos os deuses nos quais não acreditava para que não andasse nenhum SS curioso por ali a espreitar. Antes de sair da

secretaria do campo, tinha dado uma vista de olhos aos turnos dos guardas; para sua grande sorte, o único que estava de serviço naquele dia era o *Blockführer* Perschel, um jovem irresponsável, que gostava muito mais de andar de motocicleta do que cumprir os seus deveres. Se a fortuna estivesse do lado de Mala, seria precisamente isso que ele estaria a fazer naquele dia.

A fim de apaziguar os deuses, Mala proferiu rapidamente uma oração genérica, sem saber bem se tinha dito o que devia, e cruzou os dedos das duas mãos. Tinha o sol a bater-lhe nos olhos e mal conseguia ver para onde se dirigia. Por cima da estrada do campo, pairavam ondas de calor; a atmosfera estremecia, distorcendo a realidade, nadando diante dos seus olhos como uma miragem.

Só que não era um sonho. Era uma coisa que estava a acontecer.

O edifício principal da casa da guarda tornou-se visível. Mala conseguia ver as possantes paredes cinzentas, a tinta branca recentemente aplicada nas molduras das janelas, brilhando ao sol e quase a cegando, e até os vasos de gerânios cor-de-rosa nas janelas. O coração começou a bater-lhe num frenesim.

— Mala!

Não ouviu logo o seu nome, pois estava totalmente concentrada na porta da casa da guarda.

— Mala! Tens um minuto?

Só quando a mulher começou a correr ao longo da vedação que separava a enfermaria da estrada, agitando muito os braços magros para lhe chamar a atenção, é que Mala reparou nela. Reparou nela e amaldiçoou-a entredentes. A mulher, que lhe pareceu vagamente familiar, mas não tanto que Mala a reconhecesse, agitava os braços como se fosse um moinho de vento, chamando a atenção de toda a gente. Só lhe faltava esta.

— Vens hoje à enfermaria?

Sem abrandar o passo, Mala abanou a cabeça.

— Não. Hoje não vou. Lamento.

— E amanhã? — A mulher não parava de correr e os seus olhos cavados procuravam o rosto de Mala num desespero. — Vou ter alta amanhã. Sei que tu às vezes consegues nomear mulheres para grupos

bons. Não podias...

— Estou cheia de pressa — interrompeu Mala. Mas, vendo o ar desanimado da mulher, soltou um suspiro e, depois de olhar em volta, tirou o relógio do pulso e lançou-o por cima da vedação. O relógio foi cair exatamente aos pés da mulher. — Vai ter com a Anni, a *Kapo* da enfermaria, e suborna-a com isto. Doutra maneira, essa cabra alemã não mexe um dedo. Diz-lhe que vá chamar a Zippy à *Schreibstube* e, quando falares com ela, diz-lhe que foi a Mala que te mandou. Ela arranja maneira de te transferir para um trabalho bom.

A mulher apanhou o relógio da poeira do chão e apertou as mãos diante do peito.

— Obrigada, Mally! És um anjo! Oh, muito e muito obrigada! Salvaste-me a vida.

Se ao menos alguém salvasse a dela!

Tal como Mala esperava, o *Blockführer* Perschel estava a sair da casa da guarda, coxeando fortemente de uma perna. Mala parou de repente e ficou a vê-lo manobrar a motocicleta, enquanto considerava a grande velocidade que alternativas tinha à sua disposição: não tinha nenhuma razão para estar ali; por isso, o melhor era virar costas e...

Tarde demais. Perschel deu pela sua presença e fez-lhe sinal para se aproximar. Sem sentir as pernas, Mala avançou para o SS, sentindo as tonturas a aumentar perigosamente a cada passo que dava.

Fazendo um esforço enorme, obrigou-se a sorrir.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, *Herr Blockführer*?

— Podes. Segura-me aqui nos manípulos desta porcaria, se fazes favor — replicou ele com uma certa vergonha. — Tive um pequeno acidente de moto, ontem...

— Com certeza, *Herr Blockführer*. — Limpando discretamente as palmas suadas à saia, Mala segurou nos manípulos da motocicleta. — Como está a perna? Não a partiu, pois não? — indagou, obrigando-se a investir um máximo de preocupação na voz.

— Não vou morrer desta e, segundo o médico, nem sequer vou ficar a coxear, mas bem me apetecia estar deitado à beira-rio, em vez de andar a passear esta vergonha neste inferno. — E sorriu, passando a perna magoada sobre a motocicleta.

— Deviam ter-lhe dado uns dias de licença para convalescer. *Herr Blockführer* anda a trabalhar demasiado. Devia descansar essa perna. Nesta altura, não lhe faz nada bem andar de botas. Fazem demasiada pressão.

— É uma pena não seres tu a ocupar o cargo de médico principal das SS! — comentou Perschel, inusitadamente bem-disposto, soltando uma gargalhada e afastando-se a pedalar, esquecendo-se por completo de lhe perguntar o que andava ela a fazer ali na casa da guarda.

Quando o viu afastar-se, Mala expirou um ar que nem tinha percebido que estava a conter.

Assim que entrou na casa da guarda, sentiu-se envolvida pela agradável frescura do local. Jerzy, que devia ter estado à porta à espera dela, tomou-a pelo cotovelo e conduziu-a imediatamente para a zona da casa de banho. Como todas as instalações das SS, também esta estava impecável e cheirava ligeiramente a soda cáustica, uma vez que os prisioneiros já tinham feito a sua limpeza diária a fundo. Tanto os lavatórios de porcelana como os azulejos brancos das paredes refletiam a luz intensa das lâmpadas fluorescentes do teto, conferindo àquela simples casa de banho o aspeto de uma sala de operações esterilizada. Enquanto as suas vítimas viviam no meio da porcaria, os SS faziam ponto de honra em que tudo aquilo em que as suas mãos arianas tocassem estivesse absolutamente impecável.

— Graças a Deus, Mala! — A voz de Jerzy estava rouca com os nervos. — Ia tendo um ataque de coração quando o ouvi falar contigo. Nesta cabina, depressa. Veste o macacão e, quando acabares, passa-me a tua roupa. Eu dou-lhe destino.

Mala nem se lembrava bem como tinha entrado na cabina. Por momentos, ficou imóvel lá dentro, com a testa encostada aos azulejos frios, tentando acalmar-se. Pela primeira vez, sentia-se tomada por uma série de dúvidas. Aquilo era má ideia. Pensando bem no assunto, era uma ideia completamente idiota. Bastava um guarda mais consciencioso erguer o lavatório que ela levava à cabeça — e que ela já tinha visto no exterior da cabina, encostada à parede — e era o fim.

Nessa altura, ouviu bater à porta.

— Mala? — Era a voz de Jerzy, um pouco enfraquecida, como se ela

estivesse debaixo de água. Mala sentia um zumbido longínquo nos ouvidos, à mistura com o pulsar do sangue, com uma intensidade tal que entrou em pânico. Tinha a sensação de que poderia desmaiar a qualquer momento; seria a primeira vez que tal lhe acontecia. — Já estás vestida, Mala? — insistiu a voz, ainda com mais premência.

Mas nem com a melhor das boas vontades deste mundo ela conseguia mexer-se. Os momentos que se seguiram foram uma nuvem. Teve a vaga sensação de Jerzy entrar por ali dentro e começar a saltar imprecações entredentes. Ela estava tão paralisada por um súbito medo que quase nem deu conta dos gestos rápidos com que ele lhe arrancou a roupa do corpo sem vida e lhe vestiu o macacão quase por cima da pele, assumindo o comando das operações quando ela mais precisava. E, durante todo o tempo em que tratou dela, olhou para todo o lado exceto para o seu corpo seminu, embora ela estivesse tão cheia de pânico que não conseguia sentir nada que se assemelhasse a vergonha.

Jerzy empurrou-a para fora da cabina, ao mesmo tempo que metia a roupa dela dentro do seu próprio macacão e lhe ia dando instruções, que Mala ouviu, acenando a cabeça, embora sem compreender com exatidão o que ele estava a dizer. A seguir, o camarada de Edek pôs-lhe o lavatório na cabeça e ela sentiu a pressão correspondente nos ombros.

— Mala? Perguntei-te se estava bem. Consegues transportá-lo até ao cordão exterior?

Estava escuro e Mala sentia-se agora estranhamente segura, com a voz de Jerzy a parecer-lhe mais nítida. Passou-lhe pela cabeça que ele tinha razão: estava tudo bem e tudo era possível.

— Sim. Estou bem — respondeu finalmente, depois de ter pigarreado. — Desculpa ter...

— Não peças desculpa, minha amiga — replicou ele, dando-lhe uma palmadinha amigável nas costas. — Qualquer pessoa ficaria com os nervos em franja. Eu vou fazer o mesmo que tu dentro de poucos dias e já estou a imaginar os meus dentes a bater intensamente.

Tendo recebido um sinal de Wiesław de que Mala e Jerzy estavam a

caminho, Edek saiu do armazém das batatas e estreitou os olhos para os proteger do intenso brilho do sol. O coração batia-lhe freneticamente no peito, mas por fora era a personificação da calma. Acendendo um cigarro, avançou com calma para a beira da estrada de terra batida onde emergiam, aqui e ali, tufos de erva, e só então virou a cabeça na direção de onde Jerzy se aproximava com Mala. Ao contrário do que Edek havia receado, a estatura de torre de Jerzy era a fachada ideal para a figura reduzida de Mala: ao lado do gigantesco polaco, qualquer um — incluindo os SS mais altos — parecia baixo, quase minúsculo; com a cara tapada e o corpo oculto por baixo do macacão azul desprovido de forma específica, Mala era indistinguível de qualquer outro prisioneiro, mesmo aos olhos de Edek.

O estômago dele contraiu-se com uma dor quase física ao ver o pesado lavatório aos ombros de Mala. Tinha sido um milagre ela ter sido capaz de o levantar do chão; como conseguiria transportá-lo durante o muito que ainda lhes faltava andar? Edek sentia uma verdadeira guerra dentro de si, mas o seu rosto permaneceu impassível. Limitou-se a dar uma passa mais comprida no cigarro quando Jerzy parou diante dele, à distância regulamentar, para comunicar a entrega do prisioneiro.

— Boa sorte, Edek — sussurrou Jerzy antes de realizar uma meia-volta exemplar e se afastar em passo de marcha.

Edek não podia agradecer-lhe em voz alta, mas os seus olhos diziam tudo: *Se tivermos sorte, todos lutaremos pela nossa liberdade lado a lado.*

— Mally, estás bem? — sussurrou, quase sem mover os lábios.

De baixo do lavatório, chegou-lhe aos ouvidos um «hum hum» esforçado, que ele tomou como uma ordem para calar a matraca — bem bastava ter de carregar aquele peso, não era preciso ele tentar fazer conversa. Edek começou a andar, acertando o passo pelo de Mala, para que ela pudesse deslocar-se a um ritmo minimamente confortável.

O calor tornou-se verdadeiramente insuportável quando saíram os dois do campo, com o guarda a fazer continência a Edek sem se incomodar sequer a pedir-lhe os documentos, para seu alívio. Já só faltava o cordão exterior.

O sol continuava a queimar a terra.

Continuaram a andar.

Chegaram finalmente ao último posto de controlo. Era uma barreira simples no meio da estrada, em campo aberto, só com um SS a controlá-la, mas para Edek era muito parecida com a entrada no paraíso. Era o último portão, a seguir ao qual tinham à sua espera a morte ou a liberdade. Seria realmente possível que uma simples barra de madeira, às tiras pretas e brancas, tivesse tanto poder sobre a vida de uma pessoa? Era um estúpido pedaço de madeira, mas parecia que, se conseguissem passá-lo, seriam abraçados pelo mundo que ficava do outro lado.

Lá de cima do céu, a luz dourada do sol derramava o seu calor, mas não era por isso que Edek sentia fios de suor a descer-lhe pelas costas, por dentro do material rígido do uniforme. O ar estava completamente silencioso; a única coisa que se ouvia era a respiração elaborada de Mala, interrompida pela corrida louca do coração de Edek. Dentro de momentos, tudo se decidiria — ou morriam, ou viviam. Ao aproximarem-se do guarda, Edek controlou a respiração e tentou mostrar-se o mais descontraído possível.

— *Heil*, Hitler, *Herr Unterscharführer*! — O guarda bateu os calcanhares e fez a continência, imobilizando-se.

Edek fletiu vagamente o braço pelo cotovelo.

— Está um calor dos diabos, não está? — perguntou, abanando a cabeça e tirando o *Ausweis* do bolso. Estranhamente, a mão não lhe tremeu um pouco que fosse.

— Certamente, *Herr Unterscharführer* — replicou o guarda com um ar compassivo, pegando no passe. Enquanto o homem analisava cuidadosamente o documento, Edek sentiu-se invadido por um desejo irresistível de engolir em seco, para diluir um oco de nervos que se lhe tinha instalado na garganta. Para compensar, optou por pigarrear com alguma intensidade, indicando assim que estava com pressa e que não estava disposto a gastar mais tempo com burocracias inúteis. O guarda resmoneou um pedido de desculpas, mas continuou de sobrolho franzido e com um ar confuso. — Diz aqui que *Herr Unterscharführer* vinha a acompanhar dois prisioneiros — comentou, olhando para

Edek com uma expressão interrogativa, enquanto inclinava a cabeça ao de leve para a direita como um cão.

Edek encolheu os ombros com ar indiferente.

— Matei um deles pelo caminho. Estava a irritar-me.

O jovem guarda empalideceu e devolveu o *Ausweis* a Edek, pondo-se novamente em sentido. Tinha-se tornado evidente que *Herr Unterscharführer* não estava disposto a ser incomodado com mais perguntas.

— À vontade — ordenou Edek com um sorrisinho superior, passando por ele.

Logo a seguir, sentiu o coração na boca. Estavam agora a caminhar por uma estrada de terra batida, em direção a um campo de milho. Diante deles, as espigas altas sussurravam de mansinho ao ritmo suave da brisa quente. A cada passo que davam, a floresta cor de esmeralda que se via ao longe ia-se aproximando mais e mais. Há muito que as horrendas torres cinzentas de vigia tinham desaparecido da vista, substituídas por pinheiros e bétulas — brancas, limpas, de folhas verde-lima caindo em cascata em volta dos troncos esguios. Para trás, ficavam os portões de Auschwitz. À frente deles, a liberdade.

Com a cabeça a latejar devido ao peso do lavatório de porcelana, Mala avançava esforçadamente ao lado de Edek, ofegante, com o suor a correr-lhe pela face e pelas costas, em consequência dos nervos e do calor sufocante. A única coisa que conseguia ver — ainda demasiado apreensiva para conseguir olhar de relance por cima do ombro, demasiado temerosa para acreditar que o campo ficara, de facto, para trás — eram as botas pretas das SS e a estrada irregular, de terra batida. Diante deles, estendia-se a tarde, dourada e sem fim, e Mala endireitou os ombros, como se não estendesse as asas há muitos anos, com a carga a ficar subitamente desprovida de qualquer peso.

A estrada fazia uma curva acentuada, com os muros de espigas de milho a chegar-lhes à cabeça.

— Anda — ordenou Edek, saindo da estrada e abrindo o milho com as mãos para a deixar passar. — Não te afastes de mim. Mais uns passos e podes deitar isso ao chão. Só convém que nos afastemos o

suficiente da estrada para os SS não nos verem.

A terra quente acolheu-os de braços abertos, desenrolando a sua carpete macia sob os pés dos viajantes. As folhas verdes e rígidas das espigas estenderam-se para lhes dar palmadinhas nos ombros e nas costas, pela sua coragem, que ultrapassava tudo o que seria possível prever. Com muito cuidado, Edek ergueu o lavatório dos ombros de Mala e, por momentos, ela sentiu-se cega pela ampla extensão azul que tinha sobre a cabeça e pelo disco de platina do sol que derramava sobre ela a sua luz, fazendo derreter sucessivas camadas de desânimo, terror e morte.

Escapou-se-lhe da garganta uma pequena gargalhada hesitante, quase fantasmagórica, que foi crescendo em força e volume, purgando-lhe os pulmões das cinzas e do fumo dos crematórios. Mala riu-se, rebelde e livre, como se estivesse a vingar-se das SS por lhe terem roubado todo e qualquer motivo para sorrir. Ou talvez fosse para demonstrar a si própria que, depois de tudo o que lhe tinham feito, ainda conseguia rir-se, ainda não tinha perdido esse hábito.

Edek ficou a olhar para ela com um ar intrigado durante algum tempo, mas depois começou a rir-se com ela, como se tivesse percebido os motivos que presidiam àquela reação.

— Dá-mo cá. — Com a face a irradiar uma espécie de brilho interior, Mala tirou-lhe o lavatório das mãos e, fazendo um esforço, atirou-a para o meio do milho, com a sensação de que aquele derradeiro gesto de desafio a havia libertado das últimas correntes que lhe prendiam os pulsos e os tornozelos. — Obrigada — disse-lhe depois, com uma voz carregada de emoção, pondo-lhe os braços em volta do pescoço.

— Obrigada porquê? — perguntou ele, inclinando a cabeça para o lado, genuinamente intrigado.

— Por me teres dado a coisa mais preciosa que há — sussurrou Mala, aproximando os lábios dos dele. — A minha liberdade. A *nossa* liberdade.

E beijou-o, vorazmente e sem contenção, saboreando a própria vida, que abria as suas pétalas nestes lábios, embriagadora e dolorosamente doce. Durante vários minutos, que foram minutos preciosos, o mundo

foi deles, todo deles e só deles.

Capítulo 33

No calmo silêncio da noite, os sons ouviam-se a grande distância. Sentado na caruma e encostado a um pinheiro, Edek fazia um esforço imenso por escutar. Dos limites do bosque, conseguia avistar a fronteira da aldeia de Szymbark. O crepúsculo tinha conferido à floresta um tom anil. Assim que os últimos vestígios de luz desaparecessem do céu, dariam uma corrida até à casa de Szymbark; não podiam ir antes. Era imperativo que não dessem por eles, que fossem sombras, que se misturassem com a noite e com ela desaparecessem nos bosques.

Edek olhou para o relógio — o presente de despedida de Kostek — pela enésima vez. Por esta altura, já quase não conseguia ver o mostrador, mas ainda conseguiu perceber que o ponteiro dos minutos tinha avançado muito pouco desde a última vez que o consultara. Aquela espera intolerável era uma verdadeira tortura. Ele tinha uma vontade desesperada de se levantar de um salto e de se pôr a andar dum lado para o outro, só para gastar a energia nervosa, a adrenalina que lhe corria pelo corpo, para ter qualquer coisa com que se entreter — mas Mala dormia com a cabeça no seu colo, exausta da caminhada de várias horas que lhes tinham parecido intermináveis e do pesado lavatório que tivera de carregar à cabeça até conseguirem encontrar um local adequado, suficientemente longe do campo, para o largar. Por isso, Edek permanecia muito quieto, guardando aquele sono pacificado, acariciando com um olhar amoroso as feições serenas da sua destemida amazona, da sua camarada de armas, da sua futura mulher, do amor da sua vida.

No campo, já estava a decorrer a chamada e os superiores dos blocos não tardariam a descobrir que tinham desaparecido dois prisioneiros. Quando tal acontecesse, voltariam a contar toda a gente,

seguindo o protocolo, não fosse tratar-se de um erro, o que prolongaria a chamada mais uma hora — que seria mais uma hora a favor de Edek e de Mala. Com os lábios mordidos até fazer sangue por causa dos nervos, Edek rezava como nunca tinha rezado na vida para que a sirene do campo só tocasse quando eles já estivessem a salvo em casa de Szymlak.

— Para com essa inquietação — ordenou Mala, ainda de olhos fechados. — Eles só comunicam o nosso desaparecimento depois de terem verificado tudo duas e três vezes. Em especial o meu. Eu sou uma estafeta. Posso andar seja onde for por ordem da Mandl.

— Pensei que estivesse a dormir.

— E estou. O campo ensinou-me a dormir sem deixar de perceber tudo o que se passa à minha volta. Foi só por isso que consegui sobreviver tanto tempo. Aprendi a portar-me como um animal, e os animais ouvem tudo o que se passa mesmo quando estão a dormir. Doutra maneira, os predadores apanhavam-nos num instante. — De repente, o seu rosto contorceu-se e formou um sorriso melancólico. — É engraçado, não é? Sinto-me mais descansada no bosque, com predadores a sério a circular à minha volta, do que no campo, com os predadores humanos vestidos de cinzento. Confio mais nos lobos do que nos SS.

— E tens razões para isso. Os lobos matam, mas é para sobreviver. Os SS matam porque gostam de matar.

Pelo musgo passaram sombras de prata, mas já não traziam ameaças, só abrigo e conforto. Vistas através do rendilhado das árvores, as luzes da aldeia espelhavam as primeiras estrelas, que iam aumentando lentamente de número no céu escurecido. Sentia-se um ligeiro vestígio a fumo no ar e as narinas de Edek estremeceram de excitação a primeira vez que o inspirou, voraz: era um fumo limpo, doméstico, familiar, que não continha o cheiro nauseabundo a morte. Este fumo trazia consigo as memórias de casa, de um tacho preto no forno, do pão caseiro a formar uma côdea dourada, do pelo quente do cão estendido em frente do lume, agitando as patas por estar a sonhar com coelhos. Edek ainda tentou resistir-lhe, mas, por muito que se esforçasse, não conseguiu; e não tardou a abanar o ombro de Mala,

suavemente, mas com inconfundível premência.

— Anda, Mala, são horas.

Ela não contestou a ordem: também tinha reconhecido o cheiro a casa.

Ao chegarem à extremidade do bosque, fizeram uma pausa, à espera. Ao longe, ouvia-se o balir das cabras, à mistura com um coro de gafanhotos; por entre o coaxar gutural dos sapos, passavam ocasionalmente gargalhadas de crianças — um som despreocupado e há muito esquecido, que apertou o coração de Edek, fazendo-lhe vir lágrimas aos olhos ao perceber que não o ouvia há vários anos. As únicas crianças que tinham sobrevivido em Auschwitz eram as do Dr. Mengele. Como seria de esperar, além de nunca sorrirem, estes meninos também não choravam, pois quem incomodasse *Herr Doktor* levava imediatamente uma injeção de fenol no coração. Até os miúdos de cinco anos tinham consciência disto.

Alargando o apertado colarinho da farda das SS — subitamente, tinha-se-lhe tornado difícil respirar —, Edek tomou a mão de Mala e olhou para ela no escuro. Perfeitamente calma, sossegou-o com um aceno de cabeça e um sorriso sereno e destemido.

— Estou pronta, Edek. Não estejas preocupado.

— Anda rente ao chão e, se vires alguém, deita-te — ordenou ele, a voz traindo um ligeiro tremor.

— Já te disse para não estares preocupado. Eu fiz formação num campo sionista de jovens judeus. Tivemos uma espécie de recruta, como os militares. Eu era a melhor a esconder-me.

Apesar de estar escuro, Edek viu os olhos dela estreitarem-se maliciosamente nos cantos, a despeito do tom neutro das palavras. Grato por aquele momento ligeiro, tomou-lhe nas mãos a face que o luar tornara pálida e bela, e beijou-a com a paixão de um soldado que vai partir para a guerra. Momentos depois, avançaram de mansinho, de olhos alerta, observando atentamente o terreno desconhecido: maxilares cerrados; músculos tensos com agilidade animal, controlando o segmento de prado que separava o bosque da casa de Szymlak, que era para eles uma terra-de-ninguém e que separava a vida da morte.

Ao chegarem à cerca de madeira, torta e desmontada em alguns pontos — certamente porque as tábuas haviam sido usadas como lenha do fogão —, deitaram-se no chão, de barriga encostada à relva orvalhada de odor adocicado. Ali perto, um cão desatou a ladrar freneticamente em tom rouco. Tenso com a possibilidade de ser descoberto, Edek fez menção de se levantar, mas Mala puxou-o para baixo, surpreendendo-o com a força de aço das suas mãos esguias.

— O cão está preso. Não ouves o metal a tilintar?

Ele reconheceu a ponta de sorriso na face dela e riu-se em silêncio da sua própria estupidez.

— Desculpa, por favor. São os nervos.

Ela lançou-lhe um olhar onde se lia uma leve censura.

— Se fosse o Wiesław aqui ao teu lado, estavas tão nervoso como estás comigo?

Edek preparava-se para argumentar, mas acabou por se calar e baixar os olhos, sentindo-se culpado por uma qualquer razão. Percebendo-lhe o tormento interior, Mala pousou-lhe a mão quente nas costas, entre as omoplatas, e ele sentiu imediatamente que a tensão começava a dissolver-se, e respirou fundo.

— Compreendo e agradeço que te preocupes comigo, Edek. Sei que te sentes responsável por mim, e que, se alguma coisa correr mal, acharás que a culpa foi tua, e só tua. Mas tens de parar com isso. Para de me tratar como uma miúda que tens de proteger e olha para mim como uma camarada. Eu trabalho na Resistência há vários anos; arranquei o meu papá da vala da morte; ajudei o Rudek a fugir; carreguei aquele maldito lavatório à cabeça durante várias horas — ou pelo menos foi o que me pareceu —, debaixo dum calor insuportável. Acho que já mostrei que sou competente. Teremos muito mais hipóteses de sobreviver se trabalharmos em equipa.

Disse tudo aquilo num sussurro, mas num tom cheio de força, e, subitamente, Edek percebeu que era uma sorte ter esta guerreira destemida a seu lado.

— Obrigado — murmurou por fim.

— Porquê?

— Por estares tão calma quando eu estava prestes a descontrolar-

me.

— Um de nós tem de manter a calma — comentou ela, erguendo uma sobrancelha com uma expressão de censura fingida, e Edek quase se sentiu sufocar com a força do que sentiu por ela naquele momento.

Ainda pensou em dizer qualquer coisa, mas decidiu deixar para mais tarde. Teria a vida toda para lhe dizer que a amava — a ela e à sua mente lúcida e lógica, à sua mão segura na dele, ao seu espírito que lhe instilava a confiança de que tudo acabaria bem porque estavam juntos.

— Vou chamar o Szymlak — disse, por fim, soltando-lhe a mão com enorme relutância.

Do seu esconderijo ao lado da vedação, Mala ficou a ver Edek aproximar-se da casa e bater à janela que ficava ao lado do alpendre. Momentos depois, uma das cortinas agitou-se, dando a ver a cara de uma mulher, cujos olhos se abriram muito de medo ao ver o desconhecido com o uniforme das SS, mas não se atreveu a correr-lhe a cortina na cara.

Passado pouco tempo, a porta abriu-se, mas quem saiu ao alpendre não foi a mulher; foi um homem com bastante idade, que Mala presumiu tratar-se de Antoni Szymlak, o ladrilhador civil que trabalhava em Auschwitz. Mala só teve um momento para lhe ver o espesso bigode cinzento e a face carregada de rugas na poça de luz proveniente da casa. Szymlak fechou a porta a toda a pressa, colocando-se, e a Edek, numa escuridão quase completa, que impedia fosse quem fosse de os ver.

Os dois homens estiveram a falar durante algum tempo, mas as suas vozes eram inaudíveis; só a veemência dos gestos revelava a premência do tema da conversa. Pelo canto do olho, Mala viu a cortina mexer-se de novo, dando a ver os rostos redondos e curiosos de dois rapazinhos, cujos olhos se fixaram, cheios de fascínio, no misterioso membro das SS. Apercebendo-se da sua presença, Edek ergueu a mão e acenou-lhes com simpatia, mas eles não tiveram oportunidade de responder: a cara da mãe, desta vez pálida de terror, voltou a aparecer, e as crianças foram puxadas para trás, sendo a

cortina uma vez mais firmemente corrida.

Foi então que se ouviu o som distante, mas nem por isso menos pavoroso, da sirene do campo, que começou finalmente a guinchar, gelando Mala dos pés à cabeça.

Os dois homens também a ouviram, imobilizando-se imediatamente e olhando em volta, como se esperassem que a qualquer momento saltasse dos bosques uma patrulha de busca, com os seus cães assassinos à trela. Com uma expressão de alarme a cobrir-lhe o rosto, Szymlak voltou-se para a janela, atrás da qual a sua família se encontrava protegida. Edek seguiu a direção deste olhar e percebeu tudo com enorme clareza, sem que fosse preciso proferir uma única palavra. Por isso, deu uma palmada no ombro do velhote e disse-lhe mais umas palavras que levaram o ladrilhador a abanar a cabeça numa óbvia reação de desespero, lamentando o seu destino — o destino de ambos, eles que faziam parte do povo oprimido e perseguido — e pedindo desculpa por ter feito promessas que já não podia cumprir. Mala não conseguia perceber as palavras, mas viu as emoções refletidas na cara dos dois homens, e eram claras como água; também ela sentia o mesmo — a dor e a agonia dos dois homens, bem como aquela despedida que desgarrava as almas dos dois compatriotas divididos pela guerra.

Não querendo continuar a fazer perigar a vida do ladrilhador com a sua presença, Edek agradeceu-lhe na mesma e virou costas para se ir embora; nessa altura, Szymlak estendeu o braço e agarrou-o pela manga, dizendo-lhe qualquer coisa num tom urgente e apontando na direção do prado que eles acabavam de atravessar. À luz trémula da janela, o rosto de Edek animou-se visivelmente. Segundos depois, fazia meia-volta e dirigia-se em passo de trote para junto de Mala, mantendo-se na sombra por precaução.

— Não podemos ficar em casa dele, por razões óbvias — informou-a assim que se juntou a ela, ofegante. Ainda assim, Mala sentiu-se aliviada por lhe detetar na voz uma nota de entusiasmo. — Mas ele disse-me que podemos passar a noite no celeiro onde guardam o feno. É um esconderijo excelente, mesmo que os nazis cá venham esta noite, coisa que é altamente improvável. Em geral, as fugas são de Birkenau

e os fugitivos costumam ir na direção contrária, por isso, é de supor que não venham incomodar-nos esta noite. E disse-nos que, mais daqui a bocado, nos traz comida e leite.

— E roupas? — perguntou Mala erguendo a voz sem querer. O ruído estridente da sirene, por muito distante que fosse, parecia afogar tudo o resto. A única coisa que se lhe sobrepunha era o bater louco do coração de Mala contra as costelas, com a intensidade de um murro nos ossos.

Edek pôs-se sério.

— Isso é que não pode ser, infelizmente. Ele só tem duas camisas, tal como a filha, que veio cá para casa com os filhos só com a roupa que tinham vestida. Se nos der a roupa dele e formos apanhados, qualquer habitante da aldeia a reconhece logo se for interrogado, e o Szymlak não quer correr esse risco.

Mala acenou a cabeça — sim, era perfeitamente compreensível — e levantou-se, as gotas de orvalho a luzirem-lhe no cabelo como diamantes.

— Sabes uma coisa, detesto ver-te com esse uniforme vestido — comentou, poisando os olhos nos dois raios prateados que ele tinha no colarinho.

Sem dizer palavra, Edek tirou o cinto e começou a desabotoar a túnica. Pouco depois, estava diante dela só com os calções velhos de Lubusch, nos quais não havia qualquer insígnia que lhe desagradasse.

— Está melhor assim?

De olhos quase negros contra o pano de fundo acetinado da noite, Mala abanou lentamente a cabeça.

— Não. Esses calções também têm de desaparecer.

— Dás-me pelo menos autorização para os levar vestidos até ao celeiro?

Mala não respondeu, limitando-se a soltar uma daquelas gargalhadas que transformavam o sangue de Edek em lava derretida, e começou a andar na direção do celeiro, criatura noturna por quem ele daria a vida e a alma.

Já bem adiantada a noite, Edek e Mala, estendidos sobre o telhado

para onde haviam migrado, abandonando os confins abafados do celeiro, contemplavam as estrelas que ponteavam o céu negro de tinta. Tinham no cabelo o perfume a palha fresca, e nos lábios o brilho dos restos do leite de cabra, um líquido espesso e adocicado, que a filha de Szymlak lhes levara algumas horas antes. O jarro ainda estava meio cheio e morno, ao lado de um cesto com pão, batatas e carne fumada que a jovem também lhes levara, além de pedidos de desculpa que eles se recusaram a ouvir.

— Já correram demasiados riscos por nossa causa — garantiu Mala à jovem, pegando no jarro que esta lhe levara. — Estamos profundamente agradecidos, acredita.

Uma brisa suave acariciava-lhes os corpos nus, ainda quentes e húmidos de suor, depois de terem feito amor. Ali do alto, parecia-lhes que o mundo inteiro se estendia à frente deles, maduro para a colheita, transbordante de possibilidades. Nessa noite, a morte deixara de existir. O próprio ar estava cheio de vida e, durante uns instantes roubados, respiraram os dois uma liberdade pura.

— Mesmo que sejamos apanhados... — começou Mala a dizer na voz ainda sussurrada com que murmurara coisas verdadeiramente impossíveis a Edek há poucos minutos.

— Não digas isso! — interrompeu ele, retesando imediatamente o braço onde ela tinha apoiado o pescoço. — Dá azar.

— Mesmo que sejamos apanhados — repetiu ela, soerguendo-se e apoiando-se num dos cotovelos, para que ele pudesse olhá-la nos olhos, que estavam límpidos e puros, sem a constante apreensão que carregara nas suas profundezas cor de âmbar durante demasiado tempo —, já valeu a pena. Só para ter esta noite contigo, em liberdade, neste telhado, já valia a pena morrer.

— Não vamos morrer! — afirmou Edek com uma segurança que estava longe de sentir.

— Toda a gente tem de morrer, meu amor — comentou ela com um sorriso sereno. — O que é importante é saber como se morre. E eu estou decidida a não morrer como uma cobarde, mas como uma heroína.

— Já és uma heroína. — Edek tomou-lhe os dedos e colou os seus

lábios às pontas. — És a minha heroína. Foi graças a ti que esta noite foi possível.

— Não, meu amor. — Ela abanou a cabeça e afastou-lhe um caracol da testa com um gesto terno. — Foi graças a *nós* que ela foi possível. Juntos, somos indestrutíveis. Pelo menos em espírito, se não o formos em corpo.

Nessa noite, pela primeira vez desde há muitos anos, ambos dormiram um sono profundo e sem sonhos. O mais importante dos sonhos que haviam acalentado tinha-se realizado, e já não tinham mais nada com que sonhar.

Capítulo 34

A água do pequeno lago, tocada pelos poeirentos raios vermelho-dourados do sol poente, brilhavam como se estivessem cobertas de milhares de pedras preciosas. Depois de se terem esfregado muito bem com a fina areia amarela do fundo do lago, Mala e Edek estavam reclinados na margem, absorvendo o calor suave do dia, que hesitava à beira do iminente crepúsculo. Com um mapa aberto à sua frente, Mala apontava o percurso com o dedo, não medindo a distância em quilómetros, mas em dias passados fora do campo e em noites passadas a dormir nos braços um do outro.

— A que distância estamos da aldeia de Szymlak? — perguntou Edek, acariciando-lhe a coxa com um gesto distraído.

— Exatamente sete dias. Foi no sábado passado que ficámos na floresta à espera de que o crepúsculo caísse.

— E quantos faltam até chegarmos às montanhas?

— Se formos pela estrada, apenas duas semanas.

— Mas não vamos pela estrada.

Mala olhou-o de relance com uma expressão maliciosa.

— Seria uma idiotice enorme.

— Tu és o comandante desta expedição, eu sou o teu leal soldado raso — replicou Edek com um sorriso. — De nós dois, tu és aquela que passou anos a fazer a recruta no teu exército judaico. Eu não passo de um inútil cadete militar, que foi preso pela Gestapo antes de conseguir usar o uniforme novo. Tu sabes ler mapas. És tu quem conhece melhor a maneira de os evitar.

O sorriso provocatório desapareceu do rosto de Mala, qual máscara a que tivessem cortado os fios.

— Sim, pode dizer-se que o meu povo tem no sangue dois mil anos

de perseguições — comentou, soltando um suspiro, após o que voltou a concentrar-se no mapa. — Já agora, é melhor tirar daí alguma vantagem.

As sombras começavam a instalar-se à volta deles, desenhando-lhes formas misteriosas no corpo. Edek seguiu essas formas com o dedo na pele de Mala, que tinha adquirido um saudável bronzeado após os dias passados a apanhar banhos de sol à beira da água, escondidos nos espessos bosques. Seguindo os seus conselhos de conhecedora, avançavam de noite, invisíveis como sombras, misturando-se com o meio ambiente e parando sempre que ouviam algum som peculiar — e o som percorria grandes distâncias no escuro.

Estremecendo de prazer ao toque daquele dedo, Mala sentiu que Edek lhe contava as costelas, ainda mais notórias por baixo da pele numa altura em que apenas podiam recorrer aos cogumelos e às amoras, e a um peixito ou outro — em lugar dos enchidos que vinham nas embalagens da Cruz Vermelha e dos restantes produtos que os prisioneiros privilegiados como Mala conseguiam comprar no mercado ilegal de Auschwitz.

— Quando esta guerra acabar — prometeu Edek —, a primeira coisa que vou fazer é engordar-te.

Mala endireitou-se e lançou a cabeça para trás com uma atitude inesperadamente resoluta.

— Não. Deixa-me ficar com estes ossos. Quero ostentá-los com orgulho, como prova do que eles não conseguiram quebrar. E deixa-me ficar com estes músculos, pronta a lutar ao primeiro sinal de que este nojo fascista se espalha de novo pelo mundo. Mesmo depois de a Alemanha cair, ele não vai desaparecer. Vai continuar latente, até um fanático qualquer agitar novamente esta vulgaridade e este ódio nos seus seguidores, recordando-lhes que os seus antepassados detestavam e aniquilavam os estrangeiros, fazendo dos imigrantes seus inimigos, e declarando que todos quantos se distinguem deles têm de ser perseguidos e exterminados sem quartel. Não quero amolecer e esquecer o que aconteceu, como se tivesse sido apenas um pesadelo. Quero recordar todas as pessoas que morreram à minha vista e quero manter-me afiada como uma lâmina, para poder cortar este cancro se

o vir espalhar-se novamente pelo corpo de qualquer nação a que pertencer.

À luz do crepúsculo que descia sobre os dois, os olhos de Mala luziam como dois carvões acesos. De pele ao relento, ela era uma criatura selvagem da noite, das florestas que tinham atravessado, dos lagos onde se tinham banhado.

— Não, tu não és apenas a minha comandante — disse Edek baixinho, com a voz embargada e um olhar de pura reverência —, tu és a minha deusa — assegurou, estendendo o braço e traçando-lhe os contornos pronunciados do queixo com a ponta dos dedos e um fascínio deslumbrado. — E eu hei de reverenciar-te toda a minha vida, morra cedo ou morra tarde.

Montanhas de Żywiec, Polónia. 6 de julho de 1944

Emoldurada por altas montanhas e vales cor de esmeralda, a estrada estendia-se à sua frente, comprida e deserta, debaixo do primeiro sol da manhã. Sob a abóboda de um céu azul-claro, o ar era fresco e guardava a promessa de liberdade. Com o macacão azul amarrotado e empoeirado, fruto de mais uma noite dormida na floresta, Mala mastigava alegremente uma ponta de erva-doce, sem se preocupar, de modo algum, com o ronco emitido pelo seu estômago. A seu lado, com o braço sobre os seus ombros, a túnica das SS desabotoada e a cheirar levemente a musgo e a fumo, Edek assobiava uma toada alegre.

As montanhas altas que se erguiam ao longe ocultavam nas suas sombras a cobiçada terra da liberdade, dos *partisans*, dos gloriosos combates futuros. Só faltava percorrer a última etapa, para largarem de vez o título de escravos dos nazis e se transformarem em combatentes destemidos, capazes de vingar aqueles que tinham perecido e de proteger os que estavam destinados à morte.

Por esta altura, vendo-se sozinhos e senhores da sua vida, os dois fugitivos tinham começado a viajar de dia, com o mapa esquecido no bolso do macacão de Mala. Depois de ter passado várias semanas a analisá-lo, ela já conhecia o território como a palma da sua mão, e

sabia perfeitamente aonde se dirigiam.

E foi devido a esta segurança inabalável no seu êxito, a esta confiança no glorioso futuro que teriam juntos, que o golpe caiu como uma agressão física, direta ao estômago, tirando-lhe todo o ar dos pulmões — um meio soluço de condenado, um estalo de horror.

— Edek.

Imobilizando-se por completo, Mala ficou a olhar, horrorizada e cheia de desespero, para as duas figuras de uniforme que se dirigiam a eles em passo decidido. Com o sangue feito gelo, reconheceu imediatamente os uniformes.

Era a patrulha da fronteira.

A patrulha *alemã* de fronteira.

Edek, que ainda não se tinha apercebido da presença deles, virou-se a sorrir — *O que foi, meu amor?* —, mas o sorriso esmoreceu-lhe ao seguir lentamente a direção do olhar de Mala.

Deviam ter aparecido de trás da curva da estrada, sabia-se lá porquê. Os alemães quase nunca patrulhavam aquela zona.

Já condenada, já quase morta de angústia — estavam tão perto da liberdade! —, Mala viu Edek olhar com nostalgia infinita a floresta que se erguia à sua direita, e de novo a patrulha alemã de fronteira que se aproximava, os canos das metralhadoras a brilharem intensamente sob os raios dourados do sol de julho. Edek fixou as armas com desilusão amarga e lágrimas de fúria a picar-lhe os olhos, tal como estavam a picar os de Mala.

Tão perto e tão infinitamente longe...

Mala pegou-lhe na mão e apertou-lha com força, abanando a cabeça com um ligeiro sorriso. *Não, Edek, meu amor. Não conseguiremos chegar à floresta. Morramos com dignidade, e não como dois cobardes, com um tiro nas costas, quando tentavam fugir.*

Ele sempre fora um sonhador. A voz da realidade era ela. Agora, essa realidade estava a olhar para a sua alma da ponta daqueles canos pretos e, de repente, não havia maneira de lhe escapar.

— Perdoa-me, Mala, por favor... Amo-te.

Foram as últimas palavras que proferiu antes de os alemães pararem diante deles, fazerem a continência e solicitarem em tom cortês:

— Os seus papéis, por favor, *Herr Unterscharführer*.

Edek não tinha, evidentemente, papéis nenhuns, além do inútil *Ausweis* do campo.

E, evidentemente, eles reconheceram logo a reveladora tatuagem de Auschwitz por baixo da manga de Mala, que ela enrolara.

E, evidentemente, os agentes da patrulha de fronteira tinham com eles um documento com os nomes, a descrição e os números dos dois fugitivos, e, evidentemente, depois de terem trocado um olhar cúmplice, somaram dois e dois.

— Não, Edek, tu é que tens de me perdoar — sussurrou Mala imediatamente, antes de os alemães os prenderem e os proibirem de falar um com o outro. — Eu posso morrer, mas o meu amor por ti nunca morrerá.

Capítulo 35

Auschwitz, julho de 1944

— Foi bom enquanto durou. — Edek soltou um suspiro de desânimo e entregou a Jakub, o *Kapo* do *bunker* do Bloco 11, uma nota destinada a Wiesław. — Obrigado por me teres deixado escrevê-la. Está aí tudo: como fomos presos e, mais importante que isso, porque foi que eu não consegui que o Szymlak trouxesse o uniforme para dar aos outros: não quis ficar com ele. Percebeu de repente que era um risco demasiado grande, para ele e para a família.

— E foi por isso que continuaste com ele vestido?

— Não tinha alternativa. Ele teve medo de nos dar roupas deles, não fosse algum habitante da aldeia reconhecê-las — explicou, abanando a cabeça. — Maldição, eu devia ter previsto uma coisa destas. Não se deve ter uma confiança cega nas pessoas. Estamos em guerra; eu devia ter pensado nisso. Devia ter levado roupas civis para fora do campo, para podermos mudar de roupa os dois. Se eu fosse vestido à civil, aquela patrulha da fronteira não tinha olhado duas vezes para nós. Já um membro das SS sem documentos! Percebi que estávamos feitos assim que eles nos detiveram e me pediram os papéis. — Calou-se e suspirou. — Obrigado outra vez por me teres deixado escrever ao Wiesław. Diz-lhe, por favor, para ficar quieto e não tentar fazer nada. A guerra está quase a acabar. E eu quero que pelo menos um de nós saia daqui com vida e revele ao mundo o que aconteceu.

Jakub escondeu a nota numa costura da camisa e lançou um olhar solidário a Edek. *É para isso que servem os camaradas.* Lamentava muito o que tinha acontecido a Edek e a Mala. Também pertencia à Resistência, apesar de ser um dos prisioneiros-funcionários encarregados do bloco onde se praticavam os castigos mais temidos em todo o complexo dos campos.

— Lamento muito que o resultado tenha sido este. Em geral, as pessoas são cobardes. São muito poucas... — Calou-se, incapaz de prosseguir.

Edek limitou-se a fazer um sorriso triste.

— Não quero mal ao Szymłak. Ele fez-me uma promessa que achou que conseguia cumprir, mas quando chegou o momento da verdade... Há muita gente convencida de que é mais corajosa do que na realidade é. Até que tem de tomar uma decisão que mostra aquilo de que é ou não é capaz. Ele tem família; e já me tinha explicado a situação. Se fosse apenas ele, a coisa era totalmente diferente. Mas tu sabes bem como são as retaliações dos nazis.

— Precisas de mais alguma coisa? — pergunta-lhe Jakub.

Edek olha-o fixamente por momentos.

— Será possível ver a Mala pela última vez? Só uns minutos.

Jakub considera o pedido.

— Não prometo nada, mas vou ver o que se arranja.

— Como é que eles... — A voz atraçou-o, impedindo-o de continuar. — Como é que ela se está a aguentar?

Por momentos, Jakub pareceu procurar as palavras mais adequadas. Estavam no Bloco 11, o reinado pessoal dos carnicheiros do Departamento Político, que havia sido construído com a única finalidade de torturar os prisioneiros para lhes arrancar informação, de os sangrar até lhes saírem as palavras, de os quebrar a ponto de eles revelarem os nomes dos cúmplices. Era uma prisão dentro da prisão, um bloco de extermínio dentro dum campo de extermínio — como não estaria Mala a ser tratada pelos sádicos da Gestapo, metida numa das suas lúgubres celas?

— A Mala é muito corajosa e muito forte — anunciou Jakub, por fim, falando baixo e num tom grave. — E explicou-lhes que preferia morrer a revelar-lhes fosse o que fosse.

Edek sentiu que os lábios lhe tremiam. Tentou desesperadamente aguentar-se, mas, por fim, o seu rosto contorceu-se numa careta de dor e desatou a chorar.

— E a culpa é toda minha — soluçou. — Minha e da minha estupidez. Não devia ter posto a vida dela em risco com a minha

imprudência. Não tinha o direito de fazer o que fiz.

Jakub poisou uma mão aberta no ombro de Edek, e apertou-lho ao de leve.

— Tu não a obrigaste a fazer nada. Foi ela que tomou as decisões.

— Maldita a hora em que ela me conheceu.

A face de Jakub abriu-se num sorriso triste.

— Ontem à noite, consegui levar-lhe café e um bolo à cela. E sabes o que foi que ela me disse? Que ter-te conhecido foi a melhor coisa que lhe aconteceu na vida e que não se arrependia de nada. De absolutamente nada, ouviste?

Edek acenou a cabeça, chorando ainda mais intensamente.

O *Hauptscharführer* Moll, que fora nomeado ajudante temporário de Boger, o inquisidor do Departamento Político, debruçou-se sobre Mala, fazendo incidir nela o seu único olho. O arame com que lhe tinham amarrado os pulsos por trás da cadeira cortava-lhe a pele, magoando-a, mas, estranhamente, aquela dor quase lhe dava forças: quanto mais lhe batiam, mais resistente ela se tornava, mostrando-lhes os dentes numa careta de ódio e desafiando-os a baterem-lhe ainda com mais força.

— Devo dizer-te que verguei os homens mais duros do *Sonderkommando* e os pus a chorar como crianças — sibilou Moll num tom ameaçador. — E pedi especificamente para me nomearem teu inquisidor. Queimar gente hirta, a certa altura, torna-se entediante. Não têm grande reação, como seria de esperar. Mas a ti, Mala, vou fazer-te cantar. Desta vez, nem o Hössler poderá salvar-te esse traste desse traseiro.

Os lábios rachados de Mala contorceram-se num sorriso malévolo. E aquilo que começou por ser um pequeno e discreto fantasma de gargalhada cedo se transformou num riso intenso. No passado, as bruxas deviam rir-se na cara dos seus inquisidores, percebeu ela, ao ouvir aquele som dentro de si. E Moll, nitidamente contra a sua vontade, não conseguiu deixar de recuar ao de leve.

— Não sei porquê, mas duvido muito da verdade dessa gabarolice. Nem consegues fazer falar uma coisinha de nada como eu! — E o riso

histórico de Mala ressoou pelas paredes. — Uma miúda amarrada a uma cadeira, vê lá tu. Diz-me uma coisa, sentes-te mais homem quando espancas uma mulher? Sentes-te forte e poderoso quando bates numa pessoa que não pode defender-se? Tens orgulho em ti? Quando voltas para casa, gabas-te à tua mulher de que passaste o dia às bofetadas numa miúda amarrada a uma cadeira? Ou também lhe bates, para ela aprender quem é que manda?

Moll endireitou-se todo e deu um passo atrás, pálido e visivelmente enervado.

— Diz-me uma coisa, por que razão não estás na frente? Porque não estás a combater quem te dê luta? — Mala estreitou os olhos. — Vou dizer-te porquê. Porque és um covarde. Homens como tu nunca desafiam ninguém que possa, remotamente que seja, replicar. Tu és o miúdo que se mete com os outros no recreio da escola, mas só escolhes os miúdos mais pequenos, os que não podem defender-se. Tu és o homem que bate na mulher, que só se sente homem quando a família inteira tem medo dele. Tu és um soldado que não participa em batalhas a sério, que só serve para queimar cadáveres nas traseiras das câmaras de gás e para espancar prisioneiros indefesos amarrados a cadeiras, que não podem ripostar. És um covarde. És um nada patético e tremelicas, e eu tenho o maior desprezo por ti e por todos os teus camaradas que se escondem atrás de *slogans* e travam batalhas políticas porque não têm coragem suficiente para pegar numa arma a sério num campo de batalha a sério. Hei de dar-te uma bofetada, *Herr Hauptscharführer*, nota bem o que eu te digo. Hei de dar-te uma bofetada com o campo todo a assistir, e é assim que serei recordada por eles.

Ofegante, de dentes ainda cerrados, Mala deixou-se cair na cadeira, exausta com aquele esforço, mas agradada com o efeito que ele tivera.

Para sua enorme satisfação, Mala viu que o corpo de Moll tremia dos pés à cabeça, fosse de indignação ou de outra coisa qualquer: *medo*. Ela quase lhe sentia o cheiro, tal como sentia o cheiro acobreado do seu próprio sangue, que enchera a cela do interrogatório muitas horas antes.

— Levem esta cabra insolente para a cela! — berrou ele aos

subordinados. — Sem água nem comida! Quero-a a passar fome até ao dia em que for enforcada. — E fitou em Mala o seu único olho são, que rebojava intensamente de raiva. O olho de vidro estava morto, como a alma de Moll devia estar. — Serei eu a passar-te a corda pelo pescoço, cabra judia.

— Eu prometi-te que te esbofeteava na frente de todo o campo — recordou-lhe Mala com um sorriso malévolo. — Ficaria tristíssima se faltasses a esse encontro e delegasses a responsabilidade noutra pessoa.

Enrolado sobre si próprio a um canto da cela, Edek tentava esquecer o mundo num sono inquieto, quando a porta se abriu. Era Jakub.

— Levanta a grimpá e põe-te apresentável, rapaz. A tua amiga está à espera.

Nesse dia, os SS tinham passado várias horas a bater-lhe nas solas dos pés com uma vara de metal, na esperança de lhe soltar a língua — sem nada conseguirem —, mas Edek levantou-se de um salto, esquecendo por completo as dores.

— Jakub, se isto é uma piada...

— Eu não brinco com coisas sagradas. — O *Kapo* humedeceu um trapo que tinha trazido consigo no balde de água que Edek tinha na cela e começou a limpar-lhe as feridas com grande cuidado. — Os degenerados dos SS estão a fazer uma festa lá em cima. Os nossos amigos da Resistência conseguiram subornar um deles com uma caixa inteira de brandi, que ele, naturalmente, decidiu partilhar com os camaradas. Foi o Kostek, acho que foi assim que ele disse que se chamava, que a trouxe. É do *Sonderkommando*, segundo me disse.

— É, de facto. — Edek fez um sorriso caloroso.

— Então, é a ele que tens de agradecer o esforço, e aos outros todos que doaram o que tinham por uma boa causa. Foram eles que conseguiram este encontro.

Sem acreditar bem na sua sorte, sentindo-se estonteado, com os nervos e a excitação, Edek seguiu Jakub pelo corredor mal iluminado, que cheirava a bafio e a terra molhada.

Quando o *Kapo* abriu a cela de Mala, que era igualmente bafienta e

escura, o coração de Edek explodiu de alegria. Ela lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-lhe a cara de beijos. Tinha as faces inchadas e cheias de marcas, os lábios rachados e sangue acumulado nos cantos da boca, mas olhou-o radiante, sorrindo com aqueles lábios feridos como se vê-lo, apenas, tivesse eliminado a dor de uma vez para sempre.

— Mala...

— Shhh, nem uma palavra sobre esse assunto — ordenou, sorrindo radiante e afastando-lhe o cabelo da cara com uma ternura infinita. — Estou tão feliz por te ver.

— Mala, não sei se conseguirás perdoar-me...

— Já te disse que não quero ouvir uma palavra sobre isso. Não tenho nada que te perdoar.

Ele abanou a cabeça.

— Por minha causa, estás prestes a...

Morrer.

Que ideia horrível; que palavra horrível — uma palavra que ele não conseguia obrigar-se a dizer.

Mas Mala compreendeu e sorriu-lhe com meiguice. À fraca luz amarela da lâmpada da cela, os olhos dela pareciam duas pedras preciosas: duras, douradas, cheias de vida a despeito da sentença de morte que pendia sobre a cabeça de ambos.

— Tu deste-me uma coisa pela qual vale a pena morrer. Deste-me esperança. E nós demos esperança aos outros. O *Kapo* Jakub não te contou que não se fala de outra coisa no campo? Eles vão prosseguir a nossa batalha, muito depois de nós termos desaparecido.

— Mala, não... — Ele sentiu um soluço de puro tormento rasgar-lhe o peito. E, de repente, a ideia de um mundo em que o coração bravio de Mala tivesse deixado de bater foi demais para ele, e começaram a correr-lhe lágrimas silenciosas e impotentes pelas faces cobertas de uma barba rala. Edek apertou-a nos braços, enterrando a cara no cabelo dela, inspirando-lhe o odor da pele, tentando agarrar-se àquela preciosidade que em breve deixaria de existir, privando a humanidade de luz. E chorou em silêncio, desesperado, impotente, morrendo lentamente por dentro de cada vez que respirava. — Não devia ter-te pedido que fugisses. Não tinha o direito de pôr a tua vida em risco de

maneira tão insensata...

Ao ouvir aquilo, ela abanou a cabeça num gesto impaciente.

— Para imediatamente com isso. Tu não me obrigaste a fazer nada. Toda a vida decidi o que queria fazer. E isto também foi uma decisão minha. Minha e de mais ninguém. Além disso, estás a pedir-me desculpa porquê? Pelas noites que passámos debaixo de um céu carregado de estrelas? Pelas estradas que percorremos juntos? Pelos sonhos que partilhámos durante algumas semanas? Por me teres feito acreditar que podia ter um futuro contigo? Preferias realmente ter-me deixado aqui sozinha, impedindo-me de partilhar esses momentos preciosos contigo? — Mala calou-se uns momentos, abanando a cabeça numa censura fingida, os dedos quentes e amorosos a acariciar-lhe suavemente a nuca, entrelaçando-se-lhe no cabelo sujo de sangue. — Não trocaria por nada aquilo que tivemos. A minha segurança, a minha vida, nada disso vale a pena sem ti. Compreendes?

Ele acenou a cabeça, encostando a testa à dela. A cortina de lágrimas quase o impedia de ver.

— Não lamento absolutamente nada — repetiu Mala com um sorriso que rasgou o coração de Edek. — Tive uma vida digna e morrerei dignamente. Sou feliz, Edek. Olha-me nos olhos. Sou mesmo. E é graças a ti.

Edek cobriu a boca de Mala com a sua e, por instantes, o mundo parou. A própria Terra tinha parado de rodar para permitir aquele beijo.

Capítulo 36

Birkenau. Duas semanas mais tarde

O veredito já era conhecido. Ele seria enforcado amanhã. Edek já tinha visto a forca solitária — mal construída, mas letalmente eficaz —, erigida junto ao bloco da cozinha dos prisioneiros, muito perto do enorme tanque de água. Ele não tinha quaisquer ilusões a respeito do seu destino. Os SS não costumavam conceder perdões de última hora.

Sozinho num pequeno quarto ao lado do bloco de cozinha, dado que em Birkenau não havia bloco de punições, estava sentado a refletir na sua vida, que, apesar de curta, fora agitada. A amargura e a fúria pela injustiça de tudo aquilo já tinha passado. A sua respiração deixara de ser rápida e frenética, a respiração do animal acossado. De cabeça encostada à parede de pedra, tinha os olhos fixos na única janela do quarto — uma janela com barras, nas estrelas, que continuariam a brilhar no céu muito depois de ele ter morrido, na suave noite aveludada e na tira de lua que iluminava a sua derradeira residência com uma luz fria e prateada.

Ainda há um mês, ele e Mala estavam deitados no campo que ficava ao lado do celeiro, a cabeça dela apoiada no ombro de Edek, o cabelo exalando um suave odor a palha. Nessa noite, ele tinha-lhe prometido que lhe ofereceria o mundo e, durante algumas horas, cumprira essa promessa — Mala tinha-o confirmado no último encontro que haviam tido, já no *bunker* de punições e execuções.

Mala.

Com um prego que tinha descoberto no chão da sua cela do Bloco 11, Edek tinha registado o nome e o número dela, e ao lado os seus: *Mala Zimetbaum 19880 + Galiński Edward 531 + 6.VII.44*. Era uma pena não ter um objeto aguçado com que pudesse gravar o nome dela também neste quatinho, mas o chão tinha sido bem varrido, de

maneira que ele optara por repetir fervorosamente, quase religiosamente, o nome dela — *Mala, Mala, Mala* —, derradeira oração à última deusa que tinha venerado.

Sozinha na cave do edifício da administração do campo, Mala estudava o bocadinho de lâmina de barbear que tinha na mão, a mesma que Jakub tivera a gentileza de lhes dar durante o último encontro. Ambos tinham cortado madeixas de cabelo, passando aquelas tristes recordações a Wiesław, com os seus nomes e números, para que o amigo as entregasse ao pai de Edek ou de Mala — o que tivesse sobrevivido. Dominado pela emoção, Jakub não se apercebera de que a lâmina que ela lhe devolvera tinha sido partida ao meio, tendo Mala ocultado cuidadosamente a outra metade na saia.

A futura mártir estava sentada junto à parede, rodeada por uma poça de luar prateado, refletindo na sua curta vida e na inevitabilidade da sua morte. A forma negra da morte dormitava no canto mais escuro, mas Mala não tinha receio do seu hálito tétrico. A sua morte seria honrosa; seria a morte de uma nobre guerreira, a morte de uma combatente pela liberdade, que vivera e amara intrepidamente, e que morreria da mesma maneira.

Recordando os anos da sua juventude — uma juventude eterna, uma vez que não chegaria a amadurecer, a tornar-se mais velha e mais sensata —, Mala sorriu com serenidade às imagens do passado, de olhos secos, limpos e brilhantes. Sim, restavam-lhe poucas horas de vida, mas ela sentia-se infinitamente apaziguada por não ter remorsos de coisa nenhuma, nem desejo de alterar as opções que havia tomado, os caminhos que percorrera, as convicções que defendera... as pessoas que amara.

Edek.

Apareceu-lhe no rosto um sorriso meigo ao recordar o dia em que o conhecera.

Ele tinha-lhe levado pregos.

E, em troca, ela entregara-lhe o coração.

Era a única coisa que lamentava — terem-lhe roubado o tempo que podiam ter vivido em conjunto, as batalhas que teriam travado, a

celebração da honestidade, da honorabilidade e do amor universal, que acabariam inevitavelmente por triunfar sobre o ódio, o nacionalismo e a intolerância. Mas nem isso conseguia tornar baço o brilho dos seus olhos. Ela tinha vivido; tinha amado; tinha lutado lado a lado com aqueles que amara. A seus olhos, era mais do que suficiente.

O dia amanheceu implacavelmente belo, com um céu madrepérola tingido de azul, e uma brisa quente, suave e terna como a derradeira carícia de uma mulher. Dentro da cela de Edek, o *Kapo* Jupp acabava de lhe amarrar os pulsos com um arame.

— Não está demasiado apertado, pois não? — perguntou, com um ar inusitadamente fúnebre.

— Não — mentiu Edek. — Está bem assim.

Jupp levou-o para o exterior, para a praça iluminada pelo sol, onde parecia estar reunido todo o campo masculino. Os seus passos foram pormenorizadamente seguidos por olhos desesperados, cheios de dor. Nas primeiras filas, encontravam-se os antigos camaradas; os homens do *Sonderkommando* estavam à frente, qual guarda de honra, ombro contra ombro, queixos erguidos, olhando em frente, com Kostek a chefiá-los, saudando Edek, o mártir da Resistência, com o olhar. Na fila seguinte, estava Jurek, o secretário do bloco de admissões, pálido e trémulo, esmagando entre os dedos nervosos o barrete listado dos prisioneiros. Reconhecendo Jerzy, o gigante, Edek dirigiu-lhe um aceno de cabeça, agradecendo-lhe em silêncio a sua ajuda e a sua amizade, e desejando-lhe melhor sorte que a sua na fuga à morte. O polaco não moveu um músculo do rosto; mas rolava-lhe pela face um fio interminável de lágrimas de profundo desgosto. Wiesław estava no meio dos russos, intensamente pálido e a chorar sem vergonha ou contenção.

Edek subiu à forca, alto e orgulhoso, e trepou sozinho para o banco que fora colocado sob o laço. Sentindo a corda áspera na face, olhou em frente.

— Em sentido! — berrou um homem das SS.

O segundo começou a ler a sentença, mas Edek não tencionava ficar

a assistir ao circo. Aproveitando que ambos os guardas lhe tinham voltado as costas, meteu a cabeça no laço e deu um pontapé no banco.

Um por um, os prisioneiros foram tirando o barrete da cabeça e foram-no encostando ao peito. Os SS correram a tentar levantar Edek, ao mesmo tempo que gritavam aos prisioneiros para porem imediatamente os malditos barretes na cabeça, ninguém lhes tinha dado ordens para os tirarem, haviam de passar horas na *Stehappell* por causa daquilo, eles que se preparassem...

Mas ninguém se mexeu. Os SS continuavam a gritar, possuídos por uma fúria impotente, ameaçando com castigos e pancada, mas ninguém lhes dava ouvidos. Naquele dia, Edek tinha-lhes mostrado que era possível resistir, e que era preferível morrer como um homem livre a viver como um animal.

Os olhos de todos estavam fixados na forca.

O poder tinha mudado de mãos.

O fim estava próximo.

O fim dos nazis.

Um vento suave acariciou o cabelo de Mala. Orgulhosa e destemida, ela enfrentou a multidão das mulheres — parecia que estava ali todo o campo —, algumas das quais choravam abertamente. Na fila da frente, com o cabelo escuro agitado pelo vento, estava Zippy, com um lenço encostado à boca para calar os soluços. Ao ver-lhe os ombros trémulos, Mala lançou-lhe um sorriso terno, de quem pede desculpa. *Desculpa-me deixar-te, como Alma te deixou... Nem ela nem eu escolhemos este caminho. Mas tu és forte e hás de sobreviver; sairás daqui e contarás as histórias daqueles que cá ficaram.*

Mandl estava diante de Mala, a ler-lhe a sentença de morte num tom inusitadamente suave e com um ligeiro tremor na voz, como que assolada pela culpa de ser cúmplice na execução daquela que fora a sua secretária preferida.

Com um sorriso carregado na face, Mala cortava secretamente as cordas que lhe apertavam os pulsos atrás das costas e, assim que se conseguiu libertar, começou a cortar também os pulsos. Não sentiu a dor, apenas um ímpeto de estranha e triunfante embriaguez ao pensar

no que tencionava fazer aos nazis quando eles menos esperavam; talvez fosse o seu derradeiro ato de pessoa livre, mas seria um ato de quem lhes resistira até ao final.

Momentos depois, o sangue começou a correr pela forca e alguém fez sinal do meio da multidão. A guarda que estava no solo, ao lado da forca, foi a primeira a notar e soltou um guincho, chamando a atenção de Moll.

Este voltou-se para Mala, espantado. Com o sorriso a transformar-se numa careta malévola, ela deu-lhe uma enorme bofetada, deixando-lhe uma marca de sangue na face imaculadamente barbeada.

— Nunca conseguirás lavá-la! — berrou Mala, e a sua voz ecoou pelos ares, chegando muito além da parada e provocando arrepios em todos os presentes. — Eu morro hoje, mas tu não tardarás a estar no meu lugar. Assim como prometi que te esbofeteava, prometo-te agora que esse será o teu destino. — E deu-lhe outra bofetada, desta vez com a mão esquerda.

Caindo finalmente em si, Moll agarrou-lhe os braços e lançou-a abaixo da forca. Depois, saltando para o solo, começou a dar-lhe pontapés com as suas botas de biqueiras de aço, suado e ofegante do esforço. E ela continuava a rir-se, a rir-se dele diante de todo o campo, a rir-se de Mandl, sobre quem caíra uma palidez de morte, e que contemplava de boca aberta aquela cena de pura brutalidade, com o documento oficial da sentença de Mala a pender-lhe das mãos trémulas. Mas Mala já não sentia dor, sentia apenas uma alegria esfuziante e vertiginosa, e quanto mais força Moll punha nos pontapés, mais as suas gargalhadas ecoavam por todo o complexo do campo, fantasmagóricas e arrepiantes para quantos as ouviam.

Finalmente, Moll não aguentou mais.

— Levem-me daqui esta bruxa! — berrou aos seus subordinados. — Levem-na para o crematório e queimem-na viva!

A estas palavras, todos os presentes sustiveram audivelmente a respiração, e até as guardas trocaram olhares perturbados: era demais.

Mala olhou o céu dolorosamente azul através da película de sangue que se lhe formara diante dos olhos, como se o seu próprio destino já não lhe interessasse. Ela tinha feito a sua parte. Tinha dado esperança

a todos os presentes. Agora, seriam eles a usar essa força contra os homens que a tinham condenado, a ela e a Edek, à morte.

Por qualquer razão estranha, vieram-lhe à memória umas palavras de Zippy sobre Joana d'Arc, e Mala fez um sorriso feliz, apesar da dor que a esmagava. Se havia de morrer no fogo, como a santa guerreira francesa, pois que assim fosse. Naquele momento, pareceu-lhe inexplicavelmente adequado acabar assim.

Umas quantas prisioneiras eslovacas aproximaram-se dela e, erguendo-lhe o corpo do chão com muito cuidado, para evitar que os SS o profanassem com as suas mãos, puseram-na na carreta de morte e começaram a empurrá-la na direção do crematório. Milhares de olhos seguiram a lúgubre processão fúnebre. Assim que a carreta desapareceu, esses mesmos olhos voltaram-se para os SS e, pela primeira vez, estes sentiram-se enervados com tanto ódio.

O mais temido comandante das SS tinha sido esbofeteado por uma miúda na presença de todo o campo.

De um momento para o outro, era como se as SS tivessem deixado de ser invencíveis.

No interior do crematório, Kostek e os amigos pegaram no corpo de Mala com muito cuidado e pousaram-no sobre a mesa onde já se encontrava o corpo de Edek. Mala tinha morrido pelo caminho, em consequência dos ferimentos que sofrera e do sangue que tinha perdido, impedindo que o último desejo de Moll se realizasse. Kostek começou a limpar-lhe a cara com um lenço, tal como ela lhe tinha limpado a dele, parecia-lhe agora que numa vida anterior.

— Cremamo-los juntos? — perguntou Filip.

Kostek acenou a cabeça.

— Sim. Sempre juntos. — Depois, voltou-se para o outro. — Não te importas de ir lá fora apanhar todas as flores que encontrares nos canteiros? Os húngaros já morreram. Não é preciso enganar mais ninguém.

— E se os SS...

— Que se lixem os SS — replicou Kostek, num tom perigosamente

elevado.

Todos os presentes olharam para ele, mudos de espanto, até que, do meio da multidão, alguém o imitou:

— Isso mesmo. Que se lixem os SS.

— Vamos matá-los a todos.

— E queimamo-los nestas fornalhas, onde eles andam a queimar-nos há anos.

— Queimamo-los a todos!

Os resmungos contidos transformaram-se em gritos: os membros do *Sonderkommando* que rodeavam os dois heróis mortos tinham começado a planejar a revolta.

Capítulo 37

7 de outubro de 1944

O dia amanheceu azul-pálido e com uma temperatura agradável; contudo, sentia-se no ar uma ameaça vaga, invisível, que tudo envenenava, envolvendo o disco do sol nascente como nuvem negra. No pátio em frente do Crematório IV, os membros do *Sonderkommando* trocavam sussurros, lançando olhares desconfiados aos SS. Dois dias antes, Moll tinha exigido que lhe entregassem uma lista com 300 nomes; tratava-se alegadamente de constituir uma equipa que iria limpar um terreno na Silésia Superior, onde haveria comida em abundância e os barracões eram limpos e aquecidos. Só que os membros do *Sonderkommando* já tinham queimado muitos homens cujos nomes constavam de listas destinadas a «equipas» do mesmo género, e somaram dois mais dois.

Nas últimas 48 horas, tinham andado a armazenar trapos embebidos em óleo debaixo dos beliches, por entre as traves do telhado do crematório e no armazém do coque.

Nas últimas 48 horas, tinham andado a transportar os objetos de contrabando que haviam escondido no bloco de admissões de Jurek para o bloco deles, arrancando as tábuas do chão e distribuindo entre todos as bombas improvisadas e as armas que haviam conseguido reunir.

Nas últimas 48 horas, haviam trocado apertos de mão, agradecendo uns aos outros terem sido bons camaradas e jurando dar a vida em nome da liberdade, levando consigo o máximo de nazis que conseguissem.

Quando, por fim, se reuniram todos no pátio, Kostek sentiu o frio do metal da arma de Edek no cinto das calças, e um sorriso lúgubre a torcer-lhe as feições numa careta de ódio, frio e puro.

Sem suspeitar de nada, seguro de si, Moll começou a chamar os nomes. Vendo que ninguém se mexia, ergueu a voz e franziu intensamente o sobrolho. Mais um minuto e estava a berrar, com o olho bom a rolar intensamente de raiva por se confrontar com aquele silêncio ensurdecedor e prenhe de desafio das fileiras do *Sonderkommando*.

— Deixaram de perceber alemão, seus porcos malcheirosos?! — berrou Moll, com o suor a correr-lhe para o colarinho. Era um suor nervoso: pela primeira vez na sua gloriosa carreira de SS, percebera que eles tinham deixado de ter medo dele; dele, o homem que instilava um terror mortal em qualquer pessoa que envergasse o uniforme de prisioneiro de Auschwitz.

Tinha sido esbofeteado por uma miúda diante de todo o campo de Auschwitz, e eles tinham percebido quem ele era realmente — um cobarde patético, de baixa estatura e só com um olho. Se nem Mala tinha medo dele, como podiam estes homens feitos receá-lo?

Nas últimas filas, começaram a ouvir-se gargalhadas, como se de repente os homens tivessem começado a achar o comandante das SS — ali aos gritos, de cabeça perdida e face coberta de suor — incrivelmente divertido.

— Põe-te a andar, porco alemão! — gritou alguém lá do fundo.

Moll vacilou ao ser atingido na cabeça por uma pedra, lançada por um dos prisioneiros. Passou lentamente a mão pela testa e, a seguir, olhou para o sangue que a cobria com enorme espanto, como se não conseguisse compreender como era possível que ele, o invencível guerreiro ariano, sangrasse como os judeus que tinha matado com as suas próprias mãos.

Desta vez, não era o sangue de Mala que lhe marcava a cara; era o seu próprio sangue, cujo cheiro encheu as narinas dos homens, presas transformadas em predadores ao sentirem o torturante odor metálico. Com um fogo intenso a arder-lhes nos olhos, estes homens soltaram um grito selvático a clamar vingança, um grito que rasgou os ares como um chicote, e de repente, vinda de todos os lados, uma chuva de pedras voou como projéteis, atingindo os poucos guardas ali presentes.

Sacando das armas, os SS começaram a disparar na direção dos

homens do *Sonderkommando*, que dispersaram em poucos minutos, ocupando posições estratégicas atrás dos muros do crematório e transformando a sua prisão num bastião fortificado.

— Morte aos opressores! Vamos queimar isto tudo! Arrasem este maldito campo! — berrava Kostek em voz rouca. Nem ele reconhecia a sua própria voz, ou a mão com que pegava na arma, a força em estado puro que lhe corria pelas veias, com o objetivo de, por fim, se defender e defender os seus companheiros contra o poder do mal.

Do telhado do crematório começou a vir um fumo negro e pungente; provinha do feltro embebido em álcool, que se incendiou momentos depois de alguém lançar um cocktail Molotov nessa direção. O ar encheu-se dos gritos de vitória dos prisioneiros e dos berros petrificados dos SS em fuga. O céu, que começava a escurecer, foi rasgado pelo gemido esmagador da sirene do campo, mas nem esse conseguiu calar os apelos à insurreição.

Observando a cena do outro lado do arame com um fascínio carregado de horror, os outros prisioneiros viram os membros do *Sonderkommando* repelir gloriosamente, durante vários minutos, o ataque dos SS, que acorriam em grande número, de capacetes de aço e metralhadoras em punho.

A surpreendente revolta, a impressionante revolução dos homens livres contra quem os escravizava, não podia durar muito, evidentemente. Mas, embora os destemidos heróis fossem esmagados pelo fogo e o aço das metralhadoras, não caíram em vão, porque havia homens das SS mortos ao lado das suas vítimas no solo empapado em sangue. Dois meses antes, tinham morrido dois mártires com o simples fito de provar que os SS eram mortais; agora, os membros da Resistência do campo seguiam-lhes o exemplo, para mostrar aos outros prisioneiros que os SS também sangravam quando eram feridos, que era possível dominá-los e matá-los, que os crematórios podiam ser reduzidos a cinzas — bastava ter coragem para lutar.

— Arrasem... este... maldito... campo... — Com o estômago crivado de balas, Kostek ainda conseguiu soerguer-se, apoiado num cotovelo, e, apelando às suas últimas forças, apontar a arma de Edek ao SS mais próximo e disparar sobre ele a bala que lhe restava,

acertando-lhe no meio da testa.

Epílogo

Museu Nacional de Auschwitz-Birkenau.

29 de janeiro de 1968

O homem teria uns 50 anos, abundante cabelo preto já com uns fios prateados, olhos escuros inquietos sob um par de sobrancelhas espessas, e uma expressão apreensiva na face já enrugada, mas ainda bela. Vestia com formalidade, como se fosse a uma recepção oficial: fato azul e gravata, por baixo de um sobretudo de pelo de camelo. Andava pelas várias zonas do antigo campo de concentração com ar visivelmente agitado, os ombros descaídos, os olhos fitos das torres de guarda, agora vazias, como se receasse que os espectros negros dos homens das SS se materializassem a seu lado. O pessoal do museu olhava para ele com ar intrigado.

Passavam dois dias do 23.º aniversário da libertação do campo, e a maioria dos convidados — conferencistas e sobreviventes — já se tinha ido embora. A voz de uma guia a explicar a um grupo de crianças de uma escola a estrutura do complexo do campo ecoava nas paredes vermelho-tijolo.

O homem fechou os olhos com muita força e carregou com os dedos nas pálpebras cerradas, num esforço inútil de fazer desaparecer o pesadelo. Quando, porém, voltou a abri-los, o passado continuava à sua frente, inevitável e assustadoramente real. Vendo que não tinha hipótese de lhe escapar, inspirou fundo e obrigou-se a subir as escadas, com passos carregados de temor.

Pálido como a morte, com uma camada de gotas de suor sobre o lábio de cima, aproximou-se de uma das jovens que trabalhavam no museu e resmoneou qualquer coisa impercetível, metendo a mão no bolso e tentando tirar de lá qualquer coisa.

— Precisa de ajuda? — perguntou-lhe a jovem. Era a sua terceira

semana de trabalho no local. Historiadora idealista, o que ela mais desejava era ser útil. — Deseja um guia privado para dar uma volta?

— Não. — O homem soltou uma estranha gargalhada fantasmagórica, abanando a cabeça sem cruzar o olhar com o dela. — Não, de maneira nenhuma. Já dei voltas suficientes no meu tempo.

Calou-se abruptamente e, movido por um impulso interior, fitou a jovem com um olhar profundo e começou a despir as sucessivas camadas de roupa: tirou o sobretudo, depois o casaco, arregaçou a manga até ao cotovelo e mostrou o antebraço, onde tinha o número 290 tatuado a azul, já num tom desbotado.

A jovem engoliu em seco. Era raro aparecerem-lhes números tão baixos. E era raro porque a maioria dos prisioneiros com números tão baixos — os veteranos do campo — não tinham sobrevivido aos cinco anos do inferno de Auschwitz.

— Não se importa de esperar aqui um momento, por favor? — sussurrou ela em voz rouca, estendendo a mão num gesto reverente para o braço do homem, mas sem se atrever a tocar-lhe sequer na manga. — Vou chamar o encarregado...

— Não, não! — exclamou o homem com um olhar suplicante. — Não vim cá por minha causa. Não quero chamar a atenção. Vim porque... Vim porque chegou a altura. Fiz-lhe um juramento e cumpri a minha palavra. Era demasiado doloroso, estava tudo demasiado fresco na minha memória. Não conseguia... Sabe, ele sempre foi mais corajoso que eu. Era um verdadeiro herói. Tal como ela... — Faltou-lhe a voz, carregada de memórias e de lágrimas.

Limpando-as discretamente com as costas da mão, extraiu um sobrescrito do bolso interior do casaco e, fazendo um esforço enorme, abriu-o e tirou lá de dentro um papelinho, que mostrou à funcionária do museu na palma da sua mão. Com a mão a tremer, levantou as pontas e deu a ver duas madeixas de cabelo — uma muito curta e castanha, outra mais comprida e loura — entrelaçadas.

A jovem historiadora levou a mão à boca ao reconhecer os nomes escrevinhados a lápis nas margens do que parecia ser um jornal alemão já antigo.

— Quero dar estas duas madeixas de cabelo ao museu. Os nomes foram escritos por Galiński. O cabelo é dele e de Mala Zimetbaum. Foi o *Kapo* Jupp, que foi obrigado a enforcar o Edek, que me deu as madeixas de cabelo e o bocado de jornal uma hora depois de ele ter morrido, dizendo-me que a sua última vontade fora que elas chegassem às mãos do seu pai ou do pai da Mala. Só que eu vim a descobrir que o pai da Mala tinha morrido em Auschwitz sem ela saber e que o pai do Edek fora fuzilado em represália pela morte de um figurão nazi pelos *partisans*. E assim, esta recordação trágica circulou comigo por todos os campos pelos quais fomos passando no final da guerra, à medida que os Aliados se iam aproximando: Oranienburg, Sachsenhausen, Neuengamme, Schandelach; e guardei-a até hoje. — O homem calou-se uns momentos e inspirou fundo, mas com dificuldade. — O Edek era o meu melhor amigo — prosseguiu depois, numa voz que era pouco mais do que um sussurro. — Ele e a Mala tornaram-se lendários em Auschwitz depois de terem morrido. As suas últimas palavras e a sua posição firme foram, em parte, a inspiração da rebelião do *Sonderkommando*, em outubro de 1944. Eles morreram, mas tornaram-se símbolos da Resistência. Os homens do *Sonderkommando* pegaram em armas inspirados pelo exemplo deles. Há muito que eu devia ter contado a história deles, só que...

— O senhor é Wiesław Kielar, não é? — perguntou a jovem, com um brilho no olhar.

— Sou, de facto — confirmou ele baixinho. — E prometi ao Edek que escrevia um livro sobre Auschwitz, a contar como ali se vivia e se morria. Há muito tempo que ando a evitar as minhas memórias. Levei anos a obrigar-me a encarar o passado. Tive de vir aqui e de voltar a ver tudo isto para perceber que as memórias não me pertencem só a mim, que não tenho o direito de as guardar. Pelo contrário, tenho de as libertar. Devo isso aos mortos. — Voltou-se de novo para a historiadora e os seus olhos tinham recuperado a nitidez, agora cheios de uma determinação de aço. — Acho que é altura de pegar finalmente na caneta, para que o mundo aprenda e nunca mais

esqueça.

Carta de Ellie

Caro Leitor,

Quero agradecer-lhe enormemente por ter decidido ler *A Rapariga que Fugiu de Auschwitz*. Se gostou do livro e tem vontade de acompanhar os romances que vou publicando, basta introduzir o seu endereço na hiperligação abaixo. Pode ter a certeza de que ele não será partilhado com ninguém e que, naturalmente, pode cancelar a subscrição a qualquer momento.

www.bookouture.com/ellie-midwood

Obrigada por ter lido a história desta mulher notável. Espero que tenha desfrutado; se gostou, fico-lhe agradecida se escrever a sua apreciação. Além de valorizar a sua opinião, esta ajuda bastante os novos leitores a descobrirem os meus livros.

Gosto muito de receber mensagens dos meus leitores. Contacte-me via Facebook, Goodreads ou *site* pessoal.

Obrigada.

Ellie

Nota histórica

Obrigada por ter lido *A Rapariga Que Fugiu de Auschwitz*. Embora se trate de uma obra de ficção, tem por base uma história real, à qual tentei manter-me o mais fiel possível; só me permiti uma certa liberdade literária para tornar mais interessante a leitura. As circunstâncias da chegada de Mala e de Edek ao campo, o passado de um e outro, o desenvolvimento da sua relação, a fuga e, por fim, a sua captura e execução — tudo isso é autêntico.

Edek Galiński chegou efetivamente ao campo em junho de 1940, no mesmo transporte que Wiesław Kielar, e trabalhou numa serralharia, sob as ordens de Edward Lubusch, um dos raros SS compassivos, que faziam tudo o que estava ao seu alcance para tornar a vida em Auschwitz menos infernal para os prisioneiros à sua guarda. Devido a esta atitude indulgente e aos seus constantes choques com as autoridades do campo, Lubusch foi enviado para o campo penal de Stutthof-Matzkau, destinado às SS, e focado em «reeducar» estes guardas piedosos; contudo, de acordo com o testemunho de Wiesław Kielar, «o resultado foi exatamente o oposto do pretendido: não só a sua atitude com os prisioneiros não se alterou, como, pelo contrário, tornou-se ainda mais indulgente com eles».

Com efeito, Edward Lubusch aceitou prover Edek Galiński com um uniforme e uma arma das SS, possibilitando assim a sua fuga com Mala. Embora Edek e Mala não tenham revelado nenhum nome nos interrogatórios a que foram sujeitos pelas SS, não tendo Lubusch sido, portanto, acusado, este oficial das SS acabou por desertar pouco depois da execução do casal. Ao tentar estabelecer contacto com o exército nacional polaco — *Armia Krajowa* —, foi capturado pelas forças alemãs e condenado à morte. Porém, como o exército alemão

precisava desesperadamente de tropas para se proteger dos Aliados, em vez de executarem Lubusch, os seus chefes enviaram-no, a ele e a outros «criminosos», para a defesa de Berlim, que estava a ser atacada pelo exército soviético. Mas Lubusch conseguiu desertar novamente, tendo obtido documentos falsos, e fugiu para a Polónia, onde viveu até 1984, o ano da sua morte.

Wiesław Kielar, que viria a ser escritor e realizador de cinema, escreveu efetivamente um livro, intitulado *Anus Mundi*, sobre as suas experiências em Auschwitz e sobre a fuga de Edek e Mala. A minha narrativa tem por base essencialmente o seu relato dos factos — uma visão na primeira pessoa do que realmente se passava no mundo infernal de Auschwitz-Birkenau. Recomendo a todos que o leiam, para ficarem com uma ideia da história vista pelos olhos do amigo de Edek. Wiesław doou mesmo ao Museu Nacional de Auschwitz-Birkenau as madeixas de cabelo de Edek e Mala, que tinha guardado durante anos; a triste recordação está, ainda hoje, em exposição no dito museu, tal como a inscrição que Edek fez na cela do Bloco 11, onde esteve detido a aguardar o seu veredito. Se o leitor alguma vez visitar Auschwitz, não deixe de pedir ao guarda que lhe mostre estes objetos.

Também é verdade que o *Sonderkommando* se revoltou contra as SS em outubro de 1944, conseguindo destruir o Crematório IV, e matar ou ferir diversos membros das SS. A revolta foi reprimida, mas as mortes nas câmaras de gás foram suspensas pouco tempo depois e os membros do *Sonderkommando* que tiveram a sorte de não ser executados sobreviveram ao campo. A horrenda experiência pela qual estes homens passaram está relatada em *Eyewitness Auschwitz*, de Filip Müller; a personagem ficcional de Filipe, o amigo de Kostek, tem por base este autor.

A história da fuga do secretário de um bloco, que o leitor conhece apenas como Rudek, tem também por base uma história real. A personagem de Rudek baseia-se em Rudolf Vrba, um sobrevivente de Auschwitz que fugiu do campo em abril de 1944 — depois de ver a sua amada, que pertencia ao campo das famílias, morrer nas câmaras de gás (a cena da despedida é inspirada nas memórias deste homem) —, conseguindo levar consigo numerosos documentos que Filip Müller

lhe tinha confiado para entregar aos líderes judeus, na esperança de evitar que os judeus húngaros fossem deportados. Contudo, tanto por razões burocráticas como porque o público em geral se recusava a acreditar que tais atrocidades tivessem lugar em Auschwitz, pouco se fez, e a maioria dos judeus húngaros acabou mesmo por morrer nas câmaras de gás de Auschwitz. O leitor encontra outros relatos da experiência pessoal de Vrba e da sua fuga no seu livro de memórias, *I Escaped from Auschwitz*.

A personagem de Stasia, a médica polaca e membro da Resistência do campo, baseia-se numa sobrevivente de Auschwitz, Gisella Perl, ginecologista judia romena deportada para Auschwitz, onde praticava abortos a prisioneiras, dado que estar grávida era, ali, uma sentença de morte: estas eram sujeitas a experiências horrorosas e posteriormente assassinadas, ou mandadas para as câmaras de gás logo à chegada. Gisella Perl fez tudo o que pôde para salvar a vida destas futuras mães, embora as condições de higiene nos barracões do hospital do campo fossem péssimas e lhe faltassem produtos médicos básicos. Gisella Perl sobreviveu ao campo e descreveu as suas experiências num livro de memórias intitulado *I Was a Doctor in Auschwitz*, publicado em 1948.

As restantes personagens históricas que figuram no livro, como a *Lagerführerin* Mandl, o *Obersturmführer* Hössler, o *Lagerführer* Schwarzhuber, o *Kapo* Jupp, Otto Moll, Antoni Szymlak, Alma Rosé e Zippy, a amiga e colega de Mala, baseiam-se nas descrições feitas por sobreviventes do campo, contidas em *People in Auschwitz*, um estudo de H. Langbein.

Os dados relativos ao passado, à educação e à deportação de Mala também são históricos. Ao chegar a Auschwitz, foi nomeada *Läuferin* (estafeta) e intérprete, trabalhando na administração do campo. As suas atividades a favor da Resistência, bem como o seu altruísmo e desejo de ajudar quem pudesse, baseiam-se em memórias dos sobreviventes. De acordo com Anna Palarczyk, uma delas, «o objetivo da Resistência de Birkenau era ajudarmo-nos umas às outras a sobreviver. E Mala tinha uma grande vontade de ajudar; era algo que estava profundamente enraizado na sua ética».

Ao contrário da maioria dos prisioneiros privilegiados, que só se preocupavam com o seu próprio bem-estar e a sua sobrevivência, Mala fazia tudo o que estava ao seu alcance para melhorar a situação dos outros. No seu estudo *Mala — A Fragment of a Life*, Lorenz Sichelschmidt relata que Mala alimentava as prisioneiras que passavam fome: «De vez em quando, a Mala trazia-me pão, um pouco de mel, uma cenoura. Se não fosse isso, teria morrido» (testemunho de R. Liwshitz); ajudava-as a manter o moral, fornecendo-lhes informações vitais: «Trazia-nos recortes de jornais, que líamos e passávamos às outras» (testemunho de R. Liwshitz); mas, sobretudo, ajudava a arranjar medicamentos para as prisioneiras doentes, medicamentos que salvaram muitas vidas em Auschwitz-Birkenau: «Corri para a casa de banho, local onde tínhamos habitualmente os encontros secretos. A Mala estava à minha espera. “Saudações da tua amiga”, disse-me. “Ela está doente; precisa de medicamentos, Digitalis ou Cardiazol.” “Mas eu não os tenho”, respondi, desesperada. “Vou tentar arranjar alguma coisa, mas ninguém se atreve a levar nada para Birkenau...”. “Eu levo”, interrompeu Mala com um gesto de mão, levando, de facto» (testemunho de R. Kagan).

Ao convencer Maria Mandl a encarregá-la de decidir a que trabalhos seriam destinadas as prisioneiras com alta do hospital, Mala conseguiu salvar muito mais vidas, como testemunham múltiplas sobreviventes. «Tanto lhe fazia que fossem judias, polacas ou outra coisa qualquer. Sempre que conseguia, mandava as mais fracas para grupos cujos guardas não fossem tão rigorosos, ou para trabalhos menos pesados, para que tivessem alguma hipótese de sobreviver» (testemunho de Anna Palarczyk). Outra sobrevivente, Margita Švalbová, testemunha que Mala era uma mulher muito corajosa e pertencia à Resistência do campo: «Para salvarmos vidas humanas, acautelarmos as pessoas contra os perigos das seleções e das chamadas, e contrariarmos certas orientações das SS, tínhamos gente de confiança em quase todos os blocos. Era por isso que a Mala podia ter atitudes tão corajosas, o que significa que tinha um cargo muito elevado na Resistência».

Mas parece-me que a análise de Giza Weisblum, outra sobrevivente, é a que melhor capta e descreve o carácter de Mala: «Era conhecida

como uma pessoa que estava sempre disposta a ajudar. Comportava-se como lhe parecia mais adequado, e ajudava quem precisasse, ignorando nacionalidades e filiações políticas».

Muito obrigada por ter lido a história desta jovem corajosa e deste jovem destemido, que desafiaram o próprio destino e, com o seu ato de coragem, inspiraram muitos outros a uma resistência declarada. Não esqueçamos este heroísmo.

Agradecimentos

Antes de mais, quero agradecer à maravilhosa família Bookouture, por me ajudar a dar a conhecer a história de Mala e de Edek; isto não teria sido possível sem a ajuda e as orientações da minha extraordinária editora, Christina Demosthenous, cujas intuições deram vida às minhas personagens, e cujo apoio e estímulo fazem empenhar-me ainda mais nos romances e tornar-me melhor escritora. Obrigada, Kim Nash, Noelle Holten, Ruth Tross e Peta Nightingale, pela vossa ajuda e por me fazerem sentir em casa na vossa espetacular equipa editorial. Tem sido um verdadeiro prazer trabalhar convosco e estou cheia de vontade de me lançar a novos projetos sob a vossa orientação.

Mãe e avó, obrigada por me perguntarem constantemente como vai o livro e por me animarem a cada passo. O vosso apoio e a vossa confiança em mim tornaram o processo da escrita muito mais fácil, pois sei que vos tenho sempre ao meu lado e que serão sempre as minhas maiores admiradoras. Obrigada pelo vosso imenso amor. Amo-vos do fundo do coração.

Ronnie, meu amor, nada disto teria sido possível sem ti. Quando conheces alguém, a primeira coisa que dizes sobre mim é: «A minha noiva é uma escritora espetacular, têm de ler os livros dela!». Resmoneio sempre que estás a envergonhar-me, mas lá bem no fundo sinto-me profundamente grata por estares tão orgulhoso de mim. Obrigada pelo teu apoio e a tua paciência em relação aos meus prazos e à informação que estou sempre a pedir-te que confirmes. És a minha estrela.

Agradeço especialmente às minhas duas melhores amigas, Vladlena e Anastasia, pela sua amizade e pelo seu apoio; e aos muitos autores que fui conhecendo através do Facebook e que se tornaram

verdadeiros amigos — são todos uma grande fonte de inspiração, e considero-os parte da família!

E agradeço muito aos meus leitores, evidentemente, por terem a paciência de esperar por cada novo romance; por celebrarem comigo a revelação das capas; por lerem as cópias de leitura antecipada e enviarem aquelas mensagens maravilhosas que começam com: «Ontem-fiquei-acordado/a-até-às-três-da-manhã-a-acabar-de-ler-o-seu-livro-porque-não-conseguia-mesmo-largá-lo»; pelas críticas que me enchem de alegria; e por se apaixonarem pelas minhas personagens tal como eu me apaixono por elas. É para vocês que escrevo. Muito obrigada por lerem as minhas histórias.

Por fim, o meu maior agradecimento vai para a gente corajosa que continua a inspirar os meus livros. Alguns sobreviveram ao Holocausto, outros não, mas a sua incrível coragem, resistência e abnegação continuam vivas no nosso coração. O seu exemplo continuará a inspirar-nos a ser melhores pessoas, a defender o bem, a dar voz aos que foram silenciados, a proteger os que não podem defender-se. São verdadeiros heróis. Obrigada.

Sobre este livro

Milhares de pessoas foram obrigadas a atravessar os portões de Auschwitz. Mala foi a primeira mulher a conseguir fugir.



Ninguém sai de Auschwitz com vida. Mala, prisioneira número 19880, compreende-o assim que sai do vagão que a transporta para as profundezas do inferno. Como intérprete das SS, usa a sua posição dentro da organização paramilitar nazi para salvar tantas vidas quanto pode, escondendo as poucas côdeas de pão que consegue guardar para alimentar aqueles que morrem de fome. Edward, prisioneiro número 531, é um preso político e veterano no campo. Ainda que se assemelhe a qualquer outro preso, mantém a sua luta como membro da Resistência. E tem um plano de fuga.

Ao conhecerem-se, o negrume de Auschwitz é subitamente iluminado por uma promessa de esperança, e Mala começa a acreditar no impossível: escapar com vida de um dos lugares mais cruéis à face da

Terra. E da promessa feita entre ambos – que fugirão os dois ou morrerão lado a lado – nasce uma das maiores histórias de amor dos nossos tempos.

Baseado em factos verídicos, *A Rapariga Que Fugiu de Auschwitz* testemunha o poder da esperança no meio da mais profunda escuridão.

Sobre Ellie Midwood

É uma autora norte-americana premiada e bestseller do *USA Today*. Deve o seu interesse pelo tema da Segunda Guerra Mundial ao avô, militar numa importante divisão do Exército Vermelho durante o conflito. Em criança, escutava os seus relatos sobre a experiência na frente de batalha. Depois, quando cresceu, o seu interesse pela História intensificou-se e Ellie passou das leituras sobre a guerra para a escrita sobre a mesma. Após concluir uma formação em Linguística, Ellie decidiu fazer da escrita a sua carreira e passou a dedicar-se inteiramente a essa atividade.

A Violinista de Auschwitz (ed. Topseller, 2021), o seu livro anterior, foi bestseller da Amazon nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Austrália, e os direitos de tradução foram vendidos para mais de 15 países.

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA:

www.elliemidwood.com

Facebook: [EllieMidwood](#)

Instagram: [elliemidwood](#)

[1] Durante a Segunda Guerra Mundial, recebia o nome de *partisan* todo o grupo paramilitar, geralmente sem qualquer treino regular, formado com o intuito de resistir à intensa ocupação das forças alemãs durante o conflito. [N.T.]

[2] As várias patentes paramilitares criadas pelo Partido Nazi para nomear os seus diferentes oficiais de campos de concentração, patentes essas sem correspondente em português, serão mantidas na língua original ao longo do livro. [N.T.]

[3] *Läuferin*: estafeta. [N.T.]

[4] Cidadãos do império alemão. [N.T.]

[5] Equipa encarregada de limpar as casas de banho. [N.T.]

[6] De acordo com a lei judaica. [N.T.]

[7] Pessoa de origem alemã, embora sem nacionalidade alemã. [N.T.]

[8] Documento de identificação. [N.T.]

[9] *Liebling*: minha querida. [N.T.]

[10] Escriturário, secretário. [N.T.]